



UNILAB

**Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira**

**INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**

DEBORAH SOUSA SILVA

**IMPOLIDEZ, FACE E PODER: ELEMENTOS PARA UMA ANÁLISE DAS
REPRESENTAÇÕES DA TRADWIFE EM INTERAÇÕES NO INSTAGRAM**

REDENÇÃO

2026

DEBORAH SOUSA SILVA

IMPOLIDEZ, FACE E PODER: ELEMENTOS PARA UMA ANÁLISE DAS
REPRESENTAÇÕES DA TRADWIFE EM INTERAÇÕES NO INSTAGRAM

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGLin), para a etapa de Defesa, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Maria Leidiane
Tavares Freitas

REDENÇÃO

2026

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Silva, Deborah Sousa.

S578i

Impolidez, face e poder: elementos para uma análise das representações da Tradwife em interações no Instagram / Deborah Sousa Silva. - Redenção, 2026.
185f: il.

Dissertação - Curso de Mestrado em Estudos da Linguagem, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2026.

Orientador: Profª. Maria Leidiane Tavares Freitas.

1. Sociolinguística. 2. Esposas - Redes sociais on-line. 3. Instagram (Rede social on-line). 4. Impolidez. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 401.41

DEBORAH SOUSA SILVA

IMPOLIDEZ, FACE E PODER: ELEMENTOS PARA UMA ANÁLISE DAS
REPRESENTAÇÕES DA TRADWIFE EM INTERAÇÕES NO INSTAGRAM

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGLin), para a etapa de Defesa, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Aprovada em: 30 de abril de 2026.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Leidiane Tavares Freitas (Orientadora)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Alan Delazeri Mocellim
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Prof. Dr. Rodrigo Ferreira Viana
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida e todos os aprendizados construídos ao longo dessa jornada de tantos caminhos e possibilidades.

Aos meus pais, de modo especial à minha mãe, que me apoiou no dia a dia e, graças ao seu esforço, tive a oportunidade de dedicar meu tempo substancialmente a esta empreitada acadêmica.

Ao meu pai, que cuidou para que minhas idas e vindas às aulas fossem seguras e tranquilas.

Ao meu irmão, que com seu bom humor e com a gentileza de seus gestos me alegrou nos momentos mais desafiadores.

Aos meus pets, por todas as pausas que me fizeram ter para reabastecer o coração de carinho e amor incondicional.

Gostaria de agradecer à querida Professora Orientadora Maria Leidiane, pela disponibilidade, sensibilidade e por acreditar na minha dedicação e desempenho na realização desta pesquisa.

Agradeço à banca, pela prontidão em aceitar o convite e por suas preciosas contribuições.

Ao Professor Alan Mocellim, por dispor de seu tempo e atenção a este trabalho.

Ao Professor Rodrigo Viana, por todos os inestimáveis e amáveis momentos de aprendizagem em suas aulas e na construção deste texto.

Agradeço aos meus colegas de turma, em especial à Ana Elita, por sua amizade e generosidade, pelas conversas acolhedoras de tantas tardes nos intervalos e em nosso percurso entre Baturité e o *campus*.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, ao PPGLin, e à UNILAB por tornar esse desafio mais humanizado e cooperativo.

Por fim, expresso minha gratidão à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, a CAPES, pelo fomento à esta pesquisa e assim possibilitar sua existência.

RESUMO

As plataformas de redes sociais configuram-se como espaços centrais para a circulação, a disputa e a negociação pública de identidades, nos quais discursos ideologicamente divergentes se confrontam de modo recorrente. Nesse cenário, observa-se a crescente visibilidade da identidade *TradWife*, associada a um ideal conservador de feminilidade, cuja legitimação e contestação se dão de forma intensa nas interações digitais. Diante disso, este estudo tem como objetivo analisar de que modo a identidade *TradWife* é negociada a partir das estratégias de impolidez linguística mobilizadas nas interações e em suas articulações com orientações ideológicas no *Instagram*. A pesquisa é de natureza qualitativa e documental e analisa um *corpus* composto por sequências de comentários vinculadas a três postagens públicas, de autorias distintas, publicadas no *Instagram*. O aporte teórico-metodológico articula contribuições da Pragmática, especialmente os estudos de Culpeper (2016, 2017) sobre as estratégias de impolidez, e da Sociolinguística Interacional, com base em Goffman (2011, 1986) e Gumperz (1982), para a compreensão de como tais estratégias são avaliadas e negociadas no curso da interação. A análise das disputas identitárias ancora-se ainda na noção de Formações Discursivas, conforme Pêcheux (1995), articulada à concepção crítica de ideologia e aos Modos de Operação da Ideologia propostos por Thompson (2011), bem como à noção de representação em Hall (2016), de modo a compreender como a impolidez atua na disputa pelos sentidos da identidade *TradWife*. Os resultados da análise sugerem que as negociações discursivas acerca da identidade *TradWife* no *Instagram* ocorrem de forma reativa e defensiva, com a impolidez funcionando como um recurso em contra-ataque às ameaças à face do grupo, ocasionando desacordos entre os interlocutores. As categorias de impolidez positiva, negativa e encoberta (*off-record*) foram abundantes no *corpus* analisado. Observaram-se duas representações antagônicas da identidade *TradWife* ligadas aos discursos mais progressistas ou mais conservadores: o “modelo performático lucrativo” e o “ideal feminino legítimo”, respectivamente.

Palavras-chave: Impolidez; Representação Identitária; Instagram; TradWife; Modos de Operação da Ideologia.

ABSTRACT

Social media platforms are central spaces for the circulation, dispute, and public negotiation of identities, where ideologically divergent discourses recurrently confront each other. In this scenario, there is a growing visibility of the TradWife identity, associated with a conservative ideal of femininity, whose legitimation and contestation occur intensely in digital interactions. Therefore, this study aims to analyze how the TradWife identity is negotiated through linguistic impoliteness strategies mobilized in interactions and their articulations with ideological orientations on Instagram. The research is qualitative and documentary in nature, analyzing a corpus composed of sequences of comments linked to three publicly available posts by different authors on Instagram. The theoretical-methodological framework articulates contributions from Pragmatics, especially the studies by Culpeper (2016, 2017) on impoliteness strategies, and from Interactional Sociolinguistics, based on Goffman (2011, 1986) and Gumperz (1982), to understand how such strategies are evaluated and negotiated in the course of interaction. The analysis of identity disputes is also grounded in the notion of Discursive Formations, according to Pêcheux (1995), articulated with the critical conception of ideology and the Modes of Operation of Ideology proposed by Thompson (2011), as well as with Hall's (2016) notion of representation, in order to understand how impoliteness operates in the dispute over the meanings of the TradWife identity. The results suggest that discursive negotiations regarding the TradWife identity on Instagram occur in a reactive and defensive manner, with impoliteness functioning as a counter-attack resource against face threats to the group, leading to disagreements among interlocutors. The categories of positive, negative, and off-record impoliteness were abundant in the analyzed corpus. Two antagonistic representations of the TradWife identity were observed, linked to more progressive or more conservative discourses: the "profitable performatic model" and the "legitimate feminine ideal," respectively.

Keywords: Impoliteness; Identity Representation; Instagram; TradWife; Modes of Operation of Ideology.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Superestratégias de impolidez (Culpeper, 2011).....	165
Gráfico 2 – Impolidez mobilizada em FDs conservadoras.....	166
Gráfico 3 – Impolidez mobilizada em FDs progressistas.....	167
Gráfico 4 – Alvos de impolidez no corpus.....	168
Gráfico 5 – Alvos de impolidez.....	168
Gráfico 6 – Alvos de impolidez.....	169

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1 – Atos Ameaçadores da Face (AAFs).....	43
Quadro 1 – Etapas, categorias de análise e articulação com os objetivos da pesquisa.....	83

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAF(s)	Ato(s) Ameaçador(es) de Face
FD(s)	Formação(ões) Discursiva(s)
FI	Formação(ões) Ideológica(s)
SI	Sociolinguística Interacional
PRS	Plataforma(s) de Rede Social

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
2.1 PRAGMÁTICA E SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONAL: ARTICULAÇÕES PARA UMA ANÁLISE DAS INTERAÇÕES	19
2.2 CONCEITOS PARA A ANÁLISE DA INTERAÇÃO EM CONTEXTO	24
2.2.1 <i>A postagem e o comentário no Instagram: gêneros e contexto para a interação</i>	24
2.2.2 <i>Pistas de contextualização</i>	29
2.2.3 <i>A noção goffmaniana de enquadre</i>	32
2.3 POLIDEZ LINGUÍSTICA	36
2.3.1 <i>Face e Atos Ameaçadores da Face</i>	39
2.4 IMPOLIDEZ LINGUÍSTICA	45
2.5 ARTICULAÇÕES ANALÍTICAS: IMPOLIDEZ, REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS E IDEOLOGIA	53
2.6 REPRESENTAÇÃO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM INTERAÇÃO	55
2.7 FORMAÇÃO DISCURSIVA, IDEOLOGIA E OS MODOS DE OPERAÇÃO DA IDEOLOGIA	59
3 CONTEXTO SÓCIO-DISCURSIVO E EMPÍRICO	67
3.1 PLATAFORMAS DE REDES SOCIAIS, ALGORITMO E A CO-CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NAS INTERAÇÕES ON-LINE	67
3.2 CONSERVADORISMO, PROGRESSISMO E O EMBATE CULTURAL ON-LINE	71
3.3 TRADWIFE: A (RE)APRESENTAÇÃO DA ESPOSA TRADICIONAL ON-LINE	76
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	82
4.1 OBJETIVOS E QUESTÕES DE PESQUISA	82
4.2 ABORDAGEM, MÉTODO E NATUREZA DA PESQUISA	84
4.3 CARACTERIZAÇÃO DO CORPUS E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	84
4.4 DELIMITAÇÕES E CONSIDERAÇÕES ÉTICAS	93
5 ANÁLISE DO CORPUS	96
5.1 POSTAGEM 1 – ENQUADRE DE AMEAÇA À FACE	96
5.1.1 <i>Análise dos comentários da postagem 1</i>	99
5.2 POSTAGEM 2 – ENQUADRE DE PRESERVAÇÃO DA FACE	125
5.2.1 <i>Análise dos comentários da postagem 2</i>	128
5.3 POSTAGEM 3 – ENQUADRE DE RIDICULARIZAÇÃO DA FACE	144
5.3.1 <i>Análise dos comentários da postagem 3</i>	145

5.4 RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ANÁLISES.....	164
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	172
REFERÊNCIAS	176

1 INTRODUÇÃO

As plataformas de redes sociais (PRS) compõem um espaço *on-line* cada vez mais inserido no cotidiano dos brasileiros que diariamente fazem uso desses ambientes para se informar, comunicar com outros indivíduos, negociar serviços e produtos, entre outras funcionalidades possíveis. No que tange ao aspecto de troca comunicativa pública *on-line*, as PRS consolidaram-se como os principais ambientes nos quais ocorrem as negociações de identidades, em um processo no qual discursos divergentes, muitas vezes, tendem a entrar em conflito. Nesse cenário, o fenômeno das *aesthetics*, identidades visuais que agregam preferências, comportamentos e estilos de vida, destacou-se em nichos específicos nas plataformas, sobretudo naquelas em que predominam conteúdos multimídias.

Dentre as *aesthetics* mais populares, a *TradWife* (abreviação para *Tradicional Wife*, ou esposa tradicional, em tradução livre), apresenta-se como uma estética nostálgica que romantiza e promove um ideal conservador de feminilidade baseado na vida doméstica, na submissão ao marido e em valores cristãos. Conteúdos sobre a *TradWife*, antes populares entre grupos seletos de pessoas em um determinado nicho, espalharam-se nas PRS com maior apelo visual, como no *Instagram*.

Diante desse cenário, as PRS, enquanto palco que serve para a exibição de novas tendências e releituras de modas passadas, proporcionam a troca comunicativa que produz a interconexão entre seus usuários. Tal dinâmica, por sua vez, produz agrupamentos em torno de temáticas popularizadas, sobretudo aquelas com alto teor de gerar comoção social, como é o caso das discussões em torno dos papéis de gênero.

A produção e negociação de sentidos por meio da linguagem nas PRS desvela aspectos interacionais acentuados nesses ambientes *on-line* que tendem à promoção, por vezes, de interações nas quais comportamentos linguísticos voltados para a harmonia e a cooperação entre os interactantes são enfraquecidos. Tendo isso em vista, nos propomos a discutir acerca das relações entre elementos expressivos da impolidez em discussões em torno da identidade *TradWife* em interações no *Instagram*.

Diante da ascensão de valores conservadores nas PRS (Silva; Silva, 2024), impulsionada pelos algoritmos (Amarante; Medeiros, 2021) em um contexto sociopolítico polarizado, o fenômeno da *TradWife* produz discussões *on-line* nas quais os efeitos dessa conjuntura são ainda mais evidentes por meio da linguagem impolida.

Apesar da relevância social evidente do fenômeno, o campo de pesquisa dos estudos da impolidez linguística em articulação com as construções identitárias e as ideologias na

Internet ainda é um território a ser melhor explorado, haja vista a pouca quantidade de pesquisas brasileiras que investiguem esses fenômenos. Assim, nossa proposta visa contribuir com a área em questão por meio da investigação de possíveis relações entre os fenômenos mencionados anteriormente, considerando o contexto das interações situadas nas PRS, em específico, no *Instagram*. Para tanto, assumimos uma abordagem interdisciplinar entre vertentes de estudos linguísticos da Pragmática e Sociolinguística Interacional e pressupostos de natureza sociológica.

Esta pesquisa, em sua proposta, foi motivada pela leitura de obras com abordagens ou temáticas aproximadas à nossa, a saber: os estudos de Barreto Filho (2019; 2021) e Cruz (2023). A pesquisa de Cruz (2023), intitulada *Nos entornos do discurso: constituição do sujeito esposa no Manual da esposa pós-moderna*, tem como objetivo verificar como o sujeito esposa pós-moderna é discursivizado no zine *Manual da esposa pós-moderna*. Nela, há um trecho, na seção introdutória do trabalho, que aborda o fenômeno *TradWife* como exemplo da condição de subserviência da esposa enquanto dona de casa que almeja agradar o marido, papel tradicional que é (re)atualizado nos dias atuais. Esse exemplo, junto ao interesse e curiosidade pelo fenômeno observado nas mídias sociais, inspirou a busca por outros materiais acadêmicos que pudessem abordar a temática “esposa tradicional” de modo a estabelecer uma relação calcada na linguagem, interação, identidade, ideologias e plataformas de redes sociais.

A leitura da tese de Barreto Filho (2019) intitulada *Avaliações da (Im)Polidez em interações no Facebook*, complementou a ideia básica de nossa pesquisa ao abarcar elementos linguísticos, sócio-históricos e a (im)polidez¹ no contexto de discussões situadas na plataforma *Facebook*. O pesquisador chegou à descoberta de que a impolidez no *Facebook* está frequentemente associada ao ataque às identidades político-ideológicas dos participantes que avaliam as ofensas inferencialmente, identificando-se com as identidades atacadas. Tal dinâmica se dá em detrimento dos ataques às faces individuais dos próprios interlocutores das interações, o que significa dizer que os participantes direcionam a impolidez a uma identidade. Embora a tese não tivesse como objetivo primordial tratar as relações entre identidade e (im)polidez, a análise revelou a associação entre esses fenômenos em discussões que estavam sumariamente relacionadas a termos como política, feminismo e aborto.

Assim sendo, enquanto o trabalho de Cruz (2023) reforçou nosso interesse particular

¹ O termo (im)polidez é usado por Barreto Filho (2019) para referir-se a um *continuum* entre polidez e impolidez nas avaliações feitas pelos interactantes.

na pesquisa pela *TradWife* por meio de sua discussão, ainda que pontual, sobre o movimento, Barreto Filho (2019) nos possibilitou a ideia de um entrecruzamento entre a temática da *TradWife* e os estudos da impolidez relacionados à identidade e a gestão de face grupal em interações *on-line*.

Além disso, cabe destacar que as plataformas citadas, *Facebook*, na pesquisa de Barreto Filho (2019) e *Instagram*, em nossa investigação, pertencem à *Meta Platforms*², fundada pelo norte-americano Mark Zuckerberg. Em vista disso, acreditamos que o uso de impolidez em discussões no *Instagram* apresente traços de similaridade com a presença desse recurso linguístico no *Facebook*, haja vista as confluências nos mecanismos que gerenciam ambas as plataformas.

Diante do exposto sobre os trabalhos citados, entendemos que o tema sobre a *TradWife* é propício a uma investigação que associe representações identitárias, impolidez, circulação e produção de sentidos em discussões *on-line*, ideologias e outros aspectos socioculturais contemporâneos.

Assim, partimos da seguinte questão central: *como se dá o processo de negociação discursiva da identidade TradWife por meio de estratégias de impolidez nas interações no Instagram?* A partir desse norteador, buscamos compreender como tais estratégias organizam os alinhamentos e os desalinhamentos interacionais e como materializam inclinações e disputas ideológicas em articulação com as formações discursivas (Pêcheux, 1995) conflitantes.

Temos por objetivo geral *analisar de que modo a identidade TradWife é negociada a partir das estratégias de impolidez linguística mobilizadas nas interações e em suas articulações com orientações ideológicas no Instagram.*

Como objetivos específicos, temos:

- a) *Analisar as estratégias de impolidez mobilizadas nas interações sobre a identidade TradWife no Instagram;*
- b) *Compreender os processos de negociação de sentidos em torno da identidade TradWife nas interações situadas no Instagram;*
- c) *Descrever as relações entre as estratégias de impolidez e as orientações ideológicas das representações da identidade TradWife nas interações discursivas no Instagram.*

² *Meta Platforms* é um conglomerado estadunidense de tecnologia e mídia social, com sede em Califórnia, nos Estados Unidos. Atualmente é uma das empresas mais valiosas do mundo, sendo considerada uma das cinco grandes empresas de tecnologia, conhecidas por *big techs*, figurando juntamente com o *Google*, *Amazon*, *Apple* e *Microsoft*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Meta_Platforms. Acesso em: 7 jan. 2025.

Ademais, este trabalho não possui como foco tratar dos papéis de gênero como categorias sociológicas estabelecidas, mas sim do processo discursivo como conteúdo em disputa nos comentários. Logo, nos propomos a investigar os mecanismos linguístico-interacionais, em específico, as estratégias de impolidez, por meio das quais são articulados os sentidos que representam e constituem a identidade *TradWife*, fundamentando o embate entre ideologias hegemônicas conflituosas.

A partir da tese de Barreto Filho (2019), estabelecemos o pressuposto de que há uma aproximação entre as representações da identidade *TradWife* nas interações no *Instagram* e estratégias de impolidez, bem como outros recursos linguístico-discursivos, associados aos atos de ameaça, preservação e ridicularização da face *TradWife*. Acrescentamos, ainda, a perspectiva de que a mobilização de sentidos sobre a identidade *TradWife* segue dois tipos fundamentais de alinhamentos ideológicos: os de cunho progressista e os de cunho conservador.

Justificamos esta pesquisa pelos fatores de originalidade, relevância social e acadêmica ao assumirmos um caráter interdisciplinar para abordar aspectos linguísticos envolvidos nas interações situadas no *Instagram*, bem como intencionamos, a partir desse enfoque, evidenciar elementos que permeiam as relações sociais. Propomos nesta análise articular os estudos da impolidez com a análise de disputas identitárias *on-line* por meio do diálogo entre vertentes de estudos linguísticos que concebem a linguagem como um elemento constitutivo e constituído na interação social.

Ao nos propormos investigar o fenômeno contemporâneo da *TradWife*, que incorpora tensões sociais sobre papéis de gênero, ideologia e mecanismos digitais regulatórios das interações nas plataformas, contribuímos para a reflexão sobre como a linguagem é mobilizada em negociações identitárias que envolvem tensões ideológicas potencialmente polarizantes. Desse modo, visamos contribuir com a investigação acerca da *TradWife* e suas relações com tendências ideológicas hegemônicas, tema ainda pouco explorado nacionalmente.

Salientamos, contudo, que não ambicionamos esgotar a temática, mas oferecer, a partir dos resultados desta pesquisa, indicativos que fomentem outras análises com maiores amostragens e outras aplicações que articulem os estudos da impolidez e os processos de construção identitária em contextos discursivos conflituosos.

No que diz respeito à organização deste trabalho, apresentamos a seguinte ordem: após o capítulo de introdução, no segundo capítulo apresentamos o referencial teórico no qual articulamos conceitos acerca da impolidez, face e atos ameaçadores à face numa perspectiva

fundamentalmente pragmática. Então, damos seguimento com a apresentação de elementos da Sociolinguística Interacional úteis à proposta da pesquisa. Apresentamos, ainda nesse segundo capítulo, noções sociodiscursivas importantes para nossa análise, como a representação e a identidade (Hall, 2006; 2016), formações discursivas (Pêcheux, 1995) e modos de operação da ideologia (Thompson, 2011).

No terceiro capítulo apresentamos a discussão sobre o contexto contemporâneo no qual o fenômeno da *TradWife* está inserido. Assim, abordamos aspectos sobre a PRS *Instagram*, as correntes ideológicas do conservadorismo e progressismo que fomentam a polarização da discussão *on-line* e concluímos tratando sobre a *TradWife*.

No quarto capítulo, tratamos da caracterização de aspectos concernentes à pesquisa e aos procedimentos metodológicos adotados para a condução da análise. Na sequência, no quinto capítulo, as análises do *corpus* são realizadas e discutidas.

Por fim, no sexto capítulo trazemos as considerações finais, sintetizamos os resultados da pesquisa e respondemos aos objetivos e à hipótese que norteia o trabalho. Além disso, apontamos possibilidades para novas investigações que possam preencher as lacunas encontradas durante o processo de escrita desta dissertação.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, e no subsequente, apresentamos o arcabouço teórico que embasa esta pesquisa, bem como traçamos um panorama contextual para situar os fenômenos a serem analisados.

Partimos de uma perspectiva de linguagem como ação social, atravessada por elementos contextuais e pela qual os sujeitos interagem, co-construindo e negociando sentidos na comunicação cotidiana. Tal concepção ancora-se no diálogo entre dois ramos de estudos linguísticos distintos, porém com aproximações profícuas ao nosso trabalho: a Pragmática e a Sociolinguística Interacional (SI).

Nessa direção, a polidez pode ser entendida para além de um código social ligado à etiqueta e ao portar-se bem, mas como um mecanismo fundamental na condução das relações sociais. Enquanto a polidez atua na preservação da face, a imagem social reclamada para si (Goffman, 2011), e nos processos de coesão grupal, a impolidez pode funcionar como uma estratégia de confronto da ordem interacional, ocasionando desalinhamentos entre os interactantes.

Podemos pensar que é também na interação que as identidades sociais são construídas e performadas. O uso de estratégias polidas ou impolidas coordena a relação entre subjetividades, estabelecendo alinhamentos que posicionam a si e o outro no contexto situacional e sócio-histórico em que se inserem. Nesse sentido, as estratégias de impolidez atuam como recursos que marcam a diferença entre posicionamentos sociais na interação, seja para reproduzi-los ou confrontá-los.

Considerando aspectos expostos, assumimos neste estudo um caráter interdisciplinar para discutir fenômenos que estão presentes no cotidiano contemporâneo, em especial, nas interações situadas na plataforma de rede social *Instagram*. Para tanto, recorreremos aos estudos pragmáticos e à SI, tendo como bases teóricas principais os pressupostos de Culpeper (2016, 2017), Goffman (1986) e Gumperz (1982).

Por conseguinte, as seções introduzidas a seguir se dedicam a abordar, de modo conciso e articulado ao contexto de nosso objeto de análise, as noções que adotamos do arcabouço teórico dos estudos das referidas abordagens linguísticas.

No segundo capítulo de fundamentação teórica, trazemos à discussão as condições políticas, midiáticas e ideológicas que se relacionam com os discursos contemporâneos sobre a identidade *TradWife*. Para essa empreitada, apoiamo-nos nos estudos culturais sobre representação e identidade de Hall (1997, 2000, 2002, 2006, 2016), na noção de formação

discursiva de Pêcheux (2000), nos modos de operação da ideologia de Thompson (2011) e em outros aspectos pertinentes às dinâmicas interacionais no *Instagram*.

Diante do exposto, apresentamos, nas subseções e capítulo seguinte, as articulações conceituais que fundamentam a discussão proposta neste trabalho.

2.1 PRAGMÁTICA E SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONAL: ARTICULAÇÕES PARA UMA ANÁLISE DAS INTERAÇÕES

Para a discussão que propomos, buscamos articular duas correntes teóricas consolidadas na área da Linguística: a Pragmática e a Sociolinguística Interacional (SI). A articulação justifica-se pela complexidade do tema a ser discutido, bem como seu caráter interdisciplinar. Ambas as abordagens compartilham interesses em objetos de investigação similares, especialmente os aspectos da língua em uso no contexto das relações sociais entre falantes. Por outro lado, possuem orientações e métodos diferentes para abordar esses elementos da língua em uso contextual. Nosso objetivo com esta seção não é discorrer exaustivamente sobre as categorias teórico-metodológicas das referidas abordagens, mas sim apontar pontos de aproximação entre elas quanto às suas concepções de linguagem/língua, interação e o fenômeno da impolidez. Para tanto, iniciamos pela Pragmática e, em seguida, abordamos a SI e os pontos de convergência entre ambas as vertentes.

A Pragmática articula saberes de natureza filosófica ao entender a linguagem para além de uma visão designativa apoiada na noção de signo e referencial. A abordagem surgiu em meados da década de 1960 e parte da ruptura com o modelo estruturalista de Saussure no aspecto de propor, como seu objeto de análise, o estudo de dimensões atreladas ao uso da língua; perspectiva essa não centrada na estrutura da língua, interesse principal que fundamenta o Estruturalismo saussuriano (Almeida; Andrade, 2019). Embora não haja consenso quanto a suas conceitualizações, é possível afirmar que a Pragmática surge como uma abordagem na qual a linguagem é percebida como uma ação, pois age no mundo social e produz sentidos a partir da interação linguageira entre os usuários da língua e o contexto.

A revolução proporcionada pela Pragmática na Linguística reside no fato de considerar uma dimensão da linguagem até então não reconhecida como objeto de estudo linguístico: a língua em uso e em contexto. Nesse sentido, os estudos da polidez e, anos mais tarde, da impolidez, encontram na Pragmática uma perspectiva capaz de apreender aspectos da língua em uso que não seriam viáveis por meio da perspectiva estrutural do sistema linguístico (Cunha; Oliveira, 2020).

O percurso dos estudos sobre a polidez na Linguística inicia-se, portanto, pela Pragmática, área que primeiro considerou o fenômeno como objeto de estudo, avançando para abordagens que articulam a teoria com a contextualização social e cultural no discurso como a SI e a Análise do Discurso de Linha Francesa. Contudo, a necessidade de embasamento em aspectos sociais e culturais vinculados aos estudos da polidez surgiu em decorrência das críticas à mais influente teoria que trata do fenômeno: a Teoria da Polidez, proposta pelos linguistas Penelope Brown e Stephen Levinson (1978; 1987). Algumas das principais críticas ao modelo de polidez apresentado em 1978, e confirmadas por Brown e Levinson em sua obra de 1987, relacionam-se à sua base teórica nos atos de fala e à pretensa universalidade da teoria, que desconsidera fatores culturais contextualizados ao tratar da polidez.

Para Culpeper e Terkourafi (2017), o contexto é indispensável para a avaliação da polidez e impolidez. Os autores exemplificam que até mesmo um “cale a boca” dito de modo lento e pausado, com tom de voz gentil a um namorado tagarela pode ser polido, enquanto o simples ato de contemplar a lua, em silêncio diante de uma recusa indireta a um convite pode ser grosseiro. Assim, o contexto situacional, o posicionamento relacional dos interlocutores e a cultura em geral são aspectos a serem observados para compreender a impolidez. Diante dessas observações, reforçamos a necessidade de abordar o fenômeno em uma articulação com estudos que contribuam com a lacuna contextual presente nas abordagens clássicas.

A concepção sociointeracional de linguagem/língua que trazemos à nossa discussão ancora-se na SI, que surgiu na década de 1980 e que tem como principais autores fundantes o antropólogo e linguista norte americano, John Gumperz (1982), e o sociólogo canadense, Erving Goffman, em obras como *A representação do eu na vida cotidiana* (1959) e *Ritual de interação* (2002 [1967]).

Gumperz (1982) entende a linguagem como uma prática imbricada de significados sociais construídos e negociados entre os interlocutores no curso das interações. Para o autor, o processo interpretativo demanda a combinação entre elementos gramaticais, conhecimentos culturais e contextuais compartilhados entre os participantes. Goffman, por sua vez, percebe uma relação intrínseca entre as interações cotidianas face a face, foco de seus estudos, e a linguagem como um recurso pelo qual os interactantes gerenciam suas imagens sociais, a face.

Goffman, em sua tese de doutoramento³, empreendeu uma investigação etnográfica e

³ Goffman, E. *Communication Conduct in an Island Community*. Tese inédita de Doutorado. Chicago: Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, 1953.

interacional no arquipélago de Shetland, na Escócia. Por meio dela, observou e salientou a necessidade de análise da interação social dos indivíduos como forma pela qual eles constroem significados por meio do uso da linguagem.

A SI surge, portanto, como uma proposta de aproximação entre os estudos de natureza sociológica e as categorias linguísticas, com a finalidade de examinar a organização social do discurso. Pela orientação linguística, a SI “descreve a organização estrutural do discurso falado por meio da análise de como o tema/assunto é desenvolvido pelos interlocutores” (Nóbrega, 2016). Já pela orientação sociológica, a SI “aborda questões de língua, cultura e sociedade em estudos de interações sociais” (Nóbrega, 2016). Ainda de acordo com Nóbrega (2016), a partir dessa conjuntura teórica, a SI visa descrever e analisar o modo como os indivíduos (re)constroem suas identidades sociais por meio da linguagem nas variadas situações comunicacionais cotidianas.

Os estudos inseridos no campo da SI investigam como os indivíduos se comportam em interações reais, analisando seus comportamentos linguísticos e as intenções⁴ manifestadas pelos interlocutores. Em síntese, a SI possui caráter interdisciplinar, combinando Linguística, Antropologia e Sociologia para debater a relação entre linguagem, indivíduo e cultura, com foco em situações reais e específicas de interação cotidiana.

Embora a SI tradicionalmente se ocupe das interações face a face, ou seja, aquelas nas quais os interactantes estão presentes em um mesmo ambiente, consideramos que as interações em contextos digitais apresentam elementos análogos aos das trocas sociais em copresença. Um diferencial entre as modalidades face a face e *on-line*, por exemplo, encontra-se nos recursos típicos do ambiente digital, como *emojis*, reações, curtidas, e compartilhamentos, que ampliam o repertório comunicacional. Nesse sentido, tomamos o pressuposto de que a estrutura fundamental da interação, que é a negociação de sentidos, se mantém, ainda que a comunicação ocorra por mediação de novas mídias.

Goffman (2002) postula que a interação é fundamentada no desejo dos interactantes em conduzir e regular as impressões causadas nos outros no curso da troca comunicativa. Os

⁴ Para a Sociolinguística Interacional, o termo “intenção” não busca esmiuçar os processos cognitivos mobilizados no uso da língua. Contudo, considera o termo relacionado ao conjunto de motivações e finalidades que definem determinado modo de agir, sendo um processo, geralmente, consciente. Possui natureza dinâmica e contextual, podendo estar ligada às estratégias de ação conduzidas de modo mais implícito. Trata-se de uma construção social e comunicativa que ocorre na interação, por meio da fala ou da escrita. Além disso, toda situação interacional demanda uma certa intencionalidade, construída e compartilhada socialmente, assinalada no discurso, influenciando a condução da comunicação entre os interlocutores. Isso implica que, nas análises orientadas pela S.I, os processos de interpretação de intenções dos interactantes devem ser considerados em seu caráter mutável no decorrer do curso da interação (Khalil, 2017).

interactantes buscam, assim, incitar considerações e interpretações favoráveis a si no contexto da situação e do público envolvido. Observa-se que essa mesma conduta, que rege os contatos em copresença, também ocorre na dinâmica das interações *on-line*. Nossas imagens digitais são produzidas por meio de uma atuação que segue uma linha, ou fachada social específica, em concordância com o papel assumido no momento em que se dá a interação. Além disso, a atuação empreendida nas interações leva em conta os moldes sociais reconhecíveis entre os participantes e visa a validação e a aprovação das atitudes tomadas por parte do público perante o qual se apresenta.

Diante do exposto, nossa opção pela abordagem sociointeracional, aliada às investigações da impolidez, justifica-se por sua orientação para a análise de elementos linguísticos-discursivos interligados aos contextos da interação, sendo eles imediatos, sociais e históricos. Tendo em vista a questão central desta pesquisa (*como se dá o processo de negociação discursiva da identidade TradWife por meio de estratégias de impolidez nas interações no Instagram?*), consideramos o caráter interacional da construção de sentidos que se dá na e pela linguagem como fundamento para nossas análises.

Antes de discutirmos mais detalhadamente a perspectiva sociointeracional de linguagem que adotamos, convém destacar, sucintamente, algumas das concepções clássicas de linguagem na análise linguística. Dentre as variadas perspectivas de manejo da linguagem para fins de compreender e explicar fenômenos do mundo, listamos a visão dessa faculdade humana na perspectiva de Geraldi (1990) e Travaglia (2000); são elas: linguagem como expressão do pensamento; como instrumento de comunicação; e como interação.

A concepção de linguagem como expressão do pensamento, de base mentalista, remonta às influências filosóficas e à tradição gramatical grega que preconizam que a fala organizada equivaleria a um pensamento organizado. Nessa perspectiva, o psiquismo individual e a norma culta são enfatizados como ideais, desconsiderando a função da linguagem em constituir o pensamento e os fatores sociais ligados a esse processo.

Já a visão instrumental, por sua vez, entende a língua como um instrumento de comunicação, estabelecendo uma concepção utilitária. Nesse entender, “o texto é visto como simples produto da decodificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor/ouvinte, bastando a este, para tanto o conhecimento do código utilizado” (Koch; Elias, 2008, p. 10). Assim sendo, a língua é vista como um sistema fechado de regras e convenções, não passíveis de alterações por parte de seus usuários, em que os sentidos são decodificados, e não negociados (Koch; Elias, 2008).

Este trabalho, no entanto, alinha-se à terceira concepção, que compreende a linguagem

como um processo interacional, dinâmico e social. Na concepção interacional da linguagem, esta passa a ser vista como social, se caracterizando como uma construção coletiva firmada em compromissos entre locutor e interlocutor e mediada pelo contexto. Travaglia (2000, p. 23) esclarece que “nessa concepção o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão-somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/ leitor)”. O locutor, ao se dirigir a seu interlocutor na interação, age a partir de um objetivo que pode ser aceito ou não pelo interlocutor. A construção conjunta de sentidos é atravessada pelo contexto interacional imediato, histórico e social, o que implica no reconhecimento de que a linguagem constitui o fazer social, repercutindo na constituição da realidade.

Ainda nessa linha de pensamento, consideramos que a perspectiva de linguagem como interação, postulada por Travaglia (2000), e a concepção sociointeracional possuem pontos de interseção interessantes para nossa análise. Para ambas as interpretações sobre a linguagem, há o interesse pela construção conjunta de sentidos que se dá nas relações sociais, reforçando o entendimento de não neutralidade da língua.

Nessa lógica, a língua viabiliza, bem como constrói, as relações sociais. A língua estabelece relações com o meio social, assim como se situa historicamente em um processo em que repercute valores, media conflitos e posições entre grupos. Portanto, a ideia de contexto, em ambas as concepções, considera o que é imediato e específico a um determinado encontro social, assim como os aspectos sócio-históricos e ideológicos envolvidos na situação.

Mediante o exposto, o conceito de linguagem que adotamos neste trabalho considera sua dimensão social, construída na e pela interação. Apoiamo-nos, assim, nas contribuições da Pragmática e da SI para verificar como os participantes das interações em torno da temática *TradWife* usam estratégias de impolidez em seus discursos situados nos comentários de postagens que se configuram como atos que evidenciam a face desse grupo. Além disso, a articulação entre essas abordagens vai ao encontro do princípio de que os sentidos são coconstruídos entre os participantes em um contexto específico, orientando-nos pelo paradigma da língua em uso.

Nossa proposta visa articular, portanto, a impolidez, processo emergente das interações, materializada em estratégias discursivas, com as dimensões socioculturais e situacionais que a contextualizam. Para isso, integramos três eixos analíticos: a) os elementos linguístico-discursivos da impolidez; b) a construção de sentidos pela/nas interações sociais; e c) os embates ideológicos inerentes às representações da identidade de grupo.

Desse modo, situamos nosso estudo na interface entre as dimensões pragmáticas da língua em uso e as dimensões socioculturais do contexto de produção e significação discursiva dos interlocutores.

2.2 CONCEITOS PARA A ANÁLISE DA INTERAÇÃO EM CONTEXTO

Ao adotarmos a perspectiva da Sociolinguística Interacional (SI) para a verificação de aspectos interacionais, evidenciamos que a negociação de sentidos que compõe a representação da identidade *TradWife on-line* ocorre de modo situado, ou seja, atravessada por sinalizações contextuais específicas. Assim, esta seção tem como objetivo apresentar noções sobre elementos e instrumentos analíticos que nos auxiliam a traçar um caminho de interpretação. Tais elementos nos permitem descrever e interpretar como se dão essas negociações que, na e pela interação, constroem o contexto microsocial. Nas subseções seguintes, apresentamos algumas das categorias de análise relacionadas às configurações das interações, pensadas a partir de nosso objeto de pesquisa.

2.2.1 A postagem e o comentário no Instagram: gêneros e contexto para a interação

Esta subseção tem por objetivo caracterizar os gêneros discursivos que compõem, primordialmente, o *corpus* desta análise: a postagem e o comentário no *Instagram*. Entendemos que esses modelos de textos possuem certas particularidades que repercutem na interação *on-line* e, por conseguinte, nas manifestações de impolidez situadas nesse ambiente digital.

Antes de tratarmos sobre as características do gênero textual comentário, situado no *Instagram*, iniciamos com uma breve contextualização sobre a construção hipertextual da postagem. Para isso, consideramos adequado pensar o conceito de hipertexto (Koch, 2007) como atrelado ao gênero postagem *on-line*. Nas palavras de Koch (2007),

poder-se-ia dizer que o termo hipertexto designa uma escritura não-seqüencial e não-linear, que se ramifica de modo a permitir ao leitor virtual o acesso praticamente ilimitado a outros textos, na medida em que procede a escolhas locais e sucessivas em tempo real (Koch, 2007, p. 25).

Desse modo, são características da postagem *on-line* a não linearidade, a não sequencialidade e sua composição multimodal que inclui legendas, imagens, vídeos curtos e

elementos responsáveis pela conexão entre conteúdos e pessoas como *hashtags*, menções, compartilhamentos, repostagens e *links*. A organização hipertextual possibilita que a leitura inicie por variados pontos do texto e estabelece um contexto multifacetado para a interpretação, dada a multiplicidade de elementos sógnicos articulados. Nesse sentido, a atividade de leitura é tida como um processo de seleção ativa do interlocutor em meio a uma rede de textos potencialmente ilimitada (Marcuschi, 1999) viabilizada pela conectividade digital.

Contudo, essa perspectiva sobre uma leitura "potencialmente ilimitada" e sem "orientação" é atravessada pela dimensão algorítmica, na qual as plataformas desempenham um papel ativo no engajamento de seus usuários. Assim, essa ideia de acesso ilimitado passa por uma "ideologia" de liberdade na rede; liberdade que se mostra cada vez menos visível com a ascensão da polarização nos ambientes *on-line*.

A plataforma *Instagram* possui uma proposta orientada, sobretudo, para a circulação de conteúdos imagéticos e audiovisuais. Contudo, o recurso da legenda, que em seus primórdios, tratava-se de um espaço reduzido para frases curtas e descrições concisas, atualmente passou a figurar como um elemento de destaque, comportando textos mais longos e explicativos. Assim sendo, o texto situado na legenda de uma postagem constitui um material relevante para o processo de compreensão do interlocutor, juntamente com os demais elementos semióticos, funcionando como uma introdução ou explicação pormenorizada do assunto abordado. Em termos de materialidade linguística, a legenda e sua função de introduzir o conteúdo configuram-se como um "primeiro turno" discursivo, com vistas a estabelecer o contato inicial entre o locutor e seus interlocutores.

Quanto à postagem em si, esse material é marcado pela multissemiose (Koch, 2007), característica do hipertexto, e que se faz presente por meio dos aportes sógnicos possíveis do *Instagram*, sejam eles nos formatos de vídeos, imagens, textos, que podem estar nas legendas e/ou inseridos na multimídia, e *emojis*.⁵ Ademais, a multiplicidade de recursos e a temporalidade, que muitas vezes tem suas fronteiras esmaecidas entre o contato simultâneo e o assíncrono, evidenciam a fluidez dos meios pelos quais os indivíduos compartilham opiniões, informações e outros conteúdos nas plataformas. Ancorada na estrutura da postagem, a seção dos comentários, espaço interacional público da plataforma, é onde os

⁵ *Emojis* são pequenas imagens digitais utilizadas junto a um texto, ou de modo isolado, a fim de comunicar uma mensagem que representa emoções e objetos do mundo. Alguns *emojis* simulam expressões faciais, como sorriso, choro, boca aberta em espanto, sobrancelhas erguidas em dúvida e outros. Também dispõem de expressões gestuais para além do rosto, como sinais com as mãos e braços. Disponível em: <https://www-dictionary-com.translate.google/compare-words/emoticon-vs-emoji>. Acesso em: 23 jul. 2025.

participantes podem responder diretamente à postagem, interagir com outros usuários ou mesmo introduzir tópicos conversacionais distintos daquele proposto na publicação.

O gênero comentário possui, assim, caráter híbrido e dinâmico, apropriando-se de marcas de linguagem comuns à fala cotidiana, ainda que em suporte escrito. As marcas de oralidade manifestam-se no uso de *emojis*, períodos curtos, gírias e jargões populares. Desse modo, os comentários *on-line* não representam um *continuum* entre fala e escrita, mas constituem formas de contextualização (Marcuschi, 2002) que podem funcionar como enunciados reativos aos conteúdos publicados. Portanto, a oralidade e a escrita, apesar de possuírem características próprias de funcionamento, não se opõem, mas funcionam de modo complementar, podendo ser observadas como produtos de um mesmo sistema linguístico em adaptação ao ambiente *on-line*.

Cunha (2013) salienta a pluralidade de propósitos comunicativos que caracteriza o gênero comentário, englobando uma variedade de práticas sociais na rede. Para o autor, os indivíduos que comentam em conteúdos digitais podem objetivar:

[...] discutir o conteúdo do texto fonte; se relacionar com o outro; fazer aderir ao seu ponto de vista; participar de um debate público mesmo que suas identidades não sejam seguramente reveladas (nada garante que os comentadores usem sua identidade real) (Cunha, 2013, p. 247).

A diversidade de objetivos reforça, segundo o próprio autor, a impossibilidade de analisar o sentido das palavras e dos enunciados dissociados de seu contexto imediato e mais amplo, bem como dos discursos outros que, dialogicamente, estão articulados ao atual (Cunha, 2013). Tal raciocínio alinha-se diretamente aos pressupostos da SI, pois essa abordagem defende uma análise que não apenas considere aspectos linguísticos presentes no texto, mas também aqueles relacionados ao processo interativo do evento comunicativo.

No que diz respeito ao ambiente *on-line*, Marcuschi (2002) pondera que, apesar de seu caráter multimidiático, a modalidade escrita assume um papel estruturante e dinâmico, adaptando-se às demandas do contexto. Para ele,

a Internet e todos os gêneros a ela ligados são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita. Na Internet a escrita continua essencial apesar da integração de imagens e de som. Por outro lado, a idéia que hoje prolifera quanto a haver uma “fala por escrito” deve ser vista com cautela, pois o que se nota é um hibridismo mais acentuado, algo nunca visto antes, inclusive com o acúmulo de representações semióticas (Marcuschi, 2002, p. 6).

Nesse sentido, as postagens, conteúdos que funcionam como elemento motivador à

interação, não determinam linearmente os temas discutidos nos comentários, tampouco formam, em conjunto, um texto único e coeso. Nessa abertura flexível à pluralidade temática, as discussões nos comentários podem configurar-se como encadeamentos favoráveis ao conteúdo da postagem ou, ao contrário, assumir posições divergentes, constituindo o que chamaremos de (des)alinhamentos interacionais.

A afinidade de visões de mundo, opiniões, valores e pensamentos entre os participantes (autor da postagem e comentadores) é quase sempre propensa à produção de uma comunicação harmônica, sem ataques e, portanto, mais polida. Em sentido oposto, a ausência de concordância ou uma interpretação desfavorável do conteúdo tende a gerar dissonâncias, aumentando a probabilidade de atos impolidos nos comentários. Assim, a opção por construções mais ou menos impolidas é capaz de indicar alinhamentos que posicionam os interactantes dentro da interação.

O gênero comentário *on-line* é caracterizado por se tratar de textos geralmente breves, subjetivos, coloquiais, opinativos, multimodais e instáveis quanto a sua permanência. As opiniões vinculadas aos comentários buscam não apenas expor pontos de vista, mas assumem estratégias argumentativas que visam o convencimento, seja para a adesão do pensamento exposto, seja para tomadas de atitudes a partir disso. Outra característica dos comentários é a abertura para a comunicação entre usuários para além da dinâmica autor da postagem e leitores, o que implica em um maior número de participantes, bem como uma maior abertura à pluralidade de ideias.

Cabe destacar que, ao comentar em algum conteúdo *on-line*, o autor está ciente da possibilidade de respostas ao seu texto. Além disso, caso o perfil do usuário disponha de informações pessoais, tais como nome, fotos e localização, esses dados ficam expostos a todo o público que interagir, ainda que minimamente, com o comentário feito, bastando clicar no nome de usuário vinculado à conta. Tal possibilidade pode ser um fator que restringe os usuários de tecer comentários, os quais podem optar por formas mais sutis de interação, como a curtida, o compartilhamento privado com pessoas específicas ou apenas a visualização do conteúdo.

Outro ponto importante característico do gênero comentário *on-line* é que, entre materiais digitais, há maior tendência de que os usuários se atenham apenas à leitura do título das linhas iniciais dos textos. O alto fluxo de informações ao qual os usuários estão expostos nesses ambientes favorece a prática da leitura rápida a partir de palavras-chave que tenham chamado sua atenção. Contudo, esse modo de leitura superficial e dispersa propicia falhas na compreensão do assunto exposto, bem como na disseminação de conteúdos falsos ou

distorcidos.

Nesse cenário de contatos sociais rápidos e públicos, delineiam-se contornos específicos em contextos de polarização envolvendo valores sociopolíticos. No Brasil atual, a polarização de cunho político-ideológico foi marcada pelo período pandêmico (2020-2023) e as eleições de 2022, gerando a intensificação de discussões relacionadas a temas de forte impacto social (Alfaro, 2025). Com a popularização das mídias de comunicação digitais, as plataformas de redes sociais (PRS) tornaram-se um ambiente propício à socialização de pensamentos, ideais, valores e ideologias. O fluxo intenso de comunicações nesses ambientes, por sua vez, potencializa uma dinâmica de leitura superficial, por vezes baseada na identificação de palavras-chave que funcionam como um atrativo para o engajamento de indivíduos em debates potencialmente conflitantes.

No espaço dos comentários, segundo Recuero et al. (2021), a polarização está menos alicerçada em debates racionais de propostas e mais ligada aos campos afetivos e identitários. Isso se dá, sobretudo, a partir da rejeição às representações político-ideológicas personificadas em indivíduos, como políticos, cujas imagens sociais estão atreladas a certas posições rejeitadas, seja por motivos pessoais ou de identificação grupal (Recuero et al., 2021). Assim, a polarização atual tem como eixo central questões de afeto e pertencimento.

Nessa conjuntura, em que os embates polarizados ganham contornos expandidos, compreendemos as representações como sistemas de significação alicerçados na cultura (Hall, 2000) e postos em circulação na troca comunicativa. As representações sobre a identidade e o papel social da esposa tradicional (*TradWife*), enquanto identidade de grupo que emerge na *Internet*, divergem em aspectos que levam em conta posicionamentos ideológicos que adentram em inclinações políticas polarizadas. Em meio ao embate pelos sentidos, a impolidez funciona como um indicador das relações de poder mobilizadas na linguagem, atuando como um recurso estratégico.

Nesse processo de produção e negociação de sentidos, mobilizamos elementos cognitivos, linguísticos, contextuais e socioculturais para a interpretação das mensagens com as quais estamos em contato. Para isso, utilizamos de sinalizações que indicam como desejamos que nossa mensagem seja recebida e interpretada pelo outro. Gumperz (1982) explica o processo pelo qual indicamos e interpretamos os sentidos das mensagens por meio da noção de pistas de contextualização.

A seguir, discorreremos sobre a referida noção de pistas de contextualização, conceito que faz parte do paradigma sociointeracional proposto por Gumperz (1982, 1998).

2.2.2 Pistas de contextualização

Na abordagem sociointeracionista, o contexto figura como um elemento norteador para a análise da situação comunicativa. Trata-se de um conceito amplo, que não se restringe apenas ao espaço material onde se dá o encontro social imediato. Nessa perspectiva, que destaca as relações sociais e a interação, o contexto pode referir-se ao ambiente no qual os participantes da interação se encontram no momento em que a interação ocorre. Há também o contexto temporal, que considera quando a comunicação está acontecendo entre os participantes. Outro contexto a ser considerado é o social que indica qual a relação entre os interlocutores e qual é o tipo de situação ao qual eles estão inseridos, ao mesmo tempo que a constroem (Costa; Lewis, 2020).

Ademais, as diversas formas de linguagem, incluindo o aparato gestual corporal dos interactantes em interações face a face, bem como os recursos audiovisuais nas PRS, também contribuem para a composição do contexto. Sob a ótica da SI, o contexto é entendido como uma “criação conjunta de todos os participantes presentes ao encontro e emergente a cada novo instante interacional” (Ribeiro; Garcez, 1998, p. 8-9).

Gumperz (1982), sociolinguista estadunidense, em conjunto com o sociólogo Erving Goffman (1959; 1967; 1974; 1981), exerce influência importante nos estudos basilares em S. I. Gumperz (1982) propõe o conceito de intencionalidade como elemento presente nas comunicações humanas. A intencionalidade, segundo o autor, parte de sua visão sobre a racionalidade, que é tida por ele como baseada na natureza social da mente. Nesse raciocínio, a intencionalidade está relacionada à elaboração prévia das mensagens, bem como às estratégias que os interactantes articulam, de modo consciente ou inconsciente, para sinalizar intenções, expectativas ou hipóteses, a fim de propiciar o entendimento mútuo (Ribeiro; Garcez, 2013).

O processo de sinalização de propósitos comunicativos, por parte do locutor, e interpretação de propósitos implícitos na mensagem, por parte do interlocutor, dá-se por meio do uso de pistas de contextualização (Gumperz, (1982), que são recursos linguísticos, paralinguísticos e prosódicos presentes na organização expressiva das mensagens. Nesse processo de interpretação da intenção do interlocutor, o autor salienta o papel fundamental do conhecimento sociocultural, que tem como base o repertório prévio adquirido pelos interactantes por meio da cultura e de experiências interativas anteriores.

Os processos de inferências estão relacionados à identificação de qual quadro sociocultural está em jogo na interação, haja vista que é por meio dessa identificação que o

significado social da interação é compreendido. A compreensão do quadro sociocultural permite aos indivíduos apreender e interpretar as normas sociais, valores, estratégias comunicativas e contextos culturais que sustentam a situação. É por meio das pistas de contextualização, e outros sinais extralinguísticos, bem como o conhecimento cultural e social compartilhado, que esses elementos que compõem o quadro sociocultural de uma interação específica são assimilados na interpretação. Além disso, esse processo suscita a expressão de intenções, desejos, crenças e percepções a serem aferidas, além de gerar expectativas a serem cumpridas, ou não, sobre o que virá em seguida na interação.

De acordo com Gumperz (1982), as pistas de contextualização, mecanismos que envolvem intenções e expectativas, elementos típicos da interação, estão relacionadas à diversidade linguística das interações verbais cotidianas, uma vez que é por meio da linguagem que os interactantes:

[...] se baseiam em conhecimentos e estereótipos relativos às diferentes maneiras de falar. Esse conjunto de informações internalizadas é crucial para a manutenção do envolvimento conversacional e para o uso eficaz de estratégias persuasivas (Gumperz, 1982 *apud* Ribeiro, 1998, p. 99).

Além da mobilização de recursos linguísticos, os sinais que indicamos por meio do corpo, como gestos, olhares, movimentos, posturas, distanciamentos, aproximações e gesticulação também compõem essas pistas de contextualização na comunicação.

No contexto do *Instagram*, recursos como vídeos, *stories* e *lives* propiciam ao público que está em contato com o conteúdo audiovisual pistas que, em combinação com o conhecimento prévio dos interlocutores, permitem a produção de inferências acerca da situação imediata. Logo, esses materiais, que costumam circular nas plataformas vinculadas às postagens, atuam como pistas de contextualização que englobam convenções de contextualização de natureza linguística (alternância de código, dialeto, ou estilo, expressões pré-formuladas), paralinguística (pausas, entonações, hesitações, tempo de fala) e prosódica (entonação, ritmo, tom, acento) (Gumperz, 1982).

A dinâmica de comunicação entre o autor da publicação, que se vale de recursos audiovisuais para produzir conteúdo, e seu público aproxima-se mais da comunicação face a face, pois os usuários estão em contato com aspectos visuais (cenário, vestuário, gestos, movimentações do corpo, etc.) e auditivos (ritmo de fala, cadência, volume da voz, mudanças de entonação, pausas, silêncios, etc.) que são inerentes às comunicações presenciais.

Consideramos a multimodalidade uma característica do hipertexto, categoria que

relacionamos com as postagens do *Instagram*, pois o hipertexto está inerentemente ligado à interatividade digital e às decisões que os leitores fazem ao organizar sua trajetória de leitura. A multimodalidade consiste no uso integrado e simultâneo de variados meios semióticos em uma comunicação. Desse modo, a articulação coerente e coesa entre variados códigos comunicativos, como imagens, vídeos, sons, sinais, gestos e outros recursos expressivos, constitui um material multimodal. Além disso, a multimodalidade pode abarcar aspectos linguísticos, como as marcas de oralidade típicas da fala que são trazidas ao texto escrito, como nos comentários, funcionando como um meio de comunicar algo que, por meio apenas da linguagem formal, seria insuficiente para o objetivo comunicativo.

Como marcas de oralidade que encontramos nos textos, temos as interjeições, a repetição de sinais de pontuação, o uso excessivo de conectivos, expressões populares, e outros marcadores de oralidade. Ainda, a presença de marcas de impolidez convencionalizadas socioculturalmente também pode funcionar como pista de contextualização, pois indica aos interlocutores o intento de provocar ofensas. Nesse sentido, Culpeper (2011) destaca o papel do contexto na compreensão do que é polido ou impolido.

Para dar um exemplo extremo, gritar e usar linguagem potencialmente ofensiva com uma pessoa idosa que mora em uma tranquila rua sem saída pode ser considerado extremamente indelicado, mas o mesmo comportamento no meio de uma torcida jogando futebol pode não ser considerado indelicado de forma alguma. A indelicadeza está muito nos olhos de quem vê, ou seja, na mente. Depende de como você percebe o que é dito e feito e como isso se relaciona com a situação (Culpeper, 2011, p. 22).⁶

O exemplo de Culpeper (2011) reitera o pensamento de Gumperz (1982, *apud* Ribeiro, 1998, p. 110) ao destacar que “essas pistas devem ser estudadas em relação ao processo e ao contexto e não de forma abstrata”. Portanto, há de se considerar que, na atividade comunicativa, para Gumperz (1982), a interpretação das pistas de contextualização se realiza por meio da construção hipotética dos interlocutores, que reinterpretem conhecimentos prévios socioculturais e interacionais. Isso permite que se criem expectativas acerca dos significados construídos no decorrer da situação comunicativa. Assim, o contexto conversacional ocorre a partir da definição inicial da situação e segue, de modo fluido, mudando a depender das interpretações e atitudes dos interactantes.

⁶ No original: “To take an extreme example, shouting and using potentially offensive language to an older person living in a quiet cul-de-sac might be taken as extremely impolite, but the same behaviour in the midst of a football crowd might not be taken as impolite at all. Impoliteness is very much in the eye of the beholder, that is, the mind’s eye. It depends on how you perceive what is said and done and how that relates to the situation.” (Tradução nossa).

Biar (2015) indica que o trabalho de análise interpretativa requer, portanto, que se considere pontos como: os princípios que organizam a interação; os mecanismos usados pelos interlocutores para sinalizar seus objetivos comunicacionais; a interpretação de intenções e identidades no curso da interação que se dá em um tempo e espaço a ser também considerado, assim como comportamentos verbais e não verbais. Nessa perspectiva, é importante observar que as interações em ambiente digital favorecem a dissimulação de comportamentos dos usuários, de modo que suas atitudes, expressões emocionais, condutas e identidades podem ser forçadas de acordo com o que é esperado socialmente para a situação.

Nessa esteira, discutimos, a seguir, a noção de enquadre (*frame*) formulada inicialmente por Gregory Bateson (1972) em seus estudos sobre a interação numa perspectiva analítico-psicológica. Posteriormente, o termo foi adotado e aprimorado por Goffman (1986 [1974]) sob a ótica sociológica das interações.

O enquadre (Goffman, 1986) pode ser pensado tendo como ponto de partida o seguinte questionamento feito pelos interactantes ao se deparar com uma situação de encontro social em progresso: “o que está acontecendo agora?”. Essa categoria nos é importante para a compreensão do processo dinâmico no qual são produzidos os significados e o contexto interacional. Em outras palavras, a partir da análise das pistas de contextualização presentes nas interações *on-line*, podemos interpretar os enquadres emergentes e suas relações com as estratégias de impolidez. Estratégias que ora reconhecem, ora não reconhecem as identidades relacionadas à *TradWife* no *Instagram*.

Na sequência, vejamos como a noção de enquadre (Goffman, 1986) pode ser pensada a partir das interações *on-line*, tendo como objeto as postagens e os comentários sobre a *TradWife*.

2.2.3 A noção goffmaniana de enquadre

No espaço público do *Instagram*, a visibilidade e engajamento promovido pelo fenômeno *TradWife* não se limita aos seus membros, avançando para discussões mais amplas e favorecendo o contato entre múltiplas percepções sobre o grupo. O posicionamento em defesa do papel tradicional de gêneros, baseado nas crenças cristãs, direciona muitas das mulheres participantes do grupo, em sua maioria cristãs e conservadoras, em um movimento de oposição ao feminismo, interpretado por estas como uma violação ao “papel autêntico e

biológico das mulheres na sociedade como dona de casa, mãe e esposa submissa”⁷ (Ebner, 2020; Lang, 2022 *apud* Sykes, 2023, p. 76).

A observação de postagens no *Instagram* relacionadas ao tema revela que a maior parte delas são produzidas por autores externos ao grupo; alguns deles atuam em defesa da face⁸ identitária dessas mulheres; outros atacam a face do grupo por meio de variados recursos linguísticos. Para analisar os posicionamentos, favoráveis ou contrários à *TradWife*, e categorizar se estes se constituem, em sua estrutura discursiva, como atos de ameaça à face, preservação/defesa ou ridicularização da face identitária da *TradWife* nas postagens, utilizamos a categoria goffmaniana de enquadre, ou *frame* (Goffman, 1986).

Pensamos a postagem, enquanto um ato comunicativo “completo”, uma vez que, após publicado, não é comum o acréscimo ou modificação de seu conteúdo. Desse modo, a postagem funciona como um enquadre proposto pelo autor a ser interpretado pelo seu público, visto que o formato não apenas comunica uma informação, mas pretende delinear a percepção do público a partir da mobilização de sentidos em torno da identidade da *TradWife*, seja validando-a (preservação/defesa), combatendo-a (ameaça) ou satirizando-a (ridicularização).

O público, nesse processo de construção de sentidos, interpreta e infere o enquadre de uma postagem por meio das pistas de contextualização (Gumperz, 1982). O interlocutor, ao entrar em contato com a diversidade de signos semióticos articulados na postagem, a partir de sua competência comunicativa⁹, faz inferências sobre os objetivos interativos sinalizados pelo locutor. No contexto das PRS, os enquadres podem ser inferidos por meio de pistas linguísticas e paralinguísticas, como *emoticons*, memes, figurinhas, palavras que representam sons (e.g. “KKKK”; “hahaha” para indicar risadas) e outros elementos presentes na comunicação.

Portanto, os enquadres orientam o reconhecimento do tipo de situação interacional na qual os participantes estão inseridos e como devem interpretar a situação.

⁷ No original: “*authentic and biological role of women in society as homemaker, mother, and submissive wife*” (Tradução nossa).

⁸ O conceito de face que adotamos é o proposto pelo sociólogo Goffman (2011) e diz respeito à “imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados” (Goffman, 1967, p. 5). Em nosso estudo, abordo a noção de face para tratar da imagem pública reivindicada pelo indivíduo perante os outros, à serviço de um processo de negociação identitária. Nos alinhamos ao entendimento de que face e identidade são elementos indissociáveis e que ambos são emergentes da interação discursiva. Nos apoiamos também na noção de face de identidade social, proposta por Spencer Oatey (2007), a ser apresentada mais adiante, na seção 2.3.1. Usamos o termo identidade na perspectiva de Hall (1997), para nos referir ao processo de identificação e como a representação no discurso constrói essa identidade.

⁹ Conceito proposto por Gumperz (1982) que diz respeito ao conjunto de saberes que é recuperado diante de situações comunicativas e que nos permite produzir considerações sobre como interpretar o que está acontecendo e como agir adequadamente diante do contexto.

O enquadre situa a metamsagem contida em todo enunciado, indicando como sinalizamos o que dizemos ou fazemos ou sobre como interpretamos o que é dito e feito. Em outras palavras, o enquadre formula a metamsagem a partir da qual situamos o sentido implícito da mensagem. Goffman afirma que, em qualquer encontro face a face, os participantes estão permanentemente introduzindo ou mantendo enquadres que organizam o discurso e os orientam com relação à situação interacional. Indagam sempre “onde se situa esta interação?” e “o que está acontecendo aqui e agora?” (Ribeiro; Garcez, 2002, p. 107).

Os enquadres são princípios que orientam a interpretação e organizam a participação dos interlocutores que, a partir da leitura feita acerca da situação, definem sua postura diante dela. Assim, os interlocutores, podem optar pela manutenção da proposta interativa ou por sua rejeição, o que implica romper com o enquadre vigente e propor um novo. Para tanto, em ambos os casos, os participantes recorrem à produção e à recepção de pistas de contextualização que sinalizam qual enquadre está sendo negociado na interação (Lima, 2024).

No contexto desta pesquisa, pressupomos que o enquadre proposto pela postagem materializa discursivamente o posicionamento favorável ou contrário a face identitária da *TradWife*, estabelecendo um ponto de partida para toda a negociação subsequente nos comentários. Nesse processo analítico, cabe a nós, analistas, reconstruir o enquadre proposto por meio das pistas de contextualização mobilizadas pelos autores das postagens.

A relevância desse esforço analítico está no pressuposto de que as representações dessa identidade estão intrinsecamente associadas a formações discursivas (FD) (Pêcheux, 1995), as quais, determinadas por formações ideológicas (FI), organizam os sentidos possíveis acerca do papel social da mulher. Compreendemos que a face da *TradWife*, sobretudo em discussões marcadas pela polarização, transcende o indivíduo e funciona como um marcador dessas FDs, refletindo posicionamentos na disputa ideológica em torno dos papéis de gênero e do modelo de sociedade vigente. Desse modo, atacar, preservar/defender ou ridicularizar essa face não se trata apenas de um ato pessoal, podendo revelar posicionamentos na disputa ideológica pelos sentidos.

O valor social positivo pretendido pelo grupo que assim se identifica é também vantajoso para outros grupos que estão associados por valores ideológicos. Por exemplo, grupos religiosos cristãos que compartilham dos mesmos preceitos quanto ao papel da mulher na vida doméstica podem interessar-se em proteger essa face identitária mesmo que não façam parte do grupo feminino; bem como homens não religiosos, mas que apoiam o modelo patriarcal de configuração familiar podem se posicionar em proteção/defesa à face *TradWife*

pela concordância de seus valores e crenças.

O contrário também pode ocorrer: sujeitos que se identifiquem com as pautas defendidas por movimentos de cunho feminista, progressista e aqueles ligados à política de esquerda podem ter interesse em combater o fortalecimento de forças contrárias a seus propósitos sociais, e, por isso, a ameaça à face do grupo feminino pode ser útil.

Na dinâmica estabelecida entre postagem e comentários, o interlocutor, em contato com a postagem, pode seguir em uma direção favorável, ou não, ao sentido implícito, como uma ação tomada diante do conteúdo compartilhado na postagem. Para compreender tal processo, recorreremos à noção goffmaniana de enquadre (*frame*), que parte da ideia de que os interactantes inseridos na situação interacional, perguntam-se sempre “O que está acontecendo aqui?” (Goffman, 1986, p. 8). O autor define o conceito do seguinte modo:

E, claro, muito uso será feito do emprego de Bateson do termo “*frame*”. Suponho que as definições de uma situação são construídas de acordo com princípios de organização que governam eventos – pelo menos os sociais – e nosso envolvimento subjetivo neles; *frame* é a palavra que eu uso para esses elementos básicos como eu sou capaz de identificar. Essa é a minha definição de *frame*. Minha frase “*frame analysis*” é um slogan para se referir ao exame desses termos de organização da experiência (Goffman, 1986, p. 10-11, tradução nossa)¹⁰.

Em convergência com a noção de enquadre, Gumperz (1982) considera a interpretação preliminar como um processo que depende das inferências indiretas a partir das quais são construídas as suposições sobre o contexto, os objetivos interativos e as relações interpessoais. As suposições, por sua vez, produzem esquemas, ou quadros, que assimilam elementos familiares e identificáveis relacionados a uma situação anterior. Quando acessados, esses quadros ajudam a interpretar o que está acontecendo e atuam como um conjunto de expectativas sobre uma situação em curso.

Ribeiro e Garcez (1998) explicam que os momentos de interação face a face, e adicionamos a esse pensamento as interações mediadas pelas PRS, não tão popularizadas à época de elaboração de seu texto, são cenários de construção do significado social e da experiência. Isso significa que os participantes da interação estão a todo momento inserindo ou sustentando mensagens que organizam a relação social entre si. Tais mensagens, que possuem natureza sutil e indireta, orientam a conduta dos participantes e atribuem significado

¹⁰ No original: “And of course much use will be made of Bateson’s use of the term ‘*frame*’. I assume that definitions of a situation are built up in accordance with principles of organization which govern events – at least social ones – and our subjective involvement in them; *frame* is the word I use to such of this basic elements as I am able to identify. hat is my definition of *frame*. My frase ‘*frame analysis*’ is a slogan to refer to the examination in these terms of the organization of experience”. (Tradução nossa).

à comunicação em andamento. Nesse processo, o interlocutor busca entender o significado do discurso por meio do contexto interacional, questionando onde se situa o contexto de fala e a realidade da interação em que se encontra (Ribeiro; Garcez, 1998).

Assim sendo, os enquadres organizam a interpretação da situação na dinâmica interacional, na qual os participantes negociam posições e agem de modo a confirmar ou transformar o enquadre. Dentro da dinâmica interacional, a gestão da face ocorre constitutivamente associada ao processo cognitivo e social interpretativo, haja vista que os interlocutores estão valendo-se de estratégias favoráveis à sua imagem perante o outro. Dentre as escolhas linguísticas e comportamentais mobilizadas na gestão de face, atos de polidez e impolidez atuam como marcadores que materializam a interpretação produzida e a atitude assumida diante da situação.

Na seção a seguir, abordamos algumas considerações sobre a polidez linguística, fenômeno que, ao relacionar-se com a preservação da face, atua como um dos recursos discursivos pelos quais os enquadres são estabelecidos, mantidos ou modificados nas interações sociais.

2.3 POLIDEZ LINGUÍSTICA

As interações mediadas pelas plataformas de redes sociais (PRS) constituem um ambiente *on-line* paradoxal. Se, por um lado, proporcionam acesso à informação e ao conhecimento, por outro, esses ambientes podem fomentar a propagação de convicções e ideologias capazes de gerar conflitos marcados por discursos de ódio, característicos de movimentos extremistas (Santos, 2014; Araújo; Freitas, 2021).

Nesse cenário de troca comunicativa intensa e potencialmente conflituosa, a polidez linguística emerge como um fenômeno essencial no processo interacional. Em linhas gerais, a polidez compreende um conjunto de estratégias ou normas mobilizadas pelos interlocutores a fim de manter o tom harmonioso na interação. O conceito de polidez, no entanto, varia a depender das abordagens linguísticas que compreendem o fenômeno a partir de um quadro teórico particular (Culpeper; Haugh; Kádár, 2017).

Uma das pioneiras nas pesquisas linguísticas sobre a polidez foi a linguista estadunidense Robin T. Lakoff, que em 1973 publicou sua obra *Logic of politeness: or minding your p's and q's*. Lakoff, inserida nos modelos seminais da polidez, desenvolveu sua abordagem orientada pelos estudos filosóficos da linguagem. A linguista utilizou, sobretudo, o Princípio da Cooperação de Paul H. Grice, cujas ideias já circulavam no decorrer da década

de 1960, sendo organizadas e publicadas em 1975.¹¹ Lakoff (1975 [1973], p. 64) entende polidez como uma noção “desenvolvida pelas sociedades a fim de reduzir o atrito nas comunicações pessoais”. Desse modo, Lakoff (1973) propõe três submáximas que, quando postas em prática na comunicação, indicam o comportamento polido. São elas: não se imponha; dê opções e faça o ouvinte se sentir bem.

Na mesma esteira, Geoffrey Leech (1983), linguista britânico, propõe o Princípio da Polidez em seis Máximas que são associadas a atos ilocucionários. Assim como Lakoff (1973), Leech (1983) entende a polidez como normas sociais que pretendem reduzir conflitos nas interações e, assim, promover o equilíbrio em sociedade.

Ainda entre os estudos clássicos da Polidez, o trabalho do par de linguistas Penelope Brown e Stephen Levinson (1987) constitui-se como o modelo mais influente dessa área. Nesta visão sobre o fenômeno, a polidez passa a ser entendida como uma atividade que envolve a preservação da face e é inerente à interação (Oliveira, 2004).

Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 101), de forma metafórica, remete à base etimológica do vocábulo, ao explicar que o fenômeno linguístico e comportamental tem a “função de arredondar os ângulos e ‘polir’ as engrenagens da máquina conversacional, a fim de preservar seus usuários de graves lesões”. A autora compreende o caráter universal da polidez ao considerar que todas as sociedades valorizam comportamentos voltados para a harmonia social, e que há maneiras distintas entre as sociedades nas formas de expressar a polidez.

Em síntese, a polidez está ligada à gestão das relações sociais. A falta ou a violação de seus princípios nas relações interpessoais pode comprometer o curso da interação de modo a afetar até mesmo as relações sociais estabelecidas (Almeida; Andrade, 2019).

Os estudos clássicos da polidez, também referidos como “polidez de primeira onda”¹²,

¹¹ Os pressupostos teóricos de Grice (1975) constituem-se como ponto de partida para a maior parte dos estudos sobre a polidez em sua fase predominantemente de linha pragmática. Em sua obra *Logic and Conversation*, publicada em 1975, Grice define o conceito de implicatura que, a grosso modo, refere-se à noção de que há algo a mais a ser apreendido na comunicação para além do que é dito. Outra contribuição produtiva de Grice (1975; 1982) diz respeito a seu Princípio da Cooperação. Em sua teoria, autor discute a contribuição que os participantes da interação devem fazer em prol dos propósitos comunicativos. Para isso, deve-se observar que essa contribuição se dê da forma como é requerida e no tempo em que ocorre a comunicação. O autor propõe um conjunto de Máximas Conversacionais que precisam ser respeitadas pelos participantes no curso da interação a fim de que a comunicação seja bem sucedida. As Máximas seguem categorias: quantidade, qualidade, relação e modo. Resumidamente, são elas: Máximas de Quantidade: faça sua contribuição tão informativa quanto é requerido; não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido. Máximas de Qualidade: não diga aquilo que você acredita ser falso; não diga aquilo para o qual você não possui evidência adequada. Máxima da relação: seja relevante. Máximas de modo: evite obscuridade de expressões; evite ambiguidade; seja breve; seja ordenado (Grice, 1982). A violação evidente e proposital a alguma dessas Máximas pode gerar uma implicatura conversacional, ou seja, o significado implícito é alcançado pelo ouvinte por meio de inferências, com base no contexto.

¹² A organização dos estudos da (im)polidez linguística em ondas é de autoria de Culpeper (2011) que agrupa as

são compostos pelas concepções de Robin Lakoff (1975 [1973]), Geoffrey Leech (2014 [1977]), e pela Teoria da Polidez de Penelope Brown e Stephen Levinson (1987 [1978]). Essas abordagens pioneiras, inseridas na vertente pragmática, têm por principais influências a Teoria dos Atos de Fala (Austin, 1962; Searle, 1969) e no Princípio da Cooperação e noção de implicatura (Grice, 1975).

Dentre as abordagens citadas, a Teoria da Polidez (1987 [1978]), desenvolvida por Brown e Levinson, constitui um marco fundamental nesse campo de pesquisa. Para construí-la, os linguistas consideraram uma Pessoa Modelo (*Model Person*), um falante ideal de uma língua natural, dotado de racionalidade, definida pelos autores como “a aplicação de um modo específico de raciocínio que garante inferências a partir de fins ou metas a meios que irão satisfazer esses fins” (Brown; Levinson, 1987, p. 313).¹³

O conceito de face, proposto pelo sociólogo e psicólogo canadense Erving Goffman, aparece pela primeira vez em seu artigo *A elaboração da face*, de 1967 e refere-se ao valor social positivo que todo indivíduo reclama para si durante as interações. Brown e Levinson (1987) pressupõem que todos os indivíduos inseridos socialmente possuem uma face e reconhecem a face de seus interlocutores. Os autores sustentam que a face, em sua teoria, é composta por dois aspectos relacionados às necessidades básicas dos interlocutores: a face negativa e a face positiva. A face negativa diz respeito à necessidade de não ser impedido em suas ações, bem como a de ter sua autonomia respeitada. A face positiva, por seu turno, está relacionada com a necessidade de obter aprovação e reconhecimento dos outros.

Os autores apontam o caráter mutuamente vulnerável da face, pois “é algo que é emocionalmente investido, e que pode ser perdida, mantida, ou aprimorada, e deve ser constantemente cuidada na interação” (Brown; Levinson, 1987, p. 311).¹⁴ Em outras palavras, os interlocutores, em geral, cooperam e esperam a cooperação do outro para a preservação recíproca de suas faces.

O modelo de Brown e Levinson, produzido em sua versão inaugural em 1978 e, após o levantamento de inconsistências por parte de outros linguistas, aperfeiçoada em 1987,

teorias sobre o fenômeno em duas ondas. A primeira onda compreende os estudos clássicos da polidez, responsáveis pelo surgimento e consolidação desse campo de investigação. As teorias de Brown e Levinson, Lakoff e Leech compõem essa primeira fase. A segunda onda, por sua vez, reúne abordagens que objetivam preencher as lacunas não contempladas pelos estudos anteriores. Nessa fase, a impolidez é instituída como objeto de investigação (Cunha; Oliveira, 2020).

¹³ No original: “the application of a specific mode of reasoning . . . which guarantees inferences from ends or goals to means that will satisfy those ends”. (Tradução nossa).

¹⁴ No original: “[...] is something that is emotionally invested, and that can be lost maintained, or enhanced, and must be constantly attended to in interaction”. (Tradução nossa).

consolidou-se como a mais influente teoria da polidez. Dentre as principais objeções ao modelo, destacam-se a pretensão de universalidade, o modelo de falante ideal, a divisão binária entre a face positiva e negativa e a ênfase na polidez em detrimento da impolidez como objeto de estudo.

Em concordância com o pensamento de Goffman (2011) sobre a instabilidade e a impermanência da face nas situações sociais, Brown e Levinson (1987) apontam os riscos constantes que a face é submetida no contato com o outro. Sobre isso, continuamos a discutir na seção seguinte.

2.3.1 Face e Atos Ameaçadores da Face

Brown e Levinson (1987) desenvolvem, a partir da noção de face proposta por Goffman (2011), a noção de Atos Ameaçadores à Face (AAFs)¹⁵ como sendo “aqueles atos que, por sua natureza, são contrários às necessidades do ouvinte e/ou do falante” (Brown; Levinson, 1987, p. 313). Tais atos são realizados pelo falante que em seu turno de fala pode comprometer pelo menos uma das quatro faces em jogo na interação: a sua própria face positiva ou negativa; ou a face positiva ou negativa do ouvinte. Os autores destacam ainda que certos atos podem ameaçar concomitantemente a face positiva e negativa dos interlocutores. Nesse modelo, a polidez é compreendida “como um complexo sistema para suavizar atos ameaçadores” (Brown; Levinson, 1987, p. 1). Para os autores, as estratégias de polidez são recursos linguísticos que visam minimizar o poder ofensivo de um AAF.

Logo, a preservação ou a manutenção da face constitui uma atividade social estratégica. Em uma perspectiva pragmática, essa atividade intencional e interacional é realizada por meio de estratégias linguísticas socialmente compartilhadas, culturalmente situadas e adequadas ao contexto de fala, mobilizadas pelos interactantes para suavizar ameaças à face. Outra perspectiva que destacamos para o mesmo fenômeno encontra-se na Sociolinguística Interacional (SI), que considera que a eficácia dessas estratégias é coconstruída e negociada na interação, propondo a interpretação que considera o contexto sociocultural imediato, bem como as relações de poder e identidades em jogo.

Brown e Levinson (1987), em consonância com Goffman, concluem que naturalmente os interlocutores atuam de modo a cooperar com a manutenção da harmonia nas relações, observando em sua comunicação que sua própria face e a face alheia sejam mantidas na

¹⁵ No original: *Face Threatening Acts* – FTAs. (Tradução nossa).

interação. Não obstante, a face, imagem social dos indivíduos, está firmada em emoções e necessidades sociais e individuais que podem ser postas em risco devido à própria dinâmica da troca comunicativa entre sujeitos socialmente situados. Assim, mesmo que o contexto seja de cooperação mútua, muitos atos de fala constituem, por sua natureza intrínseca, em AAFs, uma vez que acionam vulnerabilidades ligadas à face em negociação.

Os atos que potencialmente ameaçam a face negativa do interlocutor são aqueles que podem restringir a autonomia de pensamento e ação do outro. Os atos que ameaçam a face positiva do interlocutor, por sua vez, indicam desaprovação, desinteresse e desconsideração por parte do falante. Há, ainda, os atos que ameaçam as faces negativa e positiva dos próprios falantes.

Culpeper e Terkourafi (2017) explicam que:

No esquema proposto por eles [Brown; Levinson, (1987)], uma das escolhas é entre realizar o AAF ou não realizar o AAF. Eles propõem cinco “superestratégias” (em vários níveis de indiretividade) que estão sistematicamente relacionadas ao grau de ameaça à face. Um ator racional – uma “pessoa modelo” (Brown; Levinson, 1987) – selecionará uma superestratégia apropriada para contrabalancear a ameaça à face esperada. As superestratégias são, da mais direta à mais indireta: (1) Bald-on-record, (2) Polidez positiva, (3) Polidez negativa, (4) Off-record, e (5) não realizar o AAF (Culpeper; Terkourafi, 2017, p. 21).¹⁶

Tendo em vista categorizar sistematicamente os AAFs, Brown e Levinson (1987), baseados na teoria dos Atos de Fala (Austin, 1962; Searle, 1969), elaboram uma categoria que distingue esses atos conforme a face que é potencialmente ameaçada (positiva ou negativa) e o alvo envolvido (falante ou ouvinte). Essa categorização nos serve como ferramenta analítica para categorizar e descrever o que está sendo ameaçado nas postagens, se a face positiva ou negativa da *TradWife* e, então, discutir como ocorre a ameaça (e.g. por meio de críticas, escárnio, zombaria, etc.). Assim, a classificação dos AAFs possibilita a análise das construções discursivas primariamente relacionadas à ameaça, à preservação/defesa e à ridicularização da face da *TradWife*.

O modelo de Brown e Levinson (1987) considera o par falante e ouvinte como participantes da troca comunicativa, tratando assim da face de caráter mais individual dos interlocutores. Em uma perspectiva ampliada, Helen Spencer-Oaetey (2007, p. 22) propõe que

¹⁶ No original: “In their scheme, one choice is between doing the FTA and not doing the FTA. They propose five ‘superstrategies’ (at various levels of indirectness) that are systematically related to the degree of face threat. A rational actor—a ‘Model Person’ (Brown and Levinson 1987)—will select an appropriate superstrategy to counterbalance the expected face threat. The superstrategies are, from direct to most indirect: (1) Bald-on-record, (2) Positive politeness, (3) Negative politeness, (4) Off-record, and (5) Don’t do the FTA”. (Tradução nossa).

a face seja compreendida como um “fenômeno complexo que necessita ser estudado de múltiplas perspectivas”¹⁷, o que permite incorporar o conceito às dimensões culturais, relacionais e identitárias para além do modelo binário de Brown e Levinson (1987).

Para Spencer-Oatey (2007), em consideração à interface com as teorias de identidade, a face pode “pertencer” a um indivíduo, como na abordagem de Brown e Levinson (1987), e ainda, pode referir-se a uma coletividade, assim como às relações interpessoais. A autora aponta similaridades entre os conceitos de face e identidade ao considerar aspectos cognitivos e sociais, uma vez que ambos se relacionam com a noção de imagem de si e seus múltiplos aspectos e atributos. No entanto, “a face está associada apenas aos atributos que são afetivamente sensíveis aquele que reivindica” (Spencer-Oatey, 2007, p. 10)¹⁸. Spencer-Oatey (2002) conceitua três tipos diferentes de face, são elas: face de qualidade, face de identidade social e face relacional.

A face de qualidade, ou individual, está relacionada ao valor atribuído às qualidades pessoais do indivíduo, como competências, conhecimentos e autoestima. Sobre isso, Barreto Filho e Fernandes (2023, p. 5) refletem que “quando uma qualidade individual do indivíduo é desafiada ou colocada à prova, a impolidez pode ser gerada justamente pela desvalorização ou ataque à face de qualidade do sujeito”.

A face de identidade social, por sua vez, relaciona-se à identidade compartilhada com grupos, instituições ou comunidades, “ou seja, não apenas a atributos individuais, mas ligados a papéis sociais ou identidades sociais” (Barreto Filho; Fernandes, 2023, p. 5). A face relacional, por seu turno, está ligada à avaliação do indivíduo nos papéis que desempenha nas interações sociais.

Barreto Filho e Fernandes (2023) diferenciam essas duas últimas faces apontadas por Spencer-Oatey (2002) com o seguinte exemplo:

podemos pensar numa situação de impolidez que envolve um insulto direcionado a uma profissão, como político, senador ou congressista. Nesse caso, a impolidez advém da face da identidade social, pois atinge um grupo social que não necessariamente se conhece e se relaciona. Um enunciado do tipo “todo político é ladrão” afeta potencialmente toda uma classe ou identidade social. Por outro lado, quando um membro de um grupo de amigos sente-se excluído ou destratado pelos outros membros desse grupo, a face atingida é a relacional, pois o atributo positivo atingido diz respeito à relação entre aqueles membros que são significativos uns para os outros (Barreto Filho; Fernandes, 2023, p. 6).

¹⁷ No original: “a complex phenomenon that needs to be studied from multiple perspectives.” (Tradução nossa).

¹⁸ No original: “face is only associated with attributes that are affectively sensitive to the claimant”. (Tradução nossa).

Assim, na perspectiva de Spencer-Oatey (2007), as situações de ameaça ou perda de face só ocorrem quando há uma discrepância percebida, por meio da interação, entre os atributos reivindicados e aqueles que são atribuídos pelos outros. Tal raciocínio nos permite inserir na discussão a face de identidade social da *TradWife*, isto é, a imagem pública que é reivindicada pelo grupo por meio da negociação interacional. Com isso, queremos dizer que atos impolidos que ameaçam a face não se dirigem apenas à face individual, mas também podem ter como alvo um grupo identitário.

Barreto Filho (2019) indica que em interações nas PRS, como o *Facebook*, os indivíduos “vestem a carapuça” diante de um ataque aos atributos do grupo ideológico ao qual se associam, inferindo, a partir disso, um ataque a si mesmos e respondendo com impolidez. Portanto, entendemos que os indivíduos que, não pertencendo necessariamente ao grupo, compartilham de seus valores e/ou se identificam ideologicamente tendem a agir em defesa da face coletiva quando esta é ameaçada.

Desse modo, a partir da noção de face de identidade social de Spencer-Oatey (2002), entendemos a possibilidade de estender as categorias de face positiva e negativa (Brown; Levinson, 1987) para a análise da impolidez dirigida a grupos identitários. Em nossa pesquisa, considerarmos que ameaças à face positiva do grupo atingem seus valores, práticas e estética, enquanto ataques à face negativa contestam sua autonomia e liberdade de escolha.

Os atos que potencialmente ameaçam a face negativa do interlocutor são aqueles que podem restringir a autonomia de pensamento e ação do outro. Nessa categoria, Brown e Levinson (1987) incluem:

- I. Atos que pressupõem algum ato futuro que o interlocutor vai realizar, ou deixar de realizar, a partir da insinuação ou espera do falante: ordens, pedidos, sugestões, conselhos, lembretes, ameaças, avisos e desafios.
- II. Atos que pressupõem algum ato positivo do falante em relação ao interlocutor de modo a pressionar o interlocutor a aceitar ou rejeitar e, possivelmente, endividar-se: ofertas e promessas.
- III. Atos que pressupõem alguma vontade, admiração, emoção intensa do falante em relação ao interlocutor ou a algo que ele possua, gerando uma pressão relacionada a proteção de si ou de seus bens; ou para corresponder à vontade do falante: elogios, expressões de inveja ou admiração, expressões de emoções fortes negativas (como ódio, raiva ou luxúria) que sugerem motivações para causar danos no interlocutor ou em seus bens (Brown; Levinson, 1987, p. 65-66).

Os atos que ameaçam a face positiva do interlocutor, por sua vez, indicam desaprovação, desinteresse e desconsideração por parte do falante. Esses atos dividem-se em duas categorias:

IV. Atos de avaliação negativa de algum aspecto da face positiva do interlocutor: o falante expressa uma avaliação negativa sobre um aspecto do interlocutor, atingindo sua necessidade de aprovação social. São expostos em forma de expressões de desaprovação, crítica, desprezo ou ridicularização, reclamações, acusações e insultos. O falante indica que não gosta e/ou deseja uma ou mais das vontades, atos, características pessoais, bens, crenças ou valores do outro. Também estão nessa categoria as contradições, desacordos e desafios. O falante contradiz ou discorda o outro, sinalizando que o percebe como errado, mal orientado ou não é razoável.

V. Atos de indiferença ou desconsideração à face positiva de seu interlocutor: o falante demonstra desinteresse em preservar a face do outro. Isso pode se dar por meio da expressão de emoções descontroladas, como o ódio e a raiva usadas para constranger ou amedrontar. Há também a falta de solidariedade, expressa em irreverência, incluindo inadequações ao contexto, interrupções ou demonstração de desatenção. Por fim, esses atos podem se materializar por meio de assuntos e notícias sensíveis, tópicos perigosamente emocionais (política, raça, religião, liberdade feminina) ou o compartilhamento de más notícias sobre o outro ou boas notícias sobre si, para se gabar (Brown; Levinson, 1987. p. 66-67).

Há, ainda, os atos que ameaçam as faces negativa e positiva dos próprios falantes.

Brown e Levinson (1987) os organizam da seguinte forma:

VI. Atos que atacam a face negativa do falante: ocorrem quando o falante compromete sua própria autonomia ou liberdade. Isso se dá em casos como ao fazer um agradecimento, o que implicitamente confere uma dívida ao falante; ao aceitar um agradecimento ou uma desculpa e ao pedir desculpa; ao lidar com um deslize do outro e ao relutantemente fazer uma promessa ou aceitar uma oferta.

VII. Atos que atacam a face positiva do falante: ocorrem quando o falante produz uma imagem negativa de si, prejudicando sua necessidade de ser respeitado e aceito socialmente. Ocorre ao pedir desculpas; aceitar um elogio; falhar no controle corporal; agir de modo incoerente; confessar culpa ou ignorância e ao exibir-se desregulado emocionalmente (Brown; Levinson, 1987, p. 67-68).

Com o intuito de facilitar a compreensão do conteúdo, apresentamos a tabela abaixo:

Tabela 1 – Atos Ameaçadores da Face (AAFs).

Face Ameaçada	Alvo em potencial	Categoria/Mecanismo	Exemplos
Face Negativa (autonomia; liberdade)	Ouvinte/Interlocutor	<u>Imposição de ação:</u> Pressupõe ato futuro do ouvinte.	Ordens, pedidos, sugestões, conselhos, lembretes.
Face Negativa (autonomia; liberdade)	Ouvinte/Interlocutor	<u>Produção de dívida:</u> Oferta algo que pressiona o ouvinte a aceitar ou rejeitar.	Ofertas, promessas.
Face Negativa (autonomia; liberdade)	Ouvinte/Interlocutor	<u>Pressão por vontade e/ou emoção:</u> Expressa vontade ou emoção que acarreta	Elogios, expressões de inveja, ódio, luxúria.

		obrigação ou medo	
Face Positiva (aprovação; valor)	Ouvinte/Interlocutor	<u>Avaliação negativa:</u> Desaprova a imagem e/ou os valores do ouvinte.	Críticas, insultos, acusações, desprezo, ridicularização, contradições, desacordos, desafios.
Face Positiva (aprovação; valor)	Ouvinte/Interlocutor	<u>Indiferença e/ou desconsideração:</u> Ignora ou desvaloriza a face do ouvinte.	Falta de solidariedade (interrupções, desatenção), assuntos sensíveis (política, religião), expressão de emoções fortes para constranger, dar más notícias e/ou gabar-se.
Face Negativa (autonomia; liberdade)	Falante/Locutor	<u>Comprometimento da própria autonomia/liberdade:</u> Colocar-se em posição de dívida ou obrigação com o outro.	Agradecer, aceitar agradecimento ou desculpas, pedir desculpas, aceitar relutantemente uma oferta ou promessa, lidar com um deslize alheio.
Face Positiva (Aprovação; valor)	Falante/Locutor	<u>Danificação da própria imagem:</u> Mostrar uma imagem negativa de si mesmo.	Pedir desculpas, aceitar elogios, perder o controle, agir de forma incoerente, confessar culpa ou ignorância.

Fonte: Adaptado de Brown e Levinson (1987, p. 65-68).

Os autores explicam que, ao realizar um AAF, aquele que o fez pode desejar manter a face dos envolvidos, pois há uma vulnerabilidade mútua no ato de ameaça à face. Em outras palavras, ao ameaçar a face alheia o falante expõe sua própria face arriscando sua imagem perante os outros. Para mitigar as consequências de um AAF, as estratégias de polidez são empregadas.

Conforme mencionado anteriormente na citação de Culpeper e Terkourafi (2017),¹⁹ Brown e Levinson (1987) propõem cinco superestratégias de polidez que variam do modo mais direto ao mais indireto de realizar um AAF, tendo em vista o grau de preocupação com a face do outro e com a mitigação da ameaça feita. Logo abaixo apresentamos as categorias conforme formuladas pelos autores:

I. Estratégia sem ação reparadora (*On record*): é quando o AAF é feito da

¹⁹ Citação presente na página 40, ainda nesta seção.

maneira “mais clara, inequívoca e concisa possível” (Brown; Levinson, 1987, p. 69). Não há uma tentativa de mitigar a ameaça à face do ouvinte causada ao realizar o AAF.

- II. Polidez positiva: é quando o AAF é feito explicitamente, acompanhado de uma ação reparadora tendo em vista mitigar a ameaça à face positiva do ouvinte. “O falante considera o ouvinte, em aspectos relevantes, como ‘igual’ a ele, com um conjunto de direitos e deveres e expectativas de reciprocidade” (Brown; Levinson, 1987, p. 70).
- III. Polidez negativa: é quando o falante, ao realizar a ameaça à face explicitamente em uma ação impositora sobre o ouvinte, busca uma ação reparadora ao preservar parcialmente a face negativa desse ouvinte, ou seja, sua liberdade de ação.
- IV. Estratégia indireta (*Off-record*): é quando o AAF é feito de maneira não clara, ambígua e implicitamente por meio de recursos linguísticos como insinuações, ironias, metáforas e contradições.
- V. Não realizar o AAF.

Desse modo, Brown e Levinson (1987) formulam uma concepção de polidez como um recurso a ser empregado em situações nas quais há necessidade de preservação da imagem dos participantes da interação. Contudo, em outras situações os interlocutores buscam atingir o outro em vez de preservar a face de ambos, o que pode ocorrer por um conflito de interesses (Culpeper, 2011).

A impolidez surge nesses casos nos quais a linguagem é empregada de modo contrário ao que é desejado pelo outro ou em que há desvios do que é esperado socialmente para uma dada situação comunicativa. Na próxima seção, apresentamos aspectos básicos da impolidez, fenômeno comum em interações conflituosas como as que compõem nosso *corpus* de análise. Cabe salientar que nosso objetivo não é tratar do fenômeno de modo exaustivo, mas apresentar as principais noções que serão úteis à nossa pesquisa.

2.4 Impolidez linguística

Com a consolidação dos estudos da polidez, a segunda onda teórica surgiu com o propósito de superar limitações das abordagens pioneiras, especialmente no que diz respeito ao foco no ato de fala como unidade de análise. Para os autores da segunda onda (Culpeper,

1996; 2011; Bousfield, 2007; Kerbrat-Orecchioni, 2010), a concepção interacional e discursiva da polidez amplia a investigação do fenômeno para além da descrição de recursos linguísticos, abarcando as funções comunicativas contextualizadas.

Para os estudiosos dessa fase, uma das principais críticas ao modelo de polidez concebido por Brown e Levinson (1987) está no foco predominante na forma, ou seja, ao priorizar a explicação das escolhas linguísticas de atenuação ou agravamento dos atos de fala, o modelo deixa em segundo plano os aspectos culturais e sociais específicos que regem a interação. Consequentemente, nuances contextuais deixam de ser apreendidas, pois são interpretadas como exceções às regras (Barreto Filho; Neves; Barros, 2019).

Os pesquisadores da segunda onda da polidez buscam, portanto,

[...] compreender, entre outras questões, o impacto dos status ou papéis sociais na seleção das estratégias de im/polidez, o papel das estratégias de im/polidez na própria definição desses status, a natureza formulaica de muitas dessas estratégias ou o impacto de instituições sociais (escola, mídia, exército, religião, comércio) na criação e incorporação de estratégias de im/polidez como parte do habitus, na acepção de Bourdieu (2006[1979]) (Eelen, 2001; Terkourafi, 2005; Watts, 2005 *apud* Cunha; Oliveira, 2020, p. 148).

Logo, a “virada discursiva”, como é conhecido o movimento de integração de aspectos sociais contextualizados no emprego da impolidez, redireciona o foco estrito na forma linguística para a linguagem como prática social. O linguista Jonathan Culpeper, um dos precursores nos estudos da impolidez, propõe a investigação de uma importante lacuna deixada pela primeira onda: as estratégias de intensificação dos ataques à face, ou seja, a impolidez. Culpeper (2011) conceitua o fenômeno nas seguintes palavras:

A impolidez é uma atitude negativa em relação a comportamentos específicos que ocorrem em contextos específicos. Ela é sustentada por expectativas, desejos e/ou crenças sobre a organização social, incluindo, em particular, como as identidades de uma pessoa ou de um grupo são mediadas por outras na interação. Comportamentos situados são vistos negativamente – considerados “impolidos” – quando conflitam com a forma como se espera que sejam, como se deseja que sejam e/ou como se pensa que deveriam ser. Tais comportamentos sempre têm ou presume-se que tenham consequências emocionais para pelo menos um participante, ou seja, causam ou presume-se que causem ofensa. Vários fatores podem exacerbar o quão ofensivo um comportamento impolido é percebido, incluindo, por exemplo, se se entende que um comportamento é fortemente intencional ou não (Culpeper, 2011, p. 23).²⁰

²⁰ No original: “*Impoliteness is a negative attitude towards specific behaviours occurring in specific contexts. It is sustained by expectations, desires and /or beliefs about social organisation, including, in particular, how one person’s or a group’s identities are mediated by others in interaction. Situated behaviours are viewed negatively– considered ‘impolite’– when they conflict with how one expects them to be, how one wants them to be and/or how one thinks they ought to be. Such behaviours always have or are presumed to have emotional consequences for at least one participant, that is, they cause or are presumed to cause offence. Various factors*”

Ao evidenciar a mediação da identidade por meio das relações interpessoais, Culpeper (2011) considera o conceito de face de identidade social (*Social Identity Face*), de Spencer-Oatey (2002, p. 540), que diz respeito ao “desejo fundamental que as pessoas reconheçam e valorizem nossas identidades e papéis sociais, por exemplo, como líder de grupo, cliente valorizado, amigo próximo”.²¹ Para dar conta de aspectos individual, relacional e grupal, Culpeper adota o modelo de Spencer-Oatey (2002; 2005), repensando elementos fundamentais em seus estudos sobre a impolidez, como a noção de face.

O ato de mediar a identidade de uma pessoa ou grupo durante a interação indica que os participantes interpretam, avaliam, negociam sentidos e constroem uma “versão” dessa identidade, que pode ser positiva ou negativa, e que é sustentada no discurso. De modo complementar, Hall (2000) discorre sobre as representações como materializações das identidades construídas discursivamente, em um processo sempre inacabado que apela para o reconhecimento e a identificação por meio da interpelação discursiva.

Para Culpeper (2011), os atos impolidos podem estar direcionados não apenas à face mais “individual” dos participantes, mas também à identidade de grupos. Como afirma o autor, “toda impolidez tem a função geral de reforçar ou opor-se a identidade específicas, relações interpessoais, normas sociais e/ou ideologias” (Culpeper, 2011, p. 252)²². Assim, a face de identidade social (Spencer-Oatey, 2002), incorporada à perspectiva de Culpeper, permite admitir que a impolidez não tem necessariamente como alvo os participantes presentes na interação. Tal compreensão aproxima-se da proposta de Goffman (2002 [1959]; 1981) que, ao expandir a noção de interação para além do par falante-ouvinte, conceitua as estruturas de participação (*participation frameworks*), incluindo a definição de plateia (*audience*). Nessa perspectiva, a performance social é moldada considerando além dos interactantes diretos, a presença e avaliação de uma audiência que pode influenciar a dinâmica relacional e a interpretação dos atos impolidos.

Culpeper (2011) propõe um meio para identificar se a face de identidade social está ameaçada em uma interação potencialmente impolida ao sugerir o seguinte questionamento:

can exacerbate how offensive an impolite behaviour is taken to be, including for example whether one understands a behaviour to be strongly intentional or not” (Tradução nossa).

²¹ No original: “We have a fundamental desire for people to acknowledge and uphold our social identities or roles, e.g. as group leader, valued customer, close friend” (Tradução nossa).

²² No original: “All impoliteness has the general function of reinforcing or opposing specific identities, interpersonal relationships, social norms and/or ideologies” (Tradução nossa).

a interação evoca um entendimento de que algo contraria valores positivos que um participante reivindica não apenas ter em comum com todos os outros membros de um determinado grupo, mas também ser assumido como tal pelos outros participantes? (Culpeper, 2011, p. 29)²³

Culpeper (2011) busca fundamentações para sua teoria na Pragmática; contudo, acrescenta à abordagem uma visão interacional e discursiva de investigação da impolidez, buscando criar um inventário de estratégias e compreender as funções comunicativas dessas estratégias em contextos precisos (Cunha; Oliveira, 2020). Nessa perspectiva, a face é compreendida como uma imagem da identidade social, composta pela face, o desejo de ser respeitado por suas qualidades, e pela face de identidade social, relacionada com a necessidade de pertencimento e reconhecimento pelo grupo. Nesse sentido, a impolidez está ligada às dinâmicas de construção, afirmação e ataque às identidades sociais postas em jogo nas interações (Oliveira, 2005).

Blitvich e Sifianou (2019, p. 94) acreditam que a impolidez “pode ocorrer quando a identidade que os participantes estão tentando co-construir e/ou os atributos positivos a ela associados não são verificados”.²⁴ Assim sendo, as avaliações de impolidez podem ser relacionadas diretamente à identidade. No entanto, as autoras acreditam que mais pesquisas devem ser feitas para a compreensão da relação entre face, identidade e impolidez.

Outro fator importante no processo de interpretação da impolidez é o componente social. Conforme a definição de impolidez de Culpeper (2011), comportamentos são vistos como impolidos quando entram em conflito com as expectativas sociais, isto é, como se espera, deseja ou acredita que alguém, ou um grupo, deva ser tratado. Logo, a impolidez atua na direção contrária ao que é desejável socialmente, violando as “normas sociais de comportamento” (Culpeper, 2011, p. 23). Esse comportamento linguístico serve frequentemente como uma ferramenta para atacar, deslegitimar ou reposicionar a identidade e o lugar social do interlocutor.

Para Culpeper (1996), há maior probabilidade em ocorrer ataques impolidos em circunstâncias nas quais o interesse na manutenção mútua da face está enfraquecido, como é o caso de situações nas quais há assimetria de poder acentuada, em conflitos de interesse com disposição nítida em atacar a face do outro, ou em relações de igualdade e intimidade entre os

²³ No original: “does the interaction evoke an understanding that something counters positive values which a participant claims not only to have in common with all other members in a particular group, but to be assumed by other participant(s) as having?” (Tradução nossa).

²⁴ No original: “may ensue when the identity participants are trying to co-construct and/or the positive attributes associated with it are not verified”. (Tradução nossa).

interactantes.

Assim, partimos da concepção de que a impolidez emerge da interação situada em um contexto sócio-histórico e que pode ser identificada e compreendida por meio de elementos linguísticos associados a essa situação interativa específica (Culpeper; Hardaker, 2017). Nessa perspectiva, segundo Culpeper (2005), a impolidez envolve tanto a percepção de intencionalidade do locutor quanto do interlocutor. O autor indica que a impolidez ocorre quando: o locutor produz o ataque à face intencionalmente; quando o interlocutor percebe o comportamento como intencionalmente um ataque à face ou quando ocorre uma combinação dessas duas situações (Culpeper, 2005). Todavia, a intencionalidade não é uma condição necessária para a impolidez, visto que há atos comunicativos interpretados como impolidos feitos de modo acidental e não premeditado (Culpeper; Hardaker, 2017). Para os autores, a intencionalidade trata-se de um aspecto mental do locutor ou de uma percepção inferida pelo interlocutor.

Para nossa análise, o foco analítico não está na intenção mental dos interactantes em produzir construções mais ou menos polidas. Ao invés disso, buscamos compreender como eles sinalizam suas interpretações e avaliações dos atos de seus interlocutores como impolidos na dinâmica da interação. Para isso, nos valem da categoria da SI de pistas de contextualização (Gumperz, 1982) para captar essas interpretações e negociações feitas na troca comunicativa.

Portanto, podemos considerar que a intenção, nos termos expostos e em nossa análise, é inferida mediante sua presença no cotexto (Culpeper; Hardaker, 2017), que indica a ligação entre os termos linguísticos mobilizados na comunicação e a observação de seus efeitos no interlocutor. Culpeper (2003) aponta algumas das atitudes diante de um ato impolido: reagir ou não reagir. Caso reaja, há a possibilidade de contra-ataque ou aceitação; caso haja o contra-ataque, este se dá por uma ofensiva ou defensiva. Em combinação com o contexto que, em nossa pesquisa, é caracterizado sobretudo pelas orientações ideológicas em disputa, as ferramentas da SI fornecem elementos para uma perspectiva da impolidez sem contato específico com aspectos psicológicos. Desse modo, reafirmamos nosso foco nos processos intersubjetivos observáveis na negociação que se dá na e pela interação.

Nota-se a complexidade em apreender o que é, de fato, impolido quando há uma série de fatores, como linguísticos, cognitivos, contextuais, culturais e situacionais envolvidos na efetivação do fenômeno da impolidez. Culpeper (2016), em um estudo mais recente no qual reavalia o percurso de sua teoria da impolidez, tece uma autocrítica quanto à noção de explicitação e direcionamento da impolidez. O autor reflete que os estudos iniciais acerca da

impolidez possuíam como unidade de análise os atos de fala, baseados na teoria de Searle (1975).

Segundo Culpeper (2016), a noção de diretividade (*notion of directness*) proposta por Searle (1975) diz respeito à (in)compatibilidade entre sintaxe e ato de fala, aspecto que aponta a problemática da diretividade da impolidez. Assim, o autor recorre a Grice para pensar em como o significado está explícito no enunciado por meio das sinalizações feitas, é o que ele chama de “explicitude pragmática” e está baseada em três fatores: o ponto ilocutório, o alvo e o conteúdo semântico. Culpeper (2016) exemplifica da seguinte forma:

A transparência se perde quando um ato de fala não é realizado por meio do tipo de sentença base dele, ou, mais amplamente, quando um ato é realizado por meio da execução de outro, por exemplo, dizer que alguém não está ficando quieto (uma assertiva) para implicar que ele deveria estar (ou seja, um pedido). A transparência do alvo também pode aumentar a explicitude. Compare "Fique quieto!" com "Você, fique quieto!" O segundo exemplo é mais explícito ao identificar o alvo por meio do uso do pronome "você". E a transparência do conteúdo semântico também pode aumentar a explicitude: compare "Fique quieto!" com "Fique em silêncio!" Nesse caso, "quieto" tem uma correspondência mais próxima com o estado desejado do que a perífrase "em silêncio". [...] O ponto do argumento aqui é sugerir que a noção de diretividade foi concebida de forma muito estreita, e que seria melhor considerá-la em termos de uma série de contínuos que contribuem para a explicitude. Infelizmente, ainda não estamos livres das dificuldades (Culpeper, 2016, p. 430-431)²⁵.

Como exposto por Culpeper (2016), a diretividade, isto é, o que diz respeito ao alvo de estratégias impolidas, está permeada por nuances linguísticas interligadas a uma rede complexa de processamento de mensagens que nos permite produzir, enunciar, inferir e avaliar não somente o que é dito, mas os sentidos produzidos nesse processo. Assim, o autor propõe que a diretividade seja compreendida como um conjunto de contínuos que, em níveis variados, contribuem para a explicitude dos enunciados.

A partir da crítica de Culpeper (2016) à teoria da impolidez, entendemos que, no contexto de análise nas interações digitais, a problemática da diretividade se acentua, pois a presença do aparato gestual que habitualmente nos valem para sinalizar o que pretendemos

²⁵ No original: “*The transparency of the illocutionary point is roughly what Searle was talking about. Transparency is lost when a speech act is not achieved through its base sentence type, or more broadly, where one act is achieved through performing another, for example, saying that somebody is not being quiet (an assertion) to imply that they should be (i.e. a request). The transparency of the target can also increase explicitness. Compare Be quiet! with You be quiet! The latter example is more explicit in picking out the target through the use of you. And the transparency of the semantic content can also increase explicitness: compare Be quiet! with Be noiseless! In this case, quiet has a closer match with the desired state than the cir-cumlocution noiseless. [...] The point of the argument here is to suggest that the notion of directness has been too narrowly conceived, and that it would be better to consider it in terms of a number of continua that contribute to explicitness. We are not, unfortunately, out of the woods yet*”. (Tradução nossa).

em nossa fala é restrita ou ausente. Nos comentários em PRS, a explicitude pragmática (Culpeper, 2016) precisa ser construída quase exclusivamente por meio de recursos linguísticos e tipográficos, o que entendemos como manifestações das pistas de contextualização de Gumperz (1982).

Cabe destacar que Culpeper (2011, p. 257) enfatiza que “a expressão de impolidez e/ou sua compreensão não se restringem ao uso de fórmulas ou mesmo estratégias convencionais”, o que nos indica a necessidade de abordar aspectos interacionais e contextuais envolvidos na negociação de significados, como propõe a SI. Da mesma forma, não há uma relação direta e fixa entre forma e função. Um mesmo ato impolido pode funcionar sob variadas funções; o que define sua interpretação estável é o contexto interacional.

De modo complementar à Brown e Levinson (1987) e suas superestratégias de polidez como meios usados para atenuar a ameaça à face, Culpeper (1996; 2005; 2017), ao longo de seus estudos, propõe as superestratégias de impolidez, que estão ligadas ao interesse intencional e estratégico em ameaçar a face individual, bem como outros aspectos da identidade social do outro. Após revisões e ajustes feitos pelo estudioso ao longo dos anos, a versão mais recente das superestratégias de impolidez é listada do seguinte modo:

- I. **Impolidez direta (*Bald on record impoliteness*):** o AAF é feito de modo direto, claro, inequívoco e conciso, em circunstâncias em que a face não é irrelevante ou minimizada. O autor diferencia essa estratégia de impolidez da estratégia de polidez sem ação reparadora, de Brown e Levinson (1987) pela circunstância de que nesta o objetivo do falante não é atacar o ouvinte, sendo usada em situações onde as preocupações com a face são suspensas em caráter emergencial e quando a ameaça à face do ouvinte é mínima.
- II. **Impolidez positiva:** uso de estratégias concebidas para danificar os desejos de face positiva do outro.
- III. **Impolidez negativa:** uso de estratégias concebidas para danificar os desejos de face negativa do outro.
- IV. **Impolidez encoberta (*Off-record impoliteness*):** o AAF é feito por meio de uma implicatura, mas de tal modo que uma intenção específica claramente se sobrepõe a quaisquer outras.
- V. **Retenção de polidez (*Withhold politeness*):** ausência de polidez onde ela seria esperada. O autor explica que Brown e Levinson (1987) recorre às implicaturas nessa estratégia, pois a polidez deve ser comunicada, e caso não seja, pode ser considerada como impolidez.

Metaestratégia de impolidez

Sarcasmo ou polidez falsa (*mock politeness*): O AAF é feito por meio de estratégias de polidez que são nitidamente falsas e que, por essa razão, aparentam ser superficiais.
(Culpeper, 2017, p. 208-209).

Além das superestratégias de impolidez propostas por Culpeper, o autor organiza um

conjunto de estratégias de impolidez positiva e negativa sem, no entanto, pretender esgotá-las. São elas:

Estratégias de impolidez positiva:

- Ignore, menospreze o outro – não reconheça a presença do outro.
- Exclua o outro de uma atividade.
- Desassocie-se do outro – por exemplo, negue qualquer associação ou ponto em comum com o outro; evite sentar-se junto.
- Seja desinteressado, indiferente e antipático.
- Use marcadores de identidade inapropriados – por exemplo, use título e sobrenome em interação com alguém próximo ou apelido em interação com alguém distante.
- Use linguagem obscura ou sigilosa – por exemplo, desconcerte o outro com o uso de jargão ou use um código conhecido por outros membros do grupo, menos pelo alvo da impolidez.
- Busque discordância – selecione um tópico sensível ou delicado.
- Faça o outro se sentir desconfortável – por exemplo, não evite silêncio, faça brincadeiras inconvenientes ou inicie uma conversa inconveniente (*small talk*).
- Use palavras tabu – xingue ou use linguagem abusiva ou profana.
- Insulte o outro – use uma denominação pejorativa para chamar o outro.
- etc.

Estratégias de impolidez negativa:

- Assuste – faça o outro acreditar que uma ação prejudicial ocorrerá para ele.
- Seja condescendente, despreze ou ridicularize – enfatize seu poder relativo. Seja desdenhoso. Não trate o outro seriamente. Diminua o outro (use diminutivos).
- Invada o espaço do outro – literalmente (posicione-se mais perto do outro do que a relação permite) ou metaforicamente (faça perguntas ou aborde informação que é muito íntima de ser abordada com o outro).
- Explicitamente associe o outro a um aspecto negativo – personalize, use pronomes ‘eu’ e ‘você’.
- Faça o outro se sentir em dívida com você.
- etc. (Culpeper, 2016, p. 357-358)²⁶.

Sobre a avaliação da impolidez na abordagem de Culpeper (2011), Cunha (2019) explica que a avaliação de um participante sobre a impolidez de um determinado comportamento é influenciada preponderantemente pela posição social que ele ocupa em

²⁶ No original: “**Positive impoliteness output strategies:** Ignore, snub the other - fail to acknowledge the other's presence. Exclude the other from an activity Disassociate from the other - for example, deny association or common ground with the other; avoid sitting together. Be disinterested, unconcerned, unsympathetic. Use inappropriate identity markers - for example, use title and surname when a close relationship pertains, or a nickname when a distant relationship pertains. Use obscure or secretive language - for example, mystify the other with jargon, or use a code known to others in the group, but not the target. Seek disagreement - select a sensitive topic. Make the other feel uncomfortable - for example, do not avoid silence, 7 joke, or use small talk. Use taboo words - swear, or use abusive or profane language. Call the other names - use derogatory nominations. etc. **Negative impoliteness output strategies:** Frighten - instill a belief that action detrimental to the other will occur. Condescend, scorn or ridicule - emphasize your relative power. Be contemptuous. Do not treat the other seriously. Belittle the other (e.g. use diminutives). Invade the other's space - literally (e.g. position yourself closer to the other than the relationship permits) or metaphorically (e.g. ask for or speak about information which is too intimate given the relationship). Explicitly associate the other with a negative aspect - personalize, use the pronouns 'I' and 'you'. Put the other's indebtedness on record etc.” (Tradução nossa).

relação aos outros e aos diferentes grupos sociais.

No que tange ao contexto, temos o cenário das PRS, em específico, o *Instagram*, como ambiente *on-line* mediado pelos algoritmos que ampliam as dinâmicas de polarização cultural e política (Santaella, 2019). Nesse contexto, as discussões em torno da identidade da *TradWife* são marcadas por embates sociais que revelam a capacidade amplificadora das plataformas, haja vista que se trata de um fenômeno que avança nos espaços digitais (Pereira; Abrão, 2024; Mattheis, 2023; Proctor, 2022).

Segundo Gumartifa (2022), o fenômeno da polidez e a Sociolinguística não podem ser separados uma vez que a comunicação é perpassada por elementos sociolinguísticos que influenciam na atitude linguística dos falantes. Assim, os pressupostos goffmanianos vão ao encontro dessa discussão interdisciplinar, na medida em que o autor considera a estrutura interacional e seus componentes relativos aos aspectos físicos, sociais e culturais que permeiam a interação que se dá pela linguagem.

Do mesmo modo, as contribuições de Gumperz (1982), nome ligado aos primeiros estudos em SI, nos são caras. A teoria da contextualização, desenvolvida por ele, refere-se ao funcionamento dos processos inferenciais em torno da construção de sentidos por parte dos interactantes no momento da interação. O aparato teórico de Gumperz (1982) nos é útil na medida em que compreendemos a impolidez pela perspectiva discursiva e sociointeracional, que considera o fenômeno como uma avaliação ligada à percepção de construções impolidas pela visão dos interactantes.

Em outras palavras, o pesquisador, ao optar pela perspectiva sociointerativa de compreender o fenômeno da impolidez, deve se ater a como os interactantes percebem a impolidez no momento da comunicação. Para isso, o contexto, que na visão da SI, é construído, interpretado e negociado entre os interlocutores, está atrelado às pistas de contextualização.

Tendo em vista que a impolidez, como visto, atua no reforço ou na oposição a identidade e normas sociais, seguimos, na sequência, a discussão sobre as possíveis articulações teóricas entre a impolidez e os estudos das representações identitárias.

2.5 ARTICULAÇÕES ANALÍTICAS: IMPOLIDEZ, REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS E IDEOLOGIA

Nas seções anteriores, apresentamos as categorias de impolidez que constituem nossos principais instrumentos analíticos, associando a abordagem pragmática à verificação de

elementos interacionais propostos na Sociolinguística Interacional (SI). Esta seção tem como objetivo articular três eixos importantes para a análise das disputas em torno da identidade da *TradWife*: as estratégias de impolidez; a construção negociada das identidades; e as inclinações ideológicas dos discursos que interagem nessa negociação. Para isso, consideramos a concepção de identidade como um processo realizado pela língua e negociado na relação com o outro por meio da diferença (Hall, 2006). Em contextos polarizados politicamente e culturalmente, como nas discussões sobre a *TradWife*, essa diferença fomenta conflitos discursivos, circunstâncias nas quais as estratégias de impolidez atuam na afirmação, negociação ou negação da identidade em disputa.

Segundo Hall (1997), o processo de negociação de sentidos se dá no campo das representações. Nessa perspectiva, a representação é o elo que liga o significado e a linguagem à cultura, pois “as coisas não significam: nós construímos sentidos, usando sistemas representacionais – conceitos e signos” (Hall, p. 25, 1997). Por cultura, Hall a concebe como um sistema de significados compartilhados que organiza e regula a vida social ao influenciar os comportamentos de um grupo, bem como as narrativas que este produz de si e dos outros (Silva, 2014).

A linguagem, nessa concepção, assume o papel de ser o meio pelo qual o significado é produzido, e esse processo ocorre por meio da representação. No entendimento situado nos Estudos Culturais nos quais Stuart Hall está inserido, o enfoque está na dimensão significativa na qual a linguagem opera como um sistema representacional que possibilita a existência do diálogo e “a construção de sentidos e visões de mundo compartilhadas” (Silva, 2021, p. 52).

Como postula Silveirinha (2021, p. 150), há uma “imbricação entre identidade e representação” tão forte que ambas são “dois lados da mesma moeda”, e suas “trocas comunicacionais” são “lutas pelo sentido” envolvidas em “questões de poder”. O ato de representar uma identidade é um ato de poder; Silva (2014, p. 52) explica que “é privilégio dos que detêm o poder de representar assumir o poder de definir e determinar a identidade”.

Nessa dinâmica, “a diferença equivale a questionar os sistemas de representação que lhes dão suporte” (Silva, 2014, p. 52). Logo, a disputa em torno da identidade da *TradWife* trata-se também de uma disputa pelo poder de definição que expõem aspectos hegemônicos culturais calcados em uma sociedade patriarcal.

Para Tomazi e Cunha (2017, p. 178) “o poder é uma característica inerente à relação de grupos”. Em discussões, grupos de indivíduos propensos ou assumidamente favoráveis ao pensamento conservador e patriarcal tendem a construir e a representar, em seus discursos, a identidade da *TradWife* como sendo parte da “essência feminina”, defendendo a necessidade

de retorno a esse modelo. Em oposição, grupos que apoiam o avanço de pautas tidas como progressistas, em uma sociedade de base conservadora e patriarcal, tendem a representar a identidade dessas mulheres como um “retrocesso”, com potencial danoso às conquistas sociais femininas alcançadas.

A concepção de identidade como construção social altamente negociável na interação, emergente e em grande parte coconstruída (De Fina, 2006) posiciona a linguagem, em sua forma mais ampla, em destaque nesse processo. Por meio das escolhas linguísticas os participantes da interação materializam o embate entre essas representações polarizadas e antagônicas, alinhando-se a um desses polos, contestando o outro e, assim, constituindo uma disputa ativa pelo sentido em torno da identidade da *TradWife*.

Tal disputa evidencia aspectos que se relacionam com a ideia de estabelecimento e sustentação de relações de poder no que tange ao controle simbólico de uma representação. Trata-se, portanto, de um processo ideológico. A identidade pensada como uma “essência feminina” relacionada a atributos dóceis, gentis e passivos é contestada pela perspectiva de se tratar de uma construção motivada ideologicamente a ser desconstruída. Assim, as representações conflituosas expõem formas de operação ideológicas na linguagem, uma vez que visam fixar ou deslocar sentidos favoráveis a uma determinada visão de mundo e de sociedade entendida como ideal.

Nesse processo, que se dá por meio da linguagem, as estratégias de impolidez funcionam como índice para os deslocamentos de significados apoiados em posições ideológicas e políticas. Desse modo, a concepção de identidade como sendo uma construção social negociável e coconstruída na interação evidencia elementos linguísticos que permeiam essa atividade. Além disso, também aponta para os participantes dessa troca social e para a diferença entre seus respectivos posicionamentos sociais, isto é, para suas posições de sujeito.

Devido à relevância de compreender a linguagem em uso, assim como os sujeitos que fazem uso dela, a Pragmática nos parece adequada nesse processo, sobretudo no que diz respeito aos estudos da impolidez como ferramenta de negociação.

Tendo apresentado como as noções abordadas funcionam de modo combinado, na seção subsequente apresentamos o conceito de representação adotado, bem como abordamos o processo de construção da identidade na e pela interação discursiva que movimenta os sentidos sobre a identidade da *TradWife* no *Instagram*.

2.6 REPRESENTAÇÃO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM INTERAÇÃO

Em uma perspectiva macro e sociológica, o teórico cultural e sociólogo Stuart Hall (2006) descreve a condição da identidade na pós-modernidade em contraposição à visão essencialista, atrelando sua concepção à ideia de um processo provisório de identificação.

O autor distingue três concepções de identidade: o sujeito do Iluminismo, possuidor de um núcleo interior centrado e unificado que o acompanha desde o nascimento, desenvolvendo-se sem, no entanto, mudar sua essência; o sujeito sociológico, que reconhece ser formado em relação aos outros, com a identidade formada pela interação entre o eu e a sociedade; e o sujeito pós-moderno, cuja identidade é descentrada, deslocada ou fragmentada, não possuindo uma identidade permanente, mas provisória.

Para Hall (2006), o sujeito pós-moderno possui uma identidade não unificada de modo a criar um “eu” coerente, mas formada e transformada continuamente a depender das formas pelas quais é representado ou interpelado no sistema cultural ao qual está inserido. O autor explica que:

[...]o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (Hall, 2006, p.13).

Desse modo, para Hall (2006), a ideia de identidade fundada na essência do indivíduo, unificada, coerente e permanente trata-se de uma fantasia. Na contemporaneidade, com a popularização e aceleração dos contatos sociais pelas mídias digitais, somos expostos a uma variedade de identidades com as quais podemos nos identificar, ainda que temporariamente e/ou a depender da situação e dos interesses envolvidos, reiterando a noção cambiante da identidade.

Assim, Hall (2006) entende a identidade como fluida, múltipla e provisória. Tais características apontadas por Hall corresponde a um processo de mudança das estruturas centrais das sociedades modernas que se dá de modo contínuo, rápido e permanente em decorrência da globalização, ocasionando uma “crise de identidade”.

No contexto das PRS, a condição de multiplicidade de identidades tende à amplificação e potencialização. Isso ocorre porque esses espaços comportam uma variedade de situações sociais que funcionam como múltiplos palcos (Goffman, 2002), nos quais os indivíduos gerenciam performances identitárias específicas, a depender da situação em curso

e ao que está socialmente em jogo. Assim, cada encontro nas PRS pode demandar do indivíduo a mobilização de uma fachada (Goffman, 2002) distinta, isto é, a apresentação situacional de uma identidade específica perante o outro.

Entendemos que é nesse território *on-line*, no qual os sentidos estão em negociação constante, que a identidade da *TradWife* é representada e disputada discursivamente. Segundo Hall (2016), a representação é a prática social pela qual produzimos e compartilhamos significados na cultura, expressando pensamentos e sentimentos por meio da linguagem. Assim, a representação constitui um elo que liga o sentido e a linguagem à cultura. Trata-se de um processo ativo e constitutivo, conforme Moraes (2019), que explica, a partir da teoria de Hall, que os discursos operam como redes de significação que interpelam os sujeitos.

Segundo Moraes (2019),

desde o entendimento de que os discursos constituem-se como redes de significações, Hall considera que os mesmos são tomados pelos sujeitos para se auto interpretar e acabam por produzi-los. A interpelação acontece quando o sujeito se reconhece a partir dos discursos. Ele os toma como algo que lhe diz respeito, identifica-se e produz-se como um sujeito daquele modo, compreende e explica a si e ao mundo a partir daquele regime de verdade (Moraes, 2019, p. 168).

Dessa forma, as representações têm impactos sérios sobre as identidades (Hall, 2000), uma vez que as interpretações que circulam nos discursos e por meio da cultura interpelam os sujeitos por meio do reconhecimento que afeta a forma como representam a si mesmos. A linguagem, enquanto espaço cultural partilhado em que ocorre a produção de significados por meio da representação (Santi; Santi, 2008), é o meio no qual ocorre o processo de interpelação por discursos e a subsequente identificação.

Cabe destacar que a linguagem, nessa ótica, vai além da língua falada ou escrita, abrangendo outros signos pelos quais comunicamos ideais: imagens, sons, gestos, pinturas, vestimentas, etc. Dito de outro modo, a representação é uma atividade cognitiva ligada a conceitos mentais produzidos social e culturalmente e que são materializados pela linguagem. Isso posto, assumimos que o embate discursivo em torno da *TradWife* se trata de uma disputa que se dá por meio das representações dessa identidade no contexto das PRS que, por sua vez, produzem embates mais amplos sobre os papéis de gênero que compõem a estrutura social.

Para Hall (1997, p. 2), cultura é um “conjunto de valores ou significados partilhados”, isto é, a cultura relaciona-se com ideias, conceitos e sentimentos compartilhados, produzindo o senso de pertencimento entre grupos ou sociedade. Para Hall (2006), a concepção de identidade está ligada ao sentido das coisas, que é continuamente reelaborado pelo contato

com o outro, por nossas experiências e pelo contexto social. Nessa perspectiva, a identidade não é um atributo interno e fixo, mas construído nesse campo cultural em um processo relacional e mutável que ocorre por meio da representação. A identidade é, assim, “o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos ‘interpelar’ [...] e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades que nos constroem como sujeitos” (Hall, 2000, p. 111-112).

Portanto, é no interior das representações que as identidades sociais devem ser pensadas, como resultantes de processos de reconhecimento de si nas definições que circulam nos discursos culturais (Hall, 2000). Considerando a linguagem, em seu aspecto mais amplo, como sistema de representação, Hall (1997) faz uma distinção entre duas abordagens analíticas: a semiótica e a discursiva.

A abordagem semiótica, de influência saussuriana, fornece as bases para a compreensão do signo e dos níveis de significação, denotativo e conotativo. Foi no desdobramento conotativo, mais amplo e difuso, onde os significados se associam à cultura, ao conhecimento e à história, que o semiólogo Roland Barthes identificou a imbricação de fragmentos de ideologia no processo de significação. É por essa via que o arcabouço cultural permeia o sistema de representação (Santi; Santi, 2008).

Contudo, Hall prioriza a abordagem discursiva, por “sua preocupação com os efeitos e consequências da representação – como o conhecimento produzido pelos discursos incide sobre as condutas” (Santi; Santi, 2008, p. 3). Para essa perspectiva, o significado é sempre negociado e moldado situacionalmente. Assim sendo, a representação só pode ser propriamente analisada em sua materialidade concreta: nos “sinais, símbolos, figuras, imagens, narrativas, palavras e sons” onde o significado simbólico circula (Santi; Santi, 2008, p. 3).

Hall (2006) destaca que características sociais comuns, como o gênero, organizam os indivíduos em grupos. No entanto, essa identificação coletiva não se dá automaticamente, mas de modo politizado, uma vez que “a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado” (Hall, 2006, p. 21). Tal processo dá origem a uma “política de diferença”, na qual os significados e valores dos grupos são constantemente disputados.

O embate acerca da *TradWife* é um exemplo dessa política de diferença na prática. Nas PRS, esse processo é intensificado, pois o indivíduo é alvo de uma interpelação constante, conduzida pelos algoritmos, pela arquitetura da plataforma, pelas propagandas que ali circulam e por outros usuários, que podem atuar como influenciadores digitais, induzindo comportamentos e modos de pensar por meio do conteúdo propagado.

Além disso, as PRS apresentam configurações de funcionamento que afetam a circulação de conteúdos e que potencializam debates de conteúdo político (Recuero et al., 2011). Temas que envolvem papéis de gênero, como o fenômeno da *TradWife*, exploram justamente esse ecossistema polarizante a fim de promover reações de engajamento no público. A polarização pode ser compreendida pelo o que Hall (2006) chama de política da diferença, isso é, mobiliza a disputa pelo sentido e valor social atribuído às identidades coletivas. Nessa dinâmica, as estratégias de impolidez configuram-se em prol da ratificação ou contestação da identidade em disputa. Proteger a face do outro pode indicar, muitas vezes, uma forma de ratificar a identidade social que é reclamada pelo locutor.

Não obstante, faz-se necessário ir além do plano interacional para compreendermos o caráter polarizado dessas disputas pelos sentidos. Para isso, devemos direcionar o olhar analítico para as forças estruturais que moldam essas disputas. Como Hall (1997) evidencia, a mídia, e, por extensão, as PRS, propiciam representações hegemônicas que problematizam diferenças e determinam quais modelos de ser são produzidos e circulam socialmente (Moraes, 2019). Nesse ponto, a discussão sobre representações encontra as relações de poder e se aprofunda na noção de sujeito. Para tratar desses desdobramentos, Hall (1997) se baseia em Foucault para pensar a centralidade do sujeito no uso e funcionamento da linguagem e as influências do poder sobre o discurso, que refletem na formação do conhecimento (Santi; Santi, 2008).

Tendo em vista o exposto, as representações sobre a *TradWife* não são dispersas ou aleatórias, sendo estas organizadas em posições discursivas estruturadas e conflitantes. Para os fins desta análise, consideramos que essas posições estão fundamentadas principalmente em torno de dois projetos ideológicos divergentes: um de inclinação conservadora e patriarcal e outro de tendência crítica e progressista.

Com a finalidade de lançar luz sobre os elementos que nos auxiliam a pensar no funcionamento dessa disputa, na sequência introduzimos os conceitos de formação discursiva, proposto por Pêcheux (1995), e a ideologia e os modos de operação da ideologia, propostos por Thompson (2011).

2.7 FORMAÇÃO DISCURSIVA, IDEOLOGIA E OS MODOS DE OPERAÇÃO DA IDEOLOGIA

A noção de Formação Discursiva (FD) está inserida no escopo da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, possuindo duas abordagens principais: a elaborada por Michel

Pêcheux e a produzida por Michel Foucault. Este último elabora o conceito de FD sobretudo em sua obra *Arqueologia do Saber*, publicada em 1969.

Para Foucault (1997), os discursos não se encontram ligados a um princípio que compõem uma unidade *a priori*, mas se apresentam, a princípio, como uma dispersão de elementos. Cabe à AD, na vertente arqueológica, descrever essa dispersão a partir da busca por “regras de formação” que gerenciem a constituição dos discursos. As regras de formação são determinadas por quatro elementos principais: objetos, tipos enunciativos, conceitos e estratégias. A FD é, portanto, a ordem específica identificada, o sistema de regras que propicia a coerência ao que, à primeira vista, é tido como uma mera dispersão.

Embora Pêcheux tome de empréstimo a noção de FD foucaultiana para a formulação de sua própria proposta, o teórico a readapta destacando os aspectos materialistas, sobretudo a concepção de discurso como prática e efeito de sentidos. Pêcheux incorpora à sua concepção de FD as teorias marxistas de Althusser no que diz respeito à interpelação do sujeito pela ideologia e as lutas de classe (Granjeiro, 2006).

Pêcheux propõe a noção de FD relacionando-a à linguagem, à ideologia e à luta de classes. Na concepção pecheuxtiana, “a instância ideológica existe sob a forma de formações ideológicas” (Pêcheux, 1995, p. 146), que vinculam as FDs à luta de classes, às posições de classe e aos aparelhos ideológicos do Estado, em nível discursivo e material.

O autor define FD como “aquilo que, numa formação ideológica (FI) dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito” (Pêcheux, 1995, p. 160). Assim, as FDs funcionam articuladas às posições ideológicas que, situadas no processo sócio-histórico em curso, constituem o sentido do que é dito.

Para Pêcheux (1995, p. 148), apoiado no pensamento de Althusser, “a ideologia interpela indivíduos em sujeitos”, sendo todos os discursos atravessados pela ideologia e carregados de uma anterioridade marcada no curso da história que produz o que dizemos. A ideologia, nessa visão, não é neutra e abstrata, mas constitui o discurso e o sujeito, operando por meio da FD e constituindo, assim, o sujeito e o sentido.

Para nosso estudo, a noção de FD de Pêcheux (1995) nos parece mais adequada, pois nos possibilita compreender como os sentidos sobre a identidade da *TradWife* são constituídos em campos ideológicos delimitados a partir da observação de marcadores discursivos. Consideramos duas matrizes ideológicas polarizadas que estruturam a discussão: uma de cunho conservador e outra de cunho progressista. Cada uma delas opera como uma matriz de sentido que organiza as FDs sobre a *TradWife* a partir de eixos ideológicos e interpela os

interlocutores à adesão de suas posições.

Tendo em vista que conforme Pêcheux (1995, p. 160), “as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam”, focamos em identificar regularidades discursivas associadas ao uso da impolidez nas interações que nos permitam agrupar sentidos em torno da *TradWife* em duas FDs divergentes. Nesse sentido, entendemos a impolidez também como uma manifestação discursiva do conflito entre FDs, pois tal recurso linguístico pode ser mobilizado de modo a ameaçar a face do interlocutor e/ou da *TradWife*, revelando um ataque à posição ideológica representada pelo grupo.

Ressaltamos que não adentraremos na discussão quanto à determinação de classe das matrizes ideológicas em questão, haja vista que tal discussão não atende aos nossos objetivos. Assim, consideramos duas matrizes ideológicas, a conservadora e a progressista, que estabelecem as FDs acerca da identidade *TradWife* a serem observadas nos comentários.

Em meio à disputa entre vertentes ideológicas que operam na produção e manutenção de sentidos pelas representações, a linguagem não assume apenas o aspecto instrumental de comunicação ou expressão do pensamento, mas como “modo de produção social” e “lugar privilegiado de manifestação da ideologia”, conforme explica Brandão (2004, p. 11). Nesse sentido, a noção de discurso adequa-se satisfatoriamente, pois concebe a linguagem:

como elemento de mediação necessária entre o homem e sua realidade e como forma de engajá-lo na própria realidade, a linguagem é lugar do conflito, do confronto ideológico, não podendo ser estudado fora da sociedade [...] (Brandão, 2004, p. 11).

Partindo do entendimento que as FDs, como instâncias da linguagem, não atuam de modo neutro, funcionando como elementos discursivos na língua pelos quais as relações de poder são estabelecidas e sustentadas, introduzimos a noção de ideologia que esclarece como esse processo ocorre.

Adotamos a concepção crítica do sociólogo John B. Thompson (2011[2007], p. 116), que explica a ideologia como o modo como “as formas simbólicas foram usadas, e continuam a ser, a serviço do poder”. Para Thompson (2011),

estudar a ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação. Fenômenos ideológicos são fenômenos simbólicos significativos desde que eles sirvam, em circunstâncias sócio-históricas específicas, para estabelecer e sustentar relações de dominação. Desde que: é crucial acentuar que fenômenos simbólicos, ou certos fenômenos simbólicos, não são ideológicos como tais, mas são ideológicos somente enquanto servem, em circunstâncias particulares, para manter relações de dominação (Thompson, 2011, p. 76).

A categoria de formas simbólicas, nos moldes de Thompson (2011, p. 183), refere-se “a uma ampla variedade de fenômenos significativos, desde ações, gestos e rituais, até manifestações verbais, textos, programas de televisão e obras de arte”. As formas simbólicas são produzidas, postas em circulação e interpretadas em contextos relacionais, bem como “são também construções que são estruturadas de maneiras definidas e que estão inseridas em condições sociais e históricas específicas” (Thompson, 2011, p. 364-365).

Isso posto, Thompson (2011) adverte que os estudos sobre ideologia devem ser realizados a partir de uma investigação quanto aos modos como o sentido é construído, amparados no contexto social em que as formas simbólicas transitam. Contudo, as formas simbólicas serão ideológicas apenas quando mobilizadas a serviço da produção, manutenção, transmissão e recepção de relações assimétricas de poder.

Thompson (2011) distingue duas visões gerais sobre o conceito de ideologia a partir de uma revisão de seu itinerário histórico. Uma dessas perspectivas remonta ao filósofo francês Destutt de Tracy, em 1796, para quem a ideologia era entendida como uma “ciência das ideias”, um sistema simbólico, de pensamento ou crenças, estando à serviço da ação social ou das práticas políticas. Nessa visão, a ideologia não implica necessariamente a ideia de engano, ilusão ou parcialidade, como viria a ser retratada a partir da apropriação de Napoleão Bonaparte, segundo Thompson (2011).

Em meio ao contexto de conflito político, o termo ideologia “se tomou uma teoria, entre outras, e suas exigências filosóficas ficaram comprometidas com sua associação com o republicanismo”, como desconfiava Napoleão ao interpretar o pressuposto de Tracy como uma ameaça potencial à sua autoridade e poder (Thompson, 2011, p. 47). A ideologia passa a ser percebida, então, como excessivamente ambígua e por essa razão, deveria ser abandonada por não servir para a análise social e política.

No entanto, Thompson (2011) defende a utilidade do conceito de ideologia propondo que este não pode ser desvinculado de seu sentido negativo e crítico, visto que é essa visão negativa que funciona como um índice de problemas levantados por essas perspectivas do conceito. O autor propõe, então, uma concepção crítica da ideologia, mantendo o caráter de negatividade e reforçando a problemática em torno do sentido (significado) e poder. Desse modo, para Thompson (2011, p. 16), em linhas gerais, a ideologia “é sentido a serviço do poder”.

No contexto desta pesquisa, entendemos que ocorra uma assimetria de poder com relação ao gênero, estabelecida a partir da dinâmica homem dominante e mulher subordinada

a ele, reforçando a forma patriarcal de dominação na qual “o dominado troca submissão por proteção, trabalho não remunerado por manutenção” (Lerner, 2019, n.p). Nesse entender, o modelo de matrimônio conservador idealiza a dinâmica patriarcal de estrutura familiar de modo a assegurar o que Lerner (2019, n.p) chamou de dominação paternalista, que tem como base o “sustento econômico e proteção oferecidos pelo homem pela subordinação em todos os campos, serviço sexual e trabalho doméstico não remunerado oferecido pela mulher”.

Para Thompson (2011, p. 80), a ideia de poder relaciona-se com uma capacidade conferida a alguns indivíduos, possibilitando a eles “tomar decisões, conseguir seus objetivos e realizar seus interesses”. Já o termo dominação, pela ótica do autor, diz respeito às relações de poder que são “sistematicamente assimétricas”, ou seja, quando há estabilidade no poder concentrado em grupos particulares e que, em algum nível significativo, permanece inacessível a outros indivíduos ou grupos excluídos.

Diante do exposto, temos, segundo Thompson (2011), as formas simbólicas como meios materiais pelos quais a ideologia opera, seja para produzir, manter ou desafiar relações de poder. Nesse raciocínio, retomamos a noção de FD de Pêcheux, que aponta para sistemas coerentes do que dizer, compondo uma rede complexa de vocabulários, argumentos e visões sobre um mesmo objeto a ser interpretado diferentemente, a depender da FD assumida.

Como exposto anteriormente, as FDs são determinadas por FIs que expressam no discurso as posições de classe e visões de mundo conflitantes inseridas nas lutas de classe (Pêcheux, 1995). Logo, as FDs funcionam como o cenário no qual se dão as disputas pela representação da *TradWife*, produzindo enquadramentos ao longo da interação. Em meio a esse processo que se dá na e pela linguagem, as estratégias de impolidez atuam no gerenciamento das faces identitárias dos interactantes que, interpelados por FDs conflitantes, agem de modo a negociar, impor ou contestar sentidos ligados à identidade da *TradWife* a partir de inclinações ideológicas mais ou menos conservadoras ou progressistas.

Para compreender como as estratégias de impolidez relacionam-se com as orientações ideológicas em interações nas quais os sentidos refletem o embate hegemônico pelos sentidos do papel social feminino, é necessário um aporte interpretativo que nos permita analisar a função socioideológica dessas escolhas linguísticas. Para isso, adotamos os modos de operação da ideologia formulados por Thompson (2011).

O autor categoriza cinco modos de operação da ideologia, geralmente empregados nas construções de formas simbólicas: legitimação, unificação, fragmentação, dissimulação e reificação. Cabe ressaltar, como faz Thompson (2011), tais modos não são excludentes nem exaustivos, sendo também possível a atuação de maneira combinada, de modo a fortalecerem-

se mutuamente. O autor ainda adverte que:

Nenhuma dessas estratégias é intrinsecamente ideológica. Se uma dada estratégia de construção simbólica é ideológica ou não, depende de como a forma simbólica construída através desta estratégia é usada e entendida em circunstâncias particulares; depende do fato de a forma simbólica, assim construída, estar servindo, nessas circunstâncias, para manter ou subverter, para estabelecer ou minar, relações de dominação (Thompson, 2011, p. 82).

Portanto, os mecanismos ideológicos atuantes por meio das formas simbólicas podem ser apreendidos por meio da ferramenta analítica proposta pelo autor, mas se faz necessário a análise situada dos contextos particulares onde as formas simbólicas se articulam com relações de poder e dominação (Thompson, 2011). Isso posto, apresentamos a seguir os modos de operação da ideologia e suas principais estratégias, conforme propostos pelo autor.

A primeira delas é o modo de legitimação, que ocorre quando relações de dominação são estabelecidas e sustentadas por meio da apresentação destas como legítimas, justas e dignas de apoio pelos demais. O autor destaca três estratégias pelas quais a legitimação funciona na construção simbólica: a racionalização, os meios de defesa ou justificação de relações ou instituições sociais a fim de persuadir que estas são dignas de apoio; a universalização, efetivada quando acordos institucionais que favorecem um indivíduo ou grupo são apresentados como a serviço de todos; e a narrativização, mobilização de histórias ocorridas no passado para validar algum elemento do presente como uma tradição eterna e aceitável.

O modo de unificação permite criar e manter relações de dominação ao construir, de forma simbólica, uma unidade que interliga pessoas ou grupos em uma identidade comum mesmo que haja diferenças e divisões entre eles. Suas estratégias incluem: padronização, quando as formas simbólicas são adaptadas a um referencial padrão baseado em um entendimento compartilhado e aceitável de troca simbólica; e simbolização da unidade, criação de símbolos que representam a unidade ou a identificação de um grupo por meio de símbolos.

A fragmentação, por sua vez, é um modo de operação ideológica que segmenta pessoas e grupos potencialmente ameaçadores aos grupos dominantes, bem como direciona forças opositoras em direção a um alvo que é apresentado como maligno, perigoso ou ameaçador. As estratégias mais frequentes de construção simbólica incluem a diferenciação, ao destacar as diferenças e divisões entre pessoas e grupos, enfatizando as características que os separam e dificultam a formação de um desafio real às relações existentes ou a participação

ativa no poder; e o expurgo do outro, isto é, a criação de um inimigo apresentado como uma ameaça comum a um grupo, que é incentivado a resistir ou a expulsá-lo.

Na categoria de dissimulação, esta “pode ser expressa através de outra estratégia ou grupo de estratégias, que podemos colocar debaixo do rótulo de tropo” (Thompson, 2011, p. 84). O termo “tropo” baseia-se na negação ou no desvio da atenção em atuações sociais por meio do “uso figurativo de linguagem, ou, mais em geral das formas simbólicas” (Thompson, 2011, p. 84). Na categoria de tropo, o uso figurativo da linguagem é mobilizado para dissimular relações de dominação principalmente por meio da sinédoque, metonímia e metáfora.

A sinédoque diz respeito a junção semântica entre parte e todo, podendo dissimular relações sociais ao confundir ou inverter a relação entre a coletividade e as suas partes. A metonímia, por sua vez, envolve o uso de um termo que substitui um atributo, um adjunto ou uma característica relacionada a algo para se referir ele, permitindo que o referente seja referido ou avaliado sem explicitação. A metáfora, por outro lado, configura-se na aplicação de um termo a algo que não se aplica, produzindo tensão entre campos semânticos distintos e possibilitando novos sentidos.

Ainda sobre o modo de dissimulação, as estratégias citadas por Thompson (2011) são: deslocamento, uso de palavras ou adjetivos para mencionar um objeto que, ao serem “deslocados” por outros, ganham significados positivos ou negativos; e eufemização, forma de descrever ou reescrever ações, instituições ou relações sociais de maneira mais suave, buscando transmitir sensações positivas.

Por fim, a reificação indica que “relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pela retratação de uma situação transitória, histórica, como se essa situação fosse permanente, natural, atemporal” (Thompson, 2011, p. 87). Thompson (2011) apresenta como estratégias de reificação: a naturalização, quando se vê um estado de coisas que foi criado social e historicamente como se fosse um acontecimento natural ou resultado de eventos naturais; a eternalização, busca fazer com que os fenômenos sociais e históricos pareçam permanentes, inalteráveis, recorrentes. E a nominalização ou passivização, estratégias que buscam eliminar a menção às pessoas que realizam as ações e aos contextos de tempo e espaço por meio da eliminação de construções verbais empregando recursos gramaticais ou sintáticos para esse fim.

Após tratarmos, neste capítulo, o arcabouço analítico no qual articulamos as estratégias de impolidez, as formações discursivas e os modos de operação da ideologia, seguimos, no próximo capítulo, à apresentação do contexto midiático, político e interacional

que configura o cenário em que ocorrem as disputas pelos sentidos identitários da *TradWife*
nas interações no *Instagram*.

3 CONTEXTO SÓCIO-DISCURSIVO E EMPÍRICO

Este capítulo tem por objetivo apresentar o cenário sócio-discursivo e digital no qual as interações sobre a identidade da *TradWife*, objeto desta pesquisa, se materializam. Partimos do pressuposto de que as plataformas de rede social (PRS), particularmente o *Instagram*, não se tratam de meios neutros que atuam apenas como intermediadores entre a tecnologia e a comunicação. Nesse ambiente *on-line*, a lógica algorítmica, os modelos de subjetividade emergentes e a cultura digital são elementos que atravessam os usuários e, ao mesmo tempo, engendram as condições de interação e disputa.

Com o propósito de compreender como as estratégias de impolidez atuam na negociação e no conflito que constituem as representações identitárias da *TradWife*, faz-se necessário descrever essa conjuntura. Para tanto, dividimos este capítulo em três seções que abordam aspectos interligados presentes nos processos comunicativos situados no *Instagram*; são eles: a plataforma como “arena” capaz de influenciar as interações; o embate ideológico polarizado que produz as posições conflitantes; e a identidade da *TradWife* como objeto dessa disputa pelos sentidos.

3.1 PLATAFORMAS DE REDES SOCIAIS, ALGORITMO E A CO-CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NAS INTERAÇÕES ON-LINE

No contexto contemporâneo, a comunicação cotidiana se dá, em frequência cada vez maior, por meio de dispositivos digitais que possuem acesso à *Internet* e, mais especificamente, por meio das plataformas de redes sociais (PRS). D’Andrea (2020, p. 8) faz uma distinção conceitual entre os termos *redes sociais* e *plataformas*, constatando que, enquanto as redes sociais enfatizam uma dimensão interacional, as plataformas, por outro lado, destacam a perspectiva das interações como moldadas pelos “aspectos computacionais, econômicos e políticos da conectividade on-line”. Nesse modelo, o fomento à troca social cede espaço a uma lógica de negócio orientada pela publicidade e pelas *big techs* (Macedo; Borges, 2025), conglomerados de empresas em tecnologia como *Google*, *Apple*, *Amazon*, *Microsoft* e o grupo *Meta*, do qual o *Instagram* faz parte.

O mecanismo fundamental para a operação plataformizada é o algoritmo, que opera como mecanismo de coleta, seleção e processamento dos dados obtidos a partir das informações coletadas por meio do perfil e preferências dos usuários, de acordo com suas

interações na plataforma. Com essas informações, o algoritmo sistematiza e identifica padrões que servem para o ajuste e a regulação de parâmetros, visando fornecer respostas ao que é requerido. Como Gillespie (2018, p. 98) aponta, “[...] algoritmos são máquinas inertes e sem sentido até serem combinados com bancos de dados para com eles funcionar”.

São os algoritmos que “orquestram a nossa publicidade [e] estão começando a orquestrar nossa vida” (Pariser, 2012, p. 4), ao entregar conteúdos que reforçam as crenças e visões de mundo prévias do usuário. Tal processo gera o que Eli Pariser (2012) nomeia como “bolha de filtros”, “um universo de informações exclusivo para cada um de nós” (Pariser, 2012, p. 8), onde preferências, crenças, visões de mundo e perfis de consumo são examinados de modo a influenciar “quem somos e sobre o que vamos fazer ou desejar a seguir” (Pariser, 2012, p. 8).

Nesse entender, o *Instagram*, enquanto uma PRS, não é um “palco” neutro, mas um agente ativo capaz de modular as condições de possibilidade que conduzem as interações por meio de sua arquitetura técnica e lógica algorítmica (Gillespie, 2015). O autor, ao discutir sobre as plataformas, aponta que, tecnicamente, estas promovem conexões entre os indivíduos e impedem outras, ao passo que privilegiam, por seu *design* técnico, domínios socioeconômicos e políticos, contornando esses discursos por meio de seus algoritmos e outros meios de regulação. Portanto, as influências exercidas pelos algoritmos podem atuar como instrumento de controle social, produzindo um contexto de relações assimétricas que “seguem a (re)produção de comportamentos” com vistas na obtenção de mercado consumidor (Amarante; Medeiros, 2021, p. 625).

Nesse sistema digital, a circulação de mensagens segue um fluxo veloz e cambiante, onde temáticas com maior potencial de engajamento entre os usuários são impulsionadas pelos algoritmos dessas plataformas. Assim, conteúdos com maior potencial de gerar reações e mobilizar a opinião pública, como debates potencialmente polarizados, são frequentemente mais impulsionados. Cria-se, desse modo, um território propício para a acentuação de disputas discursivas, onde as estratégias de impolidez funcionam como instrumentos negociação identitária.

O *Instagram* figurou a segunda posição de PRS mais usada no Brasil no ano de 2024²⁷ e continua sendo uma das mídias mais favoráveis ao surgimento e à popularização de *aesthetics* (Ribeiro, 2021), por seus recursos voltados para o compartilhamento de imagens e vídeos. Além disso, a popularidade do recurso das legendas para as publicações de fotos e/ou

²⁷ Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2024-brazil>. Acesso em: 7 jan. 2025.

vídeos aumentou perceptivelmente no decorrer do tempo, bem como a utilização do espaço para comentários. Tal dinâmica torna o *Instagram* um ambiente privilegiado para a performance identitária e a circulação de conteúdos que refletem apelos ideológicos. Diante disso, justificamos a decisão pelo *Instagram* como fonte a qual recorreremos para obter os materiais a serem analisados.

A exposição performática, no sentido de “fazer parecer algo” visando algum retorno positivo por parte do público, ocorre nesse espaço plataformizado que é, portanto, simultaneamente social e comercial. Como aponta D’Andréa (2020), as arquiteturas privadas das plataformas que mediam as interações *on-line* “borram os limites entre o que é público e o que é privado, ou entre o que é de interesse comum e o que é, acima de tudo, um negócio muito lucrativo” (D’Andréa, 2020, p. 22). No *Instagram*, o engajamento segue a lógica da demanda por conteúdos que sigam a tendência de estetização do cotidiano, na qual propagandas ideológicas são embaladas em estilos de vida visualmente atraentes.

De acordo um relatório feito pelo laboratório digital *Aláfia Lab*, em 2025, disponível no site de notícias O Globo²⁸, as mulheres preferem o *Instagram* para se informar. Em dados numéricos, 48,2% do público consumidor de conteúdos na plataforma são mulheres, enquanto 34,4% são homens, sendo o *Instagram* a rede prioritária para ambos os grupos. Os dados colhidos também apontam que pessoas alinhadas à extrema direita são as que mais fazem uso das PRS como principal fonte de informação. São 78,3% autoproclamados como de extrema direita; a porcentagem cai para 60% das pessoas identificadas como de direita. Entre aqueles favoráveis a posições políticas de centro, esquerda e extrema esquerda são, respectivamente, 54%, 57,1% e 38,5%. Os dados corroboram com a correlação entre o funcionamento algorítmico e a crescente expansão de conteúdos radicalizados, sobretudo em relação a posições identitárias, como aqueles que estimulam a oposição entre os gêneros, fomentando, sobretudo, a homofobia e a misoginia.

Segundo Silva e Silva (2024),

Nos últimos vinte anos, as redes sociais passaram de simples ferramentas de conexão para se tornarem verdadeiros pilares de um modelo de negócios orientado por dados, impactando profundamente as dinâmicas sociais e políticas globais. No Brasil, esse efeito foi especialmente intenso, refletindo uma polarização crescente que moldou a formação de uma juventude exposta, ao mesmo tempo, a ideais progressistas e ao ressurgimento de um conservadorismo cada vez mais ativo e

²⁸ Consumo de informações nas redes: Instagram é mais usado por mulheres, enquanto YouTube tem predominância masculina. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/sonar-a-escuta-das-redes/post/2025/05/consumo-de-informacao-nas-redes-instagram-e-mais-usado-por-mulheres-enquanto-youtube-tem-predominancia-masculina.ghml>. Acesso em: 1 ago. 2025.

acessível (Silva; Silva, 2024, n. p.).

No ambiente das PRS, polarizado e orientado pelo engajamento, os sentidos que constroem socialmente as identidades são ininterruptamente disputados por meio de construções discursivas que refletem a assimetria intrínseca do conflito ideológico, onde diferentes projetos de sociedade disputam a legitimidade de seus valores. Como observam Silva e Silva (2024), as redes sociais tornaram-se campos de disputa ideológica, nos quais o ideal de feminilidade conservadora se dissemina, muitas vezes, sob a máscara do empoderamento de decisão, enquanto visões feministas progressistas contestam essa representação. Conforme vimos, a plataforma não apenas exhibe, mas formata ativamente as condições do debate em torno da identidade.

Nas PRS, os sistemas de significação (Hall, 2006) materializam-se em práticas linguísticas que seguem o fluxo ágil e fluido das interações lá situadas, propiciando uma infinidade de possibilidades de construção e negociação identitária. Como dito anteriormente, nas comunicações mediadas pelas PRS, os indivíduos assumem variadas identidades, a depender do que está em jogo na situação social. Cabe destacar que as noções de identidade e face, segundo Blitvich e Sifianou (2017), são tomadas por alguns estudiosos da impolidez como mutuamente constituídas e intrinsecamente relacionadas, muito embora sejam necessárias mais pesquisas que atestem essa relação. Ademais, a conduta dos interactantes também é delineada a partir de uma série de fatores sumariamente sociais e culturais. Nessa linha de raciocínio, Goffman (2002) discute a essência performática do *eu* nas trocas cotidianas por meio da metáfora da teatralidade.

Nesse contexto, a polidez atua como uma ferramenta no processo de gerenciamento de impressão, bem como um recurso necessário para o bom relacionamento social nas interações cotidianas. Contudo, elementos típicos da comunicação mediada pelas telas, como a distância física, a possibilidade de um anonimato parcial e o fluxo transitório de contatos tendem a enfraquecer as regras de cooperação entre os interactantes, potencializando atos impolidos.

O fenômeno *TradWife* ganhou popularidade nesse cenário complexo onde a lógica algorítmica, a estetização das identidades e a fluidez interacional atuam intermitentemente. Conteúdos voltados para o modelo de feminilidade conservadora, antes pertencentes às “bolhas ideológicas”, segmentadas pelos algoritmos, repercutiram com maior intensidade nas PRS como *TikTok*, *YouTube* e *Instagram* por volta de 2020²⁹. A literatura especializada no

²⁹ Alguns pesquisadores citam como marco inicial para a popularização do termo “*TradWife*” nas mídias a aparição da britânica Alena Pettitt, pioneira no movimento pelos valores tradicionais, em uma entrevista

fenômeno *TradWife* aponta que, diante do contexto sociopolítico atual, com o avanço da direita política globalmente, a tendência se posiciona como uma resposta conservadora aos direitos femininos alcançados (Otero; Herrera, 2025). Assim sendo, a identidade da *TradWife* surge como um significante em disputa entre forças que, de um lado, apelam ao retorno à domesticidade, e de outro, defendem a autonomia feminina. Portanto, faz-se necessário investigar os marcos ideológicos que estruturam o fenômeno incorporado no *Instagram* por usuários brasileiros.

Na sequência, exploramos alguns aspectos fundamentais acerca dos eixos ideológicos do conservadorismo e do progressismo que estruturam os discursos que formam o embate *on-line* em questão.

3.2 CONSERVADORISMO, PROGRESSISMO E O EMBATE CULTURAL ON-LINE

Como visto na seção anterior, as representações da identidade da *TradWife* configuram-se como uma disputa pelo significante, isto é, pela autorização em firmar o que é a identidade em questão. Para compreender como o embate ocorre nas interações situadas no *Instagram*, é necessário situar o contexto sócio-histórico atual no que diz respeito ao campo mais amplo do conflito ideológico contemporâneo. Consideramos, para isso, delinear os marcos teóricos do conservadorismo e do progressismo como as duas mais influentes correntes ideológicas que estruturam o plano macrossociológico desse conflito.

Antes de nos encaminharmos para uma sistematização introdutória sobre as correntes ideológicas que interessam a este trabalho, é importante destacar que tanto o conservadorismo quanto o progressismo são paradigmas internamente heterogêneos, com discrepâncias e dissensos. Para os fins desta pesquisa, tratamos de seus aspectos mais amplos, sobretudo aqueles que figuram na propensão de polarização das discussões públicas e que acentuam a disputa acerca da identidade da *TradWife*.

Segundo o sociólogo Karl Mannheim, o conservadorismo é entendido como um estilo de pensamento, isto é, uma maneira particular e caracterizada de conceber e organizar as ideias desenvolvidas historicamente em grupos ou determinadas classes sociais. Nessa perspectiva, o pensamento conservador trata-se de uma tendência que visa retardar ou opor-se às mudanças promovidas por grupos progressistas por meio de práticas tradicionalistas.

O conservadorismo, segundo Mannheim (1959), valoriza o conhecimento do real

como imediato, concreto e histórico em contraposição ao pensamento progressista que considera o possível, algo a ser alcançado. Desse modo, enquanto o progressismo norteia sua interpretação da realidade tendo em vista um futuro ideal a partir de mudanças sociais, o conservadorismo busca nas origens históricas o significado das instituições e costumes, interpretando o presente como uma continuidade do passado. A estrutura do pensamento conservador organiza-se em torno de uma postura reflexiva, reativa e contextual, em oposição ao progressismo e à mudança social promovida pelos grupos progressistas.

Mannheim (1959) explica que o conservadorismo se opõe ao pensamento do direito-natural, que envolve a ideia de direitos universais e soberania popular. Outro elemento que compõe o pensamento conservador é a valorização de formas sociais tradicionais, como a família, os costumes, as leis e as instituições tradicionais.

Mannheim (1959) destaca meios para a identificação do pensamento conservador a partir da observação dos discursos levando em consideração os termos usados, seus significados e objetivos típicos do conservadorismo. O autor afirma que as palavras mudam de significado quando utilizadas por diferentes grupos sociais, mesmo compartilhando de um mesmo país e época, indicando que o sentido dos termos e expressões revela tendências específicas. A oposição ao pensamento progressista figura como um modo pelo qual o pensamento conservador organiza-se discursivamente. Logo, a crítica à soberania popular e aos direitos universais, ênfase na interdependência entre as partes da sociedade que funcionam de modo integrado com funções específicas para cada parte e contraposição entre um futuro idealizado e um passado como origem configura a distinção entre os polos progressista e conservador.

A concepção de Mannheim (1959), a despeito de diferenças históricas e contextuais, permanece atual haja vista que o conservadorismo mantém uma postura opositiva às mudanças sociais, como é observado na contemporaneidade sobretudo em discussões sobre gênero, família e identidade. Para Bassalo e Weller (2020), os estudos mannheimianos contribuem para a análise das estratégias de gerações mais jovens e conservadoras em suas atuações em ambientes digitais. Segundo os autores,

em contextos histórico e sociais movidos por processos inovadores e progressistas, unidades geracionais opositoras eclodirão na defesa da herança cultural conservadora. Sua potência reside em conectar tendências estabelecidas coletivamente em torno de conteúdos identificados por eles como nocivos ao estabelecimento de determinada ordem. [...] Os jovens que se denominam conservadores [...] representam uma unidade geracional com a tarefa de estabelecer uma polarização com temas, grupos e objetos difusos que indiquem caráter inovador ou progressista e o fazem a partir de um posicionamento enquanto herdeiros

culturais do conservadorismo (Bassalo; Weller, 2020, p. 399-400).

Isso posto, adotamos a caracterização mannheimiana do conservadorismo a fim de identificar discursivamente a organização argumentativa desse estilo de pensamento que se manifesta sobretudo na ênfase na tradição, na resistência à abstração e na naturalização das diferenças sociais e suas posições hierárquicas como inerentes à ordem natural.

Em contraposição ao conservadorismo, os movimentos progressistas caracterizam-se pela busca da transformação da ordem social ao questionar tradições e hierarquias, visando ações que fomentem a igualdade, a justiça social e a expansão de direitos. O termo “progressismo” está historicamente ligado à esquerda política e a discursos de “transformação social” desde a primeira metade do século XX (Fuser, 2018). Vale destacar que não se trata de movimentos opostos de núcleo binário e homogêneo. Há nuances dentro dessas correntes, e não é nosso intuito esgotar todas as posições possíveis, mas considerar o conservadorismo e o progressismo como repertórios discursivos básicos para essa discussão.

Os movimentos de caráter progressista abarcam as lutas feministas que, em seus primórdios, baseavam “todas as suas reivindicações na busca pela igualdade, ou seja, na busca incessante pelo direito dos homens estenderem-se às mulheres” (Fittipaldi, 2005, p. 136). Assim, o feminismo posicionava-se em oposição à estrutura patriarcal, esta baseada, sobretudo, na “supremacia da masculinidade hegemônica tradicional” e na “subordinação hierárquica” das mulheres (Nicodemos, 2021, p. 15-16), o que representa um setor que o conservadorismo busca preservar. A manutenção de papéis sociais patriarcais, nos quais a mulher deve obediência e submissão hierárquica ao marido (Nicodemos, 2021), é um elemento marcante para o conservadorismo, que atua alinhado à moralidade cristã tradicional, uma “tradição histórica ferozmente antifeminista” (Teles, 2020, p. 26).

A promoção de uma “feminilidade tradicional” por influenciadoras nas plataformas de redes sociais (PRS) está interligada ao papel da mídia como ferramenta de normatização de ideais conservadores. No Brasil, podemos verificar a ascensão de discursos pautados na moral conservadora e cristã em plataformas como *Instagram* e *TikTok*, em que influenciadoras promovem uma concepção patriarcal e heteronormativa da feminilidade (Silva; Silva, 2024).

Por conseguinte, a *TradWife* emerge como uma reação conservadora ao cenário de crescente influência progressista, em um movimento oposto à autonomia e à igualdade de gênero, observadas pelos conservadores como uma ameaça à ordem tradicional (Sitler-Elbel, 2021).

Em um cenário ideológico e político polarizado, como em nosso país nos últimos

anos, o conflito em torno dos papéis de gênero acentua eixos políticos específicos. Na contemporaneidade brasileira, a correlação entre valores conservadores e política é ainda mais acentuada, uma vez que “o debate sobre valores conservadores pode estar vinculado a uma orientação política de extrema-direita” (Lopes; Castro, 2023, p. 5), que compartilha a defesa da tradição, da ordem e a resistência à diversidade. A eleição de Jair Bolsonaro à presidência do Brasil, em 2018, norteia a ascensão mais recente da extrema-direita no país, reforçando discursos intransigentes que evocam a retomada da “moral” e dos “bons costumes” ao mesmo tempo que se apoiam no fundamentalismo religioso em prol de um Estado cristão (Lima, 2019).

Contudo, o avanço do pensamento conservador consiste em um fenômeno recorrente que no campo das ideias políticas, econômicas e sociais (Duarte, 2023). Períodos marcados por transformações profundas, crises e conflitos compõem os contextos em que ocorre o “crescente protagonismo dos princípios conservadores nos debates sociais e disputas políticas ao redor do mundo” (Duarte, 2023, p. 112). Diante disso, a autora aponta a instabilidade de aspectos sociais característicos do século XXI que alavancam o fenômeno do conservador. Dentre esses aspectos elencados por Duarte (2023), destacamos a eleição de Donald Trump, em seu primeiro mandato que compreende os anos de 2017 a 2021, nos Estados Unidos, e a eleição de Jair Bolsonaro (2019 a 2022), no Brasil.

No contexto brasileiro, o conservadorismo associa-se a “um conjunto de valores e práticas que revelam ideologias da classe dominante, adentrando a sociabilidade das classes dominadas” (Oliveira, 2018, p. 848). Nesse sentido, o projeto ideológico conservador é apontado como um “fantoche” para a manutenção da lógica capitalista em crise, organizando a configuração da sociedade sob uma pretensa ausência ideológica, aliando-se aos partidos de direita e extrema-direita (Nascimento; Vicente, 2021). Os autores destacam que

a classe dominante consegue espalhar seus interesses rapidamente, alegando salvar a moral e a família, com forte apelo patriótico e religioso. E também se posicionam contra movimentos sociais de igualdade, como o próprio feminismo, utilizando o argumento de que essas reivindicações ameaçam a ordem natural (Nascimento; Vicente, 2021, p. 133).

Assim, nota-se a influência da moral conservadora na condução das dinâmicas institucionais da sociedade brasileira, sobretudo nos setores da família, religião e política. Nesse sentido, uma das expressões do conservadorismo está nas relações patriarcais de gênero, e que se associa à *TradWife*, na medida que “ao acentuarem-se valores e práticas de caráter conservador, o patriarcado se fortalece e se difunde, sendo evidenciado nas

sistemáticas contraposições às lutas feministas” (Oliveira, 2018, p. 847). Segundo Almeida (2017, p. 56), “[...] o patriarcado é um sistema de dominação que se faz presente nas diferentes instituições sociais, desde a família ao Estado, apresentando-se em todos os espaços da sociedade”.

A ascensão da extrema-direita trata-se de uma tendência global que em muitos casos mobiliza “o fundamentalismo religioso, ou então o ódio à esquerda, ao feminismo, aos homossexuais” (Lowy, 2019, p. 13). No entanto, o panorama ideológico não é homogêneo, o que revela uma segmentação nítida em variáveis geracionais e de gênero. Dados nacionais apontam que, enquanto homens jovens têm se tornado mais conservadores, as mulheres da geração Z³⁰ lideram a adesão a ideias progressistas (Barros, 2024).³¹ A tendência à adesão a valores conservadores é um fenômeno global, no qual homens estrangeiros de 18 a 24 anos figuram como o grupo mais conservador, ao passo que as jovens da mesma faixa etária se tornam mais “liberais e antipatriarcais” (Lira, 2024, n.p.). Lira (2024), a partir da análise dos dados citados, afirma que os algoritmos das mídias sociais atuam como amplificadores desse processo, atraindo “jovens moderadamente conservadores para modelos e visões de mundo masculinos conservadores mais extremos e radicais” (Lira, 2024, n.p.).

A radicalização masculina *on-line* encontra consonância na formação de grupos que “promovem discursos masculinistas, sempre com uma forte oposição ao feminismo e suas narrativas” (Silva, 2023, p. 101) e que convergem com os ideais políticos conservadores. Por afinidade, esses grupos defensores da masculinidade tradicional, como os que compõem a *manosfera*³², “há muito identificam em Jair Bolsonaro uma personificação de seus anseios” (Silva, 2023), devido sua postura confrontativa e discurso misógino. Sob o pretexto da liberdade de expressão, o comportamento mencionado simboliza a reação de um neoconservadorismo³³ centrado em pautas sobre a família, sexualidade e religião cristã

³⁰ A geração Z refere-se aos nascidos entre a segunda metade da década de 1990 e o ano de 2010.

³¹ Mulheres da geração Z lideram adesão a ideias progressistas no Brasil. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/comportamento/mulheres-da-geracao-z-lideram-adesao-a-ideias-progressistas-no-brasil>. Acesso em: 7 jan. 2025.

³² O termo *manosfera*, tradução para *Manosphere*, é composto pela junção das palavras *man* (homem) e *sphere* (esfera). Diz respeito a uma rede *on-line* de comunidades e fóruns composta por homens que se dividem em masculinidades nerds, ou betas, e masculinidades conservadoras, ou alphas. Trata-se de agrupamentos conservadores que emergem de espaços homossociais sobretudo em plataformas que possuem a possibilidade de anonimidade dos usuários. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/download/27703/15230/70846. Acesso em: 10 mai. 2025.

³³ O termo neoconservadorismo refere-se a uma reestruturação do conservadorismo para a época atual, em resposta aos movimentos feministas e dos direitos LGBTQ+, originando-se nos Estados Unidos, na década de 1970. O movimento ressalta valores patriarcais alicerçados na moral tradicional relacionada à “família, à sexualidade e à reprodução e aos valores cristãos” (Lacerda, 2019, p. 29).

(Lacerda, 2019).

Assim, grupos como MGTOW (*Men Going Their Own Way*), Incels (*Involuntary Celibates*) e adeptos da RedPill convergem com os ideais da extrema-direita e o neoconservadorismo no “resgate do macho alfa, do homem provedor e [...] de uma masculinidade ancestral que, na mente desses grupos, foi destruída pelos movimentos LGBTQIA+ e feministas” (Silva, 2023, p. 107-108). Nessa esteira, o ideário *TradWife* surge como uma resposta complementar feminina ao compartilhar narrativas anti-feministas, com foco em papéis de gênero binários e “tradicionais”, bem como em modelos de masculinidade e feminilidade idealizados na nostalgia de um passado mítico (Mattheis, 2023, n.p.).

Embora o termo neoconservadorismo descreva a expressão política contemporânea do conservadorismo, adotamos a categoria mais ampla de conservadorismo devido à natureza relacional e reativa desse ideário, que, como aponta Bobbio (1998, p. 243), “existe só porque existe uma posição progressista” e se define como sua “negação”. Para identificar as FDs conflitantes necessitamos da categoria que nomeia essa matriz ideológica de oposição, a qual fundamenta tanto o projeto neoconservador quanto o fenômeno *TradWife*, com o qual mantém relações intrínsecas.

Após situarmos nesta seção a *TradWife* como um elemento que entrelaça o conservadorismo e o progressismo em um conflito discursivo *on-line*, seguimos adiante para abordar como essa identidade é representada e manifestada em uma combinação de sentidos, *aesthetics* e práticas que delineiam o fenômeno.

3.3 TRADWIFE: A (RE)APRESENTAÇÃO DA ESPOSA TRADICIONAL ON-LINE

O fenômeno *TradWife* (esposa tradicional) firma-se no ambiente *on-line* como uma apresentação pública da identidade que tensiona os debates atuais sobre gênero. Tendo como bases os postulados cristãos e conservadores que idealizam a mulher como esposa submissa e dedicada exclusivamente ao lar, a *TradWife* se constrói na contradição entre a defesa de papéis de gênero tradicionais enquanto se vale da retórica feminista de “liberdade de escolha” e empoderamento individual para justificar o estilo de vida adotado (Sitler-Elbel, 2021; Proctor, 2022).

Por um lado, a adesão aos papéis tradicionais de gênero vincula a *TradWife* a um projeto político conservador mais amplo, que promove a heteronormatividade e uma noção

específica de soberania ligada a grupos de direita: a proteção da soberania dos fetos³⁴ (Sykes, 2023). Nessa direção, pautas feministas, sobretudo aquelas que incidem sobre decisões acerca do corpo feminino, como o direito ao aborto, opção pela maternidade e sexualidade livre são interpretadas como um ataque à estrutura familiar tradicional.

Por outro lado, para se legitimar no debate público, muitas adeptas aos valores compartilhados entre as *TradWife* recorrem ao “feminismo de escolha”. Segundo Ferguson (2010 *apud* Proctor, 2022), a expressão diz respeito à ideia de que qualquer decisão tomada por uma mulher é, *per se*, feminista. Sendo assim, tal retórica busca ressignificar a dedicação exclusiva ao lar e à família como uma expressão de autonomia e empoderamento individual. No entanto, essa narrativa frequentemente desconsidera fatores condicionantes estruturais, como a classe social, raça, condições econômicas e culturais que tornam essa “escolha” um privilégio inacessível para muitas mulheres (Proctor, 2022). Assim, a retórica individualista consiste em “um discurso de empoderamento que está completamente desconectado com os problemas estruturais e estruturantes da sociedade” (Sendretti, 2025, n.p.).

Para além de um projeto de cunho ideológico, a *TradWife* também se configura como uma *aesthetic on-line*, ou seja, uma identidade visual planejada para as mídias digitais. Sua estética associa-se fortemente ao *cottagecore*³⁵, que romantiza “tarefas domésticas, vestimenta feminina e paisagens rurais” (Allen *at al.*, 2025, p. 3, tradução nossa³⁶). Ao se apropriar desse apelo nostálgico e elementos imagéticos em comum, a *TradWife* pode usar desses artifícios e espaços compartilhados entre as comunidades para “introduzir conteúdo extremista na forma de apitos de cachorro³⁷ e imagens sugestivas” (Allen *at al.*, 2025, p. 4, tradução nossa³⁸). Nesse sentido, o movimento faz uso de elementos aparentemente inocentes, como a moda de vestidos “*raw milkmaid*”³⁹ e um retorno à feminilidade, em estratégias de propaganda que

³⁴ Nesse entendimento, a sacralidade da vida abrange os não nascidos, de modo que os direitos do feto são vistos como independentes em relação à mãe (Sykes, 2023).

³⁵ Trata-se de uma *aesthetic* “base” da qual outras surgem, haja vista a presença do sufixo “core”. Se refere a conteúdos *on-line* relacionados à romantização do estilo de vida agrícola ocidental, valorizando a sustentabilidade e a aproximação da vida à natureza. A autossuficiência na produção dos alimentos, o destaque ao trabalho doméstico e o cuidado dedicado às pessoas fazem parte dessa premissa de vida. No que diz respeito ao vestuário, essa *aesthetic* tende a destacar uma interpretação hiperfeminina de roupas que remetem à vestimenta modesta, com vestidos e saias mais longos, soltos e fluidos, com estampas florais e produzidos com materiais mais naturais, como o algodão. Mais informações no site: <https://aesthetics.fandom.com/wiki/Cottagecore#Visuals>.

³⁶ No original: “*homemaking, feminine dress, and rural scenery*” (Tradução nossa).

³⁷ A expressão está relacionada com a política, indicando o uso de linguagem codificada ou sugestiva para conseguir apoio de um público-alvo sem causar com isso alardes e manifestações contrárias.

³⁸ No original: “*introducing extremist content in the form of dog-whistles and suggestive imagery*” (Tradução nossa).

³⁹ O “*raw milkmaid*”, ou “vestido de leiteira rústica”, ou ainda “vestido de camponesa” trata-se de uma peça

veiculam significados extremistas para interlocutores de extrema direita (Allen *et al.*, 2025).

O fenômeno *TradWife* pode ser observado como sendo também uma *trend*, palavra de origem inglesa que significa tendência. As *trends* são conteúdos produzidos e veiculados em diferentes formatos, como vídeos, fotos, *hashtags*, memes, postagens, entre outros, e que ganham popularidade rápida nas mídias digitais. Além disso, possuem natureza cíclica, de curta duração e passageira, que surge e perde alcance dando lugar a uma nova *trend* (Maia, 2024). *Hashtags* como *#StayAtHomeGirlfriend* (*#NamoradasQueFicamEmCasa*), *#TrophyWife* (*#EsposaTroféu*) e *#TradWife* (*#EsposaTradicional*), ilustram como temas em torno do papel social feminino contemporâneo são mobilizados e discutidos por meio de ferramentas que agrupam indivíduos em discussões *on-line*.

Embora as *trends* sejam, por definição, de curta duração, o fenômeno *TradWife* busca recuperar um passado idealizado e nostálgico, sobretudo no que se refere ao modelo familiar de marido provedor e mulher cuidadora dos anos 1950, retratado nos moldes estadunidenses da época (Waldron, 2024). Podemos observar, então, outro aspecto contraditório: ao mesmo tempo que a estética proposital e viral das *TradWife* a insere em uma dinâmica de moda efêmera, por outro lado, a adesão aos valores e estilo de vida desse grupo é vivida em profundidade identitária. Proctor (2022) ressalta que “*tradwife* não é apenas um estilo estético ou uma moda passageira da pandemia; é, para muitas mulheres, uma identidade” (Proctor, 2022, p. 7, tradução nossa).

Apesar de o termo *TradWife* existir há décadas, foi a partir de 2020 que ganhou notoriedade massiva na *internet* (Proctor, 2022). No entanto, não há uma definição que possa capturar por completo os sentidos em torno do que é ser uma *TradWife*, tampouco apontar com exatidão os motivos pelos quais mulheres decidem aderir a esse estilo de vida (Sitler-Elbel, 2021). A variedade de uso do termo *TradWife* na *internet* aparece atrelada a conteúdos que vão desde a exposição de atividades domésticas rotineiras, receitas culinárias, dicas de comportamento, de beleza e saúde até expressões de dogmas cristãos, oposições ao feminismo, memes e outros.

Algumas definições sobre o que é uma *TradWife* indicam “um grupo de mulheres que se identificam como radicais anti-feministas e conservadoras” (Veilleux-Lepage *et al.*, 2022,

inspirada nas camponesas do século XVIII e que exibe uma estética que romantiza um ideal de feminilidade tradicional. Nos Estados Unidos, o vestido foi lançado na revista digital feminina Evie, famosa entre as apoiadoras do presidente americano Donald Trump (Vidal, 2025). Veja a publicação da revista Evie em: <https://www.eviemagazine.com/post/45-milkmaid-dresses-for-summer>. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/moda-e-politica/o-vestido-raw-milkmaid-tendencia-entre-mulheres-ultraconservadoras-e-apoiadoras-de-trump/>.

p. 48, tradução nossa)⁴⁰. Outra perspectiva caracteriza o grupo feminino não como donas de casa ou mães que dedicam seu tempo aos afazeres domésticos integralmente, tampouco como blogueiras que produzem conteúdos sobre como ser uma dona de casa exemplar. Nessa visão, ser uma *TradWife* significa “engajar-se em um movimento muito específico politicamente e ideologicamente” (Waldron, 2024, p. 1, tradução nossa)⁴¹.

O que diferencia essencialmente a *TradWife* da dona de casa “tradicional” é a natureza pública e performática de sua adesão na qual valores como a submissão e a domesticidade são pensadas e convertidas em conteúdos produzidos e compartilhados *on-line*, sendo então “vendidos” como estilo de vida (Sitler-Elbel, 2021). Logo, “o movimento tradwife é exclusivamente um movimento baseado em mídias sociais” (Hu, 2023 *apud* Wang, 2024, p. 21)⁴² e se vale de estratégias de marketing e influência social (Wang, 2024).

Embora a noção de “tradicional” seja aparentemente vaga nesse movimento, esta se aproxima do que é entendido como tradicional em comunidades virtuais de direita alternativa⁴³ (Veilleux-Lepage *et al.*, 2022). Em suma, entende-se que o “tradicional”, especialmente para essa comunidade de mulheres, indica principalmente a implementação de papéis de gênero estereotipados dentro de relacionamentos afetivos, nos quais a mulher assume o papel de cuidadora e o homem, o papel de provedor (Rambousková, 2025).

Podemos pensar a *TradWife*, enquanto uma identidade, por meio dos pressupostos de Hall (2000) que tomam a identidade como um processo de identificação em rasura, construído na tensão entre discursos que a “interpelam” e a performance pública dessa adesão, que surgem a partir “de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros” (Hall, 2006, p. 39). Assim sendo, podemos inferir que a identidade da *TradWife* possui componentes desejados por uma parcela das mulheres que consideram o modelo favorável para sua fachada, correspondendo ao avanço do pensamento conservador em nossa sociedade.

O projeto conservador contemporâneo que sustenta a identidade *TradWife* alinha-se a

⁴⁰ No original: “a group of women who identify as radical antifeminists and conservatives” (Tradução nossa).

⁴¹ No original: “engaging in a very specific politically and ideologically conservative movement” (Tradução nossa).

⁴² No original: “The tradwife movement is a uniquely social-media-based movement” (Tradução nossa).

⁴³ *Alternative right*, ou *alt-right*, é um movimento político americano criado por Richard Spencer, em 2010, como uma alternativa ao conservadorismo tradicional. Atuante principalmente em sites que permitem postagens assegurando o anonimato, o fenômeno em questão defende ideais como o nacionalismo branco, etnocentrismo, islamofobia, homofobia e anti-feminismo, Estado mínimo e cortes de impostos (neoliberalismo) (Poggi, 2018). Disponível em: <https://anais9coloquiomarxengels.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/07/alt-right-e-o-white-trash-a-face-moderna-do-conservadorismo-contempor3a2neo-tatiana-poggi.pdf>. Acesso em: 11 mai. 2025.

uma racionalidade neoliberal no ambiente *on-line*, sobretudo nas plataformas de redes sociais (PRS), transformando o que se vive em um empreendimento (Dardot; Laval, 2016). Portanto, a lógica neoliberal, trata-se de uma nova racionalidade de mundo, um “sistema normativo que ampliou sua influência ao mundo inteiro, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e a todas as esferas da vida” (Dardot e Laval, 2016, p. 7).

Nesse cenário de práticas neoliberais, a exposição da vida cotidiana nas PRS deixa de ser algo espontâneo e despretensioso para tornar-se uma performance planejada e uma estratégia de influência sobre o público. Assim, a categoria de influenciadores digitais⁴⁴, incluindo as *TradWife*, atua como “empreendedoras de si”, construindo e lucrando a partir de um modelo de subjetividade pensado para gerar engajamento, calcado na noção de empreendedorismo neoliberal (Ehrenberg, 2010; Rose, 2011; Dardot; Laval, 2016). Desse modo, a defesa de papéis de gênero tradicionais é posta a serviço de uma dinâmica que preza pela visibilidade expandida típica das plataformas, na qual a identidade da esposa subserviente ao marido também é convertida em conteúdo viralizável, em valor social desejado e em mercadoria.

Podemos citar como um marco na popularização do termo e da figura da *TradWife* como influenciadora digital a entrevista da influenciadora britânica Alena Pettitt à BBC⁴⁵ em 2020. Nela, Pettitt definiu seu estilo de vida como “submeter-se e mimar meu marido como se estivéssemos em 1959” (Sykes; Hopner, 2024). Figuras como Pettitt, Nara Smith, Estee Williams e outras jovens autodeclaradas como *TradWife*, populares em PRS como o *TikTok*, efetivam a convergência entre o projeto conservador e a lógica do influenciador digital. Elas efetivam essa articulação ao converter a rotina doméstica cotidiana, pouco glamourosa, em conteúdo estetizado e agradável aos olhos para as mídias.

Como visto, a *TradWife* não se trata apenas de uma *aesthetic* saudosista, para além disso, questões socioeconômicas, religiosas, políticas e raciais estão interligadas às fundações desse grupo (Sitler-Elbel, 2021). Mattheis (2023) compreende o grupo feminino como parte de uma “*#TradCulture*” *on-line* ainda mais ampla, que compartilha narrativas antifeministas e

⁴⁴ Influenciadores digitais, também referenciados pelos termos *influencers*, *creators* e blogueiros são indivíduos que possuem grandes números de seguidores (outros indivíduos que acompanham esses influenciadores em suas páginas nas redes sociais) e que possuem altos níveis de engajamento (visualizações, curtidas, comentários, compartilhamentos, etc.) em seus conteúdos publicados nas redes sociais. Devido ao grande alcance e popularidade de suas publicações, muitos influenciadores conseguem patrocínio de marcas famosas, capitalizando, assim, a visibilidade do que produzem. Além disso, as próprias plataformas monetizam perfis mais influentes, o que torna a atividade ainda mais lucrativa.

⁴⁵ Matéria publicada na plataforma do *YouTube*, no canal BBC Stories em 17 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZwT-zYo4-OM>.

promove papéis de gênero binários heteronormativos. Além disso, a autora destaca que grupos da *#TradCulture* como as *TradWife* e os “*red pills*” estão intimamente ligados às culturas de gênero extremistas da *manosfera*.

Após o esforço teórico realizado nos capítulos que compõem nossa fundamentação teórica, no capítulo a seguir apresentamos os procedimentos metodológicos que norteiam a pesquisa.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentamos o percurso metodológico aplicado à análise dos dados coletados. A seguir, reforçamos os objetivos e questões de pesquisa, descrevemos as etapas da análise, a abordagem adotada, a construção do *corpus*, os procedimentos de análise e os compromissos éticos de nossa pesquisa.

4.1 OBJETIVOS E QUESTÕES DE PESQUISA

Mediante as articulações teóricas definidas para a fundamentação desta pesquisa, recapitulamos, recapitulamos os objetivos que norteiam a análise a fim de organizar, de modo sequenciado, a estrutura da pesquisa.

Assim, temos como objetivo geral *analisar de que modo a identidade TradWife é negociada a partir das estratégias de impolidez linguística mobilizadas nas interações e em suas articulações com orientações ideológicas no Instagram.*

Como objetivos específicos, temos:

a) *Identificar as estratégias de impolidez mobilizadas nas interações sobre a identidade TradWife no Instagram;*

b) *Analisar os mecanismos discursivos pelos quais os sentidos da identidade TradWife são negociados e contestados nas interações situadas no Instagram.*

c) *Compreender como se estabelecem as relações entre as estratégias de impolidez e as orientações ideológicas nas representações da identidade TradWife nas interações discursivas no Instagram.*

Desse modo, a organização da análise do *corpus* está estruturada em torno da seguinte questão central: *como se dá o processo de negociação discursiva da identidade TradWife por meio de estratégias de impolidez nas interações no Instagram?*

Como desdobramentos dessa questão, temos os seguintes eixos investigativos:

a) *Que elementos linguístico-discursivos e relacionados à impolidez são mobilizados nos atos de preservação e ameaça da face identitária TradWife em interações no Instagram?*

b) *Por meio de quais mecanismos discursivos os sentidos da identidade TradWife são negociados e contestados nas interações do Instagram?*

c) *Como são estabelecidas as relações entre as estratégias de impolidez e posicionamentos ideológicos nas interações sobre a identidade TradWife no Instagram?*

Para cumprir os objetivos e responder as questões acima, sistematizamos a análise em três etapas interligadas que se dão de modo combinado na prática da análise. Para facilitar a compreensão, elaboramos a seguinte tabela com as informações detalhadas.

Quadro 1 – Etapas, categorias de análise e articulação com os objetivos da pesquisa.

Etapas	Foco Analítico	Conceitos Fundamentais	Vinculação aos objetivos
1. Análise dos comentários.	Investigar estratégias de impolidez e como os interactantes se posicionam (alinhamento/desalinhamento) em relação ao enquadre inferido da postagem e dos comentários.	- Estratégias de impolidez (Culpeper, 2016, 2017). - Pistas de contextualização (Gumperz, 1982).	Atende aos objetivos “a” e “b” e fornece dados para o objetivo “c”.
2. Síntese interpretativa: impolidez, ideologia e poder.	Compreender a função social e ideológica dos padrões identificados.	- Formações Discursivas (FDs) conflitantes (Pêcheux, 1995) no eixo conservador x progressista. - Modos de Operação da Ideologia (Thompson, 2011). - Articulação entre os padrões de impolidez e posicionamentos → Função na disputa entre FDs → Modos de operação da	Atende ao objetivo “c”.

		ideologia (Thompson, 2011).	
--	--	--------------------------------	--

Fonte: Elaboração própria.

4.2 ABORDAGEM, MÉTODO E NATUREZA DA PESQUISA

Para a condução dos procedimentos necessários para responder às questões e cumprir os objetivos acima, adotamos uma abordagem qualitativa de cunho interpretativo para o tratamento dos dados. A abordagem adotada tem como algumas de suas características a subjetividade, o interesse pelos efeitos dos processos sociais e pela construção dos processos sociais, a flexibilidade do processo de pesquisa e a centralidade do pesquisador como dispositivo atuante (González, 2020). Nosso trabalho articula estudos da impolidez linguística com as representações da identidade *TradWife* em interações situadas nos comentários de postagens sobre o tema no *Instagram*.

Quanto ao método, orientamo-nos por uma lógica indutiva, que parte da observação de fenômenos específicos para a formulação de uma compreensão mais ampla (Marconi; Lakatos, 2010). Quanto às fontes e ao nível, trata-se de uma pesquisa primária e explicativa, uma vez que objetiva “identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos” (Gil, 2010, p. 28).

Levando em conta os procedimentos técnicos, trata-se de uma pesquisa documental, porque principia na investigação “[...] de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (Gil, 2008, p. 45). Os dados coletados para esta investigação foram retirados de interações cotidianas, em caráter digital, situadas no *Instagram*. Por fim, quanto aos objetivos, a pesquisa é descritiva, uma vez que tem “como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (Gil, 2008, p. 45).

4.3 CARACTERIZAÇÃO DO CORPUS E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

O *corpus* desta análise é composto por vinte e sete (27) sequências interativas de comentários, ou seja, conversações que partem de um comentário principal ao qual outros comentários estão interligados, publicados no *Instagram*. Justificamos essa opção por considerarmos que o arranjo de comunicações interpessoais favorece a negociação de sentidos

e a expressão de acordos e desacordos, o que está ligado a uma maior possibilidade do uso de impolidez, bem como à presença de marcas ideológicas. Além disso, acreditamos que a quantidade de sequências interativas apresentadas é suficientemente adequada para identificar tendências discursivas aparentes, sem comprometer o rigor analítico.

Em um primeiro momento, a proposta deste estudo seria analisar estratégias de polidez e impolidez. Contudo, ao observamos os comentários das postagens, percebemos poucos registros polidos, o que acreditamos ter relação com a tendência polarizadora do tema, que favorece o conflito discursivo. Ainda assim, notamos que atitudes impolidas explícitas, como uso de palavrões e xingamentos diretos são ocultados dos comentários. Além disso, em algumas interações, há menções a usuários cujos comentários não estão mais disponíveis, o que indica a exclusão dos comentários.

Nossa proposta inicial seria a análise de trinta sequências de comentários. Contudo, na postagem em defesa à *TradWife*, a maior parte dos posicionamentos nos comentários estão alinhados à postagem, ou seja, em concordância com a mensagem, o que nos leva a pensar que o contexto da mensagem publicada influencia a expressão das opiniões. É possível que a maior parte do público que recebe a postagem seja composta por seguidores desses perfis, o que aumenta a probabilidade de concordância entre os posicionamentos e, consequentemente, a menor ocorrência de impolidez.

As interações selecionadas são provenientes de três (3) postagens públicas nas quais se verificam abordagens distintas quanto a figura da *TradWife*. Adotamos a categoria goffmaniana de enquadre para nos referirmos à metamensagem inferida na proposta das postagens. Propomos três enquadres (Goffman, 1986) distintos, sendo eles: ameaça, preservação/defesa e ridicularização da *TradWife*. Tal critério de seleção das postagens com enquadres distintos possibilita a observação de alinhamentos ou desalinhamentos em contextos discursivos variados que, por sua vez, pressupomos favorecer o uso de estratégias impolidas mais diversificadas.

Para cada postagem propomos a seleção de dez (10) sequências de comentários. No entanto, para a postagem em preservação/defesa da *TradWife*, contamos com sete (7) interações, pelo motivo explicado anteriormente.

Assim, para a composição do *corpus*, optamos pelas interações mais representativas sob os seguintes critérios de pertinência:

- a) Indicadores linguísticos de conflito: discordância, ataques pessoais, elogios, tom sarcástico ou irônico, expressões convencionais de insultos, etc.

- b) Indícios de negociação ou contestação identitária: rotulagens, generalizações, afirmações normativas, contrastes ideológicos explícitos em oposição.
- c) Indicadores de engajamento interacional: vocativos, perguntas, respostas, marcas de oralidade e emoções (ex.: “kkkk”, repetição de pontuações, *emojis*, interjeições, caixa alta, etc.).

Salientamos que nem toda interação *on-line*, mesmo em discussões mais polêmicas, mobiliza estratégias de impolidez observáveis. Alguns comentários podem apenas informar algo, afirmar brevemente concordância/discordância ou introduzir tópicos sem conexão ao tema da postagem e com o interesse deste estudo. Destacamos também que alguns comentários podem conter indícios de impolidez, mas não necessariamente apresentar marcas de posicionamento explícitas, enquanto outros podem exemplificar melhor as negociações pelo sentido da identidade *TradWife* sem necessariamente exprimir algum indício de impolidez.

Para identificar os atos impolidos, consideramos as categorias de impolidez de Culpeper (2016, 2017), articuladas às noções de face (Goffman, 2011; Spencer-Oatey, 2002) e de pistas de contextualização (Gumperz, 1982). A noção de pistas de contextualização (Gumperz, 1982) nos é útil para compreender como as estratégias de impolidez são recebidas e interpretadas como impolidas na dinâmica da interação, a partir do contexto e do alinhamento ou desalinhamento entre os interlocutores.

Com relação à opção pelo *Instagram* como *locus* de investigação, esta se justifica por quatro características identificadas na plataforma. A primeira diz respeito ao seu *design* propício para o compartilhamento de mídias audiovisuais. O apelo visual evidenciado torna o *Instagram* um espaço favorável à disseminação de *aesthetics* (Ribeiro, 2021) e outras tendências ligadas à performance e à propagação de novas formas identitárias, como a *TradWife*.

A segunda característica é a natureza multimodal das postagens, o que possibilita um maior número de recursos que funcionam em conjunto na construção da postagem. Legendas, fotos, vídeos sobrepostos, *emojis*, expressões faciais, modulações da voz, gestos, etc., são aspectos que ajudam na interpretação de sentidos em ambiente *on-line*.

A terceira trata-se do recurso dos comentários, que configura o espaço privilegiado para a observação da interação e disputa discursiva, onde as estratégias de impolidez são mobilizadas.

Por último, compreendemos o *Instagram* para além de uma rede digital que une

indivíduos em torno de similaridades entre eles. Por essa razão, associamos a concepção de plataforma (D’Andrea, 2020) ao *Instagram* que, assim como outras redes similares, opera por mecanismos que atuam na circulação de discursos potencialmente polarizadores e que são constitutivos das dinâmicas de representação identitária que nos propomos a analisar.

Isso posto, a coleta de dados seguiu uma abordagem documental. Para a seleção das 3 postagens, seguimos os seguintes critérios de elegibilidade:

- a) Temática central sobre a *TradWife*;
- b) Conteúdos públicos de autores brasileiros em perfis com mais de mil seguidores;
- c) Postagens com ao menos cem comentários;
- d) Postagens publicadas em 2025, delimitando um recorte temporal atual.

O procedimento de busca se deu a partir do perfil pessoal da pesquisadora, no período entre janeiro e outubro de 2025. Recorremos à ferramenta de busca interna do *Instagram*, usando as *hashtags*⁴⁶ #*TradWife*; #*Esposa Tradicional* e #*Esposa Virtuosa*. A opção pelas expressões citadas se deu devido a observação frequente desses tópicos em conteúdos sobre a *TradWife* nas plataformas. Paralelamente, empreendemos uma busca por meio do buscador *Google*, fazendo uso dos mesmos descritores acompanhados pelo termo “*Instagram*” (ex.: “*TradWife Instagram*”), como forma de mitigar possíveis vieses do algoritmo do *Instagram* e assim capturar um espectro mais amplo de conteúdo.

Após a busca inicial, que resultou em quarenta e duas (42) postagens relacionadas a pelo menos uma das palavras-chave, e após a triagem pelos critérios de elegibilidade, chegamos ao total de quinze (15) postagens selecionadas.

Dentre elas, escolhemos privilegiar postagens feitas por influenciadores em vez daquelas provenientes de perfis institucionais de mídias como jornais, revistas e blogs jornalísticos. Justificamos essa opção pelo fato de os influenciadores comporem uma categoria que informa a partir de uma posição de aparente maior proximidade com o público das plataformas. Além disso, eles produzem conteúdos que seguem uma estrutura de conversação cotidiana aplicada ao contexto digital, o que tende a fomentar interações mais

⁴⁶ A hashtag trata-se de um recurso popularizado nas PRS que serve sobretudo para marcar a relação entre um conteúdo publicado e um determinado tema, favorecendo o alcance e o engajamento desse conteúdo entre os usuários. Outra função dessa ferramenta é facilitar a busca por conteúdo dentro da própria plataforma; basta utilizar o símbolo “#” seguido de uma palavra-chave relacionada ao que se procura.

naturais e espontâneas, onde a impolidez pode surgir espontaneamente.

As quinze (15) postagens que atenderam aos critérios de elegibilidade passaram por uma leitura exploratória. O objetivo dessa etapa foi selecionar aquelas que, por suas características discursivas, apresentavam maior potencial para configurar um dos enquadres (ameaça, preservação/defesa e ridicularização da face da *TradWife*)⁴⁷ e, por conseguinte, gerar uma discussão mais diversificada e ideologicamente polarizada nos comentários.

A inferência para a categorização das postagens em cada um dos três enquadres (ameaça, preservação/defesa e ridicularização) foi feita pela identificação dos Atos Ameaçadores da Face (AAFs) predominantes (Brown; Levinson, 1987). O enquadre de ameaça à face *TradWife* é identificado mediante a ocorrência de AAFs que contestam os desejos de face do alvo da crítica, no caso, a *TradWife*. Assim, o enquadre de ameaça à face *TradWife* considera a identificação predominante de AAFs que desaprovam, desvalorizam ou rejeitam esse modelo de identidade e valores do grupo por meio de críticas argumentativas.

O enquadre de preservação/defesa, por sua vez, é identificado pela presença de atos de fortalecimento da face positiva da *TradWife*, por meio de elogios, solidariedade, concordância e defesa explícita dos valores defendidos pelo grupo. Desse modo, não se estabelecem AAFs endereçados à *TradWife*, uma vez que a postagem visa favorecer a imagem pública dessas mulheres.

Por fim, o enquadre de ridicularização é observável pela ocorrência de AAFs realizados por meio de estratégias de impolidez indiretas ou dissimuladas, como pelo uso de

⁴⁷ A escolha por essas configurações de enquadres para a categorização prévia das postagens surge de uma adaptação metodológica que fazemos a partir da tipologia de *Footings* de (im)polidez desenvolvida por Barreto Filho (2019). Em sua tese, o autor identifica que a (im)polidez em discussões no *Facebook*, é caracterizada, mais frequentemente, como ataque ou defesa de identidades e posições ideológicas de grupos. A partir da análise das interações, o autor define três *footings* principais pelos quais os interactantes se alinham e gerenciam a (im)polidez: agressão, preservação e ridicularização. A agressão se dá pelos alinhamentos em que ofensas deliberadas, seja aos indivíduos ou às ideologias, são comunicadas nas escolhas linguísticas dos participantes. Os alinhamentos de preservação, que aqui acrescentamos a noção em defesa, surgem quando temas mais particulares e individuais são trazidos ao debate e visam preservar a face dos interlocutores e evitar conflitos. A ridicularização trata-se de um alinhamento híbrido no qual os participantes usavam o humor, o sarcasmo e a ironia como meios para gerar ofensas (Barreto Filho, 2019). Para nossa pesquisa, deslocamos essa categoria de *footings*, enquanto posicionamentos nas interações, para enquadres (Goffman, 1974), que podem nos indicar o posicionamento estruturante da postagem ao fornecer indícios que respondam à questão “o que está acontecendo aqui?”. Acreditamos que a postagem, enquanto texto impulsionador, ao estabelecer um posicionamento, seja atacando, protegendo/defendendo ou ridicularizando a identidade *TradWife*, está configurando um enquadre que define a situação inicial da qual originam-se os comentários. Outra adaptação que fazemos é a adoção do termo “ameaça à face”, conceito de Brown e Levinson (1987), substituindo a “agressão” para classificar o enquadre que designa atos comunicativos contrários a face *tradwife*. Isso porque dificilmente uma figura pública, como são os influenciadores, autores das postagens, direcionariam uma crítica desrespeitosa ou insulto mais nítido a outro tipo de influenciador e correr o risco de “perder a própria face” com as repercussões de suas declarações. Assim, nos valem do termo “ameaça a face” para capturar críticas argumentativas diretas que buscam deslegitimar ou desconstruir a face positiva da *TradWife*, ao invés de usar “agressão a face”, que seria mais adequado a insultos mais rudes e diretos.

ironia, sarcasmo e humor.

A triagem qualitativa visa possibilitar que as postagens selecionadas funcionem como um contexto discursivo primário propício à observação do embate semântico e ideológico pelos sentidos da identidade *TradWife* por meio da impolidez. Isso posto, após a atividade de leitura interpretativa e classificação de AAFs presentes nas postagens, chegamos à seleção final de cada uma das três postagens que compõem o *corpus*. Dentre as postagens que configuravam os três enquadres delimitados, escolhemos aquelas que apresentavam maior quantidade de *threads* de comentários.

A postagem no enquadre de ameaça à face da *TradWife*⁴⁸ possui um engajamento superior a 88 mil curtidas e mais de 5 mil comentários. Na postagem, há evidências de AAFs direcionados à face positiva da *TradWife* em trechos como “essa romantização seletiva do passado vende um **ideal perigoso**”; “**Submissão performática** com monetização não é revolução, é **estratégia de marca**”; “**É ilusório vender a imagem** de uma mulher que cuida da casa impecável, dos filhos em tempo integral, do marido, da comida, da roupa lavada e ainda produz conteúdo diário pras (sic) redes sociais **como se tudo isso fosse leve, possível e espontâneo**”; “**O que se vende** como liberdade é muitas vezes um **personagem construído** com dinheiro, com tempo e com equipe”.

À luz de Hall (2016), temos o texto exposto como uma forma simbólica que produz uma representação específica da identidade da *TradWife*. No caso, essa identidade aparece vinculada a uma espécie de “personagem fictícia” que exerce a ocupação de uma influenciadora digital, com finalidades lucrativas. As partes destacadas ameaçam a face positiva (Brown; Levinson, 1987) da *TradWife* na medida que expõem contradições na conduta do grupo, destacando que o que é feito *on-line* por essas mulheres não é condizente com o estilo de vida e valores por elas defendidos. Ao apontar contradições, o autor ataca os desejos da face positiva do grupo, como sua autenticidade, seu valor e sua coerência com os valores tradicionais. Portanto, a veracidade do comportamento, e da própria identidade da *TradWife*, é tomada como uma produção construída para atender ao lucro obtido pelos conteúdos que são feitos para aparentar algo que não corresponde à realidade. Assim, o influenciador_1⁴⁹ põe em xeque os valores morais e a imagem pública da *TradWife* enquanto

⁴⁸ Disponível em: https://www.instagram.com/reel/DKehPwpXPT/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==.

⁴⁹ Para preservar os autores das postagens e comentadores, adotamos o código “influenciador_1” para nos referir ao autor(a) da postagem 1, no enquadre de ameaça à face. Na mesma lógica, temos “influenciador_2” para o(a) autor(a) da postagem 2, no enquadre de preservação da face e “influenciador_3” para o(a) autor(a) da postagem 3, no enquadre de ridicularização da face.

grupo, haja vista que em nenhum momento há a citação de nomes.

A postagem selecionada para o enquadre de preservação/defesa⁵⁰ possui em sua legenda uma manifestação favorável à *TradWife* com a seguinte frase: “**em defesa das TradWifes**”. Trechos como “**são justamente as tradwives, trazendo mais beleza, trazendo romantismo, à maternidade, à vida no lar e tudo mais**”; “virem a público criticar mulheres, por sei lá, porque **elas gostam de usar vestido de manga bufante e fazer pão de fermentação natural**”; “Só que eu vou ser bem honesta com vocês, **eu acho maravilhoso!**”; “**Eu adoro as fotos que elas postam, eu adoro a valorização de coisas que hoje ninguém dá valor** ou pelo menos o mundão aí não dá”; “A gente **tem que comprar esses sonhos aí**” e “**deixa as tradwives serem felizes**” são alguns exemplos de movimentos no texto que indicam aprovação, legitimação, incentivo e proteção da face da *TradWife*.

Nesse contexto, a representação (Hall, 2016) da *TradWife* mobiliza sentidos que remetem à uma figura inocente, distinta e significante, vinculando-as a um movimento de valorização à aspectos tidos como escassos na contemporaneidade. Assim, a postagem pode ser entendida no enquadre de preservação ao apresentar, na interação entre influenciador_2 e seu público, a defesa e valorização dessas mulheres. Como visto, para o enquadre de preservação/defesa, identificam-se os atos de fortalecimento da face da *TradWife*. Logo, a categoria de AAF direcionada à *TradWife* não é verificável, uma vez que não há ameaça à face desse grupo.

A terceira postagem atende ao enquadre de ridicularização⁵¹, ou seja, quando há ameaça à face por meio de estratégias comunicativas indiretas que, em um contexto multimodal como as postagens, perpassam a linguagem verbal. A postagem em questão possui uma legenda curta e chamativa, assumindo um tom irônico: “**bom demais ser tradwife**”, e apresenta, no vídeo, um indicador de contexto para o que ocorre na gravação. A frase “mulheres conservadoras se dando conta do que elas defendem:” introduz o público a uma encenação da situação proposta. No vídeo, uma mulher, a autora da postagem, aparece sorrindo, aparentemente satisfeita, com o som de fundo de palmas e assovios em comemoração. Em seguida, ela ergue o braço e declara apoio, em um tom de voz mais elevado, enquanto sorri: “*é isso aí!*”. O que ocorre em seguida parece constrangê-la: um conjunto de vozes ao mesmo tempo fala “*fica quieta*”, “*quem [vo]cê pensa que [vo]cê é?*”;

⁵⁰ Disponível em: https://www.instagram.com/reel/DKckbDcufLv/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==

⁵¹ Disponível em: https://www.instagram.com/reel/DOJnXaMEU-g/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==.

“*vai pra cozinha, vai*”, “*vai vagabunda*” e “*fica quietinha*” ao passo que o sorriso do rosto da mulher é desfeito e sua expressão muda para uma leve confusão e aceitação ao responder, agora em tom baixo, “*sim*” e “*desculpa*”.

Apesar de a mensagem da postagem funcionar no conjunto entre legenda, texto verbal do vídeo e a encenação nele reproduzida, interpretamos o enquadre de ridicularização no ato de silenciamento dessa mulher conservadora, tida como uma *TradWife* pelo influenciador_03, o autor do conteúdo. O recurso de humor funciona em uma tensão irônica entre a satisfação da mulher em expressar seu apoio a uma causa em meio a uma plateia animada e o fato de ser respondida com frases que a intimam e a relembram como deve portar-se e qual é seu lugar: a cozinha. Diante disso, o enquadre de ridicularização da face da *TradWife* é encenado por meio de um ato ameaçador da face (Brown e Levinson, 1987) que combina humor e ironia em uma crítica menos direta. A representação (Hall, 2016) da *TradWife* nesse cenário é da constatação da contradição da mulher conservadora, que tem seu comportamento subjugado pelo que defende e acredita ser o melhor para si.

Em tempo, destacamos que a triagem das postagens nos enquadres referidos funciona como a definição da situação, o que compõe um contexto discursivo primário e, nesse caso, estável para esta análise. O enquadre das publicações serve a nós como um parâmetro definido a partir do qual interpretamos o desalinhamento nos comentários. Portanto, consideramos as postagens como um ponto de partida necessário para a análise dos comentários.

Nessa direção, a análise da impolidez que propomos articula duas perspectivas teóricas, a Pragmática e a Sociolinguística Interacional (SI), conforme abordamos na fundamentação teórica. Acreditamos que tal articulação é metodologicamente necessária para capturar a natureza complexa da impolidez em interações *on-line*. As pistas de contextualização de Gumperz (1982), os enquadres (Goffman, 1986) das postagens, as noções de face (Goffman, 1967; Spencer-Oatey, 2002) e a própria sequencialidade das negociações de sentidos na interação constituem um suporte teórico-metodológico que nos auxilia na interpretação da impolidez.

Assim, definido o *corpus* que é composto pelas três postagens e seus respectivos comentários selecionados após a triagem, passamos à análise que está organizada em duas etapas principais:

- a) Análise dos comentários: Temos por objetivo investigar como os interactantes se posicionam em relação ao enquadre proposto pela postagem. Para

isso, consideramos as estratégias de impolidez mobilizadas nos comentários como os principais indicadores linguísticos. A primeira etapa consiste em uma análise em que identificamos marcas linguísticas de impolidez, utilizando Culpeper (2016, 2017) para classificar estratégias de impolidez. De modo complementar, utilizamos a perspectiva da SI para identificar pistas de contextualização (Gumperz, 1982), a fim de interpretar como as estratégias de impolidez são mobilizadas, avaliadas e como servem para produzir os alinhamentos e desalinhamentos dos interactantes na sequência interativa. Partimos da seguinte lógica: diante de uma postagem que aponta para um enquadre específico, como a ridicularização da face de identidade social (Spencer-Oatey, 2002) da *TradWife*, um comentário que assume um tom sarcástico e de zombaria manifesta uma estratégia de impolidez que reforça o enquadre da postagem, indicando um alinhamento do comentador à mensagem. Por outro lado, um comentário que, diante do mesmo enquadre de ridicularização, assume um tom em defesa ao grupo marca o desalinhamento e a contraposição ao enquadre da postagem. Os padrões de alinhamento e desalinhamento podem sinalizar uma vinculação dos conteúdos dos comentários a formações discursivas, FDs, (Pêcheux, 1995) em conflito. Para fins desta análise, observamos dois eixos discursivos principais que estruturam os discursos que disputam as representações da *TradWife*: o conservador e o progressista. Para a identificação dos eixos discursivos, consideramos a descrição estrutural de conservadorismo pela perspectiva de Mannheim (1959), com base em marcadores textuais que caracterizam este estilo de pensamento.⁵² De modo objetivo, consideramos como características do conservadorismo: oposição à racionalização; valorização do que já está constituído a partir de uma visão do passado; justificação de um “estado natural” das coisas; reformismo de base individual; ênfase em entidades sociais orgânicas, como a família. O discurso progressista, por sua vez, é interpretado pela antítese sistemática dos marcadores conservadores, sobretudo: valorização da razão crítica universalista; busca pela transformação social com base em ideais a serem realizados; desnaturalização das hierarquias tradicionais e ênfase na agência política individual e coletiva. Dessa forma, inferimos as FDs com base na interpretação do conteúdo semântico e ideológico dos comentários, articulada às estratégias de impolidez identificadas.

⁵² Tratamos a abordagem de Karl Mannheim sobre o conservadorismo na seção 3.2, no capítulo 3.

- b) Síntese interpretativa entre impolidez, ideologia e poder: Após o mapeamento das estratégias de impolidez e dos alinhamentos e desalinhamentos em relação aos enquadres das postagens, procedemos à interpretação crítica com base nos Modos de Operação da Ideologia (Thompson, 2011). Partimos do princípio de que atos impolidos não funcionam apenas como recursos de gestão de face, individual ou coletiva, mas também como atos discursivos que materializam conflitos ideológicos. Nos fundamentamos em Thompson (2011) e em suas considerações sobre os modos de operação da ideologia que, segundo o autor, apenas se caracterizam como ideológicos quando atuam a serviço de relações de poder assimétricas. No contexto desta análise, pressupomos que haja uma assimetria sobretudo de gênero, marcando a desigualdade de poder entre homens e mulheres na sociedade brasileira.

Considerando as premissas expostas, o percurso analítico proposto está estruturado em dois níveis. O primeiro, em nível micro e interacional, no qual as estratégias de impolidez nos permite analisar a disputa pela representação da *TradWife* nas interações no *Instagram*. Pressupomos que construções impolidas funcionam como “gatilhos” que interpelam posicionamentos, na medida em que um enquadre de ataque à face coletiva do grupo provoca reações capazes de revelar os alinhamentos ideológicos dos participantes.

O segundo, em nível macro e ideológico, no qual interpretamos as estratégias de impolidez coletadas à luz dos modos de operação da ideologia (Thompson, 2011), que nos serve para compreender a função ideológica desses recursos discursivos. A partir das formas simbólicas constituídas e do conflito entre FDs, visamos demonstrar como as inclinações ideológicas, conservadoras ou progressistas, se materializam nas escolhas discursivas que formam as representações identitárias da *TradWife* nas interações no *Instagram*.

Dessa forma, buscamos evidenciar como as escolhas por estratégias de impolidez servem como manifestações de forças divergentes no embate pelos sentidos no campo das identidades. Acreditamos, também, que a estrutura metodológica apresentada possibilita contemplar os objetivos traçados para a presente pesquisa.

4.4 DELIMITAÇÕES E CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Os dados que compõem o *corpus* desta pesquisa são conteúdos de acesso público, coletados de perfis e páginas de acesso público no *Instagram*. Para o tratamento desses dados,

observamos as disposições da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD, Lei Nº 13.709/2018)⁵³, sobretudo seus Art. 7º, IV e Art. 11, II, em “c”, que autorizam o tratamento de dados pessoais, incluindo dados pessoais sensíveis, para a realização de estudos por órgão de pesquisa, dispensando o consentimento específico desde que garantida, sempre que possível, a anonimização dos participantes. Além disso, o escopo de nossa análise concentra-se nas interações públicas, sobretudo nos aspectos discursivos e interacionais, não havendo necessidade de identificação direta dos interactantes.

Contudo, para a compreensão contextual dos comentários, foco de nossa análise, faz-se necessário que o leitor tenha contato com o material base, que são as postagens. Devido ao formato multimídia das postagens, ao fato de seus autores serem pessoas públicas e ao caráter público dos dados, optamos por exibir os *links* que direcionam para cada uma das três postagens nas notas de rodapé.

No que diz respeito à avaliação ética formal, esta pesquisa enquadra-se nos critérios de dispensa de apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, conforme previsto na resolução CNS nº 510/2016⁵⁴ (Art. 1º, parágrafo único, incisos II e III), por se tratar de pesquisa que faz uso de informações de acesso e domínio público.

Observamos os marcos legais citados e orientações de práticas éticas acadêmicas ao procedermos com a anonimização dos participantes dos comentários ligados aos dados coletados, visto que se tratam de usuários comuns e não são influenciadores, isto é, pessoas públicas como os autores das postagens.

Em concordância com os procedimentos de privacidade dos usuários comuns da plataforma, mesmo que todas as postagens coletadas sejam de acesso público, cumprimos as orientações de suprimir qualquer dado que possa expor os comentadores envolvidos.

Adotamos os códigos de “Influenciador_1”, “Influenciador_2” e “Influenciador_3” para nos referirmos aos autores das postagens 1, 2 e 3, respectivamente. Desse modo, julgamos ser mais intuitivo relacionar autores e postagens. Para os participantes dos comentários, usamos o código “Usuário_(número)”, seguido do numeral que indica a ordem de sua participação na sequência de comentários. Por exemplo, o primeiro comentador da sequência é referido por “@Usuário_1”, e assim sucessivamente.

Os comentários são identificados como “P (número da postagem) – C (número do

⁵³ Lei Nº 13.709, de agosto de 2018. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13709compilado.htm.

⁵⁴ Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf/view>.

comentário)”, por exemplo, o primeiro comentário da sequência, da postagem 1, seria “P1-C1”. Os comentários seguintes, ou seja, as respostas presentes na mesma sequência, são codificados como “C (número do comentário) - R (número da ordem da resposta). Nessa lógica, o primeiro comentário de resposta ao comentário “P1-C1” seria “C1-R1”.

Optamos pela transcrição, na íntegra, das legendas de cada postagem e dos comentários diretamente da plataforma para nosso *corpus* de análise. Assim sendo, não foram feitas correções ortográficas. O procedimento de copiar e colar as legendas e comentários *ipsis litteris* agiliza nosso trabalho e, como o que nos interessa é o conteúdo materializado nesses espaços, não anexamos capturas de tela para os registros dos comentários, o que inflaria o número de páginas desnecessariamente.

Após apresentarmos a metodologia que conduz a análise, seguimos para o próximo capítulo, dedicado à apresentação e discussão das análises realizadas à luz do arcabouço teórico e aparatos metodológicos expostos até aqui.

5 ANÁLISE DO CORPUS

Neste capítulo nos detemos na análise dos materiais que compõem o *corpus* desta pesquisa. Buscamos observar como os interactantes se posicionam, em alinhamento ou desalinhamento, em relação ao enquadre (Goffman, 1986) proposto por cada postagem. Os posicionamentos são interpretados por meio da análise das estratégias de impolidez mobilizadas nos comentários.

As três postagens selecionadas foram categorizadas em três enquadres previamente definidos e inferidos por meio dos Atos Ameaçadores da Face (Brown; Levinson, 1987) na fase de triagem pré-analítica. Cada postagem apresenta um enquadre distinto que funciona como o contexto primário do qual os comentários partem. Os enquadres são: ameaça à face, preservação/defesa da face e ridicularização da face de identidade social da *TradWife*. Adotamos a noção de face de identidade social proposta por Spencer-Oatey (2002) em razão de em nossa pesquisa focarmos sobretudo nos atos comunicativos impolidos que são direcionados ao grupo ao invés de uma pessoa em específico.

Após isso, os posicionamentos são analisados em suas relações com possíveis formações discursivas (Pêcheux, 1995) e aos modos de operação da ideologia (Thompson, 2011), caso estejam presentes nas interações, com o propósito de compreender as relações entre as escolhas de estratégias de impolidez e as inclinações ideológicas, preponderantemente conservadoras ou progressistas, que fomentam o embate pelo sentido da identidade *TradWife* nos comentários das postagens selecionadas.

Pressupomos que as estratégias de impolidez podem funcionar como instrumentos discursivos-ideológicos na construção das representações da *TradWife* nas interações no *Instagram*. Para tanto, padrões distintos de impolidez podem relacionar-se com posicionamentos ideológicos específicos, seja conservador ou progressista, ao mesmo tempo que são mobilizados para a manutenção de relações assimétricas de poder.

Sob essa perspectiva, analisamos, a seguir, os comentários mais representativos presentes nas dez sequências de comentários de cada uma das três postagens selecionadas.

5.1 POSTAGEM 1 – ENQUADRE DE AMEAÇA À FACE

O conteúdo principal da postagem encontra-se no formato de vídeo, o qual transcrevemos em texto, apresentado a seguir.

Autor: Influenciador_1 Data da publicação: 4 de junho de 2025. Interações: 88 mil curtidas, 5.400 comentários.	Legenda: Você já viu as influencers “Trad Wives”? #tradwife #tradwives #[hashtag com nome do canal] #dinheiroemfamilia #emocoesfinanceiras #emocoesfinanceiras #paternidade #maternidade Transcrição do vídeo: Um movimento que vem crescendo bastante entre mulheres da geração Z nas redes sociais, as chamadas <i>tradwives</i> ou esposas tradicionais, jovens que exaltam a estética e o papel feminino dos anos 1950. Cuidar da casa, do marido, dos filhos, muitas vezes romantizando a submissão como se fosse liberdade. A gente precisa ir além dessa estética aqui, porque por trás desses vestidos florais e de vídeos bem editados existe algo muito perigoso: a falsa ideia de que abandonar a autonomia financeira é um caminho desejável pra todas as mulheres. Essas influenciadoras, muitas com milhões de seguidores e altíssimos ganhos online, não deixaram de trabalhar. Elas transformaram esse estilo de vida em negócio digital. Fazem curadoria de imagem, vendem produtos, fazem parcerias. Elas estão no controle do que elas chamam de submissão. Mas e a mulher comum, que acredita nesse roteiro e não tem renda própria? Que não tem herança, não tem seguidores, que abre mão da carreira e depois não tem pra onde ir? Essa romantização seletiva do passado vende um ideal perigoso. É muito diferente escolher ficar em casa quando você tem liberdade. Outra coisa é não poder sair dela por falta de alternativa. Ser dona de casa pode, sim, ser uma escolha legítima, desde que seja realmente uma escolha. Submissão performática com monetização não é revolução, é estratégia de marca. O risco é transformar esse marketing de estilo de vida em modelo pra quem não tem rede de apoio, não tem plano B, não tem independência. Então, antes de repetir o discurso, questione. Nem tudo que parece tradicional é inofensivo, nem toda liberdade vendida nas redes sociais é real. Em outras palavras, o problema não é a escolha de ser dona de casa, o problema é romantizar uma realidade que simplesmente não existe, pelo menos não sem uma equipe inteira de funcionários nos bastidores e que nunca aparece. É ilusório
--	--

	vender a imagem de uma mulher que cuida da casa impecável, dos filhos em tempo integral, do marido, da comida, da roupa lavada e ainda produz conteúdo diário pras (para as) redes sociais como se tudo isso fosse leve, possível e espontâneo. [riso] Se essa rotina fosse mesmo real, não ia sobrar tempo nem pra segurar o celular, quanto mais pra editar vídeo e alimentar um perfil com uma estética impecável. O que se vende como liberdade é muitas vezes um personagem construído com dinheiro, com tempo e com equipe. E o risco disso é que milhões de mulheres comuns acreditam nessa encenação e se culpam por não dar conta de tudo sozinhas. Fora o risco de ser totalmente dependente financeiramente do marido que pode simplesmente sair pra comprar cigarro e quando voltar, pode estar com o patrimônio escondido e uma nova, e mais nova, esposa tradicional.
--	---

Link de acesso para a postagem: https://www.instagram.com/reel/DKehPwpXPT/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==.

Interpretamos a primeira postagem no enquadre de ameaça à face da *TradWife*, na medida em que contesta a genuinidade do modelo de esposa tradicional exposto na *Internet*. No decorrer do vídeo, o autor do conteúdo, influenciador_1, expõe seus pontos de vista sobre as *TradWife*, e trechos de vídeos da influenciadora estadunidense, Hannah Neeleman⁵⁵, mais famosa pela alcunha de Ballerina Farm, são exibidos para ilustrar o estilo de vida dessas mulheres.

A postagem no enquadre de ameaça à face da *TradWife* apresenta ao público uma interpretação do grupo feminino como sendo “*influenciadoras*” e “*personagens*” fictícios, que lucram ao produzir conteúdos criteriosamente planejados e executados com o suporte de uma equipe envolvida. A submissão, valor que assume um papel central na conduta *TradWife*, é entendida na postagem como “*performática*”, isso é, como um meio de monetização, não se tratando de uma “*revolução*”, segundo o autor da postagem, mas uma “*estratégia de marca*”. Assim, o autor ameaça a face positiva, aquela ligada aos desejos pela aprovação das condutas

⁵⁵ Hannah Neeleman, mais conhecida por Ballerina Farm, seu nome de usuário nas redes, é uma influenciadora considerada como “a rainha das esposas tradicionais/*tradwife*”. Aos 34 anos (em 2024), Ballerina conta com mais de 9 milhões de seguidores no *Instagram*, onde compartilha vídeos de sua rotina doméstica em tempo integral. Casada como o herdeiro de uma companhia aérea, Ballerina produz conteúdos que mostram um estilo de vida onde ela cria suas próprias receitas, cuida da casa e de seus oito filhos, dos animais e fabrica o próprio alimento em sua fazenda. Em 2024, seu nome foi centro de uma polêmica após uma reportagem, publicada no jornal *The Times*, levantar questionamentos acerca dos motivos que a fizeram adotar um estilo de vida que reflete uma dinâmica patriarcal (Cetrone, 2024). Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/ponto-de-vista/noticia/2024/07/ballerina-farm-pode-uma-mulher-escolher-ser-domesticada.ghtml>.

e valores desse grupo de mulheres por parte daqueles ao seu redor, constituindo, assim, um ato de ameaça à face positiva (Brown; Levinson, 1987).

Ainda segundo o autor da postagem, as ideias promovidas pelo grupo são potencialmente perigosas, considerando que nem todas as mulheres que constituem o público alvo desses conteúdos possuem uma rede de apoio em suas rotinas diárias capaz de sustentar um modelo de vida como o divulgado pelas *TradWife*. Desse modo, a postagem destaca os riscos de tornar-se dependente financeiramente do marido por influência do *marketing* de um estilo de vida que no cotidiano se mostra inviável para a maioria das mulheres donas de casa.

Apresentado o contexto da primeira postagem, seguimos para a análise das interações nas sequências de comentários interligados a ela.

5.1.1 Análise dos comentários da postagem 1

A primeira sequência de comentários produzidos a partir da postagem que interpretamos no enquadre de ameaça à face da *TradWife* é a seguinte:

Sequência de comentários 1 – Postagem em ameaça à face *TradWife*

Código do comentário e respostas	Usuário	Comentário e respostas
P1-C1	Usuário_1	Deixem as mulheres em paz. A mulher vai ser feliz como ela quiser, seja trabalhando fora ou cuidando da família! E mais: abdicar de trabalhar fora não significa abrir mão de estudar e ter uma qualificação profissional. A mulher pode e deve ter a sua formação profissional, independente de escolher ser uma esposa “tradicional”.
C1-R1	Usuário_2	Que triste não reconhecer alguém que te defende
C1-R2	Usuário_1	Que triste ser feminista 😏
C1-R3	Usuário_2	Que triste ser desprovida de inteligência

Observa-se que o primeiro comentário está direcionado a todos que concordam com o conteúdo do vídeo, haja vista o verbo *deixar* flexionado na terceira pessoa do plural, o que pode indicar o direcionamento ao público e que podemos inferir ser, especificamente, àqueles que concordam com a postagem.

Embora a construção “*deixem as mulheres em paz*” configure uma ordem e, convencionalmente, interpretamos como uma expressão naturalmente impolida, pode-se inferir, a partir do contexto da postagem, que a ordem funciona como um pedido, um ato em defesa da causa que beneficia as mulheres sem atacar diretamente alguém. Assim, por sua

postura em defesa à causa, infere-se que o Usuário_1 interpretou a postagem a partir de um enquadre de ameaça à face da *TradWife*, que é, por conseguinte, interpretada como uma mulher autêntica, pois é incluída na categoria de mulheres que devem ser “*deixadas em paz*”.

O comentário na sequência, no entanto, não compartilha do entendimento do Usuário_1 e sua divergência manifesta-se na expressão de descontentamento (“*que triste*”) diante da aparente incompreensão da postagem pelo seu interlocutor, o que pode ser interpretado como uma **impolidez positiva**, pois **dissocia o interlocutor**, que é percebido como alguém que não compreendeu a postagem, do público que a compreendeu.

Em réplica, o primeiro comentador aparenta ter interpretado o comentário de seu interlocutor como uma ameaça à face, mais especificamente como uma ofensa à sua capacidade interpretativa. A presença de algumas pistas de contextualização nos permite interpretar o tom sarcástico do comentário, como a repetição da mesma expressão usada por seu interlocutor, “*que triste*”, no início de sua fala e o uso do *emoji* triste com uma lágrima “😓”, para enfatizar a tristeza relatada. Além disso, verifica-se que nesse contexto é anexado um sentido pejorativo ao termo *feminista* que é conferido ao interlocutor como uma **palavra depreciativa para chamar o outro**, configurando um ato de **impolidez positiva**.

Em C1-R3, verifica-se uma **estratégia de impolidez positiva** que ameaça a imagem social do interlocutor ao usar uma **expressão depreciativa** (“*desprovida de inteligência*”) para referir-se ao outro. Isso nos indica que em C1-R2, a designação da pertença ao grupo feminista, junto ao empréstimo da expressão “*que triste*”, combinado ao reforço do *emoji* triste foi interpretada como um ato impolido, um insulto.

Assim, verifica-se que os ataques pessoais presentes na interação refletem a polarização de posições na qual as desqualificações mútuas são os meios usados para expressar visões antagônicas sobre a mensagem da postagem.

Nota-se que o rótulo de feminista foi usado como um insulto e interpretado dessa forma. Nesse contexto discursivo em debate sobre a mulher e seus papéis sociais, a defesa pela autonomia financeira, destacada na postagem, é contestada na forma de uma ordem (“*deixem as mulheres em paz*”), em uma generalização com função defensiva, como se todas as mulheres estivessem sob a crítica tecida na postagem.

Depreende-se que há um claro conflito ideológico nessa interação: o primeiro usuário inicia se valendo da expressão de simpatia à *TradWife*, contudo o faz em modo de generalização onde reforça a ideia de liberdade ameaçada (“*deixem as mulheres*”; “*a mulher vai*”; “*a mulher pode e deve*”) funcionando como um modo de operação ideológico pela **unificação**. Tal *modus operandi* ideológico visa construir uma identidade coletiva que une um

grupo, no caso do comentário, abarca todas as mulheres, desconsiderando diferenças. Assim, depreende-se que a estratégia usada para efetuar a unificação é, nesse exemplo, a **padronização**.

Observando que os modos de operação da ideologia, segundo Thompson (2011), são usados para estabelecer e amplificar determinadas relações assimétricas de poder por meio das construções simbólicas, nota-se no exemplo analisado uma estratégia de unificação que é dissimulada. O ato em defesa a todas as mulheres as coloca como o alvo da crítica contida na postagem. Contudo, no segundo comentário do Usuário_1, o termo “*feminista*” é evocado como um meio de insulto ao interlocutor.

Sabemos que o movimento feminista é organizado principalmente por mulheres e para mulheres, logo, pode-se entender que a defesa feita a todas as mulheres, em P1-C1 não deve incluir as feministas, já que sua posição é digna de lamentação (“*que triste ser feminista*”).

Desse modo, a estratégia de unificação contra um suposto discurso contrário à liberdade feminina apresentou, mais adiante, uma posição contraditória ao excluir as feministas. Por conseguinte, a expressão de um ato impolido via ressignificação do termo “*feminista*” como insulto alinha-se a uma matriz discursiva conservadora que engloba discursos antifeministas. Como visto, para Mannheim (1959), o conservador compreende a ordem social vigente como uma “ordem natural”, logo, o feminismo como movimento questionador dessa ordem, sobretudo ao abordar os papéis tradicionais de gênero, é tido como uma ameaça às instituições sociais, como a família. Portanto, podemos dizer que uma FD antifeminista enreda uma FD conservadora.

Diante do exposto, verifica-se que os dizeres presentes nos comentários P1-C1 e C1-R2 apresentam indícios de uma **FD conservadora**, uma vez que o posicionamento antifeminista está ligado ideologicamente ao conservadorismo.

Ainda nessa mesma sequência de comentários, seguimos para o próximo exemplo.

Sequência de comentários 2 – Postagem em ameaça à face TradWife

Código do comentário e respostas	Usuário	Comentário e respostas
P1-C1	Usuário_1	Deixem as mulheres em paz. A mulher vai ser feliz como ela quiser, seja trabalhando fora ou cuidando da família! E mais: abdicar de trabalhar fora não significa abrir mão de estudar e ter uma qualificação profissional. A

		mulher pode e deve ter a sua formação profissional, independente de escolher ser uma esposa “tradicional”.
C1-R4	Usuário_3	Claro, porque é muito fácil arrumar um bom emprego aos 50 anos, com um diploma de 30 anos atrás debaixo do braço e nenhuma experiência no mercado de trabalho. Escolher o marido certo, então, é mais fácil ainda. Tanto homem bom por aí, né?
C1-R5	Usuário_3	Moça, vai cuidar da louça e sai da Internet, que até o seu direito de expressar sua opinião publicamente foi conquistado pelas feministas. Te acalma, que o biscoito do marido já tá garantido
C1-R6	Usuário_1	@Usuário_inválido primeiro de tudo as mulheres precisam escolher um marido que apoie elas ficarem em casa porque são homens que vivem sob princípios bíblicos e não homens que queiram a mulher no lar porque são ciumentos, possessivos ou simplesmente querem uma funcionária mil e uma utilidades. Para a mulher fazer a escolha de não exercer a profissão, ela tem que estar muito certa do homem que ela escolheu para dividir a vida. Mas as pessoas casam de qualquer jeito hoje em dia, já com o pensamento de separar se “não der certo”. Nesse tipo de relação realmente é um grande perigo abdicar de sua carreira para cuidar da família que tem grande chance de se desfazer... 😞😞
C1-R7	Usuário_3	Princípios bíblicos é meus ovos! Você acha que os tais princípios bíblicos que preconizam a submissão

		feminina foram criados por quem e com que objetivo? Foram criados por homens ciumentos e possessivos queriam uma escrava dentro de casa.
--	--	--

Nessa sequência, ainda tendo como ponto de partida o comentário P1-C1, a resposta em C1-R4 se vale de expressões que parecem assumir um tom irônico (“claro”; “é muito fácil”; “é mais fácil ainda”) para introduzir ideias divergentes, contestando o comentário inicial.

Em seguida, o mesmo comentador, o Usuário_3, prossegue com uma expressão que denota uma ordem em tom paternalista (“moça, vai cuidar da louça e sai da Internet”), mas agressivo, haja vista que, na sequência, o comentador argumenta que o direito de expressão do interlocutor é uma conquista feminista. Infere-se, a partir dessa fala, que o comentador interpreta o comentário de seu interlocutor em P1-C1 como um discurso conservador e antifeminista. A ordem dada funciona como um modo de retirada do direito à expressão livre, pois subentende-se que o outro ao não reconhecer as conquistas feministas também não deve usufruir de seus benefícios. Portanto, verifica-se que a **ordem** dada, se trata de uma coerção que invade o espaço de ação do outro, configurando um ato de **ameaça à face negativa do interlocutor** por meio de **impolidez negativa**. Pode-se notar, ainda no mesmo comentário, uma estratégia de **impolidez por sarcasmo** em “te acalma, que o biscoito do marido já tá garantido”, isso porque o pedido por calma está acompanhado de uma **insinuação** que o outro está buscando validação masculina. O termo “biscoito” mais recentemente nas PRS ganhou o sentido de chamar atenção, assim, ter o biscoito garantido implica em ser reconhecido, obter validação em alguma conduta realizada.

Nesse comentário, o termo feminismo é mobilizado em um sentido de validar a saída do Usuário_1 da Internet (“até o seu direito de expressar sua opinião publicamente foi conquistado pelas feministas”). Entende-se que a **FD de cunho progressista** engloba discursos acerca da conquista de direitos pelas mulheres, como o de participar de discussões na Internet e que está associada às lutas feministas. Discursos nessa direção costumam ser reproduzidos sobretudo por indivíduos com visões progressistas, ou seja, favoráveis às ideais que rompem com a ordem social vigente.

Na sequência, no comentário C1-R6, o Usuário_1 utiliza um marcador de usuário (por meio do @) que aparece como inválido. Isso ocorre quando o usuário do Instagram modifica seu nome de usuário, ou quando a conta, por algum motivo, foi excluída. No entanto, nos

parece que o texto responde ao comentário C1-R5, pois retoma o tópico sobre a escolha do cônjuge ideal, na visão do comentador. A argumentação utilizada no comentário frisa que são as mulheres que devem saber escolher seus maridos, com base nos princípios bíblicos e, em seguida, critica o casamento contemporâneo como algo feito de “*qualquer jeito*”. Observa-se que essa linha de pensamento se associa a uma **FD de cunho conservador patriarcal**, pois, estabelece uma justificativa aos papéis tradicionais de gênero e atua em defesa do matrimônio alicerçado sob os dogmas cristãos.

Em “*as mulheres precisam escolher um marido que apoie elas ficarem em casa*” nota-se uma responsabilização da mulher em escolher um marido sob os preceitos bíblicos que permita a ela ser dona de casa integralmente. De modo complementar, percebe-se a culpabilização em “*mas as pessoas casam de qualquer jeito hoje em dia*”, embora refira-se às “*pessoas*”, é a figura da mulher que está em pauta no comentário. Essa responsabilização e culpabilização feminina relaciona-se com a ideologia patriarcal que conserva em seu cerne posições de dominação sob as mulheres.

Ao final do comentário, a presença do *emoji* cabisbaixo com uma gota de suor escorrendo do rosto “” pode servir como uma pista de contextualização para indicar algum descontentamento com a situação exemplificada.

Em resposta, o comentário seguinte apresenta uma expressão de impolidez convencionalizada, (“*é meus ovos!*”), um insulto que constitui uma **estratégia de impolidez positiva** ao mobilizar uma **linguagem tabu** que é usada para demonstra desprezo à crença do outro. O comentário prossegue com um questionamento sobre a validade de preceitos bíblicos, argumentado sobre a autoria e os objetivos desses princípios. O próprio comentador complementa a questão indicando a autoria bíblica como masculina e os predicando como homens ciumentos e possessivos que objetivavam a servidão feminina.

O comentário, portanto, configura-se como uma expressão de desprezo a esses ideais que estabelecem uma hierarquia de poder entre homens e mulheres, relacionando-se, assim, com as estruturas patriarcais reguladoras dos papéis de gênero heteronormativos. Entende-se que o discurso se alinha a uma **FD de cunho progressista antipatriarcal** pois posiciona-se criticamente contra estruturas sociais patriarcais que sustentam a desigualdade entre os gêneros.

Dando continuidade em nossa análise, temos a seguinte interação.

Sequência de comentários 3 – Postagem em ameaça à face *TradWife*

Código do comentário e	Usuário	Comentário e respostas
------------------------	---------	------------------------

respostas		
P1-C2	Usuário_1	Existe essa mesma linha de raciocínio para mulheres independentes, que passam o “glamour” de trabalhar de forma árdua e cansativa muita das vezes. Tem mulheres que conseguem essa leveza na carreira e outras sendo “dona de casa”, o fato da internet mostrar só o lado bom, não tem a ver com o que ela escolheu, e sim com o jogo da própria rede social, assim como vc fez agora com seu video, deveria mostrar o lado tbm da mulher carreirista, que muita das vezes carrega o peso de ficar longe dos filhos, da sua casa, mas que na internet mostra que só são flores.. toda escolha tem uma renuncia. Não estou defendendo A nem B, mas tem a mulher que monetiza sendo dona de casa e a que monetiza tendo seu trabalho e rotinas perfeitas, sem estresse ou sobrecarga física e emocional, e as duas normalmente vão mostrar apenas o lado bom.
C2-R1	Usuário_2	@Usuário_1 vc quer colocar o peso dos filhos na mulher, pegue esse seu texto e troque o gênero...o que acontece? Exatamente... não existe essa discussão...então pq vc acha que deve existir um peso da mulher para os filhos e não do homem para os filhos? Monetizar no lar ? Está falando de uma minúscula parcela de pessoas que conseguem.... o vídeo é claro ao se referir AS TRAD WIFE
C2-R2	Usuário_1	@Usuário_2 cara, não tem a ver com peso, tem a ver com a natureza das coisas, mas

		debater com vc é tempo perdido, como disse, nem mulheres se doeram tanto com meu comentário como vc, elas tem lugar de fala, vc não, então deixem elas se doerem e vá descansar. (E antes que vc fale: “a mas vc tbm não tem lugar de fala” eu não disse que existe certo e errado, mostrei apenas o outro lado da moeda)
C2-R3	Usuário_2	@Usuário_1 o outro lado da moeda que vc insiste é o de ligar a mulher a um papel de responsabilidade com o "lar", ela ter que sacrificar sua segurança e independência financeira ...e o homem ? Vc tb bota nessa responsabilidade? Nao ne ? Que tal pensar pq nao ?

No comentário inicial, observa-se que o comentador adota, de início, uma posição “neutra”, (“*não estou defendendo A nem B*”) em uma tentativa de diminuir a antipatia de seus interlocutores e em um tom de certa concordância à postagem. O comentador argumenta que da mesma forma que há mulheres satisfeitas com suas carreiras profissionais, há donas de casa também satisfeitas com suas rotinas, e que ambas, embora enfrentem percalços consequentes de suas escolhas, elas não expõem a faceta negativa de suas vidas nas PRS. A crítica evidente no comentário é feita à própria dinâmica das PRS (“*o fato da internet mostrar só o lado bom, não tem a ver com o que ela escolheu, e sim com o jogo da própria rede social*”), evitando, assim, entrar em conflito, seja com o autor da postagem ou com outros interlocutores.

Em resposta, vê-se no comentário C2-R1, uma confrontação ao que é dito no comentário anterior por meio de uma pergunta direta e retórica que assume um tom acusatório e agressivo (“*v[o]c[ê] quer colocar o peso [...] na mulher*”; “*pegue esse seu texto e troque o gênero...o que acontece?*”; “*p[or] q[eu] v[o]c[ê] acha que deve existir um peso da mulher para os filhos e não do homem para os filhos?*”). Constata-se aqui um ato de **ameaça à face do interlocutor**, sem atenuações que possam reduzir o dano à imagem do destinatário, efetuando uma **impolidez direta (Bald on record impoliteness)**. É perceptível um desacordo proeminente por meio de **acusações diretas** marcadas por “você” e “seu”, além do uso de

pergunta retórica, indicando a falta de abertura ao outro, e de palavra em letras maiúsculas (“AS TRAD WIFE”), o que no meio digital sinaliza gritar ou usar um tom mais alto e enfático. Desse modo, o comentador vale-se de **impolidez negativa** porquanto as perguntas feitas não oportunizam ou visam o debate, mas incluem em si respostas supositórias que podem colocar o outro em uma posição defensiva.

Nesse contexto, a discussão sobre papéis de gênero é evidenciada pelo questionamento à perspectiva que naturaliza o papel da mulher ao cuidado dos filhos. Percebe-se ao longo da interação uma oposição entre os dois comentadores. O primeiro comentador, Usuário_1, em seu primeiro comentário autoafirma sua neutralidade sobre o assunto, enquanto o segundo comentador parece interpretar o comentário de seu interlocutor de outro modo (“v[o]c[ê] quer colocar o peso dos filhos na mulher”). A partir disso, o segundo comentador posiciona-se desvelando uma assimetria de poder entre homens e mulheres quanto os cuidados com os filhos. Esse posicionamento nos leva a interpretar um alinhamento discursivo a uma **FD de cunho progressista antipatriarcal** e que engloba os ideais progressistas de igualdade de gênero.

Em C2-R2, observa-se que o primeiro comentador interpreta a crítica feita em C2-R1 como um ato impolido, pois o tom ponderado de seu primeiro comentário contrasta com a postura impolida assumida na sequência. A **estratégia de impolidez negativa** no comentário é materializada na forma de **desqualificação, silenciamento e exclusão do interlocutor** (“mas debater com v[o]c[ê] é tempo perdido”; “elas tem lugar de fala, v[o]c[ê] não”, “vá descansar”). O comentário transparece uma visão essencialista das coisas (“tem a ver com a natureza das coisas”), não sendo uma defesa explícita à *TradWife*, mas evidencia uma defesa aos “papéis naturais” de gênero, o que é um valor conservador (Bordieu, 2022). Assim sendo, identificamos o discurso como pertencente a uma **FD de cunho conservador**.

A resposta do segundo comentador, em C2-R3, parece continuar em sua posição confrontadora e instigadora, reforçando sua posição em desacordo com o interlocutor (“e o homem? V[o]c[ê] t[am]b[ém] bota nessa responsabilidade? Não né?”; “Que tal pensar p[or] q[eu] não?”). A atitude inquisidora do comentador em resposta ao seu interlocutor pode ser vista como uma tentativa de expor uma contradição no discurso de neutralidade reafirmado no comentário C2-R2 (“eu não disse que existe certo e errado, mostrei apenas o outro lado da moeda”). A atitude observada efetiva uma **estratégia de impolidez negativa**, isso porque a pergunta em tom de **acusação** demanda uma resposta que possa impedir a perda da face do interlocutor ameaçado, coagindo-o a uma posição defensiva.

Quanto ao papel da ideologia nessa interação, nota-se uma operação por **reificação** ao

sustentar a existência da “natureza das coisas” como algo inalterável ao curso do tempo. A estratégia usada nesse caso é a **naturalização** que atua de modo a apresentar criações sociais e históricas como fenômenos naturais que encerram em si essências imutáveis. Verifica-se também a operação ideológica pela **fragmentação** efetivada via **expurgo** do outro (“v[o]c[ê] não tem lugar de fala”), segregando-o ao grupo dos que não deveriam opinar.

Compreendemos que estar contrário ao pensamento conservador não indica que haja uma ameaça a ser realizada à face da mulher conservadora. O que pudemos notar nessa interação foi a contestação ao papel feminino aos moldes patriarcais e a esquivia do Usuário_1 em discutir o papel masculino tradicional na discussão.

Isso posto, seguimos para a análise da próxima sequência de comentários.

Sequência de comentários 4 – Postagem em ameaça à face TradWife

Código do comentário e respostas	Usuário	Comentário e respostas
P1-C3	Usuário_1	Nossa você deu voz à minha visão disso! Essa mulher se fosse real não teria tempo jamais sequer de fazer esse penteado elaborado e só é viável ter segurança nessa vida que ela leva se ela tiver aplicações financeiras ou herança no nome dela rendendo. Na vida real ela estaria descabelada, sem tempo de gerar conteúdo e correndo o risco de ficar sem nada num futuro quando o marido a largasse na rua da amargura, sem ter construído uma carreira e sem ter um colchão de segurança.
C3-R1	Usuário_2	@Usuário_1 desculpe mas não concordo clm vc, a mulher “moderna” está como eu e como vc também, tendo que tratar hipotireoidismo de hashimoto por causa da sua “independência”, cheias de sintomas causados pelo stress que não nos é natural da forma que nos acomete hj em dia exatamente por essa inversão de valores. Eu largue minha submissão ao

		emprego, e me submeto ao meu servir em casa, e advinha? Minha remissão da hipo está acelerada, por que? Porque vivo o meu papel que já exige muito de mim. O sistema fez o machismo, depois produção o feminismo como antídoto, as pessoas hj em dia estão voltando-se ao tradicional pq o “moderno” é “cool” não funcionam. Sobre submissão, sobre dependência, vcs perverteram o real significado disso, na vdd seguir a Jesus e escolher bem o casamento é que são a verdadeira liberdade. Parem de se incomodar com as escolhas alheias.
C3-R2	Usuário_3	@Usuário_2 aí moça que preguiça, vc tá trabalhando na Internet...não vem aqui enganar as mulheres não

A sequência de comentários inicia com uma expressão de alinhamento entre o primeiro comentário e a mensagem da postagem, compartilhando a representação da *TradWife* como uma personagem fictícia encenada na *Internet*, não correspondendo à realidade (“*essa mulher se fosse real*”; “*na vida real ela estaria descabelada*”; “*sem tempo para gerar conteúdo*”). Trata-se de uma **desqualificação** da autenticidade da *TradWife* em um ato que põe em risco a imagem social almejada pelo grupo, configurando uma **impolidez positiva**.

Percebe-se, pela progressão das problemáticas levantadas, o contraste entre a “*personagem*” (“*se fosse real*”; “*penteado elaborado*”; “*se ela tiver aplicações financeiras ou herança no nome dela rendendo*”) e a “*vida real*” (“*Na vida real*”; “*estaria descabelada*”; “*sem tempo*”; “*correndo o risco de ficar sem nada*”; “*na rua da amargura*”; “*sem ter construído uma carreira e sem ter um colchão de segurança*”) delineando um tom de chacota sobre a *TradWife*.

O segundo comentador inicia seu comentário com um pedido de desculpas antes de manifestar sua oposição. Em seguida, argumenta a situação da mulher moderna como algo não natural e que houve uma inversão de valores para que isso ocorresse. O comentário segue para uma defesa à submissão ao lar como o meio de recuperar a saúde feminina perdida na

rotina profissional. Em “vivo o meu papel”, infere-se que o papel da mulher é cuidar do lar, e que o sistema produziu o machismo para então produzir o feminismo “como antídoto”. Percebe-se a presença do termo feminismo aqui com sentido negativo, pois este possibilitou o acesso da mulher à vida profissional que é, segundo o comentador, a causa do adoecimento feminino.

O comentador prossegue em defesa ao retorno à domesticidade apontando que os sentidos sobre a submissão e a dependência foram deturpados por aqueles que não seguem essa cartilha (“vcs perverteram o real significado disso”), acusando o interlocutor e a todos que se encaixem nessa situação. Logo, é explícita a impolidez por meio da **estratégia de impolidez positiva** por meio da **desassociação** com o outro. Ainda no mesmo comentário, nota-se em “*parem de se incomodar com as escolhas alheias*” o emprego de uma **estratégia de impolidez negativa** realizada pela **ordem** que repreende os interlocutores em suas opiniões e expressões pessoais.

Se no primeiro comentário questiona-se a viabilidade do modo de vida da *TradWife*, pondo em xeque sua autenticidade, no comentário seguinte, a liberdade é redefinida por uma lógica cristã e conservadora (“seguir a Jesus e escolher bem o casamento é que são a verdadeira liberdade”). À vista disso, é nítido que em C3-R1 o discurso alinha-se a uma **FD de cunho conservador** conflitante com a perspectiva mais progressista presente no comentário inicial. No primeiro comentário, a postura crítica, sobretudo a respeito da segurança financeira, converge com uma **FD de cunho progressista** que percebe o estilo de vida da *TradWife* como uma armadilha à mulher autônoma.

No que diz respeito a atuação ideológica nesse exemplo, há indicativos do modo de operação via **legitimação** por meio da estratégia de **universalização** observável no comentário pela argumentação persuasiva em vista de justificar aspectos tradicionais do funcionamento social apoiando-se nos moldes cristãos de casamento, reforçando o modelo conservador e o papel “natural” feminino como benéfico a todas as mulheres (“*não nos é natural da forma que nos acomete h[o]j[e]*”; “vivo o meu papel”).

Em C3-R2, infere-se a presença do modo ideológico de **fragmentação** atuando de modo associado ao ato impolido em **ameaça à face positiva** e **negativa** do Usuário_2 em “v[o]c[ê] [es]tá trabalhando na internet...não vem aqui enganar mulheres não”. O ato ataca a face positiva (**impolidez positiva**) na medida que põe em risco a imagem social do outro e isso ocorre por meio da **acusação** que o outro engana outras mulheres, enquanto ataca a face negativa (**impolidez negativa**) por meio da **ordem** dada (“*não vem aqui*”), cerceando a liberdade de ação do outro. A dinâmica discursiva analisada estabelece uma distinção entre

“mulheres que enganam” e mulheres que caem no engano das mulheres que trabalham na *Internet*, mas endossam o estilo de vida inteiramente doméstico. Desse modo, percebe-se a atuação da estratégia de **diferenciação** que fragmenta as mulheres em subgrupos desunidos que, por conseguinte, enfraquecem a luta feminina em meio aos problemas sociais que afligem o grupo como um todo.

Vejamos, a seguir, a próxima interação ainda nos comentários da primeira postagem.

Sequência de comentários 5 – Postagem 1

Código do comentário e respostas	Usuário	Comentário e respostas
P1-C4	Usuário_1	A gata só esquece de avisar que ela tem emprego, influencer e ganha bem pra isso. Aí vem a juvenzinha da periferia achando que vai ser tudo não estudar e virar empregada de marido. É triste!
C4-R1	Usuário_2	@Usuário_1 mas isso nem precisa a pessoa avisar 😊 qualquer um com senso da própria realidade vai saber que a pessoa é RICA geralmente a família toda é rica aí vai uma pessoa pobre querer imitar isso o FRACASSO vem rápido mas o fracasso não é o estilo de vida que essas pessoas tem e sim o pobre SEM NOÇÃO querer imitar o rico 😊 cada um no seu quadrado cada um no seu quadrado 😊😊😊
C4-R2	Usuário_1	@Usuário_2 precisa avisar. Pq uma coisa é o marido dela ser rico e ela ser esposa troféu, quem quer essa vida, ótimo. Outra coisa é ela pagar de esposa troféu, fazer disso um emprego, e pregar que não trabalha e é sustentada. Pq não é essa a realidade. Entendeu?

No primeiro comentário, algumas pistas de contextualização indicam um alinhamento

com a postagem, em ameaça à face positiva da *TradWife* enquanto grupo. É perceptível o uso da **impolidez positiva** no uso de **marcador de identidade impróprio** acompanhado de um tom irônico e acusatório em “*a gata só esquece de avisar*”. Há, ainda, uma expressão de descontentamento em “*é triste!*” ao final de uma situação hipotética exemplificada pelo comentador.

O exemplo confronta uma aplicação prática do modelo de vida da influenciadora *TradWife* à realidade da “*jovenzinha da periferia*”. Constata-se uma crítica social que evidencia a desigualdade entre a influenciadora que projeta o estilo de vida *TradWife* nas plataformas, se beneficiando com o retorno financeiro desses conteúdos, e a discrepância desse modelo quando praticado por mulheres jovens e pobres (“*virar empregada de marido*”). Logo, há evidências de uma **FD de cunho progressista** articulada à crítica de classe, onde a *TradWife* pode ser entendida como um modelo elitista que serve como um ideal potencialmente perigoso às mulheres jovens e pobres. Nesse sentido, Lerner (2019, n.p) assevera que “os privilégios de raça e de classe servem para destruir a capacidade das mulheres de se enxergarem como parte de um grupo conexo”.

No segundo comentário observa-se o que parece ser uma expressão sarcástica em “*mas isso nem precisa a pessoa avisar*”, acompanhado do *emoji* usado para indicar surpresa, susto “😱”, que pode funcionar como um reforço à expressão de incredulidade. Desse modo, o trecho pode indicar que a crítica feita no comentário anterior aborda algo óbvio e que por isso, não haveria necessidade de expor. Ainda no mesmo comentário, o uso de *emoji*, palavras e expressões em maiúsculo e risadas, como “😂”, servem como pistas de contextualização que possivelmente indicam uma ridicularização por meio do humor sarcástico.

Verifica-se um ato de impolidez tendo em vista ridicularizar quem não consegue replicar o estilo de vida da *TradWife*, isso é, mulheres jovens e pobres (“*jovenzinha da periferia*”). Portanto, pode-se afirmar que se trata de um ato que ameaça à face de identidade social das mulheres nas condições apontadas por meio de **impolidez negativa** em que a **ridicularização** enfatiza uma desigualdade entre a *TradWife* rica, que trabalha, influenciadora e a jovem pobre que abdicou dos estudos para “*virar empregada de marido*”. A expressão “*sem noção*” é relacionada à figura da mulher pobre que não reconhece sua condição (“*cada um no seu quadrado cada um no seu quadrado* 😂😂😂”) e por isso acredita que pode ter o estilo de vida que a *TradWife* ostenta nas PRS.

Nesse comentário é evidente uma crítica acentuada àquelas que não possuem condições econômicas favoráveis ao estilo de vida da *TradWife*, o que deixa subentendido que

se trata de um modelo elitista, reforçando a ideia de divisão social por classes e não a contestando. Acreditamos haver nesse comentário uma ligação com a **FD de cunho conservador e capitalista**, pois o discurso apresenta um tom conformista, e debochado, diante da desigualdade econômica e social entre mulheres ricas e pobres como um fator que possibilita, ou não, a concretização do estilo de vida.

O comentário seguinte, feito pelo primeiro comentador, intensifica o desalinhamento com a perspectiva de seu interlocutor por meio da comparação entre “*ela ser esposa troféu*”, no caso de o marido ser financeiramente provedor, e “*ela pagar de esposa troféu*”, ao usar a influência *on-line* como um meio de lucro enquanto endossa o papel de esposa dedicada integralmente ao lar. Os marcadores linguísticos “*uma coisa é*” e “*outra coisa é*” enfatizam a oposição entre essas condutas. Ao final do comentário, a pergunta “*entendeu?*” pode dar a entender que a explicação dada soa impaciente e até mesmo agressiva diante da necessidade de explicar a situação.

Prosseguimos com a análise das interações nos comentários que formam a sexta sequência.

Sequência de comentários 6 – Postagem em ameaça à face *TradWife*

Código do comentário e respostas	Usuário	Comentário ou resposta
P1-C5	Usuário_1	O medo da trabalhadeira de ser dona de casa e depender do sustento do marido e depois ser “ <i>trocada</i> ” por outra, é a razão de muitas mulheres não abrirem mão da sua vida profissional. Financeiro X Criação dos filhos. Mas pensando pela perspectiva de uma filha: “ <i>sorte das crianças que são criadas pela mãe e tem os pais presentes em casa.</i> ” Tempo de qualidade ao invés de coisas de qualidade é uma benção que não é pra qualquer família. Mas pra mim, o tempo com minhas filhas vale mais do q qualquer dinheiro.
C5-R1	Usuário_2	@Usuário_1 e resolveu monetizar a maternidade?

		Não acho errado, mas você é um exemplo do post dele.
C5-R2	Usuário_3	@Usuário_1 e como você as sustentas, dinheiro pode não ser tudo, mas é muito necessário. É isso que ele fala essas mulheres estão em casa mas recebendo dinheiro por fazer qualquer tipo de marketing.
C5-R3	Usuário_1	@Usuário_2 kkkkk coitada 🤔🤔 minha vida não tem nada de glamour 😊😊
C5-R4	Usuário_1	@Usuário_3 sim!! Essas “donas de casa” romantizam a maternidade e o trabalho doméstico como se fosse a coisa mais fácil e glamurosa do mundo... e não é. A questão é essa, mostrar uma coisa e viver outra. Pra gde maioria delas dinheiro não é problema, tem rede de apoio, compram e ostentam oq bem quiserem. Essa romantização do trabalho doméstico acaba com quem não tem nada disso... pq minha vida não tem esse glamour todo aí, meu tempo não rende, vivo cansada e trabalho o tempo todo e vivo economizando dinheiro ☐

No comentário inicial, percebe-se um tom reflexivo por parte do comentador. Há uma validação pela opção de ser dona de casa (“*pais presentes em casa*”; “*tempo de qualidade*”; “*benção*”; “*vale mais do q[eu] qualquer dinheiro*”), embora também haja uma crítica ponderada, sobretudo ao risco econômico (“*medo da trabalhadeira*”; “*depende [...] do marido*”; “*ser ‘trocada’ por outra*”. Desse modo, o comentário não realiza um ataque à face, contudo, também não constitui uma defesa total, pois há críticas às possíveis consequências decorrentes do estilo de vida *TradWife*.

Em C5-R1, o segundo comentador efetua uma **ameaça à face positiva do interlocutor**, o Usuário_1, mobilizando uma estratégia de **impolidez positiva** ao entrar em desacordo com o outro por meio da inserção de uma **pergunta pessoal e sensível ao contexto**

(“*e resolveu monetizar a maternidade?*”). Logo em seguida, é feita uma tentativa de negação mitigadora da impolidez (“*não acho errado, mas você é um exemplo do post dele*”), o que pode funcionar como uma ironia, pois o uso da conjunção adversativa, “mas”, introduz uma ideia de oposição ao que foi dito anteriormente. Acompanhando o “mas”, verifica-se outra **ameaça à face direta (*bald on-record impoliteness*)**, realizada de forma direta e clara em “*você é um exemplo do post dele*”, indicando uma incoerência entre o discurso e a conduta de seu interlocutor. A estratégia empregada nesse caso é a **impolidez positiva** por **desassociação** do locutor de seu interlocutor, produzindo distanciamento entre eles.

Em C5-R2 há a introdução de outro participante na interação, que também faz um questionamento, em resposta ao primeiro comentário da sequência. O comentador contesta a viabilidade (“*e como você as sustenta*”) e a autenticidade do estilo de vida *TradWife* (“*essas mulheres estão em casa mas recebendo dinheiro por fazer qualquer tipo de marketing*”), exposto na postagem, e que é, até certo ponto, validado como benéfico na argumentação do primeiro comentador. Embora haja uma contestação ao que foi dito pelo primeiro comentador, nota-se que é a face da *TradWife* que está exposta haja vista que é evidenciada uma contradição na conduta do grupo ao final do comentário. Assim, a **ameaça à face** é feita via **impolidez positiva** por meio da **deslegitimação** do grupo, afetando a imagem pública da *TradWife*.

Em resposta ao comentário C5-R1, o Usuário_1 faz uso de uma indicação de risada típica da *Internet* (“*kkkkk*”) seguida pela expressão “*coitada*” acompanhada por *emojis* de riso intenso “😂😂”. Entende-se que, pela quantidade de marcadores de humor, o comentador vise expressar que não levou à sério a acusação feita. Verifica-se nesse trecho uma **estratégia de impolidez positiva** pelo uso de **nomeação depreciativa** (“*coitada*”) em referência ao interlocutor. No mesmo comentário, o comentador faz uma negação enfática (“*minha vida não tem nada de glamour*”) que pode tratar-se de uma tentativa de afastar sua imagem de uma possível compatibilidade com o estilo de vida *TradWife* monetizado, cerne da crítica feita pelo Usuário_2. Essa estratégia discursiva nos parece ter sido usada como um meio de defender a própria face atacada.

A outra réplica do Usuário_1 está em C5-R4. Diferente de uma suposta tentativa de neutralidade, como visto em seu primeiro comentário, nesse último o comentador faz uso de **impolidez positiva** intensificada à face da *TradWife*, **contestando a autenticidade do grupo** (“*essas ‘donas de casa’*”; “*romantizam*”; “*como se fosse*”; “*mostrar uma coisa e viver outra*”). A postura de um desmascaramento e conseqüente deslegitimação nos leva a interpretar o ato como uma ameaça à face de identidade social do grupo, pois atinge a

autoimagem positiva que o grupo reivindica socialmente.

Ao final, nota-se um breve depoimento da própria vida (“*minha vida não tem esse glamour todo*”; “*meu tempo não rende*”; “*vivo cansada*”), em comparação opositora ao que é mostrado na *Internet* pelas *TradWife*.

O conflito discursivo nessa interação é materializado pela tensão entre discursos distintos sobre a dinâmica da vida doméstica em que há a valorização da vida doméstica e o cuidado materno, em P1-C5, e uma interpretação crítica que desmistifica o modelo *TradWife*, evidenciando a lucratividade nessa atividade *on-line*, como visto em C5-R1 e C5-R2. Não foi possível identificar propriamente FDs conservadoras típicas nessa discussão, mas verifica-se nuances progressistas. Exemplo disso é a questão socioeconômica abordada nos comentários (“*dinheiro não é problema*”; “*tem rede de apoio*”; “*compram e ostentam*”), que aponta uma visão elitista do estilo de vida *TradWife* representada como uma influenciadora.

A fabricação de um estilo de vida como algo lucrativo atende à uma lógica neoliberal, onde os indivíduos atuam como “empreendedores de si” (Dardot; Laval, 2016), o que é uma prática comum nas plataformas *on-line*. Nesse sentido, a representação (Hall, 2016) da *TradWife* sugerida na postagem, interpretada como influenciadora, parece ser um ponto motivador de atos impolidos contra a face do grupo, pois é uma visão replicada em vários comentários da postagem.

Na sequência, apresentamos a próxima interação a ser analisada.

Sequência de comentários 7 – Postagem em ameaça à face *TradWife*

Código do comentário e respostas	Usuário	Comentário ou resposta
P1-C6	Usuário_1	Nossa, eu sigo o Ballerina Farm e AMO a Hannah, que era bailarina profissional e se aposentou para cuidar da família e da fazenda deles lá em Utah SÓ PORQUE o marido dela é milionário, herdeiro, e topou viver uma “vida mais simples” com a esposa. O que eles fazem é lindo e inspirador, porque comem o que plantam e colhem, fazem tudo dentro de casa, mas o que eles fazem não é real. Ou melhor, não é a realidade de ninguém que não nasceu herdeiro com

		opção de ficar em casa 🏠
C6-R1	Usuário_2	Máscaras para ganhar dinheiro nas redes sociais. Gente rica que inspira mulheres pobres a serem escravas domesticas.
C6-R2	Usuário_3	@Usuário_2 melhor trabalhar para o lar e para os filhos do que para chefes homens que cagam pra vc, pagam mal e que se vc morrer nem vão no seu enterro e te substituem no outro dia.
C6-R3	Usuário_2	não, isso não é verdade! Ouça qualquer advogado do direito de família e vejam como as mulheres que fazem essa escolha se lascam em sua maioria. É muito melhor ter um chefe chato mas ter independência financeira do que dedicar a vida inteira e depois ser descartada na terra após a menopausa.
C6-R4	Usuário_3	@Usuário_2 ou descartada a qualquer momento pelo chefe. Até pq estamos falando de mulheres pobres que ganhariam pouco e se bobear maior parte do dinheiro seria pra pagar creches ou alguém para ficar com os filhos. No final da vida não teria nada, nem independência financeira, nem o prazer de ter cuidado dos filhos e nem saúde por ter feito dupla jornada.

O primeiro comentário menciona a influenciadora digital norte-americana Ballerina Farm, famosa no *Instagram* pelos seus conteúdos nos quais mostra seu cotidiano dedicado às tarefas domésticas na fazenda onde vive com seu marido e oito filhos. A influenciadora aparece na postagem do Influenciador_1 sob a forma de trechos de vídeos que servem para ilustrar o estilo de vida da *TradWife*. No referido comentário, o Usuário_1 inicia com uma exaltação de sua estima pela influenciadora, enfatizando seu apreço (“eu sigo”; “AMO”; “é

lindo e inspirador”). A manifestação enfática de afeição à influenciadora parece ser feita a fim de amenizar a crítica que segue (“*uma ‘vida mais simples’*”; “*o que eles fazem não é real*”; “*não é a realidade de ninguém que não nasceu herdeiro com opção de ficar em casa 🙄*”). O emoji usado representa o gesto dar de ombros, podendo servir para expressar indiferença de modo debochado. Assim, a crítica ressalta as diferenças socioeconômicas entre os indivíduos sendo esse um fator preponderante para o distanciamento do estilo de vida *TradWife* da realidade do público em geral.

Observa-se no comentário seguinte, C6-R1, uma desqualificação da motivação e da conduta da *TradWife* interpretada pelo locutor como falsa e que produz danos sociais (“*máscaras para ganhar dinheiro nas redes sociais*”; “*gente rica que inspira mulheres pobres a serem escravas domésticas*”). Trata-se de um ato em **ameaça à face positiva e negativa da TradWife** como um grupo por meio de **impolidez positiva** via **nomeação depreciativa** (“*gente rica*”, que nesse contexto funciona como depreciação e invalidação) e **impolidez negativa** via a associação do outro a um aspecto negativo (no contexto, “*máscaras para ganhar dinheiro*” refere-se à conduta do grupo nas mídias).

Ao assumir uma postura crítica que parece buscar desmascarar a conduta da *TradWife*, a crítica funciona como um instrumento de denúncia quanto aos possíveis efeitos do engano em uma relação voltada ao lucro (“*inspirar mulheres pobres a serem escravas domésticas*”). A crítica feita, portanto, vai além de fatores econômicos, evidenciando uma **FD progressista** que aborda a questão de classe social de modo anticapitalista ao expor uma possível dinâmica de exploração.

No comentário seguinte, C6-R2, o comentador, Usuário_3, apresenta um posicionamento em defesa dos serviços domésticos (“*melhor trabalhar para o lar e para os filhos*”) em detrimento da opção pela carreira profissional (“*chefes homens que cagam pra vc, pagam mal [...] e te substituem no outro dia*”). Percebe-se o uso de linguagem tabu (“*que cagam pra vc*”) empregada para expressar um possível cenário (“*se vc morrer [...] te substituem no outro dia*”) consequente do trabalho com chefias masculinas. A partir disso, infere-se a relação do discurso com uma **FD conservadora** que compara a escolha pela carreira e pelo lar em termos de sobrevivência e em uma lógica de custo-benefício que coloca a figura masculina no comando de ambas possibilidades, sustentando uma relação desigual de poder entre os gêneros.

Na réplica, em C6-R3, o Usuário_2 parece buscar o realinhamento de valores ao tentar convencer o Usuário_3 quanto a posição em defesa ao trabalho doméstico como sendo perigosa e ingênua. O comentador se posiciona em entendimento contrário ao exposto no

comentário anterior, assumindo um tom de alerta (“*as mulheres que fazem essa escolha se lascam em sua maioria*”). Novamente, vemos a questão socioeconômica em destaque (“*muito melhor [...] ter independência financeira*”), o que alinha o Usuário_2 com o enquadre da primeira postagem no cerne de sua crítica à *TradWife* que aborda a possível vulnerabilidade financeira consequente do modelo de vida.

Por fim, o último comentário trata-se de uma réplica feita pelo Usuário_3 ao comentário exposto anteriormente. Nele, o comentador segue o raciocínio em defesa do cuidado doméstico em tempo integral, apontando que uma jornada dupla seria danosa à saúde da mulher e impeditiva do “*prazer de ter cuidado dos filhos*”.

A seguir, damos continuidade com o próximo exemplo.

Sequência de comentários 8 – Postagem em ameaça à face *TradWife*

Código do comentário e respostas	Usuário	Comentário ou resposta
P1-C7	Usuário_1	Lindo e delicioso cuidar da casa e dos filhos, o triste e voltar pro mercado de trabalho após a separação ou ficar viúva e não ter como se sustentar após ficar fora do mercado de trabalho, parar os estudos ...Muito real este vídeo.
C7-R1	Usuário_2	Emprego sempre tem, ainda mais no país do Bolsa Família. Se a mulher tem profissão é ainda mais fácil, foi-se o tempo que não tinha emprego, só o que vejo são senhoras de 50, 60 anos trabalhando. Parar para cuidar dos filhos não deveria ser um peso, ou um crime. A sociedade tem obrigação de ajudar as mulheres a inclusive escolherem ser mulher. Querem mão de obra para o trabalho mas não querem que as mulheres criem os filhos para essa tal mão de obra. Interessante. Filho se cria só é? Ou se escraviza outra mulher para criar? Não reconheço essa tal compaixão pela mulher que a

		sociedade diz ter
C7-R2	Usuário_3	@Usuário_2 Essa é a vida real proporcionada pelo capitalismo. O ideal mesmo seria todas nós sermos milionárias pra escolhermos a parte boa de cada coisa (vida em família e vida profissional).
C7-R3	Usuário_1	A vida é feita de escolhas , sim o certo seria parar pra cuidar dos filhos , a crítica aqui é romantizar ficar em casa como se isto fosse lindo , vestir um vestido de algodão maravilhoso em uma casa com cortinas de laços e decoração campestre impecáveis , fazendo tortas de maçã como se a vida fosse isto, a escolha de ser dona de casa é deliciosa mas perigosa porque normalmente arriscamos nosso futuro ,nosso crescimento pessoal confiando apenas no esposo que pode nos deixar por outra mais nova ou ir de arrasta e nos deixar na amargura .

No comentário inicial, ao final, observa-se que o comentador concorda com a mensagem da postagem (“ *muito real este vídeo*”), revelando o seu alinhamento. Essa concordância com a postagem funciona, nesse contexto, como uma pista de contextualização que orienta a interpretação da afirmação anterior “ *lindo e delicioso cuidar da casa e dos filhos*” não como um elogio sincero, mas como uma declaração irônica. Nesse caso, observa-se uma possível **megaestratégia de impolidez** por meio de **sarcasmo**, isso porque aparentemente há um elogio, o que seria um ato polido, no entanto, trata-se de uma polidez nitidamente falsa verificável no decorrer do comentário.

O comentário, alinhado ao ponto crítico da postagem sobre a autonomia financeira da mulher *TradWife*, segue uma direção crítica, ainda que não haja evidências suficientes para uma FD progressista, mas que aponta sobretudo para a vulnerabilidade econômica feminina no contexto social contemporâneo.

Em resposta, o segundo comentador apresenta uma postura crítica social sarcástica e

confrontativa (“*Interessante. Filho se cria só é? Ou se escraviza outra mulher para criar?*”). Segundo Culpeper (2011), a impolidez não se encontra atrelada tão somente às fórmulas convencionalizadas como impolidas, mas que se deve considerar o contexto, o cotexto e as atitudes dos interlocutores para que se possa compreender a impolidez.

Assim sendo, o presente comentário em resposta ao primeiro, P1-C7, argumenta em contrariedade sobre a questão do mercado de trabalho para mulheres com mais idade e de modo a asseverar que “*parar para cuidar dos filhos não deveria ser um peso, ou um crime*”. Em resposta, o primeiro comentador explica que “*a crítica aqui é romantizar ficar em casa como se isto fosse lindo*”, justificando seu posicionamento crítico à *TradWife* diante a aparente divergência com seu interlocutor. Logo, o discurso contestador do segundo comentador em C7-R1 provocou uma reação em seu interlocutor, Usuário_1, que por último justifica sua posição exposta inicialmente no primeiro comentário, P1-C7. A reação aqui pode revelar duas possibilidades: o Usuário_1 não avaliou o comentário C7-R1 como uma ameaça à sua face, embora este assuma uma postura confrontadora e crítica; ou optou por aceitar a crítica feita por seu interlocutor, tentando uma refutação defensiva ao justificar-se.

Infere-se, com isso, que a postura adotada pelo segundo comentador em C7-R1 figura mais como uma crítica social com nuances antcapitalistas, não se tratando de um ato ameaçador à face diretamente a algum participante ou grupo.

De modo complementar, o Usuário_3 mostra-se em concordância com o que é dito no comentário anterior (“*essa é a vida real proporcionada pelo capitalismo*” e “*o ideal mesmo seria*”). Ambos tecem críticas sociais relacionadas ao sistema econômico. Desse modo, nota-se uma **FD progressista de crítica social** presente em ambos os comentários (C7-R1 e C7-R2) em um discurso que transfere a problemática *TradWife* para a estrutura capitalista que afasta as mulheres do cuidado do lar e dos filhos, compelindo-as ao trabalho corporativo.

Por fim, temos a réplica do Usuário_1, autor do comentário inicial da interação. uma crítica explícita à romantização do estilo de vida da *TradWife* (“*a crítica aqui é romantizar ficar em casa como se isto fosse lindo*”). A idealização do modelo de vida é interpretada pelo usuário em questão como arriscada (“*a escolha de ser dona de casa é deliciosa mas perigosa*”), o que não desqualifica a escolha, mas sim sua representação enquanto performance (“*como se a vida fosse isto*”). Em vista disso, infere-se a presença de **impolidez positiva** tendo como destinatário a face da *TradWife*, deslegitimando-a por meio de um **desacordo acusatório em um tema sensível**: a veracidade do modo de vida promovido pelo grupo.

Em continuidade, seguimos para o próximo exemplo.

Sequência de comentários 9 – Postagem em ameaça à face *TradWife*

Código do comentário e respostas	Usuário	Comentário ou resposta
P1-C8	Usuário_1	Desvendando mentiras! 👏👏👏Que vídeo bom de ver! Apesar de que minhas mulheres, nem tiveram a opção de não trabalhar!
C8-R1	Usuário_2	@Usuário_1 mentiras? Não é pq vc não vive isso que não existe isso.
C8-R2	Usuário_3	@Usuário_1 tá bom bolsoafetiva.
C8-R3	Usuário_4	@Usuário_2 Não diria mentira, mas irreal. Pois eu duvido vc cuidar de três ou quatro crianças, fazer seu pão, comida, louça, roupa, casa sem rede de apoio e ter tempo de postar diariamente sua vida na Internet. A vida dessas mulheres é editada e quem defende não entende isso. É uma vida artificial, sem rede de apoio é impossível essa vida "perfeita" que ela literalmente vendem,pq elas ganham muito dinheiro enquanto as mulheres que compram essa vida vivem muitas vezes cortando gastos, exaustas no dia dia. Acordem!

Conforme pode-se perceber, o primeiro comentário parabeniza o autor da postagem, tratando o conteúdo como um desmascaramento apreciado (“*desvendando mentiras!*”; “👏👏👏*Que vídeo bom de ver!*”). Pode-se considerar, por implicatura, que a manifestação em apoio à exposição das “*mentiras*” relacionadas à *TradWife* se trata de uma forma de **impolidez encoberta (*off-record*)**. Os *emojis* de palmas e o elogio feito ao conteúdo funcionam como pistas de contextualização favoráveis à postagem. O comentador acrescenta uma reflexão crítica ao molde social que não possibilitava mulheres de tempos passados de fazer escolhas sobre carreira profissional (“*minhas mulheres, nem tiveram a opção de não trabalhar!*”).

Em resposta ao primeiro comentário, observa-se que o Usuário_2 questiona a veracidade do que foi dito e refuta a visão de seu interlocutor sobre o assunto (“*mentiras?*”; “*não é p[or]q[ue] v[o]c[ê] não vive isso que não existe isso*”). O uso da **impolidez positiva** indica que o comentador põe em risco o desejo da autoimagem valorizada de seu interlocutor ao colocar em dúvida sua percepção sobre o tema, estabelecendo um **desacordo**.

Em C8-R2, verifica-se a participação de um outro comentador que rotula de modo pejorativo o Usuário_1 (“*bolsoafetiva*”), associando seu interlocutor ao grupo político capitaneado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro. Podemos verificar o ato impolido que ataca a face positiva do interlocutor, configurando uma **impolidez positiva** por meio de **nomeação depreciativa** pela mobilização de uma referência política.

Já no comentário seguinte, em C8-R3, o comentador insere-se na discussão em um movimento que contra-argumenta o Usuário_2. É possível notar que há uma escolha por não ofender diretamente o interlocutor, tecendo uma crítica argumentativa de desmascaramento (“*irreal*”; “*vida editada*”; “*vida artificial*”; “*vida ‘perfeita’ que vendem*”) que propõe a reflexão sobre a autenticidade e honestidade do grupo *TradWife* perante o público feminino. Em “*quem defende não entende isso*” e “*acordem!*” observa-se um tom de alerta e denúncia que enfatiza a representação da *TradWife* como alguém que lucra com a exposição do estilo de vida na *Internet*. Configura-se, assim, uma **impolidez negativa**, pois a **ordem direta** impõe uma atitude a ser tomada pelo público, atuando sob o espaço de ação do outro.

Conforme Pêcheux (1995), o sentido de um discurso decorre de seu alinhamento a uma FD, isso porque os sentidos de uma palavra ou expressão não se encontram determinados *a priori*, mas variam a depender da FD do locutor, que (re)produz, e do interlocutor que interpreta. No último comentário da interação, é possível identificar nuances de uma **FD de cunho progressista de crítica social** que evidencia criticamente o modelo de influenciadora que, por sua vez, apoia-se na lógica neoliberal que impulsiona o indivíduo a “conceber-se e comportar-se, em todas as dimensões de sua vida, como um capital que devia valorizar-se” (Dardot; Laval, 2016, p. 201). Assim, o estilo de vida *TradWife* parece encaixar-se nesses moldes que investem no “*marketing*” de si visando um público de “*mulheres que compram essa vida*” e que, por fim, “*vivem muitas vezes cortando gastos, exaustas*”, pois é no cotidiano que as desigualdades econômicas, resultantes do capitalismo, são materializadas, enquanto que nas mídias, o estilo de vida que é vendido muitas vezes funciona apenas nos recortes publicados.

Por fim, temos a última sequência de comentários produzidos a partir da primeira postagem.

Sequência de comentários 10 – Postagem em ameaça à face *TradWife*

Código do comentário e respostas	Usuário	Comentário ou resposta
P1-C9	Usuário_1	Nunca vi uma trad wife lavando um banheiro, uma louça...
C9-R1	Usuário_2	@Usuário_1 ta faltando seguir as certas então.
C9-R2	Usuário_3	@Usuário_2 é pq as mais famosas são riquíssimas, herdeiras e os maridos são mais ainda. Um fogão delas vale o mesmo que uma casa aqui no Brasil. Kkkk

O comentário inicial apresenta uma declaração sobre a *TradWife* na qual insinua a ausência de conteúdos que mostrem essas mulheres realizando atividades domésticas menos atrativas visualmente. Considerando o contexto da postagem, em ameaça à face desse grupo, o presente exemplo alinha-se com a postagem, haja vista a ausência de indicadores argumentativos que apontem uma discordância direta. Nessa direção, pode-se considerar que o ato funcione como um ataque à face de identidade social do grupo por meio de **impolidez positiva** ao agir com **antipatia** e, potencialmente **deslegitimar** essas mulheres ao verificar uma incongruência entre os valores e condutas da *TradWife*.

Na sequência, em resposta ao Usuário_1, pode-se depreender que em “*tá faltando seguir as certas então*” o segundo comentador **ameaça a face positiva** de seu interlocutor ao usar a **estratégia de impolidez positiva** ao buscar **desacordo** por meio da desconsideração do que foi dito. Pode-se inferir por meio do comentário que o primeiro comentador não encontrou uma *TradWife* na situação exemplificada porque não esteja em contato com conteúdos de *TradWife* reais, legítimas.

A interação se encerra com a participação de um terceiro usuário, que em reposta ao Usuário_2, explica para seu interlocutor o primeiro comentário. É possível notar o tom de deboche pela risada expressa com “*kkkk*”. A risada funciona como uma pista de contextualização importante, pois sinaliza, ao final do comentário, o aspecto de criticidade humorística. Além disso, o emprego de superlativo no adjetivo “*riquíssimas*” qualificando as *TradWife* e outras expressões enfáticas para evidenciar as condições financeiras do grupo (“*herdeiras*”; “*maridos mais ainda*”) destaca a disparidade entre aspectos econômicos do grupo e a realidade brasileira (“*um fogão delas vale o mesmo que uma casa aqui no Brasil*”).

Nota-se também que há um alinhamento entre o primeiro comentário e o último, de modo que este complementa e intensifica a crítica inicial. Portanto, compreende-se que a ameaça à face da *TradWife*, nessa interação, considera essas mulheres pela representação como donas de casa ricas, o que constitui uma incongruência com a vida tradicional promovida por elas. Além disso, o público alvo desses conteúdos nas mídias brasileiras são principalmente mulheres que não dispõem de condições financeiras que permitam a vivência do estilo de vida promovido pelo grupo. Assim sendo, observa-se indícios da presença de uma **FD progressista crítica social** haja vista que os comentários funcionam como uma denúncia que sinaliza a disparidade econômica entre influenciadoras ricas e mulheres menos favorecidas, indicando um privilégio de classe.

5.2 POSTAGEM 2 – ENQUADRE DE PRESERVAÇÃO DA FACE

Autor: Influenciador_2 Data da publicação: 03 de junho de 2025. Interações: 11 mil curtidas e 600 comentários	Legenda: Em defesa das <i>TradWifes</i> 🍷🌿🧴🔪📱 #deixaastradempaz - O ápice foi assistir a um vídeo que me mandaram onde a moça em questão criticava a velocidade com a qual as <i>tradwives</i> abrem as cortinas de manhã 😂 - juro! Transcrição do vídeo: Surgiu essa onda aí do momento agora, entre as católicas, teoricamente intelectuais ou enfim, as católicas <i>low profile</i>, é, de falar mal das <i>tradwives</i>, né? De falar que elas estão idealizando algo que não é palpável, que elas estão romantizando a maternidade. Bom, então assim, se não é pra romantizar a maternidade, você vai romantizar o quê? Já tem um monte de atriz da Globo, postando foto com olheira, falando da dor e do amor de ser mãe, falando como é difícil, falando que, como é que é? Ama o filho, mas não ama a maternidade. Aí vem um contraponto, que são justamente as <i>tradwives</i>, trazendo mais beleza, trazendo romantismo, à maternidade, à vida no lar e tudo mais. E aí as católicas reclamam também, entendeu? Então assim, fica, fica complicado defender. Primeiro, claro, eu acho que é muito claro pra todo mundo, que eu tô longe de ser uma <i>tradwife</i>. Primeiro, que eu não sou <i>wife</i> de ninguém e segundo [riso] que, segundo que a minha vida não tem nada, não tem nada igual a vida de uma <i>tradwife</i>, infelizmente, tá? Porque eu adoraria que tivesse. Em segundo, são críticas, né, pra quem se diz católica, intelectual ou tenta
---	--

	passar uma imagem católica, humildona, <i>low profile</i>, não me parece muito congruente, a atitude dessas mesmas mulheres, virem a público criticar mulheres, por sei lá, porque elas gostam de usar vestido de manga bufante e fazer pão de fermentação natural, entendeu? O que eu quero dizer, a minha vida é como a vida de, sei lá, da maioria das mulheres que têm filhos, ainda mais que são separadas. Só que eu vou ser bem honesta com vocês, eu acho maravilhoso! Aliás, eu não posso ver uma <i>tradwife</i> na minha <i>timeline</i>, que eu vou correndo seguir. Eu adoro as fotos que elas postam, eu adoro a valorização de coisas que hoje ninguém dá valor ou pelo menos o mundão aí não dá. Hã, eu, eu adoro que elas consigam fazer geleia, é, orgânica, de, de vestido e todas arrumadas e com cabelo de <i>baby liss</i>. Então assim, a internet, meu povo, é pra vender sonho! A gente tem que comprar esses sonhos aí, a gente tem que... Né? Sonhar é de graça. Honestamente, tipo, deixa as <i>tradwives</i> serem felizes, até porque elas estão fazendo só... Cara, o que que elas estão fazendo de mal? E eu acho meio tosco, essa ideia de que, ah, pra aparecer uma católica humildona, tem que aparecer aí, por aí, né, de, de cara lavada, de moletom todo esculhambado ou com a roupa que você bateu o dia inteiro, amassada, cabelo desgrehado. Então assim, eu honestamente não vejo virtude nisso. Não existe virtude em você aparecer esculhambado o tempo todo, só pra provar pros outros, como você não valoriza os ornatos exteriores, como você é intelectualizada, como você se atenta muito mais aos seus estudos, à sua vida intelectual e espiritual, principalmente você... então assim, sério, que preguiça, que preguiça desse papo, é sério mesmo, que preguiça desse papo! E aí, por último, né, uma das justificativas que esse povo dá agora: "ah, porque as <i>tradwives</i> mostram um estilo de vida inatingível pra maior parte das mulheres". Bom, minhas queridas, e o que que vocês têm a ver com isso? Se é um estilo de vida atingível para as <i>tradwives</i>, deixe que elas vivam esse estilo de vida, que não é nada, não é nada ruim. Então assim, não é porque você não consegue fazer essas coisas, que algumas mulheres não conseguem. Como eu disse, a minha vida tá bem longe de ter semelhança com a vida de uma <i>tradwife</i>, mas não é por isso, que eu não vejo beleza, nesse ideal, que elas estão tentando passar pras pessoas.
--	---

	Me parece muito mais um ressentimento, do que qualquer outra coisa, do que: "ai, uma preocupação genuína com as mulheres católicas, que não conseguem atingir esse ideal, então elas se sentem mal, as mulheres católicas estão deprimidas agora, porque elas não conseguem viver a vida das <i>tradwives</i> ". Ah, tenha santa paciência, vai!
--	--

Link de acesso para a postagem:
https://www.instagram.com/reel/DKckbDcufLv/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==

A postagem inferida no enquadre de preservação da face da *TradWife* designa-se como um conteúdo em apoio ao grupo ao evidenciar, logo em sua legenda a posição “em defesa das *TradWifes*”. Recursos como os *emojis*, “👉👈👉👈👉👈👉👈” e a *hashtag* “#deixaastradempaz”, típicos da linguagem cotidiana nas PRS, foram empregados como sinalizadores do posicionamento do influenciador_2, que complementa, ainda na legenda: “O *ápice* foi assistir a um vídeo que me mandaram onde a moça em questão criticava a velocidade com a qual as *tradwives* abrem as cortinas de manhã 🤔 - juro!”. O tom de crítica bem humorada é visível pelo uso emprego de termos como “*ápice*”, “*juro!*” e o *emoji* de risada 🤔 que acompanha a crítica pela rapidez no desempenho de uma atividade simples como abrir as cortinas. Desse modo, elementos linguísticos como os apresentados funcionam como pistas de contextualização (Gumperz, 1982) que possibilitam ao público captar a mensagem.

A postagem discute as críticas feitas à *TradWife*, em especial, as críticas feitas por católicas à essas mulheres. O modo de vida da *TradWife* é considerado por essas católicas, apontadas pelo autor da postagem como “*teoricamente intelectuais*” ou ainda “*low profile*” como sendo idealizado, não palpável e romantizado. Assim, o movimento em defesa da *TradWife* na postagem trata-se de uma resposta às críticas recebidas por parte das cristãs que são percebidas como incongruentes, uma vez que sua própria posição de cristã é posta em dúvida (“*pra quem se diz católica, intelectual ou tenta passar uma imagem católica, humildona, low profile*”).

Em contraste, o autor identifica a *TradWife* com uma imagem inocente e admirável (“*gostam de usar vestido de manga bufante e fazer pão de fermentação natural*”; “*trazendo mais beleza, trazendo romantismo, à maternidade, à vida no lar*”; “*adoro a valorização de coisas que hoje ninguém dá valor ou pelo menos o mundão aí não dá*”), ainda que reconheça, contudo, que se trata de um “*ideal, que elas estão tentando passar pras (sic) pessoas*” (“*a internet, meu povo, é pra vender sonho! A gente tem que comprar esses sonhos aí, a gente tem*

que... *Né, sonhar é de graça*”).

O autor da postagem, ou influenciador_2, declara uma posição em defesa à face positiva (valorização) e negativa (autonomia) dessas mulheres que, ao seu ver, não deveriam ser alvo de críticas (“deixa as *tradwives* serem felizes”; “o que que elas estão fazendo de mal?”; “o que que vocês têm a ver com isso?”; “não é porque você não consegue [...] que algumas mulheres não conseguem”). Diante do exposto, interpretamos a postagem como ajustada à noção de “trabalho de face” (Goffman, 2011), que diz respeito às negociações feitas pelos interactantes com o objetivo de manutenção dos valores sociais positivos relacionados à face e receber legitimação dos interlocutores nesse processo. No caso observado, a preservação da face diante das ameaças à face feitas ao grupo, é feito pelo influenciador_2, autor da postagem, que atua em favor de um terceiro. Este assume a posição de um mediador defensivo que exalta os valores e beleza da *TradWife* enquanto ideal positivo ao passo que tece críticas àquelas mulheres católicas que as censuram, destacando a incongruência e o ressentimento delas por meio de um tom humorado que suaviza sua repreensão.

Damos continuidade às análises, agora nos dedicando às interações nos comentários da segunda postagem, no enquadre que interpretamos como preservação à face da *TradWife*.

5.2.1 Análise dos comentários da postagem 2

Sequência de comentários 1 – Postagem em defesa à face *TradWife*

Código	Usuário	Comentário / resposta
P2-C1	Usuário_1	Sempre desconfio de "católicas anti tradwife" geralmente tem um pouquinho de feminismo enrustido no meio. 😊
C1-R1	Usuário_2	@Usuário_1 amigo, entenda que a maioria da mulherada atualmente é feminista de Schrödinger. Ou seja, empoderadas e independentes onde convém e correm pro tradicional quando é melhor pra elas, geralmente na hora de abordar o sexo oposto e sofrer rejeição ou na hora de abrir a carteira \$\$\$. Agora veja se a mesma na hora que você pede um

		strogonoff se ela responderá apenas “de carne ou frango e que horas quem comer?” Ou se ela vai dar chique te perguntando se ela é tua empregada.. a maioria responderia a última opção..
C1-R2	Usuário_1	Infelizmente estou sendo obrigado a concordar contigo amigo.
C1-R3	Usuário_3	Péssimo quando isso acontece né moço, assim ela pode contar para alguém

No exemplo abaixo, o primeiro comentário (P2-C1) aparenta ter como **alvo as mulheres católicas “anti tradwife”**, indicando uma desconfiança que elas geralmente encobrem suas concordâncias com o feminismo. O *emoji* de risada “😄” junto à insinuação de ligação dessas mulheres católicas com o feminismo parece revelar que essa conduta não é valorizada entre o grupo católico, sendo motivo de chacota, o que pode indicar uma impolidez que funciona como um meio de aproximação entre indivíduos que pensam de modo semelhante. O comentário apresenta uma **estratégia de impolidez positiva** voltada à face de identidade social da católica *anti-tradwife*. Podemos inferir que ao desassociar a mulher católica “anti *tradwife*” e a simpatizante feminista às mulheres católicas em geral, o ato pode funcionar como uma operação **ideológica de fragmentação pela diferenciação** do outro em um grupo, servindo para manter o distanciamento entre as mulheres. Pinto (2010, p. 20) reitera esse descredibilização da mulher feminista: “quando uma mulher feminista fala, tem duas marcas, de mulher e de feminista. [...] É a recepção de uma fala marcada, portanto particular, em oposição a fala masculina/universal.”

Em C1-R1, observa-se o **insulto “feminista de Schrödinger”**, em referência à hipótese elaborada pelo cientista Erwin Schrödinger que exprime o paradoxo de um gato simultaneamente vivo e morto dentro de uma caixa até que esta seja aberta e se confirme o estado do animal. O rótulo é dado ao **alvo do insulto**, isto é, as **feministas**, tidas como “a maioria da mulherada recentemente” e que se aproveitam do “tradicional” quando há benefícios.

No contexto das PRS, no qual o público que recebe a mensagem é incalculável, o potencial de um AAF é ainda maior do que em situações face a face, o que tensiona conflitos

abundantes. Portanto, interpretamos a presença de **impolidez positiva** à face de identidade social da mulher feminista por meio de **insultos e denominações pejorativas** que associam o feminismo ao oportunismo diante da rejeição masculina em um cenário hipotético. Em réplica, o primeiro comentador concorda com o comentário em resposta ao seu, alinhando e confirmando sua postura impolida diante à face da mulher sob as características explicitadas.

Um terceiro comentador contesta as opiniões, sem apontar diretamente um dos dois interlocutores, contudo, infere-se que o destinatário seja o autor do comentário anterior. O questionamento indica um desacordo por meio de uma hipótese feita a partir do exemplo dado anteriormente, não havendo outros indicativos que configurem a impolidez.

Portanto, os dois primeiros comentários posicionam-se de modo complementar, isso porque ambos concordam e asseveram um pensamento antifeminista. Infere-se que *TradWife* é representada aqui como um **modelo aliado aos moldes conservadores e patriarcais**, em distinção às anti-tradwife católicas e feministas.

De acordo com Sykes e Hopner (2023, p. 466), “as *TradWife* religiosas abrangem o espectro da direita [política], desde a direita conservadora até a extrema-direita, enfatizando um sistema patriarcal de família e sociedade”⁵⁶, o que se relaciona com o conservadorismo ao passo que “o debate sobre a família (e consequentemente sobre as questões de gênero e sexualidade) figura como principal objeto de investimento e injunção do pensamento conservador contemporâneo” (Ferreira, 2016, p. 168). No contexto dessa interação, o antifeminismo é mobilizado como “uma mercantilização da expressão de direita e como ferramenta de transmissão nas redes sociais”⁵⁷ (Sykes; Hopner, 2023, p. 460). Assim sendo, entendemos que os comentários P2-C1 e C1-R2 podem ser entendidos como inseridos numa **FD conservadora mais extremista**, que considera o termo “*feminista*” de modo a indexar um sentido de expurgo, pois a deslegitima, exclui e ridiculariza (“*sempre desconfio*”; “*empoderadas e independentes onde convém*”).

Na sequência, analisamos a próxima interação nos comentários da postagem em defesa à face de identidade social da *TradWife*.

Sequência de comentários 2 – Postagem em defesa à face *TradWife*

Código	Usuário	Comentário / resposta
P2-C2	Usuário_1	Brilhante! Tua fala foi

⁵⁶ No original: “*Religious Tradwives spanned the right-wing landscape from Conservative Right to Alt-Right and emphasized a patriarchal system of family and society*”. (Tradução nossa).

⁵⁷ No original: “*a commodification of right-wing expression, and social media as a broadcast tool*”. (Tradução nossa).

		pontual e excelente como sempre. Cada uma viva sua vida, admire quem deve ser admirada e, se não lhe cabe ou não lhe serve o estilo “x” apenas deixe de lado e não siga. Já encheu esse negócio de ser a salvadora das coitadinhas iludidas do Instagram contra as malvadas que tem um bom esposo que as mantém.
C2-R1	Usuário_2	@Usuário_1 O problema não está em gostar ou não, o problema é vc influenciar as pessoas a viverem uma vida que é inviável a muitas mulheres. Vc monetizar nas redes com sua vida de dona do lar que tem somente o marido provedor não é a realidade por da maioria das mulheres. O ponto da crítica é esse. Eu por exemplo não quero é nem me deixo influenciar por seja quem for,mas muitas seguidoras da Influenciador_2 por exemplo se deixam influenciar por sua vida postada na Internet
C2-R2	Usuário_1	@Usuário_1 eu não concordo com todos os posicionamentos da @influenciador_2 e nem com tudo o que ela fala. Mas nessa fala foi impecável e também não sou responsável pelo trabalho dos outros. Temos vários modelos de apostolados pela internet, mas espera-se que uma mulher minimamente adulta saiba discernir o que lhe cabe.

O comentário inicial da presente sequência apresenta uma mensagem em apoio à postagem, o que confere um alinhamento em defesa da *TradWife*. Nesse contexto, há uma alusão à *TradWife* de modo irônico, como sendo “*malvadas que tem um bom esposo que as mantém*”. Pode-se inferir, a partir dessa posição que o comentador entende essas mulheres como autênticas, reais no sentido que de fato vivem a situação ilustrada em contraposição à atribuição performática e ilusória que vimos em alguns exemplos anteriores. É possível notar, por implicatura, a **impolidez encoberta (*off-record impoliteness*)** ao se valer da ironia e sarcasmo em tom hiperbólico (“*a salvadora das coitadinhas iludidas do Instagram*”). Nesse caso, a impolidez se dá pela inferência no uso do termo “*salvadora*” e o sentido implicado, apreendido pelo contexto, funcionando como um insulto. Entende-se que a impolidez está direcionada àquelas que criticam a *TradWife*.

No segundo comentário, em resposta ao primeiro comentador, o Usuário_2 argumenta sua posição em discordância ao que foi dito, criticando problemas vistos na conduta das mulheres *TradWife* por meio de dois verbos principais: “*influenciar*” e “*monetizar*”. Assim, a *TradWife* é, nesse comentário, representada como uma **influenciadora digital e membro de classe rica**, como pode-se inferir em “*influenciar as pessoas a viverem uma vida que é inviável a muitas mulheres*” e “*dona do lar que tem somente o marido provedor não é a realidade da maioria das mulheres*”. Nota-se que o Usuário_2 sinaliza o alvo da crítica usando o elemento dêitico “*esse*” para referir-se, por implicatura, à *TradWife*. Logo, interpretamos uma **estratégia de impolidez positiva** com alvo na *TradWife*.

Observa-se que o comentador tece uma crítica que expõe uma relação de desigualdade social na qual a “*maioria das mulheres*” não tem condições de adotar o estilo de vida da *TradWife* pois a provisão do lar somente pelo marido é uma condição privilegiada. Com isso, infere-se uma crítica também ao sistema econômico em vigência, o capitalismo e ao modelo neoliberal onde a promoção de um estilo de vida nas PRS pode ser atrativa, mas inviável para mulheres menos favorecidas financeiramente. A partir disso, relacionamos a mensagem a uma **FD de cunho progressista de crítica social** que indica problemas socioeconômicos relacionados às classes sociais influenciadas pelo conteúdo *TradWife*.

Em resposta, no comentário C2-R2, o primeiro comentador desassocia-se brevemente do autor da postagem, “*não sou responsável pelo trabalho dos outros*” em aparente resposta ao que seu interlocutor criticou “*muitas seguidoras da Influenciador_2 por exemplo se deixam influenciar por sua vida postada na Internet*”. Essa postura defensiva sustenta que a crítica foi considerada como direcionada a si, implicando na resposta em defesa própria.

Logo, houve uma avaliação de **impolidez positiva** por desassociação com alvo no interlocutor. Contudo, o comentador reafirma sua posição (“*mas nessa fala foi impecável*”) em alinhamento com a mensagem da postagem, em defesa da *TradWife*.

Em C2-R2, tem-se uma responsabilização individual da mulher (“*espera-de que uma mulher minimamente adulta saiba discernir*”). Essa postura demonstra a desconsideração de fatores sociais e reforça a resignação diante da situação (“*o que lhe cabe*”), sem contestação. Tal posicionamento pode indicar uma naturalização dos papéis de gênero, apontando o estilo de vida da *TradWife* como uma escolha, cabe a mulher “discernir” se esse lugar “lhe cabe”, relacionando-se a uma **FD conservadora**. Esta é evidenciada pelo deslocamento de uma crítica à estrutura social, como faz o Usuário_2, à crítica ao indivíduo como responsável pela escolha, o que naturaliza a ordem vigente ao mesmo tempo que encobre a estrutura desigual da sociedade. Nas categorias de Thompson (2011), essa estratégia é chamada de **reificação por meio da naturalização**, pois a ordem social não é tida como questionável, mas natural, o que funciona como um meio de manutenção da ordem vigente.

Sequência de comentários 3 – Postagem em defesa à face *TradWife*

Código	Usuário	Comentário / resposta
P2-C3	Usuário_1	O problema delas é não ter marido que as deixem ser como as tradwifes. 😏 Tipo, eu só queria ir pegar uns ovos no galinheiro p fazer bolo, lavar umas roupas, e passar a tarde tooda lendo um livro na varanda. 😊
C3-R1	Influenciador_2	ahahaha tipo isso
C3-R2	Usuário_2	@influenciador_2 isso é o que aparece na Internet, na real o dia é bem corrido, não sobra tempo para varanda. Minha filha tem 4 crianças (lindas, fofas mas que nos deixam de cabelo em pé. 😂😂😂). A vovó entra na dança também, elas precisam de ajuda. E agradeço a Deus por poder colaborar, para que tenham um pouquinho de descanso.
C3-R3	Usuário_3	@Usuário_2 bom, se vc

		soubesse que estudo, trabalho, carreira, filho, tudo isso somado é mais cansativo do que so ter filhos e cuidar da casa... Isso tudo graças ao feminismo. 🙏😏
--	--	--

Dado o contexto do exemplo, que parte da postagem em defesa da *TradWife* e em crítica às mulheres cristãs que criticam o estilo de vida tradicional exposto nas plataformas, acreditamos que a discordância em si não configura um ato de impolidez. Contudo, a discordância pode funcionar como uma ameaça à face quando esta ocorre por um desmonte das qualidades valorizadas e que compõem a imagem social pretendida por alguém.

Identifica-se em P2-C3 um reforço na crítica às mulheres criticadas pela postagem. O comentador revela algo errado, indicando que o problema das católicas que criticam a *TradWife* é “*não ter marido que as deixem ser como as tradwives.* 😏”. A crítica, acompanhada do *emoji* cabisbaixo sugere um tom de lamentação, que pode, no entanto, servir como **sarcasmo** em uma **impolidez encoberta (*off-record impoliteness*)** inferida por uma implicatura. Ao expressar seu desejo pessoal (“*eu só queria ir pegar uns ovos no galinheiro p[ara] fazer bolo, lavar umas roupas, e passar a tarde toooda lendo um livro na varanda.* 😏”), o comentador reafirma sua posição favorável ao estilo de vida *TradWife* como desejável, o que confere um tom feliz e satisfeito pelo uso do *emoji* “😏”. A representação da *TradWife* aqui aparece ligada ao sentido de um **modelo de vida ideal e desejável**.

Assim, o comentário alinha-se à postagem, em concordância e reitera **a ameaça à face de identidade social das católicas contrárias à TradWife**, pois a partir do comentário podemos depreender a inserção de um tópico sensível: a condição marital é o que separa uma mulher em ser *TradWife* ou não. Nesse sentido, há a permissão, por meio do marido em seu papel de provedor que possibilita a esposa ter um estilo de vida dedicado ao lar. A dinâmica revela uma hierarquia de poder entre o homem que autoriza e a mulher que é autorizada a ser, refletindo uma relação patriarcal que resiste às transformações nas relações sociais entre homens e mulheres buscando, assim, “conservar um lugar social para estas, que se mantêm em desigualdade perante aos homens” (Oliveira, 2018, p. 853). Portanto, tal dizer pode encaixar-se a uma **FD conservadora patriarcal** que por meio da crítica àquelas que não podem ser uma *TradWife*, vale-se de do modo **de reificação** da ideologia conservadora por meio do aspecto tradicional idealizado que, por sua vez, funciona por meio de uma estratégia

de **naturalização** da relação hierárquica entre marido e esposa.

Em C3-R1, o autor da postagem expressa sua conformidade como que a mensagem do comentário em resposta à postagem. Na sequência, em C3-R2, o comentário é endereçado ao autor da postagem por meio de seu @ de usuário. O comentador tece uma comparação entre o que é exposto na *Internet* e o que ocorre na vida real, o que sugere uma discrepância (“*é bem corrido, não sobra tempo para varanda*”). A comparação sugere que a *TradWife* funcione como um **modelo performático** que é inviável na realidade de uma mãe. Assim, o comentário pode funcionar como um insulto por meio da ambiguidade produzida pela comparação que implica dizer que a *TradWife* mostra na *Internet* não condiz com a realidade. Desse modo, creditamos configurar uma **impolidez encoberta (off-record impoliteness)**.

O último comentário da sequência, em C3-R3, trata-se de uma réplica ao comentário anterior e está endereçado diretamente ao interlocutor, o Usuário_2. O comentador mostra-se contrário ao posicionamento de seu interlocutor ao destacar, em uma comparação, o cansaço devido ao acúmulo de atividades (“*estudo, trabalho, carreira, filho*”) e o cuidado dedicado aos cuidados do lar (“*só ter filhos e cuidar da casa*”). Em seguida, há uma expressão de agradecimento irônico (“*isso tudo graças ao feminismo. 🙏🏻😏*”), o que podemos verificar como sendo um ato de **impolidez encoberta (off-record impoliteness)** por **sarcasmo**, direcionado ao **movimento feminista**. Assim como em P2-C3, aqui notamos uma espécie de antítese entre o modo de vida *TradWife*, como **modelo de vida ideal e desejável**, e o feminismo. A mulher moderna é retratada como sobrecarregada de afazeres e a isso é atribuída a responsabilidade ao feminismo.

De acordo com Schimdt (2006, p. 766), pesquisadora sobre o feminismo, vulgarizar o movimento feminista e relacioná-lo a algo que não é bom, sadio e desejável para a sociedade brasileira é parte de uma estratégia de segmentos elitistas, em uma “tentativa de desqualificar os avanços sem precedentes das conquistas feministas”. Considerando que Mannheim (1959) explica a postura conservadora como opositora e combativa diante do potencial transformador dos movimentos progressistas, o apontamento de Schimdt (2006) ilustra a materialização do pensamento conservador.

O sarcasmo como estratégia de impolidez direcionada às mulheres simpatizantes ao feminismo ou integrantes do movimento estabelece uma ameaça à face de identidade social, isto é, um ataque ao reconhecimento dos valores defendidos pelo grupo. Infere-se que essa argumentação pode atrelar-se a uma **FD de cunho conservador patriarcal**, uma vez que produz efeitos favoráveis à manutenção do modelo familiar patriarcal de vida doméstica. No entanto, vale destacar a nuance crítica ao acúmulo de atribuições conferidas à mulher

contemporânea.

Pode-se, ainda, considerar que a posição antifeminista do comentário atua como um meio de validar o modelo doméstico como mais adequado e menos cansativo, de modo geral. Tal perspectiva corrobora com o discurso que negativiza a emancipação feminina, cooperando com o sistema do patriarcado pelo modo ideológico de **legitimação** pela estratégia de **universalização** do modelo como digno de apoio e mais vantajoso às mulheres.

Sequência de comentários 4 – Postagem em defesa à face *TradWife*

Código	Usuário	Comentário / resposta
P2-C4	Usuário_1	Concordo. As “tradwifes” que vivem esse privilégio e empregam o tempo em construir uma vida intelectual, espiritual e familiar muito acima da média, são verdadeiros tesouros pra sociedade. Mas disso quase ninguém fala. Preferem reduzi-las a um estereótipo simplista, como se vivessem apenas entre pães caseiros e laços no cabelo. Uma visão rasa, e no mínimo, marcada por inveja disfarçada de crítica. A verdade é que quem é cristão de verdade não perde tempo promovendo ataques a quem não é uma mínima ameaça pra sociedade. Tanta coisa ruim pra se preocupar. Preguiça mesmo! 🙄
C4-R1	Usuário_2	@Usuário_1 você pode me indicar uma tradwifes com vida intelectual? Eu realmente adoraria conhecer e acompanhar, mas não conheço nenhuma.
C4-R2	Usuário_1	@Usuário_2 Usuário_2, nao sou blogueira, nem falo de influenciadoras virtuais. Refiro-me a mim mesma e a mulheres do meu convívio real, aquelas

		que, como eu, vivem profundamente o chamado de serem esposas tradicionais. Cuido da minha casa e da minha família todos os dias, estudo e comungo diariamente. Tocamos instrumentos, lemos em voz alta, partilhamos receitas. Privilegiada? Sem dúvida. Mas é uma vida escolhida com consciência, construída com sacrifício e amor. Poderia estar trabalhando fora também? Sim. Mas sei que minha família não seria edificada como é com a minha presença. Faço o melhor que posso por mim e pelos que me cercam. E sei que estou formando crianças que se tornarão adultos virtuosos. Com vida intelectual e não que pensam através do senso comum. Será sempre assim? Não me cabe prever. Mas sei de onde vim. Sei que a base de uma sociedade sólida, como foi a das nossas avós e bisavós, foi sustentada por mulheres assim: esposas e mães que eram tradwives, ainda que não usassem esse nome. E, muitas vezes, eram formadas espiritual e intelectualmente com uma profundidade que hoje raramente encontramos nas pessoas. Eu prefiro não fazer menções específicas mas tem muitas mulheres que até vendem cursos valiosos por aqui, que sempre foram tradwives.
--	--	--

No exemplo, é explícito que o comentador, Usuário_1, está alinhado com o posicionamento em defesa da *TradWife*, assim como a postagem. Os sentidos conferidos à *TradWife* são positivos e vantajosos, atrelados sobretudo ao sentido de **mulher privilegiada e valorosa**, como podemos verificar nas primeiras linhas do comentário. Nota-se uma resposta em desacordo e em ataque à face dos cristãos que criticam essas mulheres tradicionais via **impolidez positiva e negativa**, isso porque atribui àqueles cristãos que seu posicionamento se trata de uma “visão rasa”, “inveja disfarçada de crítica” e que causa “preguiça mesmo! 😞”, o que atinge a imagem pública do alvo da crítica. Aqui o *emoji* sugere um reforço na emoção (preguiça, tédio) causada diante à situação. Além disso a crítica desqualificadora em “*quem é cristão de verdade não perde tempo promovendo ataques*” interfere na liberdade de expressão desses cristãos tidos aqui, implicitamente, como “falsos cristãos”.

Nota-se que a atitude do comentador promove uma segregação entre “cristãos de verdade”, aqueles que não atacam a *TradWife* e seus valores, isto é, sua face, e aqueles que, por implicatura, pode-se entender como “cristãos falsos”, invejosos e dissimulados que criticam a *TradWife*. Isso posto, nota-se uma **FD conservadora religiosa** que abarca discursos em prol da moralidade cristã conservadora e que enreda aspectos ideológicos por meio da **fragmentação** do grupo religioso cristão via a **estratégia de diferenciação** que evidencia as diferenças entre os integrantes da comunidade, promovendo a divisão pela conduta que os desune. Assim, a relação de dominação patriarcal é mantida, haja vista que o modelo *Tradwife* contempla os ideais a serem sustentados e valorizados entre o grupo. A *tradwife* aqui é entendida como uma missão decidida por escolha e renúncias, atendendo a uma lógica cristã sacrificial (“o chamado de serem esposas tradicionais”).

No próximo comentário, um outro comentador faz um pedido em forma de pergunta (“você pode me indicar uma *tradwives* com vida intelectual?”) e justifica o pedido na alegação de não conhecer nenhuma *TradWife* que possua uma vida intelectual. Não encontramos indícios suficientes para atribuir a esse comentário um ato de ameaça, ou estratégia de impolidez.

Em C4-R2, o primeiro comentador nega ter se referido, em seu comentário, às influenciadoras *TradWife*, mas sim a si mesma e às mulheres de seu convívio. Essa atitude defensiva pode indicar que o comentário de seu interlocutor tenha sido recebido como uma impolidez positiva e negativa, isto é, uma ameaça à face efetuada ao solicitar uma comprovação (atinge a face negativa) que ateste um ponto citado em seu primeiro comentário e que coloca a veracidade de sua fala em dúvida (atinge a face positiva).

Identifica-se, ainda nesse comentário alinhado à uma **FD conservadora religiosa**, um indicativo de operação ideológica em “*a base de uma sociedade sólida, como foi a das nossas avós e bisavós, foi sustentada por mulheres assim: esposas e mães que eram tradwives*”, atuando pelo modo de **reificação** por meio da **eternalização**. Tal estratégia se vale de costumes, tradições e instituições que são tratadas no discurso como permanentes e imutáveis, o que esvazia o caráter histórico de fenômenos sócio-históricos, como um modo de organização social do passado, colocado aqui como condição para o funcionamento dessa sociedade.

Sequência de comentários 5 – Postagem em defesa à face *TradWife*

Código	Usuário	Comentário / resposta
P2-C5	Usuário_1	De tudo que você disse eu entendi: ser católica não afasta o sentimento da inveja 😏 O que as defensoras do estilo de vida x ou y não percebem é que, de qualquer forma elas estão pagando. Pagando com o corpo, pagando com o tempo, pagando com a vida dedicada em troca do material, do financeiro. O único jeito de viver mais plenamente é sendo autônoma, independente, e escolher estar com alguém por amor e admiração que nos fazem desejar a pessoa, e não pelo interesse de ser bancada financeiramente pra fazer geleia com mangas bufantes as 15 horas da tarde. Porque chega a noite essa tradwife paga também, não tem jeito. A dificuldade que o povo tem de escolher uma vida e assumir a escolha que fez é a grande revelação desse comportamento. Infantilidade e ausência de responsabilidade. E outra, se a tradwife é

		influenciadora, ela não está fazendo o que faz pela família, não é só devota da família, ela é dedicada e devota aos seguidores. Povo não acorda. Nossa senhora, que limitação.
C5-R1	Usuário_2	@Usuário_1 Esse é o ponto das críticas às tradwife. Vc foi no ponto central

No exemplo, o primeiro comentário inicia-se com uma síntese da interpretação do comentador a partir da postagem: “*ser católica não afasta o sentimento da inveja* 😊”, em concordância com o posicionamento da postagem desfavorável às católicas que criticam a *TradWife*. O *emoji* de risada pode funcionar como um minimizador de uma ameaça à face dessas católicas, pois a atribuição de um sentimento negativo, a inveja, não é desejável à imagem pública de pessoas religiosas. Logo, interpretamos como uma **impolidez encoberta (*off-record impoliteness*)** em que o tom sarcástico é percebido **por implicatura**, e que, apesar de não mencionar diretamente o destinatário, pode-se inferir que seja as **católicas que criticam a *TradWife***, assim como na postagem.

É possível notar dois posicionamentos no comentário: na primeira parte, percebe-se uma nuance de concordância com a postagem. Em seguida, é feita uma correspondência entre a opção da mulher pela dedicação à vida profissional (“*pagando com o corpo, pagando com o tempo, pagando com a vida dedicada em troca do material, do financeiro*”) e a vida do lar (“*essa tradwife paga também, não tem jeito*”), destacando que ambas as escolhas resultam em um “ônus”.

Na segunda parte do comentário, nota-se um tom crítico acerca da figura da *TradWife*. O comentador opina que “o *único jeito de viver mais plenamente*” é buscando a autonomia, a independência e escolhendo um parceiro pelo sentimento. Em seguida, é feita uma comparação **crítica que ameaça a face de identidade social da *TradWife* por meio de implicatura** (“*sendo autônoma, independente, e escolher estar com alguém por amor[...] e não pelo interesse de ser bancada financeiramente pra fazer geleia com mangas bufantes as 15 horas da tarde*”). Infere-se que em “*fazer geleia com mangas bufantes as 15 horas da tarde*”, se refira à *TradWife*, pois trata-se de um estereótipo ligado à estética e afazeres domésticos dessas mulheres, e que é citado na própria postagem, mas como um exemplo de conduta inofensiva e valorosa (e.g. “*elas gostam de usar vestido de manga bufante*”; “eu

adoro que elas consigam fazer geleia, é, orgânica, de, de vestido”). O que pode confirmar o alvo da impolidez é que, logo na sequência, o comentador diz “*essa tradwife paga também, não tem jeito*”, que pelo uso do dêitico “*essa*”, implica em uma referência ao que foi dito antes.

Podemos, assim, interpretar que nos trechos indicados ocorra uma **impolidez encoberta** (*off-record impoliteness*) ao não fazer um AAF explicitamente, mas implicitamente por meio de **perífrase** ao usar marcadores identitários de modo depreciativo, por implicatura e, ainda, implicitamente, uma **insinuação** de que essas mulheres sejam **interesseiras** (“*e não pelo interesse de ser bancada financeiramente*”).

Em continuação, nos parece que o tom crítico se generaliza às pessoas, que, de modo geral, ao decidirem por um estilo de vida encontram dificuldades em lidar com a decisão. A crítica a esse comportamento (“*infantilidade e ausência de responsabilidade*”) é generalista no sentido de não apontar, nem fornecer pista suficiente para a inferência de um destinatário. Por fim, a figura da *TradWife* é citada em uma suposição que põe em xeque as motivações pela escolha (“*se a tradwife é influenciadora, ela não está fazendo o que faz pela família*”). Infere-se, por uma implicatura, tratar-se de uma contra-argumentação com uma fala presente na postagem (“*então assim, a internet, meu povo, é pra vender sonho!*”), pois nesse recorte da fala do autor da postagem está implícito que a *TradWife* “venda um sonho”, presumindo, que nem todas as mulheres podem viver esse modelo (“*não é porque você não consegue fazer essas coisas, que algumas mulheres não conseguem*”). Ainda nesse mesmo comentário, ao final, em continuidade há suposição feita da *TradWife* ser uma influenciadora, o comentador alerta, em um tom de indignação “*ela é dedicada e devota aos seguidores. Povo não acorda. Nossa senhora, que limitação*”.

É interesse a escolha do termo “devota” aqui, pois a postagem posiciona-se criticamente à mulher católica que critica a *TradWife*, e, nesse contexto religioso que permeia a temática da interação, inferimos, por implicatura, se tratar de uma alusão à devoção religiosa. Nesse caso, pode-se entender como um **ato que ameaça a face da TradWife** por meio de **impolidez encoberta** (*off-record impoliteness*), em que ao expressar uma suposição, os sentidos não ficam claros, conferindo uma superficialidade a **crítica** que se confirma ao completar com “*o povo não acorda*” e “*que limitação*”, o que pode indicar a obviedade de sua constatação.

Não foi possível identificar indícios de uma FD na qual o discurso possa estar engajado, pois apesar de observamos uma valorização da autonomia e independência da mulher no comentário, apenas essa postura é insuficiente para apontar alguma inclinação

ideológica em si. O segundo comentário inscrito na interação manifesta apoio à mensagem, não apresentando indicadores de impolidez.

Sequência de comentários 6 – Postagem em defesa à face *TradWife*

Código	Usuário	Comentário / resposta
P2-C6	Usuário_1	Deixe a mulher ser o que ela quer ser mas serve para os dois lados. Não adianta criticar feministas que lutam pelos direitos femininos e que vc só dá valor depois que descobre um chifre sem uma profissão pq ficou em casa fazendo pão!
C6-R1	Usuário_2	@Usuário_1 conceito frustrado pra evitar algo.... típico de feministas

O exemplo acima, embora curto, apresenta alguns elementos interessantes à nossa análise. De início, o comentador faz uso do modo imperativo em uma ordem, “*deixe a mulher ser o que ela quer ser*”, o que pode ser interpretado como um **ato de ameaça à face negativa**, possivelmente tendo como **alvo o autor da postagem**. Isso porque o comentário não está ligado a outro comentário anterior, mas está atrelado diretamente à postagem, assim, infere-se que se refira ao Influenciador_2, como nomeamos o autor da postagem em questão. O AAF se dá por meio da **estratégia de impolidez negativa**, que é realizada quando há uma invasão do espaço de ação do outro, como ocorre quando uma ordem é feita, gerando uma expectativa em seu cumprimento. Em seguida, uma condição é inserida “*mas serve para os dois lados*”, que é explicado logo a seguir. Em continuação, há uma posição em defesa às feministas e o reconhecimento de suas lutas (“*feministas que lutam pelos direitos femininos*”) em contraposição à mulher que as critica (“*não adianta criticar feministas*”), mas que necessitam dos direitos por elas alcançados após se encontrarem desamparadas financeiramente. Com “*vc só dá valor depois que descobre um chifre sem uma profissão pq ficou em casa fazendo pão!*”, o comentador, em uma situação hipotética, alude à figura da *TradWife* por meio do exemplo em que a mulher, sem profissão, dedica-se exclusivamente aos serviços domésticos e ao cônjuge. Parece haver um **tom sarcástico e humorístico** no comentário, isso porque nota-se uma rima entre “*sem profissão*” e “*fazendo pão!*”, contudo, não há indícios que seja intencional.

É possível ver que aqui a mulher feminista, ao contrário de exemplos anteriores, é

considerada e legitimada por meio do reconhecimento ao movimento. O sentido conferido relacione-se com a perspectiva de um movimento pelos direitos femininos, que viabiliza a emancipação da mulher diante a figura masculina, estabelecendo uma força contrária ao modelo conservador, em um movimento de mudança social. Considerando essa interpretação, acreditamos que há indícios de uma **FD progressista** atuando na mensagem produzida.

Ao que tudo indica, o interlocutor do comentário, apreendeu a mensagem nesse mesmo sentido, pois entende como um “*conceito frustrado*” e “*típico de feministas*”. Aqui, a denominação “feminista” é aplicada com **sentido pejorativo**, em desqualificação configurando uma **ameaça à face de seu interlocutor** mediante a **estratégia de impolidez positiva** por meio de um **marcador identitário sob um valor depreciativo**. De acordo com os resultados da pesquisa de Lerner (2023), o discurso conservador mobiliza o termo “feminismo” entorno de sentidos ligados a um perigo à natureza tradicional dos papéis de gênero, a degradação das mulheres e à tentativa de igualhar-se aos homens, o que ameaça a ordem tradicional de gênero. Assim, consideramos válido pensar o comentário C6-R1 como ligado a uma **FD conservadora**.

Sequência de comentários 7 – Postagem em defesa à face *TradWife*

Código	Usuário	Comentário / resposta
P2-C7	Usuário_1	Cala a boca ô Skyler White da shopee
C7-R1	Usuário_2	@Usuário_1 mandando uma outra mulher calar a boca porque não concorda com ela ? 🤔🤔🤔🤔

No exemplo acima, o primeiro comentário configura uma atitude negativa direcionada ao autor da postagem, haja vista tratar-se de um comentário ligado diretamente à postagem, sem vínculo com um comentário anterior. A fórmula convencional “cala a boca” produz um ato de **ameaça à face negativa do interlocutor**, em uma estratégia de **impolidez negativa** via **silenciador**, isto é, a expressão impolida usada funciona como um meio de ação sob o direito de expressão do outro. Acompanhado da expressão silenciadora, verificamos a presença de um vocativo pejorativo, “ô *Skyler White da Shopee*”. O autor da postagem não possui esse nome, mas foi assim chamado em uma comparação implícita à *Skyler White* “verdadeira”, que é uma personagem fictícia da série de televisão estadunidense *Breaking Bad*. Já a expressão “da *Shopee*” é recente e faz referência a uma plataforma de compras *on-line*, muito popular no Brasil e conhecida por vender produtos mais baratos, sobretudo de origem chinesa. Contudo, a expressão possui valor negativo, pois faz alusão à procedência

duvidosa de alguns produtos vendidos no *site*. Portanto, podemos entender que o sentido remete à falsidade da nomeação dada ao autor da postagem.

O comentário seguinte é endereçado diretamente ao locutor do comentário anterior, por meio de seu nome de usuário na plataforma. O comentador faz uma pergunta acompanhada de vários *emojis* de risada “😂😂😂😂” que podem servir como pista de contextualização para indicar um possível deboche ou como um minimizador à pergunta, caso seja interpretada em tom retórico. Interpretamos que seja uma pergunta retórica, pois descreve a atitude de seu interlocutor e atribui a ela uma causa, um porquê dessa ação (“*porque não concorda com ela*”). Nesse caso, por implicatura, a pergunta pode ser vista como não sincera, tendo efeito de **impolidez encoberta** (*off-record impoliteness*) ao não levar o outro à sério de modo dissimulado.

5.3 POSTAGEM 3 – ENQUADRE DE RIDICULARIZAÇÃO DA FACE

Autor: Influenciador_3 Data da publicação: 03 de setembro de 2025. Interações: 438.500 curtidas, 2.100 comentários.	Legenda: Bom demais ser tradwife. Transcrição do vídeo: Texto no vídeo: Mulheres conservadoras se dando conta do que elas defendem: (som de comemoração com aplausos, assobios e gritos) Personagem: (comemorando e sorrindo): - É isso aí! Vozes sobrepostas do público: - Cala a boca! - Fica quieta - Quem cê pensa que cê é? - Vai pra cozinha, vai Personagem: (acenando em positivo com a cabeça) - Sim, senhora - Vai, vagabunda - Fica quietinha, vadia Personagem: - Desculpa - Tinha que ser mulher, né? - Sua puta
---	---

Link de acesso para a postagem: https://www.instagram.com/reel/DOJnXaMEU-g/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==.

A postagem em questão, que serve como ponto de partida para a produção de comentários pelo público engajado, apresenta uma combinação entre um conteúdo humorístico e crítico sobre a *TradWife* que é associada ao grupo de mulheres conservadoras. Como observa-se na legenda, “*bom demais ser tradwife*”, confere um tom irônico à postagem, visto que a mensagem publicada em vídeo aponta uma postura crítica. No vídeo, a autora da postagem, a qual nos referimos como *Influenciador_3*, encena uma situação comemorativa em que há vozes sobrepostas de pessoas animadas, celebrando algo que não é explicitado. O vídeo apresenta o seguinte texto, que funciona como uma legenda que introduz o contexto para a interpretação da mensagem: “*mulheres conservadoras se dando conta do que elas defendem:*”. A personagem também comemora, sorrindo e, em estado de aparente empolgação, declara em voz alta: “*É isso aí!*”, em aprovação e apoio. No mesmo instante, vozes rompem a cena de modo simultâneo em dizeres censurantes, como “*cala a boca!*”, “*fica quieta*” e “*quem [vo]cê pensa que [vo]cê é?*”. Essa atitude parece causar surpresa e espanto na personagem que muda sua expressão facial para um olhar assustado e desconcertado pela mudança brusca da situação. Em acordo, a personagem acena que “sim”, com a cabeça e responde “*sim, senhora*”, condescendente com as ordens feitas pelas vozes. Ao final, a personagem pede desculpa, sugerindo o reconhecimento de que sua expressão ao início do vídeo não é aceita pelo grupo.

Assim, a postagem exhibe um posicionamento acerca das mulheres conservadoras, o que também se aplica à *TradWife*, como indica a legenda irônica. A partir disso, interpretamos a mensagem da postagem como um ato que prejudica a imagem social desejada pelo grupo criticado, em outras palavras, ameaça deliberadamente a face do grupo, configurando um AAF (Culpeper, 1996, 2011).

5.3.1 Análise dos comentários da postagem 3

Nesta subseção analisamos as interações nos comentários da postagem no enquadre que interpretamos como em ridicularização da face *TradWife*. O termo ridicularização que adotamos é adaptado de Barreto Filho (2019, p. 136), que caracteriza alinhamentos interacionais em que há o “uso de humor e ironia para desqualificar e ridicularizar o posicionamento dos outros”. Na aplicação original, presente na tese do autor, a ridicularização caracteriza a noção de *footing* de (im)polidez que se relaciona a como os participantes da interação “estabelecem alinhamentos por meio dos quais gerenciam as marcas de (im)polidez”

(Barreto Filho, 2019).

Para nosso trabalho, a ridicularização é entendida como um posicionamento feito pela postagem que se coloca em um quadro interpretativo híbrido, entre um conteúdo humorístico e, ao mesmo tempo, crítico à *TradWife*, de modo que a interpretação do público engajado possa estar intimamente ligada às suas percepções quanto à figura criticada. Pressupomos que inclinações ideológicas podem ser assinaladas por meio dos posicionamentos marcados pelo uso da impolidez realizada por estratégias direcionadas a alvos que não necessariamente estão participando da interação.

Considerando os embates pelos sentidos ligados à identidade da *TradWife*, a defesa e o ataque a determinados pensamentos e condutas constituem modos de organização discursiva que se filiam a FDs distintas nessas discussões polarizadas. Nesse ínterim que mobiliza vertentes de pensamento e visões de mundo divergentes acerca dos sentidos que caracterizam a *TradWife*, as relações de poder atuam em um jogo desigual. Isso porque as interações são construídas pelo contexto em que ocorrem e, no caso apresentado, o tema abarca tensionamentos sociais importantes para organização da estrutura social: os papéis de gênero feminino. Portanto, as interações que observamos são permeadas pelas lógicas do contexto imediato, ou seja, os mecanismos que gerenciam as práticas inseridas na plataforma e de um contexto mais amplo que abarca o funcionamento social enquanto uma estrutura sob tensão.⁵⁸

Nas análises a seguir, buscamos averiguar como essas relações entremeiam as trocas comunicativas tendo como ponto de partida a postagem em ridicularização da imagem social do grupo feminino.

Sequência de comentários 1 – Postagem de ridicularização à face *TradWife*

Código	Usuário	Comentário / resposta
P3-C1	Usuário_1	Plot: as feministas que defendem o direito de fala da mulher que falaram isso por ela ousar pensar diferente
C1-R1	Usuário_3	q comparação bosta, viu, vc tem um cll pra comentar o q não sabe, mas n pode pesquisar antes de falar? Feminismo lutou até por a mana q diz odiar ele, pq se ele não tivesse

⁵⁸ No terceiro capítulo abordamos os aspectos contextuais imediatos e socioculturais que formam o cenário no qual as interações analisadas ocorrem, bem como exercem influências importantes nos rumos dessas interações.

		lutado, vc provavelmente ia ta fazendo o q quiser com qualquer mulher e ninguém ia nem questionar
C1-R2	Usuário_1	Eu provavelmente faria nada, nem vem impor as m3rd4s que fazem com você a mim não, feminismo restringe, a mulher é totalmente desumanizada pelo feminismo quando ela não concorda, ou seja, no vídeo é exatamente o feminismo atacando mulher que ousou pensar diferente, nesse sentido, qual a diferença dele pra um macho escr0t0 dos séculos passados? NENHUM

No exemplo acima, podemos verificar, no primeiro comentário, uma argumentação que sugere uma hipótese para identificar quem são as vozes que silenciam a personagem que representa a mulher conservadora/*tradwife*. O comentador atribui às feministas o silenciamento da mulher que “*ousar pensar diferente*” delas.

A sugestão hipotética feita pelo primeiro comentador é recebida negativamente por seu interlocutor. Nota-se que o Usuário_2 possivelmente interpretou o primeiro comentário como um AAF, embora quem tenha sido citada foram as feministas, ou seja, um grupo e não um indivíduo diretamente. Infere-se que a face de identidade social (Oatey, 2005, 2007) da feminista foi ameaçada, o que significa que a ameaça visa atingir a identidade ou o papel social dos membros daquele grupo, atingindo também aqueles que se solidarizam com o movimento. Assim, identifica-se um **AAF dirigido às feministas** por meio de **impolidez encoberta (*off-record*)** em uma insinuação inferida pelo interlocutor, observável em seu comentário, C1-R1, em reposta ao primeiro comentário.

Assim sendo, em C1-R1, o segundo comentador inicia seu comentário com uma expressão impolida, “*q[ue] comparação bosta, viu*”, usando uma **palavra tabu** em uma **estratégia de impolidez positiva** direcionada ao seu interlocutor direto. Ainda no mesmo comentário, o locutor manifesta que o outro usa o celular para “*comentar o q[eu] não sabe*”, o que se relaciona com a **estratégia de impolidez negativa**, visto que essa atitude **ridiculariza o outro** na expressão de sua opinião. O comentador rebate a crítica feita ao feminismo,

ressaltando o papel do movimento na luta pelos direitos de todas as mulheres, sem exceções. Por fim, o locutor insinua que, sem as lutas feministas seu interlocutor poderia gozar da liberdade de fazer o que quisesse com qualquer mulher e sua ação não seria questionada por ninguém.

Em resposta, o primeiro comentador se defende (“*eu provavelmente faria nada*”) e rebate a insinuação feita por seu interlocutor valendo-se de **impolidez positiva** ao **desassociar-se do outro** e pelo uso de **palavra tabu** (“*nem vem impor as m3rd4s que fazem com você a mim não*”). O restante do comentário é composto por ataques diretos ao feminismo (“*feminismo restringe*”; “*mulher é totalmente desumanizada pelo feminismo*”; “*o feminismo atacando mulher*”).

De acordo com Galetti (2020), houve um recrudescimento conservador no Brasil e que, nesse cenário, os movimentos feministas são postos como inimigos da sociedade. Ainda segundo a pesquisadora, o antifeminismo cria a ideia de que os movimentos feministas são nocivos por, hipoteticamente, ambicionar por fim ao ideal de mulher construído pela sociedade. Galetti (2020) declara que os principais envolvidos no processo antifeminista são indivíduos que assumem discursos neoconservadores, religiosos fundamentalistas, seja católico ou evangélico, ancorados na pauta em “defesa da família”. Assim sendo, verificamos, no decorrer da análise uma **FD conservadora extremista**, ou seja, uma vertente da FD conservadora que abrange discursos mais agressivos em ataque a alguma pauta com repercussões no modo de organização social em que se pretende a manutenção. Na dinâmica observada, a operação ideológica parece efetivar-se por meio da **fragmentação pelo expurgo**, operando na segregação de indivíduos e grupos postos como ameaças para o funcionamento social harmônico e por essa razão, devem ser combatidas.

Sequência de comentários 2 – Postagem de ridicularização à face *TradWife*

Código	Usuário	Comentário / resposta
P3-C2	Usuário_1	Um homem "conservador" de respeito jamais trataria uma mulher conservadora de respeito dessa maneira, muito pelo contrário, homens tratam feministas assim, que dizem n precisarem de homens e serem independentes mas n vê a hora de achar um faz tudo pau mandado pra colocar dentro de casa a

		troco de migalhas
C2-R1	Usuário_2	O cara falando asneira, eles tratam qualquer mulher assim, quem mais sofria antigamente eram as mulheres dos lares conservadores. Conservadorismo é um câncer, vcs ficam tentando romantizar essa ideologia merd4. Ele não tem que tratar mulher nenhuma assim. Mulher é livre independente dos seus dogmas burr0s.
C2-R2	Usuário_1	@Usuário_2 fale por vc se está vivendo na idade da pedra, eu falo por mim e minha geração, nenhum homem de valor quer uma mulher feminista, pq não existe uma mulher mais ignorante do que elas. Se uma mulher n entendi ou não aceita que existe sim deveres que mulher e deveres de homem, ela está negando a natureza, a biologia, vcs n podem fazer tudo que a gente faz e a gente n pode fazer tudo que vcs fazem, cada um com seus valores, direitos iguais? Sim. Eu n vejo a hora desse dia chegar, e vcs perceberem que não querem os mesmos deveres dos homens tbm.

A interação inicia-se com uma atitude defensiva do comentador acerca do homem conservador. Infere-se, a partir de tal postura, que o comentador tenha interpretado que o público que intimida a mulher conservadora/*tradwife*, na encenação da postagem onde apenas se ouvem as vozes, seria o homem conservador. No comentário, o termo feminismo surge como uma contraposição com relação ao tratamento conferido às mulheres mencionadas: “*um homem ‘conservador’ de respeito jamais trataria uma mulher conservadora de respeito dessa maneira*”, contudo, “*homens tratam feministas assim*”. A estratégia de argumentação pela comparação entre o que se diz e o que, de fato, ocorre, é percebida em “*que dizem n[ão]*

precisarem de homens e serem independentes mas n[ão] vê a hora de achar um faz tudo pau mandado pra colocar dentro de casa a troco de migalhas”, que pode ser entendida como uma **impolidez encoberta (Off-record impoliteness)** ao realizar uma **ameaça à face da mulher feminista** por meio de uma implicatura.

Consoante aos estudos acerca do funcionamento do discurso conservador em Mannheim (1959) e outros estudos que trazemos à discussão (Oliveira, 2018; Galetti, 2020; Lerner, 2023), podemos depreender que o discurso antifeminista está em confluência com uma **FD conservadora extremista**, apoiada pela lógica patriarcal que atribui ao movimento feminista a qualidade de ameaça à ordem natural.

No comentário seguinte, em “*o cara falando asneira*”, verifica-se **estratégias de impolidez positiva e negativa**, isso porque a **face positiva do interlocutor** é posta em risco por meio de uma expressão em **desacordo** sobre um tema sensível enquanto a **face negativa** é atingida pela **ridicularização** feita sobre a fala do outro. O comentador contraria seu interlocutor, o Usuário_1, argumentando que o homem conservador trata qualquer mulher de modo impróprio e faz menção ao sofrimento maior das mulheres conservadoras em épocas passadas. Em seguida, nota-se uma crítica acentuada ao conservadorismo, comparando a vertente ideológica a uma doença grave (“*conservadorismo é um câncer*”). Em seguida, é feita uma acusação acompanhada por **palavrão** e **palavra tabu**, produzindo uma **ameaça à face positiva do interlocutor** por meio de **impolidez positiva** (“*vcs ficam tentando romantizar essa ideologia merd4*”, “*seus dogmas burros*”).

Nesse comentário, C2-R1, constatamos que o posicionamento crítico agressivo do Usuário_2 perante a atitude de seu interlocutor em defesa ao homem conservador e ataque à mulher feminista nos permite atribuir a esse discurso a filiação a uma **FD progressista** em combate à ideologia conservadora.

Por fim, em réplica, notamos uma atitude impolida em “*fale por vc se está vivendo na idade da pedra*”, o que acreditamos envolver as **estratégias de polidez positiva e negativa**, ao **fazer uma piada** em referência ao outro viver na idade da pedra e pela **ordem** que impõe ao outro um modo de ação. Ainda é possível observar a presença de **impolidez** no comentário ao usar **palavra depreciativa** para qualificar a feminista (“*não existe uma mulher mais ignorante do que elas*”), em um **AFF via impolidez positiva** na tentativa de atingir a **face da feminista** enquanto grupo.

Conforme podemos verificar, os comentários P3-C2 e C2-R2 alinham-se a uma **FD conservadora extremista** na medida que reforça as exigências patriarcais sob o gênero feminino por meio de um discurso agressivo. Verifica-se, ainda, um modo de operação da

ideologia via **reificação pela estratégia de naturalização** em que, pelo discurso, há um apagamento dos aspectos sócio-históricos relacionados aos papéis de gênero em uma perspectiva essencialista desse fenômeno. O recorte “*se uma mulher n[ão] entendi[e] ou não aceita que existe sim deveres que mulher e deveres de homem, ela está negando a natureza, a biologia*” demonstra nitidamente essa estratégia que favorece desigualdades entre homens e mulheres.

Sequência de comentários 3 – Postagem de ridicularização à face *TradWife*

Código	Usuário	Comentário / resposta
P3-C3	Usuário_1	Elas super anti feministas (usufruindo de todos os direitos conquistados pelas feministas) até perceberem q todos os as cara anti feministas na real são anti mulher kk
C3-R1	Usuário_2	Anti feminista não sabe nem oque é feminismo, ou querem validação de homem.
C3-R2	Usuário_3	Ué, elas não podem pensar fora da caixinha feminista? Hipocrisia do caralho.

Vemos no primeiro comentário uma crítica direcionada a “*elas*”, referindo-se às mulheres conservadoras/*tradwife* citadas na postagem. No comentário, está implícito que as mulheres de que se fala posicionam-se como antifeministas, mas usufruem dos direitos conseguidos pelo feminismo, implicando uma contradição na conduta apontada. Pelo contexto da situação, que se inicia pela ridicularização da mulher conservadora/*tradwife* pela postagem, infere-se que o comentário segue o tom crítico da postagem, exibindo uma atitude não diretamente impolidas, mas que **ameaça a face de identidade social** dessas mulheres via **impolidez encoberta (*off-record*)**. Ainda no mesmo comentário, a crítica contempla outro alvo: “*todos os as cara anti feministas*”, ou seja, os homens antifeministas que, segundo o comentador, “*são anti mulher*”. A presença do “kk” pode simbolizar uma risada curta, isso porque a quantidade de “k” usado na risada geralmente indica sua duração, também sinalizando o tom provocativo do comentário.

O segundo comentador parece endossar a opinião de seu interlocutor ao ponderar duas possibilidades acerca da posição antifeminista. A primeira “*não sabe nem o que é feminismo*” pode implicar na interpretação de que a antifeminista seja ignorante. A segunda hipótese é de

que essas mulheres “*querem validação de homem*”, o que por meio de implicatura traz a ideia de carência por validação masculina. Assim, embora não insulte explicitamente, o comentário **ameaça a face da mulher conservadora/tradwife** entendida como **antifeminista** por meio de **impolidez encoberta (off-record)**.

Os dois primeiros comentários posicionam-se criticamente ao antifeminismo e, além disso, apresentam a figura masculina como sendo um possível fator que leva as mulheres a se tornarem antifeministas, pois ao posicionar-se como tais entende-se que elas poderiam estar em busca de validação masculina. Interpretamos essa postura como indício de uma **FD progressista crítica** haja vista que o antifeminismo representa uma manifestação do conservadorismo patriarcal que objetiva desconstruir as lutas feministas pelo discurso.

O último comentário contesta seus interlocutores com uma pergunta “*ué, elas não podem pensar fora da caixinha feminista?*”, em seguida, faz uma acusação “*hipocrisia do caralho*”, entrando em **desacordo crítico** pelo uso de **palavra tabu** e **ameaçando a face positiva de seus interlocutores** por meio de **impolidez positiva**.

Continuamos a análise no próximo exemplo.

Sequência de comentários 4 – Postagem de ridicularização à face *TradWife*

Código	Usuário	Comentário / resposta
P3-C4	Usuário_1	Gozam de todos os direitos conquistados pelas feministas e metem o pau nelas.
C4-R1	Usuário_2	@Usuário_1 o direito a fazer o mínimo que qualquer homem faz normalmente todo santo dia?
C4-R2	Usuário_3	@Usuário_2 vc tem post de Olavo de Carvalho, prova de que vc come merda. 😂😂😂😂

Nesta sequência interativa, o primeiro comentador opina, sem mencionar diretamente o sujeito da frase (“*gozam de todos os direitos*”), mas que podemos inferir tratar-se das **mulheres conservadoras/tradwife**, posto que são o grupo evidenciado na postagem. Observa-se uma insinuação que essas mulheres usufruam dos benefícios obtidos pelas feministas, mas que “*metem o pau nelas*”, dito de outra forma, que rechacem as feministas. O que se pode inferir a partir do comentário é que a mulher conservadora/tradwife seja oportunista. Dessa forma, verifica-se a realização de uma ameaça à face de modo implícito,

podendo ser apreendido por inferência, o que configura uma **impolidez encoberta (off-record)**.

O segundo comentário trata-se de uma pergunta que contradiz o primeiro comentário, dando a entender que os direitos conquistados pelas feministas equivalem ao “*direito a fazer o mínimo que qualquer homem faz normalmente todo santo dia?*”. A interrogativa feita não se trata de uma pergunta aberta, isto é, na própria pergunta há uma resposta embutida, logo, pode-se dizer que é uma pergunta retórica. Acreditamos que essa postura refutadora em desacordo sobre um tema sensível envolvendo direitos femininos e masculinos pode caracterizar uma ameaça à face pela **impolidez encoberta (off-record)**. A nosso ver, nesse caso, tanto a **face do interlocutor** quanto a **face do grupo feminista** estão em risco.

Um terceiro participante junta-se à conversa desqualificando o comentário de seu interlocutor, Usuário_2, argumentando que ele, por possuir uma postagem de Olavo de Carvalho⁵⁹ seria a comprovação de que ele não estaria pleno de suas capacidades mentais (“*prova de que vc come merda.* 😂😂😂😂”). O uso da **palavra tabu** acompanhada pelos *emojis* de risada acentua o tom depreciativo, caracterizando uma **estratégia de impolidez positiva**.

Na sequência, seguimos para o quinto exemplo.

Sequência de comentários 5 – Postagem de ridicularização à face *TradWife*

Código	Usuário	Comentário / resposta
P3-C5	Usuário_1	o ser humano realmente é bizarro em acreditar q o feminismo serve pra alguma coisa
C5-R1	Usuário_2	vc que não serve pra nada
C5-R2	Usuário_1	@Usuário_2 o sua skisita vai ser um ser humano decente e estudar historia

No exemplo acima, o primeiro comentador inicia a discussão com uma opinião na qual considera o feminismo como algo inútil e que “*o ser humano realmente é “bizarro”*” em acreditar nos benefícios do movimento feminista. Com esse posicionamento, inferi-se que o comentador se opõe ao enquadre crítico-satírico da postagem acerca da mulher conservadora/*tradwife*. O comentário carrega um discurso crítico antifeminista, o que pode qualificar uma **FD conservadora**, visto que o feminismo é uma “forma de resistência ao

⁵⁹ Olavo de Carvalho foi um astrólogo, escritor e autoproclamado filósofo popularizado nas mídias sociais sobretudo por suas declarações associadas ao pensamento conservador e anticomunista.

discurso conservador, desestabiliza as definições de identidade de gênero e dá visibilidade às relações de poder” (Cruz; Barros, 2026, p. 14). A crítica é generalista, apontando como bizarro “o *ser humano*” que acredita na utilidade do feminismo, assim, não há referência direta a um alvo. Contudo, é possível inferir pelo contexto que seja **as feministas e simpatizantes** da causa, que são vistos como bizarros, caracterizando um ataque à face do grupo por meio de **impolidez encoberta (off-record)**.

Em C5-R1, pode-se verificar que o interlocutor interpreta o primeiro comentário como uma ameaça à face, isso porque, em resposta, manifesta uma construção impolida ao sugerir a inutilidade do Usuário_1 em “*vc que não serve pra nada*”. Trata-se da aplicação da **estratégia de impolidez direta (Bald on record impoliteness)**, revelando que a preservação da face do outro não é relevante na interação.

Em resposta, o primeiro comentador direciona-se ao seu interlocutor, via o recurso de marcação da plataforma, em uma **afirmação negativa personalizada** (“o sua skisita [esquisita] vai ser um ser humano decente”), efetuando uma **estratégia de impolidez positiva**. No mesmo comentário, o comentador sugere que seu interlocutor estude história para se tornar um ser humano decente, o que deixa subentendido que este não seja, o que configura a **estratégia de impolidez encoberta (off-record)**.

Vejamos o próximo exemplo.

Sequência de comentários 6 – Postagem de ridicularização à face *TradWife*

Código	Usuário	Comentário / resposta
P3-C6	Usuário_1	Elas não se dão conta são tapadas demais
C6-R1	Usuário_2	Se ser tapada é valorizar a família, cuidar dos filhos e esposo... eu amo ser tapada.

Nesta breve interação, é possível verificar que o comentador ao afirmar “*elas não se dão conta são tapadas demais*” trata-se de uma referência ao conteúdo da postagem, expressando que a mulher conservadora/*tradwife* não entende a situação desfavorável encenada na postagem. Assim sendo, “*elas*” refere-se às **mulheres conservadoras/tradwifes**. O termo “tapadas” é um insulto já convencionalizado que se refere à falta de inteligência de alguém, o advérbio de intensidade “*demais*” acentua esse atributo negativo. Portanto, podemos afirmar a presença de uma **estratégia de impolidez positiva**.

Em resposta, o Usuário_2 se opõe ao comentário anterior ao contestar o que é ser

“tapada” a partir da condição “se ser tapada é valorizar a família, cuidar dos filhos e esposo... eu amo ser tapada”. Segundo Cruz e Barros (2026, p. 12), o movimento antifeminista apoia-se no discurso acusatório de que os feminismos possuam uma postura ditatorial que “deseja regular as escolhas das mulheres em todos os aspectos, [...] passando pelas escolhas relacionadas à família, como casar e ter filhos”. Sendo assim, infere-se que o discurso possua um tom antifeminista, mais alinhado a uma **FD de cunho conservador e patriarcal**.

Em continuidade, seguimos para a análise da próxima interação.

Sequência de comentários 7 – Postagem de ridicularização à face TradWife

Código	Usuário	Comentário / resposta
P3-C7	Usuário_1	Cíntia Chagas é um exemplo que elas não aprendem nem quando a realidade é esfregada na cara delas. Casou com bolsonarista, apanhou, se separou e continua defendendo todos os absurdos que sempre defendeu.
C7-R1	Usuário_2	Kkkkkkkkkkkkk discurso de mulher mal amada 😞 lembrando que com ele ou sem ele, ela é podre de rica e ela tentou salvar ele como o homen pra ela pq ela o amava, quando viu que não dava, saiu fora. Ela não engravidou, não abortou, não aceitou continuar (coisa que muitas aceitam) e nem voltou pro agressor. Ela está linda, rica, plena e principalmente LIVRE
C7-R2	Usuário_1	Mulher, eu fui ver teu perfil e tem foto com um bebê menino. Que triste! São mulheres que pensam como você, que está de boas homem bater em mulher, que criam agressores. Lamentável demais ! Outra coisa, esse comentário de “mulher mal

		amada” é discurso machista. E burro! Porque se existe uma mulher “mal amada” adivinha quem é responsável por ter amado mal essa mulher? Ela ou o homem? Pensa só um pouquinho. Faz um esforço
C7-R3	Usuário_2	Meu perfil é fechado justamente por causa de insetos que insistem em rondar por lá, a foto do meu perfil tem um bebê em meus braços mas isso não significa que ele ainda é um bebê 😊 sinto muito se confundi sua mente confusa. Não tenho um menino, tenho um homem, um alfa que tem uma das esposas mais felizes em seus braços, uma nora maravilhosa que pra mim é uma filha linda e cheia de vida, respeitada, amada, honrada, não gasta nenhum centavo do dinheiro dela com ela mesma e nem com a casa porque O MEU FILHO É PROVIDOR 🙏 Eles tem em mim uma conselheira e amiga, não fui afastada dele nem da esposa porque sempre soube ser A MÃE DO MEU FILHO E RESPEITAR O ESPAÇO DELES. Sinto muito minha querida, se você não tem isso, se vc nunca viveu isso e pelo visto nunca viverá pq seu mi mi mi jamais irá deixar 😊😊😊😊😊😊😊😊 vai destilar veneno pra lá gata pq aqui existe uma família blindada em Cristo Jesus. Sou mulher conservadora, esposa conservadora, mãe

		conservadora e principalmente CONSERVADORA HONRADA. Com sua licença estarei me ausentando de te responder algo mais, pelo simples fato de que minha mãe me ensinou o seguinte..... SE EU PARAR PRA JOGAR PEDRA EM TODO CACHORRO QUE LATE COMIGO, EU NUNCA IREI CHEGAR AO MEU DESTINO. Então sinto muito mas o seu ladrar não poderá tirar minha paz. Passar bem.
C7-R4	Usuário_1	Senhor! O textão! Nunca li tanta merda em forma de verbete na minha vida. “Homem alfa”, “provedor”, “conservadora”. Para no fim se entregar que é homem frustrado com o avanço do mundo e está usando um fake de mulher para validar suas sandices, procure terapia!

Na seguinte interação, o primeiro comentário cita um exemplo para ilustrar que, segundo o comentador, *“elas não aprendem nem quando a realidade é esfregada na cara delas”*. A pessoa mencionada como um exemplo de mulher conservadora/tradwife é a influenciadora digital Cíntia Chagas que é famosa por seus vídeos sobre etiqueta, oratória e língua portuguesa formal.

O comentador cita que a influenciadora *“casou com bolsonarista, apanhou, se separou e continua defendendo todos os absurdos que sempre defendeu”*. O termo bolsonarista refere-se aos filiados ao partido político do ex-presidente Jair Bolsonaro, que evoca o conservadorismo nos valores e a moral religiosa como pontos em destaque de seu discurso.

Em continuação, o segundo comentador inicia seu comentário com uma expressão de gargalhada *“Kkkkkkkkkkkk”*, seguida por uma **estratégia de impolidez positiva** contra a face positiva do interlocutor (*“discurso de mulher mal amada 😏”*), isso porque faz **uso de**

palavra depreciativa para referir-se ao outro. Ao final da afirmação, um *emoji* de risada “😂” serve como uma pista de contextualização, funcionando como um reforço ao tom depreciativo da fala.

Pela reação impolida depreciativa do Usuário_2, pode-se entender que este interpretou o comentário de seu interlocutor, Usuário_1, como um **AAF** pelo uso de **impolidez positiva**, atingindo a imagem desejada socialmente pelas mulheres conservadoras/*tradwife* que, ao deparar-se com a crítica, podem tomar para si. Logo, a face ameaçada em “*elas não aprendem*” pode abarcar todo o grupo de mulheres que se identifica como mulher conservadora/*tradwife*. O restante do comentário é em defesa da influenciadora exposta no exemplo do primeiro comentário.

Na sequência, o primeiro comentador relata ter ido verificar o perfil de seu interlocutor e lamenta (“*que triste!*”) ao se deparar com uma foto de um bebê menino. Em seguida, produz uma **ameaça à face positiva do interlocutor** ao desassociar-se deste como visto em “*são mulheres que pensam como você [...] que criam agressores*”. A **estratégia de impolidez positiva** nesse exemplo pode servir como uma inserção de **tema em nível mais pessoal, até mesmo inconveniente**, o que pode ter por objetivo deixar o outro desconfortável pela confrontação. Nota-se a presença de outras marcas de impolidez “*Lamentável demais!*” e uma acusação em “*esse comentário de “mulher mal amada” é discurso machista. E burro!*”, concluindo o comentário com uma estratégia de **impolidez negativa** ao **desdenhar** da capacidade cognitiva do outro (“*pensa só um pouquinho. Faz um esforço*”).

Em resposta, o Usuário_2 se vale de impolidez em alguns trechos de seu comentário, firmando sua posição em contrariedade opositora a seu interlocutor. Identifica-se ameaças à face por meio de **impolidez encoberta (off-record)** em “*meu perfil é fechado justamente por causa de insetos que insistem em rondar por lá*” e “*vai destilar veneno pra lá*”; por **falsa polidez (sarcasmo)** em “*sinto muito se confundi sua mente confusa*”; “*sinto muito minha querida, se você não tem isso, se vc nunca viveu isso e pelo visto nunca viverá pq seu mi mi mi jamais irá deixar* 😂😂😂😂😂😂😂😂” e “*então sinto muito mas o seu ladrar*”, que pode configurar duas superestratégias combinadas: **impolidez encoberta e falsa polidez**.

Fechando a interação, o Usuário_1 faz uso de **palavra tabu** para expressar sua opinião sobre o comentário anterior: “*nunca li tanta merda*”, efetivando uma **impolidez positiva**. Percebe-se também o uso de **impolidez negativa** em “*usando um fake de mulher para validar suas sandices, procure terapia!*”, pela ordem feita.

Nesse exemplo, está evidente o conflito entre duas FDs polarizadas. Enquanto o

Usuário_1 está mais inclinado a uma **FD progressista** em seu discurso, assumindo uma postura de enfrentamento e denúncia à assimetria de poder entre os gêneros, como vê-se em “*é discurso machista. E burro!*” e “*para no fim se entregar que é homem frustrado com o avanço do mundo*”, por outro lado, percebe-se que o **Usuário_2** assume uma **FD conservadora**. Expressões como “homem alfa”, “provedor” e “*família blindada em Cristo Jesus*” apontam para um discurso **conservador religioso** que busca a manutenção dos papéis sociais do homem com base na organização familiar patriarcal.

Segundo Thompson (2011), a articulação entre discurso e ideologia materializa-se nos modos como o ato discursivo é mobilizado em prol da manutenção e/ou difusão de ideais e orientações ligadas a relações de dominação. Nesse sentido, no comentário C7-R3 nota-se alguns modos de operação ideológico. Em “*O MEU FILHO É PROVEDOR*”, digitado em caixa alta, o que no meio digital é entendido como voz alta ou grito, e “*que tem uma das esposas mais felizes*” pode configurar um **modo de legitimação por meio da estratégia de racionalização**. O modelo familiar no qual a mulher é feliz por não gastar o seu próprio dinheiro devido ao fato de possuir um homem provedor segue a cartilha tradicional conservadora, justificando a divisão de papéis nessa lógica que favorece a dinâmica provedor e submissa. O modo de legitimação via racionalização encaixa-se nesse discurso por caracterizar o uso de condicionamentos históricos e cotidianos de modo a justificar e apoiar certas posições sociais, como essas relacionadas aos papéis de gênero em assimetria de poder.

Também pode-se relacionar esse trecho com a estratégia de **narrativização**, pois o relato dado funciona como uma história de família exemplar, o que legitima o modelo conservador patriarcal. Outro modo de operação ideológica identificado é a **fragmentação** que consiste na divisão e exclusão de indivíduos em grupos específicos. Observa-se, ainda no mesmo comentário, uma construção entre “nós” (“*CONSERVADORA HONRADA*”; “*família blindada em Cristo Jesus*” e “*esposas mais felizes*”) e “eles”, (“*insetos que insistem em rondar*”; “*mente confusa*”; “*destilar veneno*”; “*CACHORRO QUE LATE*” e “*se você não tem isso, se vc nunca viveu isso e pelo visto nunca viverá*”). Essa estratégia destaca as principais diferenças entre os indivíduos, marcando uma separação de tal modo que a relação entre esses grupos seja impossibilitada.

A seguir, damos continuidade com o próximo exemplo.

Sequência de comentários 8 – Postagem de ridicularização à face TradWife

Código	Usuário	Comentário / resposta
P3-C8	Usuário_1	"Mulher conservadora" Expectativa: "Acordar"

		num castelo e levar os filhos pra assistir um concerto de Bach na capela de Versalhes" Realidade: "Apanhar do marido bêbado porque não lavou a ciroula dele"
C8-R1	Usuário_2	@Usuário_1 pelo trauma viveu isso em xasa
C8-R2	Usuário_2	@Usuário_1 tá se baseando em seus pais?
C8-R3	Usuário_3	@Usuário_2 calma conservador, você nao pode oprimir os homens, é contra o sistema kk cuidado pra não sair do personagem

No exemplo, o primeiro comentário faz um comparativo entre expectativa e realidade sobre a vida da mulher conservadora/*tradwife*. Percebe-se que o comentador abre aspas para possivelmente enfatizar o que é dito ou para indicar uma crítica, assim, o sinal de pontuação exerce uma função de pista de contextualização nesse contexto. O comentário apresenta uma expectativa atribuída à mulher conservadora/*tradwife* como fantasiosa e requintada, enquanto a realidade, segundo o comentário, relaciona-se com violência doméstica e subserviência ao cônjuge.

Na sequência, os dois comentários feitos pelo Usuário_2 mencionam diretamente seu interlocutor, Usuário_1, conduzindo o tema da conversa para o âmbito da vida pessoal do outro (“*pelo trauma viveu isso em [c]asa*”; “*tá se baseando em seus pais?*”). Esse direcionamento da conversa para aspectos íntimos da vida do outro, quando ocorre entre dois indivíduos que provavelmente estão em um primeiro contato, trata-se de um tópico inconveniente e que pode ter a função de constranger o outro, o que evidencia uma **impolidez negativa**. É nítido que o Usuário_2 sentiu sua face ameaçada diante a crítica à mulher conservadora/*tradwife* e à dinâmica conservadora de casamento como é apresentada. Assim, a partir disso, ele ataca a experiência familiar que pressupõe que seu interlocutor tenha vivido, redirecionando a situação hipotética do comentário anterior à própria vida do outro.

Ao final, um terceiro participante surge na interação, respondendo diretamente os comentários do Usuário_2. Percebe-se que o termo “conservador” surge aqui como um aspecto negativo do outro e que restringe a conduta desse outro em colocar-se em confronto com outros homens (“*calma conservador, você não pode oprimir os homens*”). Assim, a

estratégia de impolidez positiva e negativa é efetuada nesse trecho, por meio do uso de palavra pejorativa para qualificar o outro e pela restrição de ação contida na ordem. Em “*cuidado pra não sair do personagem*”, observa-se a presença de **sarcasmo**, efetuando uma **falsa polidez**, pois embora a palavra “cuidado” possa servir como alerta para que o outro possa antever um perigo e assim evita-lo, nessa situação, o perigo seria “*sair do personagem*”, o que implica dizer que a conduta do outro é encenada.

Encontra-se na interação analisada o embate nítido entre um discurso crítico ao modelo conservador, que endossa a mulher conservadora/*tradwife*, vulnerável à violência doméstica caso não atenda às demandas atribuídas a ela e, em resposta, um discurso agressivo à face do outro, demonstrando que a crítica feita atingiu aqueles que, de alguma forma, se identificam com as pautas conservadoras.

O primeiro comentário aproxima-se de uma **FD progressista crítica** ao posicionar-se como um meio de denúncia que rompe com a idealização romantizada do estilo de vida *TradWife*. No comentário é evidenciado que o modelo conservador de casamento propicia uma hierarquia de poder e obediência entre marido e esposa. O rompimento dessa expectativa de papéis pode ocasionar a violência, como é exposto na cena hipotética feita no primeiro comentário. O ataque direcionado ao Usuário_1 possibilita inferir o posicionamento ideológico do Usuário_2, como inclinado ao conservadorismo. Essa interpretação é compartilhada pelo terceiro comentador que aponta o outro como conservador e que, ao oprimir a expressão de outro homem (Usuário_1), está indo contra o sistema conservador, recomendando que este deve seguir o *script* de homem conservador.

É possível afirmar que ocorra um modo de operação discursivo contra-hegemônico pela **fragmentação** a partir da estratégia de **diferenciação** atrelada à uma construção impolida sarcástica que demarca uma conduta incorrespondente com o conservadorismo, sobretudo com a relação de ordem patriarcal. A impolidez negativa surge aqui como um meio de atingir o outro na tentativa de tolher certas condutas e manifestações de pensamentos que estão ligados às estruturas ideológicas. Portanto, é válido relacionar o comentário C8-R3 a uma **FD progressista**.

Sequência de comentários 9 – Postagem de ridicularização à face *TradWife*

Código	Usuário	Comentário / resposta
P3-C9	Usuário_1	Trad wife foi sua avó que teve 17 filhos desde os 13 anos, apanhou do marido por demora a fazer o almoço a vida toda,

		trabalhou feito escrava, não saía na rua só na igreja, não podia se arrumar e pegou DST dele que traía ela com prostitutas na rua ♡
C9-R1	Usuário_2	E não tinha direito ao divórcio sem permissão do marido, mas não falta homem conservador em podcast dizendo que elas eram mais felizes.
C9-R2	Usuário_3	Retrato de muitas 😞 e ainda ficam tentando romantizar dizendo que antigamente os casais eram mais felizes

O primeiro comentário manifesta uma refutação ao modelo idealizado da mulher conservadora/*tradwife* difundido nas mídias digitais ao ilustrar a *TradWife* como sendo, na realidade, a avó de qualquer indivíduo de nossa sociedade. A realidade apontada confere um tom de denúncia ao comentário, salientando que essas avós sofriam violência doméstica, ausência de direitos e eram exploradas dentro do casamento. Portanto, o comentário desconstrói a romantização da vida no modelo da *TradWife* como é exposta nas PRS, configurando um ataque aos valores positivos assumidos pelo grupo. Assim, o ataque é dirigido ao grupo das mulheres conservadoras/*tradwife* atuais, e qualquer indivíduo que se identifique com o grupo ou com os valores defendidos por ele pode sentir-se ofendido. Logo, o cerne da mensagem pode implicar um ataque à face do grupo em uma estratégia de **impolidez encoberta (*off-record*)**. Pode-se interpretar também que o *emoji* de coração “♡” confere um tom sarcástico ao comentário, sendo usado para concluir o relato de má ventura dessas mulheres.

Os comentários em resposta a P3-C9 demonstram concordância, reforçando o que foi relatado no primeiro comentário. Em C9-R2, o uso do *emoji* em “retrato de muitas 😞” parece atuar como um marcador de tristeza.

Considerando o contexto impulsionado pela postagem, que critica satiricamente a mulher conservadora/*tradwife*, e pelos comentários polarizados entre discursos conservadores e progressistas, nota-se que a impolidez assume maior complexidade do que insultos diretos convencionais. O próprio gerenciamento da plataforma desfavorece o uso de insultos mais diretos, como xingamentos, mal dizeres e palavrões mais agressivos, ocultando ou apagando

comentários nesse estilo. Por conseguinte, os usuários se valem de outros modos impolidos mais elaborados para assim efetuar ameaças à face, seja de seus interlocutores diretos ou ausentes. A preocupação na manutenção da face, a própria e a do outro, em discussões polarizadas como essas que analisamos não aparenta ser um fator preponderante, haja vista que as marcações de posicionamentos frequentemente estão acompanhadas por ataques à face, de variados alvos, ou são interpretados como tais.

Por fim, o comentário P3-C9 pode ser interpretado como um potencial ataque à face da conservadora/*tradwife* presente nas mídias atuais por atribuir às nossas avós a real vivência de uma *TradWife*, enfraquecendo a legitimidade do modelo de *TradWife* difundido nas PRS. Do mesmo modo, homens conservadores atuais podem interpretar os comentários desse exemplo como um ataque à face do grupo na medida que representam esses homens como agentes da romantização da dinâmica opressora do casamento conservador.

Esse exemplo demonstra a aplicação contextual da **impolidez encoberta (*off-record*)** como um elemento potencialmente ofensivo a grupos (mulheres conservadoras/*tradwife* atuais e homens conservadores) ao mesmo tempo que funciona como denúncia e alerta para as mulheres ao expor riscos, com base na experiência das avós, do modelo de casamento conservador. Portanto, é válido afirmar que a impolidez é usada aqui como um instrumento contra-hegemônico.

Por fim, seguimos para o último exemplo de nossa análise.

Sequência de comentários 10 – Postagem de ridicularização à face *TradWife*

Código	Usuário	Comentário / resposta
P3-C10	Usuário_1	Boa sorte para as tradwives sendo esposa-troféu de repositor do atacadão
C10-R1	Usuário_2	@Usuário_1 😂😂😂😂😂😂

No exemplo acima, infere-se o uso de ironia na expressão “boa sorte” direcionada às *TradWife* que são caracterizadas aqui como “esposa-troféu de repositor do atacadão”. O termo esposa-troféu é relacionado com a ideia da mulher tratada como um troféu cujo valor está ligado à sua estética. No comentário, a disparidade entre ser tratada como um troféu, ou seja, receber um tratamento requintado que requer boas condições financeiras do parceiro, é evidenciada pelo contraste com a condição de esposa-troféu de um homem com baixas condições econômicas.

Assim sendo, infere-se que o comentador se vale de **sarcasmo** para fazer sua crítica. O desejo de “*boa sorte*”, aparentemente polido consiste em **falsa polidez** uma vez que se mostra superficial na continuidade do comentário em que se nota um tom de humilhação. O comentário em resposta utiliza vários *emojis* de risada demonstrando a recepção da mensagem como engraçada, conferindo uma concordância com o que foi dito.

Na próxima seção apresentamos os dados resultantes das análises empreendidas e tecemos algumas considerações sobre eles tendo em vista os objetivos desta pesquisa.

5.4 RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ANÁLISES

Conforme as análises realizadas, seguimos para a apresentação dos resultados de modo a organizar as ocorrências de estratégias de impolidez nas interações, nos auxiliando a verificar posicionamentos que indicam oposições discursivas produzidas a partir das movimentações de sentidos nas discussões entorno da identidade da *TradWife*.

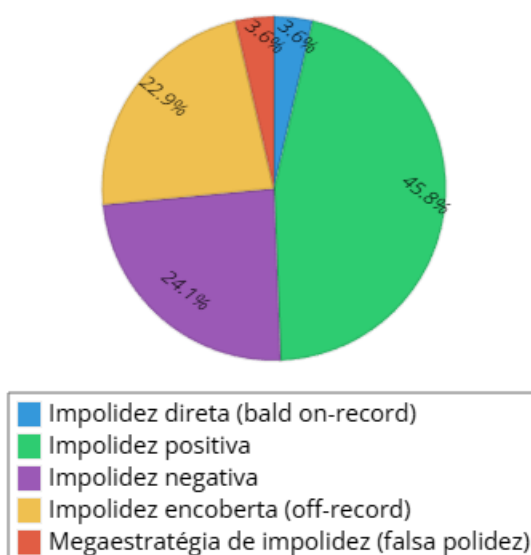
Nesse trabalho interpretativo, focamos nas articulações entre impolidez e inclinações ideológicas tendo por base a noção pecheuxtiana de formação discursiva e os modos de operação ideológicos thompsonianos. O primeiro nos possibilita relacionar os discursos às matrizes ideológicas de cunho conservador e progressista e assim identificar posicionamentos divergentes, ao passo que o segundo nos ajuda a conjecturar como tendências ideológicas atuam nos discursos à serviço de poderes que promovem a desigualdade concernente ao gênero feminino. Acreditamos que desse modo é possível oferecer uma visão para além do tratamento situado das interações, vislumbrando assim um conflito social que reflete a propensão conservadora atual.

É válido destacar que uma mesma interação pode mobilizar variadas estratégias impolidas, enquanto outras podem demarcar um posicionamento contrário sem necessariamente estabelecer um ato impolido. Alguns comentários categorizam a impolidez sem estarem ligados a uma formação discursiva, isso pode ocorrer porque focam no caráter mais interrelacional de ataque à face, não estendendo-se para aspectos mais gerais acerca do movimento *TradWife*. Além disso, a inscrição de um discurso à uma formação discursiva também não confere a imprescindibilidade da associação a um modo de operação ideológico atuante. Por fim, retomamos ao pressuposto de que as estratégias de impolidez podem funcionar como instrumentos discursivos-ideológicos na construção das representações da *TradWife* nas quais padrões distintos de impolidez relacionam-se com posicionamentos ideológicos de cunho conservador ou progressista.

De modo geral, a maior parte dos atos impolidos observados constituíram ataques à face positiva dos interlocutores. As superestratégias de impolidez mais frequentes foram a impolidez positiva (38 registros), a impolidez negativa (20 registros) e a impolidez encoberta (*off-record*) na quantidade de 19 registros. Ainda foram observadas, em menor quantidade, marcas de impolidez direta (*bald on-record*) e megaestratégia de impolidez (falsa polidez), ambas observadas em 3 registros. Nenhuma marca de polidez *withold* foi verificada no *corpus* analisado.

O gráfico abaixo ilustra, em percentuais, o quantitativo de impolidez verificado no *corpus*.

Gráfico 1 – Superestratégias de impolidez (Culpeper, 2011)



Fonte: Elaboração própria.

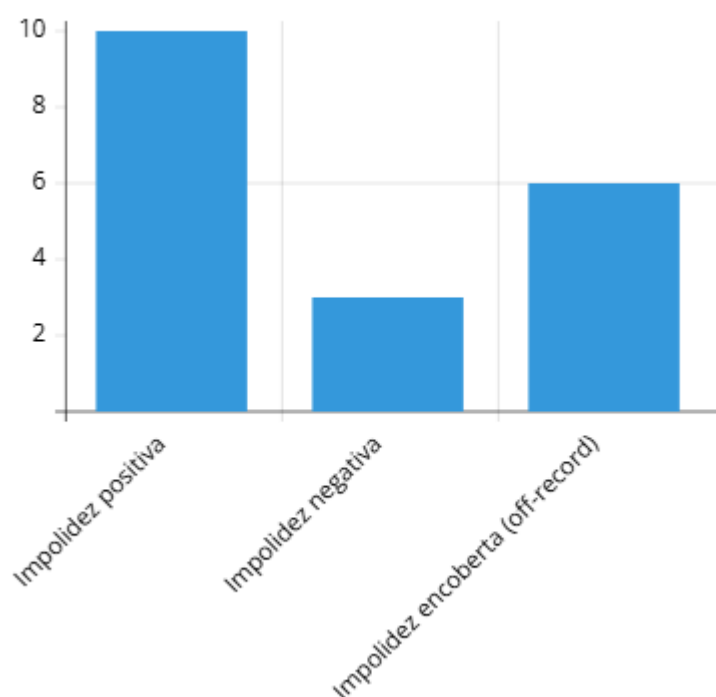
A categoria de impolidez positiva foi preponderante nas manifestações presentes nas duas vertentes de FDs observadas, manifestando-se principalmente por meio de desassociações com o outro, usos de termos que adquirem conotação pejorativa e palavras depreciativas para marcar a identidade do outro, palavras tabu, desacordos, sobretudo envolvendo desqualificações, temas sensíveis e críticas acentuadas. As estratégias de impolidez negativa, por sua vez, apareceram articuladas, em sua maioria, às FDs progressistas, enquanto as estratégias de impolidez encoberta (*off-record*) foram observadas mais vezes em ameaças à face ligadas às FDs conservadoras.

O uso da impolidez encoberta (*off-record*) indica que os interlocutores, ao se posicionarem em desacordo, muitas vezes o fazem de modo não claro e direto, deixando para

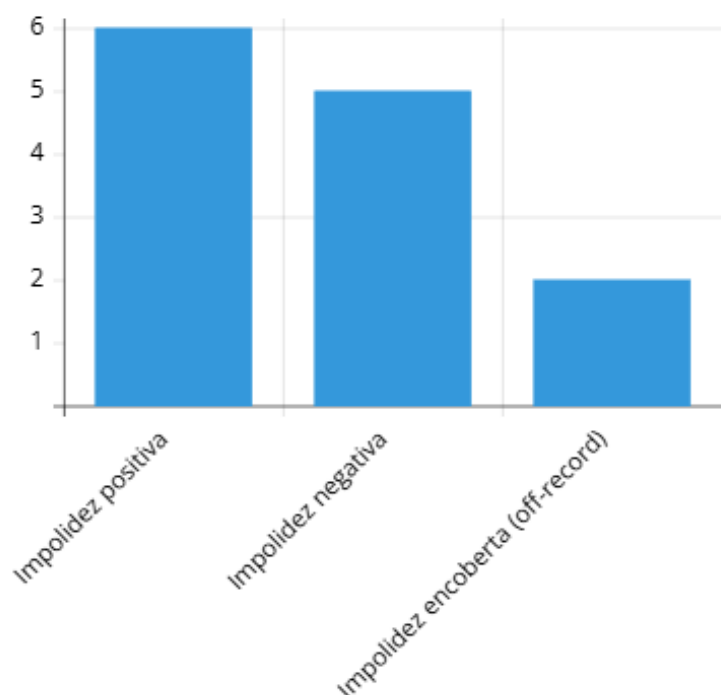
o outro a tarefa de interpretar o que foi comunicado por meio de inferências do que não foi dito explicitamente. Nesses casos, é comum observar o tom sarcástico e a presença de indicadores de humor (risadas e *emojis*) como possíveis atenuadores de ataques mais incisivos à face do outro. Isso pode indicar também um meio de ameaçar a face do interlocutor ou de grupos sem comprometer tanto a própria face do locutor.

Os gráficos abaixo ilustram os dados obtidos.

Gráfico 2 – Impolidez mobilizada em FDs conservadoras



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 3 – Impolidez mobilizada em FDs progressistas

Fonte: Elaboração própria.

Sobre as estratégias de impolidez negativa, destacaram-se ordens repreensivas, ridicularizações e associações negativas ao outro. A presença desse tipo de impolidez é percebida com maior frequência em comentários que tendem a uma FD de cunho progressista, demarcando uma expressão coercitiva sob o campo de ação do alvo da impolidez, que na maioria dos casos verificados, tratava-se da *TradWife*.

Outro ponto pertinente observado nas interações é o modo como estas findam, muitas vezes, pelo abandono da discussão ou pelo não envolvimento das partes alvos da impolidez. Esse dado diverge de análises feitas em plataforma diferente, como o *Facebook*, no qual pesquisas sobre a (im)polidez (Barreto Filho, 2019; Araújo, 2022) mostram o interesse pela manutenção de interações nas quais os comentadores demonstram certa necessidade em responder ao que entendem como uma ameaça à sua face.

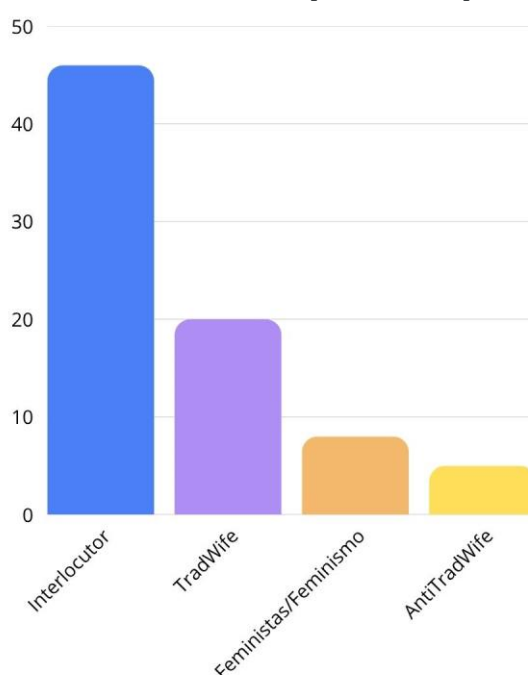
Em se tratando do perfil dos comentadores, a maior parte dos participantes era mulheres adultas, não sendo possível mensurar uma faixa etária média devido à falta dessas informações em perfis públicos. É interessante notar que a impolidez nos comentários poucas vezes apresentou insultos diretos e convencionalizados em linguagem vulgar, o que associamos às medidas de regulação da plataforma que impedem conflitos intensos que possam escalar para expressões de ódio e violência.

Foi possível observar que os alvos dos atos impolidos, em sua maioria, tratam-se dos

próprios interlocutores que divergem em visões críticas não apenas sobre a temática da *TradWife*, mas abordam problemáticas sociais que revelam no discurso aproximações de matrizes ideológicas conservadoras ou progressistas. Contudo, considerando os discursos impolidos atrelados às matrizes ideológicas conservadoras e progressistas, temos uma variação no alvo da impolidez.

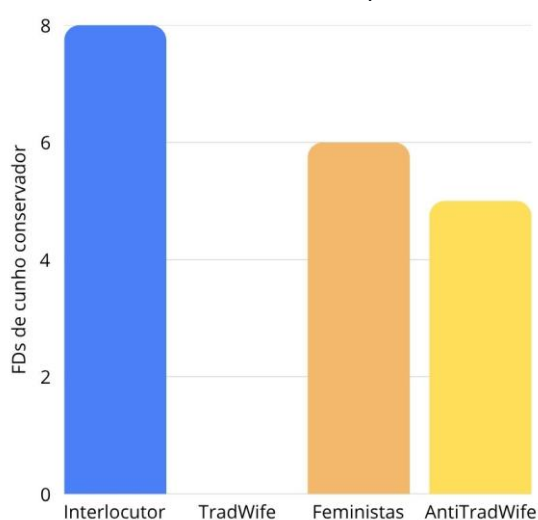
Os gráficos abaixo ilustram os dados obtidos.

Gráfico 4 – Alvos de impolidez no *corpus*



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 5 – Alvos de impolidez



Fonte: Elaboração própria.



Fonte: Elaboração própria.

Ainda sobre o direcionamento da impolidez, observamos que comentários alinhados a uma FD conservadora e que tinham como alvo o interlocutor foram mais presentes nas postagens que ameaçam e ridicularizam a face *TradWife*. Isso sugere que o contexto ameaçador da face grupal influencia uma atitude defensiva por parte dos apoiadores da *TradWife* que se valem de estratégias de impolidez principalmente na categoria de ataque à face positiva do interlocutor crítico.

É importante destacar que concernentes à nossa proposta analítica, nos detemos em destacar inclinações e tendências ideológicas discursivas nos comentários analisados, não objetivando uma análise pormenorizada do funcionamento das FDs apontadas como o que é feito no âmbito dos estudos em análise do discurso. Ao invés disso, nos delimitamos em verificar aproximações entre a impolidez e as marcações ideológicas que indicam posicionamentos reforçadores de relações assimétricas, como de classe e de gênero, ou em movimento contrário a isso.

De modo geral, observamos a prevalência de FDs de cunho conservador nas interações, bem como suas relações com operações ideológicas que favorecem relações hegemônicas tendenciosas para a manutenção da ordem patriarcal. Os principais modos ideológicos verificados foram a fragmentação, a reificação e a legitimação. As estratégias mais usadas atreladas a essas categorias foram a diferenciação, a naturalização e a universalização, incluindo o apelo tradicional do papel feminino. Aliado a isso, é possível atrelar nesses casos a relação entre o uso da impolidez como meio de ataque aos comentadores críticos ao grupo, indicando que a *TradWife* é mais defendida, ainda que por

meios impolidos, do que atacada nos comentários.

Entre as estratégias de impolidez positiva articuladas às FDs conservadoras e associadas às operações ideológicas, observamos a dissociação do outro, impolidez por implicatura no uso de ironia e sarcasmo em críticas e desqualificações. Além disso, identificamos nuances de discursos que interpretamos como FDs conservadoras mais centradas nos moldes patriarcais, religiosos e extremistas de manutenção da ordem social.

As FDs progressistas, identificadas pelas nuances de crítica social, sobretudo quanto aos aspectos de desigualdades socioeconômicas, estavam acompanhadas por estratégias de impolidez via críticas acentuadas subentendidas, perguntas retóricas, deslegitimações, ordens, marcadores identitários depreciativos, sarcasmos e palavras tabu. Pudemos observar que maior parte das ameaças à face *TradWife* pautaram-se em ataques aos valores conservadores, patriarcais e neoliberais de lucro pelo *marketing* de si que permeiam a representação identitária dessas mulheres em uma visão progressista. Desse modo, a ocorrência de ameaças à face de identidade social positiva da *TradWife* foi ligeiramente mais significativa do que as ameaças à face negativa do grupo.

No tocante aos sentidos atribuídos à *TradWife* ligados a uma visão progressista, há a predominância da representação dessas mulheres como influenciadoras performáticas, ou seja, um modelo lucrativo que atende à lógica neoliberal de capitalização de si nas plataformas. Outra representação evidenciada é a *TradWife* como a mulher rica e privilegiada que promove nas mídias *on-line* um estilo de vida inacessível para a realidade cotidiana de brasileiras em condições socioeconômicas discrepantes. Além disso, estas também são representadas como iludidas pelo sistema, como um elemento útil à sustentação do poder masculino e capitalista. Na ótica conservadora, as *TradWife* são representadas como sendo o modelo ideal feminino, legítimo, no sentido de serem verdadeiras em suas condutas em contraposição às críticas deslegitimadoras, e mulheres valorosas.

Assim sendo, a negociação da identidade *TradWife* nas interações analisadas fundamenta-se no movimento defensivo pelo uso da impolidez que serve como um "contra ataque" diante as críticas ao grupo. Como visto, o interlocutor crítico é o principal alvo da impolidez nas interações em geral.

Notamos que os enquadres das postagens, direcionadas à face da *TradWife* como um grupo, seja em ameaça, proteção/defesa ou em ridicularização, constituíram um contexto para o teor crítico dos comentários. Na postagem em ameaça à face *TradWife*, o cerne da crítica se concentra em aspectos socioeconômicos ligados à autonomia feminina que são negligenciados quando se assume a posição de submissa dentro do casamento tradicional. A tendência que

percebemos é que a maior parte dos comentários da postagem segue a crítica sobre esse mesmo aspecto. De modo similar, na postagem categorizada no enquadre de preservação/defesa da *TradWife* verificou-se poucos comentários em desacordo, e assim, menos registros impolidos. De modo semelhante, na postagem em ridicularização da *TradWife*, verificamos uma quantidade expressiva de comentários contendo apenas *emojis* de gargalhadas, palmas e expressões curtas em concordância com a mensagem.

Após a análise e considerações sobre os resultados, apresentamos no próximo capítulo as considerações finais deste trabalho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo geral analisar de que modo a identidade *TradWife* é negociada a partir das estratégias de impolidez linguística mobilizadas nas interações e em suas articulações com orientações ideológicas no *Instagram*. Para tanto, integramos as perspectivas de estudos pragmáticos da impolidez e elementos da Sociolinguística Interacional a fim de compor uma organização metodológica que nos possibilitasse compreender, a partir do contexto situado das interações, os posicionamentos dos interlocutores no cenário discursivo. O trabalho interdisciplinar valeu-se, ainda, de noções oriundas de disciplinas como a Análise do Discurso Francesa, com a noção de formação discursiva, de Pêcheux (1995), e a Teoria Social, com o aparato dos modos de operação da ideologia propostos por Thompson (2011). Tal articulação nos serviu para verificar como os sentidos são mobilizados, por meio dos recursos linguísticos da impolidez, para marcar discursos em matrizes ideológicas divergentes e averiguar como esses discursos servem para estabelecer e sustentar relações assimétricas de poder.

O *corpus* da pesquisa, ou seja, os comentários das postagens, foi extraído integralmente do *Instagram*, mantendo os registros linguísticos e semióticos ali presentes. As postagens, por sua vez, nos serviram como um contexto referencial para a apreensão de alinhamentos dos interactantes com os enquadres específicos interpretados de cada uma das publicações sobre a temática *TradWife* (ameaça, preservação e ridicularização da face).

Optamos pela metodologia qualitativa de cunho interpretativista combinada aos dados quantitativos referentes às marcas de impolidez verificadas para apontar indicadores relacionados com a predominância, direcionamento e associações com tendências ideológicas conservadoras e progressistas nas interações. Nosso objetivo com a exposição quantitativa dos dados foi fornecer um apanhado geral que nos possibilitou a identificação de tendências, não se tratando, assim, de uma análise essencialmente estatística.

A partir das análises, constatamos que, de modo geral, a estratégia de impolidez positiva sobressaiu as demais. Os principais registros dessa estratégia nos comentários envolvem desassociações com o outro, uso de marcadores de identidade com conotações pejorativas, desqualificações, críticas acentuadas, uso de palavras tabu e desacordos em temas sensíveis. A face ameaçada na maior parte das interações foi a do interlocutor que, em contato com o conteúdo da postagem, seja esta no enquadre de ameaça, preservação/defesa ou ridicularização da face de identidade social da *TradWife*, engajaram-se mais vezes em

discussões nas quais a impolidez foi usada como contra-ataque ofensivo. Os resultados sugerem que comentadores favoráveis à *TradWife* usam de impolidez sobretudo contra seus interlocutores críticos para proteger a face de identidade social do grupo ao interpretar uma ameaça.

Em vista desse resultado geral, é válido afirmar que a impolidez não se trata apenas de um recurso ofensivo, mas também pode servir para fins defensivos da face de grupos na interação. Na amostra em questão, a negociação da identidade *TradWife* ocorreu sobretudo por meio de um movimento defensivo no qual a impolidez é mobilizada como uma ferramenta discursiva de contra-ataque mediante as ameaças à face de identidade social (Spencer-Oatey, 2002) da *TradWife*. Considerando a noção de representação de Hall (1997), a identidade é co-construída por meio dos sentidos que são produzidos, negociados, reiterados ou contestados nas trocas discursivas. Assim sendo, a análise aponta que a identidade *TradWife* é disputada entre representações contraditórias: por um lado, a posição progressista agrega os sentidos de “modelo performático e lucrativo” e de outro, a visão conservadora a legitima como “ideal feminino legítimo”.

No que tange as articulações entre a impolidez e inclinações ideológicas, observou-se os discursos por meio de aproximações e inscrições em formações discursivas distintas: as de cunho conservador e as de cunho progressista. Desse modo, observou-se que a impolidez negativa foi mobilizada mais vezes associada às FDs progressistas, enquanto a impolidez encoberta (*off-record*) surge frequentemente associada à FDs conservadoras. De modo menos frequente, observou-se a impolidez direta e a falsa polidez. Ainda sobre as estratégias de impolidez nas categorias de superestratégias de impolidez (Culpeper, 1996, 2011), não houve registros de impolidez *withold* no *corpus* analisado.

Como dito na seção anterior, as ameaças à face positiva dos interlocutores foram mais recorrentes nas interações, indicando um modo argumentativo em que o ataque aos valores positivos reivindicados pelo o outro, em um cenário de discussão sobre valores e condutas de um grupo, funciona como um meio de deslegitimação de posicionamentos. Nota-se que a negociação da identidade do grupo nas interações analisadas é sobretudo reativa e defensiva.

A deslegitimação do grupo ocorre frequentemente por meio de críticas que atacam principalmente os valores de natureza conservadora e neoliberal da “influenciadora que lucra”, da “mulher de classe privilegiada e rica”, ou ainda, da “iludida pelo sistema patriarcal”. Diante dessas ameaças aos desejos de valorização dos atributos da *TradWife*, interlocutores favoráveis ao grupo, ou ao sistema sustentado pelo discurso da esposa tradicional subserviente, usam estratégias de impolidez como um recurso de contra-ataque. A

impolidez positiva, com destaque para desassociações e desqualificações do outro e a impolidez encoberta (*off-record*) que é apreendida por meio de implicaturas, são mais frequentes nessa organização discursiva.

Por outro lado, embora também se registre mais frequentemente a impolidez positiva em comentários mais alinhados a uma visão progressista, esta se vale muitas vezes de impolidez negativa como um recurso coercitivo para denunciar desigualdades de classe e gênero ligadas ao modelo *TradWife*. Nesse ponto, pode-se afirmar que a impolidez pode funcionar como um mecanismo de disputa ideológico e de negociação identitária que entremeia os discursos que, por sua vez, compõem a tessitura social em nível macrossociológico.

Os principais modos de operação ideológico de Thompson (2011) verificados na análise aparecem articulados com a impolidez e FDs conservadoras. Reforçamos que, embora o *corpus* delimitado seja relativamente diminuto, é válido destacar algumas evidências quanto as relações entre impolidez e ideologia observadas. Os modos de fragmentação, reificação e legitimação efetivados pelas estratégias de diferenciação, naturalização e universalização aparecem, respectivamente, aparecem associadas às desassociações com o outro, uso de termos depreciativos e críticas acentuadas. O direcionamento de maior parte desses atos impolidos é o interlocutor, contudo, observou-se que outros grupos como alvos: as feministas/o feminismo e as mulheres católicas críticas a esse modelo. Nesse cenário, a negociação da identidade *TradWife* indica a possibilidade da atuação de modos ideológicos que operam na naturalização essencialista de papéis de gênero, na fragmentação antagônica de grupos e na legitimação de um modelo de feminilidade ideal.

Diante do exposto, acreditamos que a hipótese proposta para esta análise se confirma, pois observou-se que o emprego de impolidez como recurso discursivo-ideológico na construção das representações da *TradWife* e, além disso, notou-se que padrões distintos de impolidez podem relacionar-se com posicionamentos ideológicos específicos.

É pertinente apontar algumas lacunas para investigações futuras em temas semelhantes a este, como a ampliação do *corpus* de análise, a extensão da pesquisa incorporando outras plataformas digitais e a incorporação da noção de luta de classes, articulada às formações discursivas, na investigação de negociações identitárias a partir de atos impolidos em interações *on-line*.

Por fim, destacamos que os resultados desta pesquisa contribuem como indícios que apontam caminhos a serem explorados por novas pesquisas sobre as relações entre a impolidez linguística, identidade, ideologia e interações *on-line*, temas ainda pouco

explorados no campo de estudos da impolidez no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALFARO, F. G. G de. Polarização política no Brasil e a influência (direta) das mídias sociais. **Derecho y cambio social**, v. 22, n. 79, p. 01-16, 2025. Disponível em: <https://ojs.revistadcs.com/index.php/revista/article/view/156/97>. Acesso em: 8 dez. 2025.
- ALLEN, O. M.; ZU, Y.; TRUJILLO, M. Z.; WELLES, B. F. **From Flowers to Fascism? The Cottagecore to Tradwife Pipeline on Tumblr**. Boston: Network Science Institute, Northeastern University, 2025. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2505.04561>. Acesso em: 10 mai. 2025.
- ALMEIDA, J. P. **Organismos internacionais e enfrentamento à precarização do trabalho das mulheres na América Latina**. 2017. 262 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Política Social, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/23974>. Acesso em: 14 out. 2025.
- ALMEIDA, L. O. de; ANDRADE, M. S. de. Os estudos de cortesia linguística sob um olhar historiográfico. **Verbum**, Cadernos de Pós-Graduação, v. 8, n. 1, p. 111-131, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/42452>. Acesso em: 3 dez. 2024.
- ANDRADE, M. M. de. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas**. São Paulo: Atlas, 2008.
- ANDRADE, Mirian Maria. Sessão 2: O referencial metodológico da hermenêutica de profundidade (hp) como aporte teórico-metodológico numa pesquisa em história da educação matemática. **Anais do ENAPHEM - Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática**, [S. l.], n. 1, p. 1–14, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/ENAPHEM/article/view/15027>. Acesso em: 3 dez. 2024.
- ARAÚJO, J.; FREITAS, M. R. O. A cultura do ódio: o caso Dandara e o cancelamento do edital da UNILAB. In: ALENCAR, C. N.; FERREIRA, D. M. M; RAJAGOPALAN, K. (org.). **Interstícios entre linguagem e cultura**. São Paulo: [s.n.], 2021.
- BALIEIRO, A. K. da S.; NARZETTI, C. N. P. C. Metáfora e sexualidade da mulher: uma análise discursiva de publicações antifeministas nas redes sociais. **Revista Odisseia**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 94–113, 2022.
- BARRETO FILHO, R. R. **Avaliações da (im)polidez em interações no Facebook**. 2019. 268 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Departamento de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/32958>. Acesso em: 3 dez. 2024.
- BARRETO FILHO, R. R; BARROS, K. S. M. de. Impolidez e Identidades em uma Interação no Facebook: uma abordagem sociodiscursiva. **Linguagem em (dis)curso** (online), v. 21, p. 135-136, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/g4TmXBWrGQFYcNVNLbLkGKL>. Acesso em: 3 dez. 2024.
- BARRETO FILHO, R. R.; FERNANDES, O. P. P. “A senhora tá totalmente descontrolada”: as avaliações da impolidez no caso de machismo na CPI da Pandemia no Brasil. **Revista do**

Geline, v. 25, n. 1, p. 1-15, 2023. Disponível em:
<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/30651/16873>. Acesso em: 20 nov. 2025.

BARRETO FILHO, R. R.; NEVES, H.; BARROS, K. S. M. de. Impolidez em textos on-line no Facebook: análise das escolhas lexicais numa perspectiva textual-interativa. **Calidoscópico**, [S. l.], v. 17, n. 3, p. 433-452, 2019. Disponível em:
<https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2019.173.02>. Acesso em: 3 dez. 2024.

BARROS, D. M. de. Mulheres da geração Z lideram adesão a ideias progressistas no Brasil. **Veja**, 2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/comportamento/mulheres-da-geracao-z-lideram-adesao-a-ideias-progressistas-no-brasil>. Acesso em: 3 dez. 2024.

BERTUCCI, R. A.; NUNES, P. A. Interação em rede social: das reações às características do gênero comentário. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 11, n. 2, p. 313-338, 2017. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/36921>. Acesso em: 3 dez. 2024.

BLITVICH, P. G.; SIFIANOU, M. (Im)politeness and Identity. In: CULPEPER, J.; HAUGH, M.; KÁDÁR, D. Z. (org.). **The Palgrave Handbook of Linguistic (Im)politeness**. London: Palgrave Macmillan, 2017. p. 227–256.

BLITVICH, P. G.-C.; SIFIANOU, M. Im/politeness and discursive pragmatics. **Journal of Pragmatics**, v. 145, p. 91-101, 2019.

BORDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. rev. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

BROWN, P.; LEVINSON, S. C. **Politeness: Some Universals in Language Usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

BROWN, P.; LEVINSON, S. C. Universals in language usage: Politeness phenomena, 1978. In: GOODY, E. N. (ed.), **Questions and Politeness: Strategies in Social Interaction**. Cambridge: Cambridge University Press, 1978. p. 56-289.

CABRAL, A. L. T.; SEARA, I. R.; GUARANHA, M. F (org.). Descortesia e cortesia: expressão de culturas. São Paulo: Cortez, 2017. In: ARAÚJO, C. L. **Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso**, v. 18, n. 2, p. 132–136, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/raled/article/view/33176/26907>. Acesso em: 1 ago. 2025.

CARVALHO, M. L.; GRISCI, C. L. I. Gerenciamento de Impressões na Seleção de Pessoal: construindo estilos de vida contemporâneos. **Revista Eletrônica de administração**, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 1-23, 2002. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/index.php/read/article/view/44110>. Acesso em: 3 dez. 2024.

CASTELLS, M. **A mídia de massas individual**. Le Monde Diplomatique Brasil, 2016. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-midia-de-massas-individual/>. Acesso em: 3 dez. 2024.

CHARAUDEAU, P. Du discours politique au discours populiste. Le populisme est-il de droite ou de gauche? In: CORCUERA, F. et al. (org.). **Les discours politiques: regards croisés**. Paris: L'Harmattan, 2016, p. 32-43.

COSTA, F. A. da. Mulher, trabalho e família: os impactos do trabalho na subjetividade da mulher e em suas relações familiares. **Pretextos: Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 434–452, 2018. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/pretextos/article/view/15986>. Acesso em: 10 mai. 2025.

COSTA, J. P. D. T.; LEWIS, E. S. “Então você toma dano, bicha”: mudanças de enquadre e alinhamento e performances identitárias em um jogo de RPG. **Calidoscópico**, v. 18, n.3, 487-509, 2020. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/download/cld.2020.183.01/pdf/60770350>. Acesso em: 24 nov. 2025.

COSTA, M. I. L. da. **Das redes às ruas: o fenômeno do conservadorismo brasileiro na internet**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Centro de Ciências Sociais Aplicadas e Humanas – Departamento de Ciências Sociais Aplicadas, Mossoró, RN, 2021. 33 f. Disponível em: <https://repositorio.ufersa.edu.br/server/api/core/bitstreams/170cbc2e-777f-491c-bf1f-e419b62149b3/content>. Acesso em: 14 mai. 2025.

CRUZ, R. S. da; BARROS, D. E. C. Antifeminismo: conservadorismo e (re)afirmação sexista na mídia digital. **LUMEN ET VIRTUS**, São José dos Pinhais, v. 17, n. 57, p. 1-19, 2026.

CUNHA, D. A. C. Violência verbal nos comentários de leitores publicados em sites de notícia. **Calidoscópico**, [S. l.], v. 11, n. 3, dez, p. 241-249, 2013. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2013.113.02/3761>. Acesso em: 23 mar. 2026.

CUNHA, G. X. Estratégias de impolidez como propriedades definidoras de interações polêmicas. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 1-28, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/cXLJS9s6HjMrkXmp9t5DcZK>. Acesso em: 23 mar. 2026

CUNHA, G. X.; OLIVEIRA, A. L. A. M. Teorias de im/polidez linguística: revistando o estado da arte para uma contribuição teórica sobre o tema. **Estudos da língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 18, n. 2, p. 135-162, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/6409/5065>. Acesso em: 3 dez. 2024.

CUNHA, L. H. A retórica conservadora no Brasil contemporâneo e a produção de identidade políticas. In: **Anais do XVII Congresso Brasileiro de Sociologia**, Porto Alegre, 2015.

CULPEPER, J. Impoliteness and Entertainment in the Television Quiz Show: The Weakest Link. **Journal of Politeness Research: Language, Behaviour and Culture**, v. 1, n. 1, p. 35-72, 2005.

CULPEPER, J. Impoliteness strategies. In: CAPONE, A.; MEY, J. L. (ed.). **Interdisciplinary**

studies in pragmatics, culture and society. Dordrecht: Springer, 2016. p. 421–445.

CULPEPER, J. **Impoliteness**: using language to cause offence. (Studies in Interactional Sociolinguistics). Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2011.

CULPEPER, J. “Politeness and impoliteness”. In: AIJMER, K.; ANDERSEN, G. (ed.). **Sociopragmatics**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2011. p. 391-436.

CULPEPER, J. Towards an anatomy of impoliteness. **Journal Of Pragmatics**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 349-367, 1996.

CULPEPER, J.; HARDAKER, C. Impoliteness. In: CULPEPER, J.; KÁDÁR, D.; HAUGH, M. (ed.). **The Palgrave Handbook of Impoliteness**. [S. l.]: Palgrave Macmillan, 2017. p. 199-226.

CULPEPER, J.; HAUGH, M.; KÁDÁR, D. Introduction. In: CULPEPER, J.; KÁDÁR, D.; HAUGH, M. (ed.). **The Palgrave Handbook of Impoliteness**. [S. l.]: Palgrave, 2017. p. 1-9.

CULPEPER, J.; TERKOURAFI, M. Pragmatic approaches to (im)politeness. In: CULPEPER, J.; HAUGH, M.; KÁDÁR, D. Z. (ed.). **The Palgrave handbook of linguistic (im)politeness**. London: Palgrave Macmillan, 2017. p. 11-39.

D’ANDRÉA, C. F. de B. Cartografando controvérsias com as plataformas digitais: apontamentos teórico-metodológicos. **Galáxia**, n. 38, p. 28-39, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/34208/25695>. Acesso em: 14 mai. 2025.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016. 402 p.

DE FINA, A. Group identity, narrative and self-representations. In: DE FINA, A.; D. SCHIFFRIN, D.; BAMBERG, M. (eds.). **Discourse and Identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 351-375.

DUARTE, J. da S. O que é o conservadorismo? Do conceito à mensuração. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 110-138, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/download/128319/88528/567377>. Acesso em: 7 jan. 2025.

EHRENBERG, A. **O culto da performance**: da aventura empreendedora à depressão nervosa. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.

FERREIRA, G. G. Conservadorismo, fortalecimento da extrema-direita e a agenda da diversidade sexual e de gênero no Brasil contemporâneo. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 20, n. 36, p. 166-178, 2016.

FITTIPALDI, M. O movimento feminista: modernidade, identidade e mulher. **Direito, Estado e Sociedade**, v. 9, n. 27, p. 134-146, 2005.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FUSER, I. América Latina: progressismo, retrocesso e resistência. **Saúde em debate**, Rio de Janeiro, v. 42, n. especial 3, p. 78-89, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/sdeb/2018.v42nspe3/78-89/pt/>. Acesso em: 30 mar. 2026.

GALETTI, C. De que maneira o feminismo tornou-se inimigo da sociedade? Democracia e Diplomacia. **Uol Notícias**. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/democracia-e-diplomacia/2020/11/20/de-que-maneira-o-feminismo-tornou-se-inimigo-da-sociedade.htm>. Acesso em: 23 mar. 2026.

GERALDI, J. W. Concepções de linguagem. In: GERALDI, J. W. (Org.). **O texto em sala de aula: leitura e produção**. Cascavel: ASSOEST, 1990.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GILLESPIE, T. Platforms Intervene. **Sage Journals**, v. 1, n. 1, 2015.

GILLESPIE, T. A relevância dos algoritmos. **Parágrafo**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 95-121, 2018.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Campos Raposo. 10ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOFFMAN, E. Footing. 1979. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. **Sociolinguística Interacional**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2013. p.107-148.

GOFFMAN, E. **Frame analysis: An essay on the organization of experience**. Boston: Northeastern University Press, 1986.

GOFFMAN, E. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Tradução Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes, 2011. 255 p.

GOMES, A. M. de S. Aesthetics Girls: uma abordagem interseccional nas culturas juvenis contemporâneas através do Pinterest. In: **Anais do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. [S. l.]: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2024. Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/17/100820240003186704a0f6942a3.pdf. Acesso em: 3 dez. 2024.

GONZÁLEZ, F. E. Reflexões sobre alguns conceitos da pesquisa qualitativa. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 8, n. 17, p. 155-183, 2020. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/322/200>. Acesso em: 3 dez. 2024.

GRANJEIRO, C. R. P. Michel Pêcheux e Michel Foucault: diálogos transversos sobre formação discursiva. **Letras & Letras**, Uberlândia, 22, n. 2. p. 133-141, 2006.

GUMARTIFA, A. Studies of Sociolinguistics: theory of politeness in English as second language. **Journey: Journal of English Language and Pedagogy**, v. 5, n. 1, p. 91-100,

2022.

GUMPERZ, J. **Discourse Strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

GUMPERZ, J. Convenções de contextualização. Tradução de José Luiz Meurer e Viviane Heberle. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Org.). **Sociolinguística Interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso**. Porto Alegre: Age Editora, 1998. p. 98-119.

HALL, S. The work of representation. In: HALL, S. (org.) **Representation: Cultural representation and cultural signifying practices**. London; Thousand Oaks; New Delhi: Sage; Open University, 1997.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. da. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed.– Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Apicuri, 2016.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

KOCH, I. G. V. Hipertexto e construção do sentido. **Alfa**, São Paulo, p. 23-38, 2007.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2. ed. 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2008.

LACERDA, M. B. **O Novo Conservadorismo brasileiro: de Reagan a Bolsonaro**. Porto Alegre: Zouk, 2019.

LEECH, G. **Principles of pragmatics**. London: Longman, 1983.

LEECH, G. **The Pragmatics of Politeness**. Jericho: Oxford University Press, 2014.

LERNER, C. A construção do gênero no discurso conservador: uma análise de comentários em rede social. **Perspectivas em Diálogo**, v. 10, n. 23, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/16895>. Acesso em: 23 abr. 2026.

LERNER, G. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Tradução Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

LIRA, R. de. Pesquisa global mostra que conservadorismo cresce mais entre os mais jovens. **InfoMoney**, [S. l.], 2024. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/mundo/pesquisa-global-mostra-que-conservadorismo-cresce-mais-entre-homens-jovens/>. Acesso em: 3 dez. 2024.

LOPES, T. H. C. R.; CASTRO, M. A. R. Perfil dos conservadores e dos progressistas brasileiros: uma abordagem baseada na teoria dos valores humanos. **Revista de Sociologia e Política**, v. 31, e. 11, 2023.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Análise da Conversação**. Tradução de Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola, 2006.

KHALIL, L. M. G. As noções de intenção e intencionalidade sob a perspectiva da Sociolinguística Interacional: reflexões teóricas e análise de duas situações de interação. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 351-370, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/33182/1/2017_art_lmgkhalil.pdf. Acesso em: 14 jul. 2025.

LIMA, F. R. de. As eleições de 2018 e a ascensão da extrema direita no Brasil. **Revista Percurso**, v. 11, n. 1, p. 207-215, Maringá, 2019.

LIMA, J. I. Mudanças de enquadre e footing em respectivas falas-em-interação social de abusador e vítima. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 46, p. 388-402, 2024.

LOWY, M. Neofascismo: um fenômeno planetário – o caso Bolsonaro. A terra é redonda, 2019. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/neofascismo-um-fenomeno-planetario-o-caso-bolsonaro/>. Acesso em: 18 dez. 2024.

MACEDO, F. B. F. de; BORGES, M. K. Plataformas de redes sociais digitais e algoritmos: mudanças nas práticas sociais de adolescentes. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 50, n. 1, p. 312-325, 2025.

MANNHEIM, Karl. “O pensamento conservador”. Tradução de Sylvia Lyra. In: MARTINS, J. de S. (org.). **Introdução crítica à sociologia rural**. São Paulo: HUCITEC, 1981. p. 77-131.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

MARCUSCHI, L. A. Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. **Línguas, Instrumentos Lingüísticos**, Campinas, n. 3, p. 21-45, 1999.

MARCUSCHI, L. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. **50ª Reunião do GEL – Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo**. São Paulo: USP, p. 1-45, 2002.

MATTHEIS, A. #Trad culture: Reproducing Whiteness and Neo-Facism Through Gendered Discourse Online. **Routledge Handbook of Critical Studies in Whiteness**. 1 ed. London: Routledge, 2023.

MORAES, M. L. B. Stuart Hall: cultura, identidade e representação. **Revista Educar Mais**, v. 3, n. 2, p.167-172, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/1482/1183>. Acesso em: 7 jan. 2025.

NASCIMENTO, G. A. M. do; VICENTE, M. M. C. Ascensão da dominação masculina na contemporaneidade. **Revista eletrônica Leopoldianum**, Santos, v. 47, n. 131, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/leopoldianum/article/view/1123>. Acesso em: 9

mar. 2026.

NICODEMOS, N. K. Q. F. “**Ninguém nasce mulher, torna-se mulher**”: um debate acerca da identidade social da mulher. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/7830/1/“Ninguem%20nasce%20mulher%2C%20torna-se%20mulher”%3A%20um%20debate%20acerca%20da%20%20Identidade%20Social%20da%20Mulher.pdf>. Acesso em: 1 mai. 2025.

NÓBREGA, D. G. A. Pragmática e sociolinguística interacional: contribuições para a formação de professor em línguas materna e estrangeiras. *In*: SOUZA, F. M.; ARANHA, S. D. G. (orgs.). **Interculturalidade, linguagens e formação de professores**. Campina Grande: EDUEPB, 2016, p. 49-65.

OLIVEIRA, A. L. A. M.; CARNEIRO, M. M. #CAGUEI: agressividade no TradWifeitter. **Revista (Con) Textos Linguísticos** (Edição Especial Violência Verbal), v. 12, n. 22, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/index.php/contextoslinguisticos/article/view/19591>. Acesso em: 28 mar. 2025.

OLIVEIRA, C. Aprendizado de máquina e modulação do comportamento humano. *In*: SOUZA, J.; AVELINO, R.; SILVEIRA, S. A. (org.) **A sociedade de controle**: Manipulação e modulação nas redes digitais. São Paulo: Hedra, 2018. p. 31-46.

OLIVEIRA, J. A. de. Polidez e identidade: a virtude do simulacro. **Recensio: Revista de Recensões de Comunicação e Cultura**, Paraná, [s. n.], 2005. Disponível em: <https://recensio.ubi.pt/modelos/documentos/documentob681.html?coddoc=1542>. Acesso em: 3 dez. 2024.

OLIVEIRA, T. P. de. Polidez e linguagem: perspectivas. **SIGNÓTICA**, v. 16, n. 2, p. 271-288, 2004. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/issue/view/444>. Acesso em: 3 dez. 2024.

OTERO, S. D. HERRERA, M. M. La esposa emprendedora: paradojas neoliberales y guerras culturales em el fenómeno tradwife latino-americano. **Revista Ensamblés Primavera**, v. 12, n. 23, p. 133-152, 2025. Disponível em: <https://revistas.uns.edu.ar/index.php/ensambles/article/view/1191>. Acesso em: 18 dez. 2025.

PARISER, E. **O filtro invisível** – O que a internet está escondendo de você. Editora Zahar, 2012.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2. Ed. Campinas: UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, M. **Remontemos de Foucault a Spinoza**. Tradução de Maria do Rosário V. Gregolin, mimeo, 2000.

PEREIRA, G. A.; ABRÃO, J. A. de M. Trad wife: Performatividade e Controle do Corpo no TikTok. *In*: **Anais do IV Encontro Virtual da ABCiber**, 2024. Disponível em: <https://abciber.org.br/simposios/index.php/virtualabciber/virtual2024/paper/view/2484>. Acesso em: 10 mai. 2024.

PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. **Revista de Sociologia e Política**, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010.

PROCTOR, D. The #TradWife persona and the rise of radicalized white domesticity. **Persona Studies**, v. 8, n. 2, 2022. Disponível em: <https://ojs.deakin.edu.au/index.php/ps/article/view/1645>. Acesso em: 4 fev. 2025.

RECUERO, R.; SOARES, F.; ZAGO, G. Polarização, hiperpartidarismo e câmaras de eco: como circula a Desinformação sobre COVID-19 no Twitter. **Contracampo**, v. 40, n. 1, p. 1-17, 2021.

RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (orgs.) **Sociolinguística Interacional**. 2a ed. São Paulo: Loyola, 2013.

RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (orgs.) **Sociolinguística Interacional**: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso. Porto Alegre: AGE, 1998, 159 p.

RIBEIRO, L. A. M. **O fenômeno digital das aesthetics**: identidade e estética na contemporaneidade. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://bdta.abcd.usp.br/directbitstream/5962a409-c6c0-49a0-8c19-5b4820b5dbdb/tc4723-Lucas-Ribeiro-Fenomeno.pdf>. Acesso em: 3 mai 2025.

RIBEIRO, T. R.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). **Sociolinguística interacional**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

ROSE, N. **Inventando nossos selfs**: psicologia, poder e subjetividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011

SANTAELLA, L. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2019.

SANTI, H. C.; SANTI, U. J. C. Stuart Hall e o trabalho das representações. **Anagrama: Revista Interdisciplinar da Graduação**, v. 2, n. 1, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35343/38063>. Acesso em: 7 jan. 2025.

SANTOS, D. C. **Coleta automatizada e análise de dados em Fanpages do Facebook**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação) – Programa de Pós-graduação em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/35223>. Acesso em: 3 dez. 2024.

SENDRETTI, L. O feminismo conservador e a fadiga da emancipação. Outras Mídias, 2025. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/o-feminismo-conservador-e-a-fadiga-da-emancipacao/>. Acesso em: 17 dez. 2025.

SILVA, A. B. da et al. A extrema-direita na atualidade. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 119, p. 407-445, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-66282014000300002>. Acesso em: 7 jan. 2025.

SILVA, J. P. da; SILVA, G. M. da. Entre a feminilidade e o conservadorismo: o papel das redes sociais na reprodução de gênero. *Colóquio de História Unicap*, v. 18, 2024. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/coloquiodehistoria/article/view/3179>. Acesso em: 14 mai. 2025.

SITLER-ELBEL, F. H. From Swiffers to Swastikas: How the #tradwife movement of conventional gender roles became synonymous with white supremacy. **Senior Projects Spring 2021**. 131. 2021. Disponível em: https://digitalcommons.bard.edu/senproj_s2021/131. Acesso em: 7 jan. 2025.

SPENCER-OATEY, H. Managing rapport in talk: Using rapport sensitive incidents to explore the motivational concerns underlying the management of relations. **Journal of Pragmatics**, [S. l.], v. 34, n. 5, p. 529–545, 2002.

SPENCER-OATEY, H. Theories of identity and the analysis of face. **Journal Of Pragmatics**, [S. l.], v. 39, n. 4, p. 639-656, 2007.

SYKES, S.; HOPNER, V. **Tradwives**: the housewives commodifying right-wing ideology. London: Global Network on Extremism and Technology, 2023.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura Moderna**: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

TOMAZI, M. M.; CUNHA, G. X. A cortesia no contexto da violência contra a mulher: o papel da linguagem na (des)construção da face agredida. In: CABRAL, A. L. T.; SEARA, I. R.; GUARANHA, M. F. (Orgs.). **Descortesia e cortesia**: expressão de culturas. São Paulo, Cortez, 2017, p. 175-208.

VEILLEUX-LEPAGE, Y. D., KISYOVA, M. E.; NEWBY, V. F. Conversations with other (alt-right) women: how do alt-right female influencers narrate a far-right identity? **Journal For Deradicalization**, v. 31, p. 35-72, 2022.

WANG, M. **Choose to chore? A sentiment study over audiences on TikTok #Housewife influencers' vlog**. [Undergraduate thesis, University of Michigan]. University of Michigan Communication and Media Thesis Archive, 2024.

WELLER, W.; BASSALO, L. de M. B. A insurgência de uma geração de jovens conservadores: reflexões a partir de Karl Mannheim. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 99, p. 391-407, 2020. Disponível em: https://revistas.usp.br/eav/pt_BR/article/view/173441/162623. Acesso em: 20 out. 2025.